

# HABITAR O CAMPUS

RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS MODERNAS  
NO BRASIL

Renata Santiago Ramos



**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Arquitetura  
Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura**

**HABITAR O CAMPUS**  
**RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS MODERNAS  
NO BRASIL**

**Renata Santiago Ramos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR) da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em arquitetura.

**Orientação**  
**Prof. Dra. Cláudia Piantá Costa Cabral**

Porto Alegre, maio de 2012

### CIP - Catalogação na Publicação

Santiago Ramos, Renata  
Habitare o campus: Residências universitárias  
modernas no Brasil / Renata Santiago Ramos. -- 2012.  
262 f.

Orientador: Cláudia Piantá Costa Cabral.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e  
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e  
Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Habitação coletiva moderna. 2. Residência  
universitária moderna. 3. Cidade universitária. I.  
Piantá Costa Cabral, Cláudia, orient. II. Título.





## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Zenaide, por tudo,  
com meu amor mais profundo.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos professores, funcionários e colegas do PROPAR.

Aos amigos que tão gentilmente me receberam e me auxiliaram durante as pesquisas em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Aos colegas pesquisadores que compartilharam conhecimento, informações e materiais, contribuindo para a elaboração deste trabalho.

Aos amigos de sempre pelo apoio e carinho.

A família, pelo afeto e entusiasmo pelos meus projetos.

Aos meus pais, Zenaide e Renato, a meu irmão Anderson e a minha avó Ondina, pela incessante crença nos meus objetivos.

Ao Henrique, pelo interesse, pela companhia alegre, pelo amor maior do mundo.

A minha orientadora Cláudia Cabral, pelo incentivo, pela disposição e pelo exemplo.

## RESUMO

O tema da habitação coletiva constitui ponto fundamental de proposição e crítica dentro da tradição moderna. Importantes projetos urbanísticos do século XX contemplam grandes extensões territoriais, concentrando esforços financeiros e intelectuais nos setores destinados à atividade de habitar, como reflexo do seu protagonismo na concretização de novas ideias.

Partindo da premissa de que a habitação é o principal vetor de experimentação, concretização e disseminação de princípios da arquitetura moderna, o trabalho discute o desdobramento do tema em um ambiente específico, o das cidades universitárias. Busca-se compreender o papel da habitação na estruturação dos campi, demonstrando a relevância dos conjuntos residenciais neste contexto e os aspectos que envolvem sua concepção.

As cidades universitárias modernas, em geral, reproduzem formas de organização adotadas no planejamento das cidades e, em escala reduzida, possuem diferentes tipologias e funções correlacionadas. Historicamente as cidades universitárias são campos propícios para experimentação de novas ideias e tecnologias por se tratarem, de maneira geral, de obras estabelecidas em grandes áreas, com planos de desenvolvimento complexos, e que devem refletir os princípios didáticos e os valores das instituições.

A presença dos setores residenciais é essencial na concretização de um espaço físico denominado cidade, pelo papel fundamental historicamente exercido pelo programa habitação na constituição do conjunto urbano. No contexto específico dos espaços de ensino superior, a existência do setor residencial possibilita a concentração de todos os recursos em um espaço físico único, sendo especialmente importante nos campi mais afastados dos centros urbanos.

Dentre as obras existentes sobre o tema habitação estudantil, há uma aproximação a alguns paradigmas internacionais, como fonte introdutória. O enfoque do trabalho direciona-se para alguns dos principais casos brasileiros, construídos ou somente projetados, na intenção de contribuir para a elaboração de um quadro mais conciso sobre este tema no país. O estudo aprofundado de obras no Brasil está relacionado à identificação de casos significativos no âmbito de suas cidades universitárias e que, de forma mais ampla, figuram como possibilidades de experimentação programática, formal e técnica na produção da habitação moderna brasileira.

**Palavras-chave:** Cidade universitária, alojamento estudantil, arquitetura moderna.

## ABSTRACT

The matter of collective housing represents an essential proposition and criticism point in the modern tradition. Important urban projects from the 20<sup>th</sup> century include large territorial extensions, focusing on financial and intellectual efforts in sectors destined to the housing activity, reflecting its important role concerning the implementation of new ideas.

From the premise that housing is the main vector of trial, implementation and dissemination of the principles of modern architecture, this thesis discusses the deployment of this theme in a specific environment: university cities. This thesis seeks to understand the housing role in the organization of the campuses, showing the relevance of the residential sets in this context and the aspects concerning its conception.

In general, the modern university cities reproduce the organization ways adopted in the towns' planning and, in reduced scale, they have different typologies and functions correlated. Historically, the university cities represent a favorable field to the experimentation of new ideas and technologies since they, in general, deal with constructions established in large areas, with complex development plans, which must consider the didactic principles and the values of the institutions.

The presence of the residential sectors is essential in the implementation of a space called city, by the fundamental role historically exercised by the housing program in the formation of the urban set. In the specific context of the higher education spaces, the existence of the residential sector permits the concentration of all resources in only one space, being especially important for the campuses situated far away from the urban centers.

Among the existing works on the student housing theme, there is an approach to some international paradigms as introductory source. The focus of this study is directed to some of the main Brazilian built or in project level cases, with the purpose of contributing to the elaboration of a more concise presentment on this theme in the country. The further study of construction in Brazil brings the identification of remarkable cases in the scope of university cities which, in a wider way, figure as pragmatic, formal and technical experimentation possibilities in the production of modern Brazilian housing.

**Keywords:** university cities, student housing, modern architecture.

# ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1. Apresentação do tema .....	11
1.2. Justificativa .....	12
1.3. Estado da questão .....	15
1.4. Objetivos.....	20
1.5. Métodos.....	21
1.6. Estrutura .....	22
<b>2. HABITAR A CIDADE E HABITAR O ESPAÇO UNIVERSITÁRIO</b> .....	24
2.1. A cidade e a habitação coletiva na tradição moderna .....	25
2.2. Moradias estudantis no cenário internacional.....	39
2.2.1. Cidade Universitária para Estudantes, Le Corbusier (1925) .....	41
2.2.2. Pavilhão Suíço, Le Corbusier (1930-32) .....	44
2.2.3. Cidade Universitária de Caracas, Carlos Raul Villanueva (1943) .....	48
2.2.4. Baker House, Alvar Aalto (1947-48) .....	52
2.2.5. Casa do Brasil, Lúcio Costa e Le Corbusier (1952-59) .....	56
2.2.6. Peabody Terrace, Josep Luis Sert (1964) .....	63
<b>3. UNIVERSIDADE DO BRASIL E UFRJ</b> .....	68
3.1. As tratativas iniciais e os planos para a Quinta da Boa Vista.....	69
3.1.1. Primeira proposta, Le Corbusier (1936) .....	73
3.1.2. Segunda proposta, Lúcio Costa (1936) .....	79
3.1.3. Terceira proposta, Piacentini e Morpurgo (1937-38) .....	86
3.2. A Ilha do Fundão .....	89
3.2.1. Definição de sítio e programa.....	89
3.2.2. Planos de Jorge Moreira no Escritório Técnico.....	92
3.2.3. Habitações de estudantes, Jorge Moreira e equipe (1954-55) .....	96
3.2.4. Alojamento estudantil construído, Escritório Técnico (1967) .....	102
<b>4. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO</b> .....	114
4.1. Os planos de implantação do campus e os reflexos no setor residencial .....	115
4.2. Setor residencial do estudante, Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar (1953) .....	129
4.3. Estudo para setor residencial de alunos, Hélio Duarte (1956) .....	152
4.4. Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo – CRUSP, Eduardo Kneese de Mello e equipe (1961-63) .....	154

<b>5. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA</b> .....	176
5.1. Cidade moderna dentro da cidade moderna.....	177
5.1.1. A Universidade nos planos para Brasília .....	177
5.1.2. Os planos de implantação do campus .....	182
5.2. Habitação pré-fabricada, Oscar Niemeyer (1962) .....	193
5.3. Residência de professores, João Filgueiras Lima (1962) .....	197
5.4. Casa do estudante, Alberto Xavier e equipe (1969-1972) .....	216
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	236
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	244
<b>8. ANEXOS</b> .....	252
8.1. Organização das cidades universitárias no Brasil .....	253
8.2. Alguns documentos obtidos em fonte primária .....	256
8.2.1. Documentos projeto Rino Levi e equipe (1953), USP .....	256
8.2.2. Documentos projeto Alberto Xavier e equipe (1969-72), UnB .....	258
8.2.3. Depoimento de Alberto Xavier sobre a Casa do Estudante da UnB.....	260





## 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

A dissertação aborda o tema da habitação universitária e sua inserção nos espaços de ensino superior, a partir do entendimento deste programa específico como desdobramento da investigação do habitar coletivo na tradição moderna. Os programas residenciais nos campi universitários tendem a configurar possibilidades de exploração programática, técnica e formal, como laboratórios para a experimentação dos ideais modernos que cercam o tema da habitação.

Residências estudantis são projetadas por importantes arquitetos no século 20, tanto em campi tradicionais, como Harvard e MIT, como em cidades universitárias modernas, como as de Venezuela, México e Brasil. Algumas figuram em publicações relevantes que elencam obras paradigmáticas do habitar moderno. A investigação de uma parcela destes casos reflete a busca por documentar e compreender de maneira mais aprofundada o programa específico da habitação universitária.

No Brasil, com o surgimento das cidades universitárias a partir da década de 30 - concentrando os equipamentos das instituições de ensino superior em um espaço físico único – a previsão de moradias para alunos, professores e, em alguns casos, funcionários, torna-se imprescindível para a concretização destas cidades, como parte da complexidade que envolve esta denominação. Neste contexto são desenvolvidos projetos residenciais relevantes no contexto dos campi e da arquitetura moderna em geral, cujas soluções o trabalho se propõe a verificar, tendo como alvo casos importantes do Brasil.

## 1.2. JUSTIFICATIVA

As pesquisas acerca do tema universitário demonstram que, apesar de existirem estudos sobre o assunto, especialmente sobre os planos de implantação e a organização urbanística dos campi, ainda identifica-se a necessidade de maior investigação sobre as edificações destinadas à habitação estudantil. A relevância do estudo do problema da habitação universitária consiste no entendimento deste tema como desdobramento da questão da habitação coletiva no âmbito da cultura moderna, e no entendimento da moradia como ponto chave no urbanismo moderno.

Diante da dispersão de materiais e informações a respeito do tema específico da residência em espaços universitários, principalmente no que concerne aos casos brasileiros, o trabalho encontra a oportunidade de construir um quadro mais conciso a respeito das experimentações e realizações da habitação estudantil moderna em três importantes centros universitários do país. Percebe-se, como possibilidade de exploração, a compilação e organização de material gráfico sobre o tema, além de análise crítica relacionando as proposições para os alojamentos aos princípios da teoria moderna.

A experimentação envolvendo o tema da habitação reflete-se nas cidades modernas, fundamentalmente, em soluções coletivas, correspondentes a uma nova forma de habitar e se relacionar com os espaços construídos e abertos. Empregando a diversidade de tipologias para a habitação moderna, a multiplicação e estudo da distribuição de protótipos, a habitação moderna reconhece a possibilidade de, a partir de mecanismos de organização, recompor uma ideia de tecido urbano racionalizado.

Os alojamentos estudantis identificados pela pesquisa, ainda que como fragmentos, inserem-se na investigação de soluções arquitetônicas e urbanísticas da tradição moderna e expressam, na sua essência, através de estudos de conjunto ou da possibilidade de replicação, a ideia de concretizar uma parcela cidade, dentro de uma reprodução reduzida de urbanização, os campi ou as cidades universitárias.

### Definição dos casos a estudar

Os casos inseridos no cenário internacional elencados no trabalho como referências no tema da habitação estudantil trazem soluções particulares para as demandas dos seus campi. Ainda que alguns destes casos não estejam inseridos em planos urbanos modernos, constituem propostas de habitação que dialogam com o

contexto no qual se inserem, estabelecendo um contraponto às soluções tradicionais preestabelecidas. O estudo destes projetos busca compor, ainda que sem pretensão panorâmica, um contexto no qual as propostas realizadas no Brasil estão inseridas, algumas simultâneas as realizações no exterior. Buscou-se obras projetadas e/ou realizadas entre as décadas de 20 e 60, período coincidente com as primeiras manifestações para construção dos campi brasileiros e de seus setores residenciais.

Os estudos de caso escolhidos no contexto brasileiro refletem uma análise de realizações significativas no período em que a ideia de cidade universitária se concretizava no país. No período em que são iniciadas as tratativas para a construção da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, a cidade era ainda a capital do país, e concentrou esforços na tentativa de constituir um espaço físico *“de primeira ordem [...] que seria padrão para o mundo”*<sup>1</sup>, contando com a dedicação do então Ministro de Educação e Saúde Pública Gustavo Capanema, e com projetos de importantes arquitetos como Lúcio Costa, Le Corbusier e Marcelo Piacentini, para a Quinta da Boa Vista, e Jorge Machado Moreira nos planos para a Ilha do Fundão.

A mesma intenção verificada no Rio de Janeiro, enquanto capital, de criar um espaço universitário que bem representasse o país é norteadora do projeto para a Universidade de Brasília, no contexto de criação da nova capital. A UnB fora concebida com caráter modelar, do ponto de vista de seu espaço físico e principalmente pelo programa didático proposto, com formação básica comum a todos os alunos, seguida pela formação específica. A UnB desempenharia a função de *“aparelhar Brasília para se tornar uma Capital culta e com recursos suficientes para cumprir sua função que, segundo Darcy Ribeiro, teria que ser a de ‘Cidade-Líder’”*<sup>2</sup>.

A Universidade de São Paulo, fundada em 1934, foi uma das primeiras instituições a se organizar sob a forma de universidade no país e em 1935 já iniciava as tratativas para compor seu espaço físico concentrado, um ano antes dos primeiros projetos para a Universidade do Brasil. A USP surgia em momento de intensa urbanização e industrialização de São Paulo, e inseria-se no ideal de modernização e progresso da cidade e do país.<sup>3</sup> Uma metrópole com as dimensões e riqueza de São Paulo buscava concretizar sua cidade universitária juntamente com as realizações em curso à época, nas cidades da América Latina e na capital do Brasil:

---

<sup>1</sup> RIBEIRO, Darcy. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985. pp. 29-30.

<sup>2</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado). p. 164.

<sup>3</sup> CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DA USP. *Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

*“São Paulo, pioneiro em avançadas intelectuais no continente sul americano, seguramente não esmorecerá na realização do empreendimento da Cidade Universitária afim de que possa concluí-la contemporaneamente com suas irmãs deste continente.”<sup>4</sup>*

Além disso, a habitação estudantil é tratada neste contexto com fundamental relevância na concretização da cidade universitária:

*“As Universidades modernas que se concentram em uma gleba, constituindo o que se convencionou chamar Cidade Universitária não podem dispensar residências, especialmente para os estudantes. Considerando que a Universidade de São Paulo está se localizando no campus do Butantã, é evidente que não pode este núcleo dispensar instalações dêsse gênero [sic].”<sup>5</sup>*

Para escolha dos objetos de estudo foram consideradas, além da importância das cidades universitárias como um todo, especialmente as realizações no campo específico da habitação nas universidades citadas, em um momento em que a arquitetura moderna se difunde e se concretiza no país.

---

<sup>4</sup> CAMPOS, Ernesto de Souza. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do planejamento e Execução*. Comissão da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, 1954. p. 13.

<sup>5</sup> CAMPOS, Ernesto de Souza. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do planejamento e Execução*. Comissão da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, 1954. p. 55.

### 1.3. ESTADO DA QUESTÃO

A habitação coletiva moderna constitui foco de análise de diversas publicações importantes a partir do século 20. Na tradição moderna, a habitação converte-se na unidade básica do planejamento das cidades, ocupando grandes parcelas das novas tramas urbanas e propondo formas de habitar diversas da cidade tradicional. Neste sentido, a habitação coletiva desempenha papel fundamental na tentativa de oferecer melhores condições para moradia, tratando do equilíbrio urbano entre espaço construído e espaço aberto à investigação sobre a unidade residencial ideal.

Em “*Formas urbanas: de la manzana al bloque*”<sup>6</sup> os autores desenvolvem análise sobre as transformações do tecido urbano, da quadra densificada da cidade industrial à dissolução do quarteirão com a aplicação da tipologia do bloco isolado representada pela Cité Radieuse corbusiana. A análise urbana se dá, basicamente, do ponto de vista dos agrupamentos residenciais, refletindo a importância da habitação na constituição das cidades. Também com enfoque no estudo da habitação nas cidades destacam-se os livros de Carlos Marti Aris “*Las formas de la residencia en la ciudad: Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*”<sup>7</sup> e de Peter Rowe, “*Modernity and Housing*”<sup>8</sup>.

No que se refere aos desenvolvimentos da arquitetura no Brasil, tomam-se como principais referências: “*Arquitetura contemporânea no Brasil*”<sup>9</sup>, de Yves Bruand; “*Arquitetura moderna no Brasil*”<sup>10</sup>, de Henrique Mindlin; e “*Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*”<sup>11</sup>, de Hugo Segawa. Destaca-se ainda a tese de doutorado do Prof. Carlos Comas, “*Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*”<sup>12</sup>. Nestas fontes foi possível encontrar, além de um amplo histórico de acontecimentos arquitetônicos no país, aspectos teóricos e projetos para a habitação, universidades e residências universitárias no Brasil.

<sup>6</sup> PANERAI, Philippe; Castex, Jean; Depaule, Jean-Charles. *Formas urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1986.

<sup>7</sup> MARTI ARIS, Carlos. *Las formas de la residencia en la ciudad: Vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000.

<sup>8</sup> ROWE, Peter. *Modernity and housing*. Cambridge: MIT, 1993.

<sup>9</sup> BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

<sup>10</sup> MINDLIN, Henrique Ephim. *Arquitetura moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

<sup>11</sup> SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1998.

<sup>12</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado).

Conceituações e abordagens teóricas a respeito das ideias de universidade, campus e cidade universitária tiveram como referências principais o livro *“Campus: an american planning tradition”*<sup>13</sup> de Paul Turner, que explica características e traça um histórico dos espaços universitários norte-americanos, abordando também a configuração dos colleges ingleses, e a compilação de textos sobre campus universitário desenvolvida pelo Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação<sup>14</sup>, do governo brasileiro. Com foco no planejamento dos espaços universitários brasileiros, citam-se especialmente dois artigos *“O desenho do campus universitário”*<sup>15</sup>, de Adilson Macedo, e *“Campus e o meio urbano universitário”*<sup>16</sup>, de Ari Fernandes.

Tratando sobre cidades universitárias, seus planos urbanos e projetos de edificações, a bibliografia é dispersa. Fontes de fundamental importância para a compreensão dos fatores que direcionaram a construção dos campi correspondem aos documentos elaborados pelas próprias universidades quando da construção de seu espaço físico ou como relato histórico. Neste contexto inserem-se as publicações do Escritório Técnico da Universidade do Brasil, do Centro de Preservação Cultural da USP e os planos de desenvolvimento da UnB.

Os projetos para a Universidade do Brasil e UFRJ são abordados conjuntamente na dissertação de Edson Alice, *“Cidade Universitária da Ilha do Fundão: Seus planos, seus edifícios”*<sup>17</sup>, que analisa os planos de Lúcio Costa, Le Corbusier e Marcelo Piacentini para a Quinta da Boa Vista, chegando à Ilha do Fundão, com os planos de Jorge Moreira. Tratam exclusivamente dos planos para a Quinta da Boa Vista, especialmente os planos de Lúcio Costa e Le Corbusier: o livro de Matheus Gorovitz *“Os riscos do projeto: Contribuição à análise do juízo estético na arquitetura”*<sup>18</sup>; os artigos do Prof. Rogério Oliveira, *“Modernidades eletivas de Le Corbusier e Lúcio Costa: Rio de Janeiro, 1936”*<sup>19</sup> e

---

<sup>13</sup> TURNER, Paul Venable. *Campus: an american planning tradition*. New York: The Architectural History Foundation, 1984.

<sup>14</sup> Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação (CEDATE). *Campus Universitário*. Brasília: CEDATE, 1984.

<sup>15</sup> MACEDO, Adilson da Costa. *O desenho do campus universitário*. In: Revista Projeto. São Paulo, nº93, novembro de 1986.

<sup>16</sup> FERNANDES, Ari Vicente. *Campus e o meio urbano universitário*. In: C.J. Arquitetura. Revista de arquitetura, planejamento e construção, São Paulo, n.4 (Educação), p.72-91, 1974.

<sup>17</sup> ALICE, Edson Zanckin. *Cidade Universitária da Ilha do Fundão: Seus planos, seus edifícios*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado).

<sup>18</sup> GOROVITZ, Matheus. *Os Riscos do Projeto: Contribuição à análise do juízo estético na arquitetura*. São Paulo: Studio Nobel; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

<sup>19</sup> OLIVEIRA, Rogério de Castro. *As Modernidades eletivas de Le Corbusier e Lúcio Costa: Rio de Janeiro, 1936*. In: Arqtexto 2. Porto Alegre: PROPAR, 2002.

“*Jogos compositivos na cidade dos prismas, Universidade do Rio de Janeiro, 1936*”<sup>20</sup>; e, incluindo os projetos de Piacentini, a dissertação de Klaus Alberto “*Três projetos para uma Universidade do Brasil*”<sup>21</sup>. Outras informações são encontradas em livros biográficos e da trajetória profissional dos arquitetos envolvidos, como: “*Jorge Machado Moreira*”<sup>22</sup>, de Jorge Czajkowsky; “*Lúcio Costa: Registro de uma vivência*”<sup>23</sup> e “*Sobre arquitetura*”<sup>24</sup>, ambos de Lúcio Costa; e “*Oeuvre complete 1934-1938*”<sup>25</sup>, de Le Corbusier.

Tratando dos planos de implantação da cidade universitária da USP, a tese de doutorado de Neyde Joppert Cabral, “*A Universidade de São Paulo: Modelos e projetos*”<sup>26</sup>, compila e organiza o histórico de projetos para o campus, servindo como referência para a montagem de uma linha evolutiva dos planos para a USP. Ernesto de Souza Campos, primeiro diretor do Escritório Técnico da USP, publica entre as décadas de 30 e 50, uma série de estudos sobre a universidade e seus espaços físicos no Brasil, com enfoque na cidade universitária da USP. Nestes textos verificam-se as tratativas iniciais para a construção do campus, da escolha do terreno ao planejamento urbano. Neste sentido, também são encontrados textos de Hélio Duarte, na década de 50, em que era definida a configuração da cidade universitária.

Os planos desenvolvidos para o campus da UnB são analisados e documentados por Klaus Alberto na tese de doutorado “*Formalizando o ensino superior na década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu projeto urbanístico*”<sup>27</sup> e no artigo “*Inconstantes cidades universitárias: Um estudo da Universidade de Brasília*”<sup>28</sup>. Ainda sobre o espaço físico da UnB, o artigo de Andrey Schlee “*The campus of the University of Brasília*”<sup>29</sup> trás uma síntese da organização do campus e de suas principais edificações. Um estudo dos trabalhos apresentados no concurso para a nova capital, e que permitiram a verificação

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Rogério de Castro. *Jogos compositivos na cidade dos prismas, Universidade do Rio de Janeiro, 1936*. In: Arqtexto 9. Porto Alegre: PROPAR, 2006.

<sup>21</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Três projetos para uma Universidade do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

<sup>22</sup> CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

<sup>23</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

<sup>24</sup> COSTA, Lúcio. *Sobre arquitetura*. Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura. Porto Alegre, 1962.

<sup>25</sup> CORBUSIER, Le. *Oeuvre complete 1934-1938*. Zurich: Lês Editions d'Architecture, 1995.

<sup>26</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. Tese (doutorado).

<sup>27</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o ensino superior na década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu projeto urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado).

<sup>28</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Inconstantes cidades universitárias: Um estudo da Universidade de Brasília*. In: Anais Docomomo Brasil 7, 2007, Porto Alegre.

<sup>29</sup> SCHLEE, Andrey. *The campus of the University of Brasilia*. In: DOCOMOMO Journal, v. 43, p. 44-47, 2011.



das localizações propostas para a universidade nos diferentes projetos, é tema da dissertação de Aline Moraes Costa, “*(Im) possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*”<sup>30</sup>.

Especificamente sobre habitações estudantis obteve-se acesso à dissertação de Neyde Joppert “*Arquitetura moderna e o alojamento universitário: Leitura de projetos*”<sup>31</sup>, na qual a autora propõe uma leitura de projetos de habitação coletiva moderna, dentre os quais figuram alojamentos estudantis internacionais e nacionais. Não concentra, porém, o foco no conjunto de alternativas que constitui o histórico das cidades universitárias brasileiras, e não aborda uma série de projetos compreendidos na presente dissertação, como as produções da UnB e UFRJ. A principal convergência entre a dissertação citada e o presente trabalho acontece no elenco de projetos residenciais da USP.

As principais referências para análise dos setores habitacionais selecionados foram os documentos dos projetos, encontrados em fontes dispersas: nos acervos das universidades, periódicos e livros tratando da produção dos arquitetos ou de protótipos do movimento moderno.

Sobre os projetos para as habitações da UFRJ, na Ilha do Fundão, não foram encontradas publicações e o trabalho pautou-se pelos documentos gráficos e informações obtidas junto ao Acervo do Escritório Técnico, de caráter inédito.

O projeto de Eduardo Kneese de Mello para a USP consta nas dissertações de Aline Regino “*Eduardo Kneese de Mello Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo*”<sup>32</sup> e de Roberto Montenegro Filho “*Pré-fabricação e a obra de Kneese de Mello*”<sup>33</sup>, e ainda em números dos periódicos AU e Acrópole. Os periódicos constituíram fontes essenciais para a aquisição de informações e documentação das habitações universitárias no Brasil. O projeto anterior ao CRUSP, desenvolvido pela equipe de Rino Levi, também foi publicado em Acrópole e AU, e ainda na Habitat e nas internacionais Domus e Progressive Architecture. Figura também no livro de Henrique Mindlin já citado.

---

<sup>30</sup> COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado).

<sup>31</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *Arquitetura moderna e o alojamento universitário: Leitura de Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 1997. Dissertação (mestrado).

<sup>32</sup> REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado).

<sup>33</sup> MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-fabricação e a obra de Kneese de Mello*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado).

Um número especial da revista Acrópole<sup>34</sup> trata da Universidade de Brasília, seu plano de desenvolvimento e as principais edificações projetadas, entre as quais, para habitação. O projeto de João Filgueiras Lima consta no livro *“João Filgueiras Lima, Lelé: Arquitetos brasileiros”*<sup>35</sup>, organizado por Marcelo Ferraz e no capítulo *“O Lelé na UnB (ou o Lelé da UnB)”*<sup>36</sup> de Andrey Schlee, parte do livro *“Olhares. Visões sobre a obra de João Filgueiras Lima”* de Cláudia Porto. Aparece ainda em publicações e trabalhos acadêmicos que abordam a pré-fabricação no país, como um exemplo pioneiro.<sup>37</sup>

As informações sobre o projeto para os alojamentos de estudantes da UnB, de Alberto Xavier e equipe, tiveram como fonte, além do número de Acrópole citado, o artigo de Adalberto Villela Júnior *“Uma visão sobre alojamentos universitários no Brasil”*<sup>38</sup>, em que é elaborada uma análise das habitações para estudantes e da constituição do campus da UnB. Além disso, contou-se com depoimento do arquiteto Alberto Xavier à autora, em dezembro de 2011.

Os projetos internacionais que compõem o trabalho tiveram a disponibilidade de material e a relevância no contexto de seus campi e da arquitetura moderna em geral como principais critérios de seleção. Peabody Terrace, de Josep Sert é projeto destacado nas publicações dedicadas à trajetória do arquiteto e também figura no livro de Roger Sherwood *‘Vivienda: protótipos del movimiento moderno’*<sup>39</sup>, extrapolando seu significado dentro do campus para configurar um paradigma da habitação moderna. O mesmo ocorre com o projeto de Alvar Aalto para Baker House, que aparece entre os *“Edifícios-chave do século 20”*<sup>40</sup>, no livro de Richard Weston.

---

<sup>34</sup> ACRÓPOLE. São Paulo, nº369/370, 1970.

<sup>35</sup> FERRAZ, Marcelo Carvalho (Coordenação). *João Filgueiras Lima, Lelé: Arquitetos brasileiros*. São Paulo: Editorial Blau e Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2000.

<sup>36</sup> SCHLEE, Andrey. *O Lelé na UnB (ou o Lelé da UnB)*. In: Claudia Estrela Porto. (Org.). *Olhares. Visões sobre a obra de João Filgueiras Lima*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010, v. 1, p. 149-164.

<sup>37</sup> As residências para professores na Colina, de Lelé, e o CRUSP, de Kneese de Mello, aparecem entre outras publicações, na tese de Maria Luiza Sanvitto, como exemplos de realizações industrializadas pioneiras no país. (SANVITTO, Maria Luiza Adams. *Habitação Coletiva Econômica na Arquitetura Moderna Brasileira entre 1964 e 1986*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. Porto Alegre, 2010. Tese (Doutorado)).

<sup>38</sup> JÚNIOR, Adalberto Villela. *Uma visão sobre alojamentos universitários no Brasil*. In: *Anais Docomomo Brasil 5*, 2003, São Carlos.

<sup>39</sup> SHERWOOD, Roger. *Vivienda: protótipos del movimiento moderno*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1983.

<sup>40</sup> WESTON, Richard. *Plantas, cortes e elevações: Edifícios-chave do século XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

## 1.4. OBJETIVOS DA PESQUISA

O trabalho tem por objetivo investigar projetos de alojamentos estudantis, em seus contextos de elaboração e concretização, entendidos aqui como desdobramentos do tema da habitação na tradição moderna, em um âmbito em que os núcleos residenciais não apenas configuram-se como vetores de experimentação projetual, programática, técnica e formal, mas convertem-se em referências didáticas.

São objetivos do trabalho:

1. Estudar os projetos de habitação, construídos ou não, de três cidades universitárias modernas no Brasil identificadas como especialmente importantes: Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.
2. Verificar as relações compositivas, formais, funcionais e técnicas existentes entre as obras, projetadas e/ou construídas, buscando contextualizá-las em relação aos ideais e à produção arquitetônica do período em que se inserem;
3. Estudar os planos de implantação destes campi, do ponto de vista da sua concepção geral e da configuração dos setores residenciais;
4. Adotar um posicionamento crítico sobre as obras, fundamentado na análise direta dos projetos, como método de entendimento dos princípios adotados, produzindo opinião sobre o tema dos alojamentos estudantis;
5. Contribuir para a documentação e conhecimento sobre a arquitetura moderna no Brasil, a partir de estudos de caso em profundidade, através de remontagem de projetos e análise das soluções propostas e concretizadas;

## 1.5. MÉTODOS DA PESQUISA

A pesquisa contou, inicialmente, com consulta a fontes bibliográficas para definição dos casos a serem estudados no trabalho. Nesta etapa foram fundamentais os periódicos, especialmente os brasileiros, nos quais foram publicados alguns dos projetos para habitação universitária, além de dissertações, teses e livros sobre os planos de desenvolvimento e/ou seus autores.

Outra etapa consistiu na visita às três universidades escolhidas para aprofundamento: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Na ocasião de cada visita foram consultados acervos bibliográficos e de projetos das universidades, possibilitando a obtenção de material de fonte primária e, em parte, inédito. Foram consultados os seguintes acervos: Biblioteca e Acervo de Projetos da FAU - USP<sup>41</sup>; Biblioteca da UFRJ e Arquivo do Escritório Técnico da Universidade (ETU) - UFRJ<sup>42</sup>; Biblioteca da UnB e Centro de Planejamento (CEPLAN) – UnB<sup>43</sup>. Além da consulta aos acervos, as viagens realizadas tiveram o intuito de constituir arquivo fotográfico sobre as obras de habitação universitária construídas, ainda que parcialmente, nas três universidades, investigando como se concretizaram os projetos.

Para estudo dos casos do contexto internacional, que na dissertação contextualizam o tema habitação universitária, recorreu-se às informações e elementos gráficos publicados, que fundamentaram a análise dos projetos.

Recolhidas as informações e elementos gráficos dos projetos, passou-se à apuração do material. O trabalho adotou a remontagem das obras, com material gráfico, fotos e esquemas, como recurso investigativo e comparativo das soluções que caracterizam as propostas. Com o intuito de aprimorar a documentação e produzir mais instrumentos de compreensão dos projetos fez-se o redesenho e modelagem tridimensional dos casos brasileiros, foco do estudo, possibilitando uma fonte a mais de consulta, especialmente para os projetos não construídos.

A partir dos estudos de campo, da revisão bibliográfica e da elaboração do material gráfico realizou-se análise dos setores residenciais contextualizando-os em relação aos planos de desenvolvimento de suas cidades universitárias. A análise dos casos aborda a escala urbana, nas composições de conjunto, e as soluções investigadas nas edificações, do partido à configuração da célula residencial.

---

<sup>41</sup> Janeiro de 2011.

<sup>42</sup> Fevereiro de 2011.

<sup>43</sup> Junho de 2011.

## 1.6. ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho é estruturado em seis partes, iniciando por este capítulo introdutório, seguido por quatro capítulos de desenvolvimento e as considerações finais.

No capítulo dois elabora-se uma reflexão a respeito do significado da habitação no desenvolvimento e concretização dos princípios arquitetônicos e urbanísticos modernos, cujo protagonismo é ilustrado por paradigmas de habitação moderna que constituem repertório referencial para realizações posteriores e estabelecem critérios para análises e comparações entre as obras. Neste momento investiga-se a habitação como instrumento de organização espacial nas cidades da arquitetura moderna, como ponto de partida para o desenvolvimento de novas formas urbanas, racionalizadas e novos entendimentos sobre forma de habitar e se relacionar com o tecido urbano.

Ainda no sentido de delinear o contexto de experimentação moderna envolvendo a habitação no qual se insere o tema da moradia estudantil, o segundo capítulo traz também o estudo de alojamentos internacionais, obras exemplares que figuram como importantes realizações modernas, de influentes arquitetos do séc. XX. O conhecimento desses casos é instrumento para compreensão dos fatores programáticos, técnicos e formais que permeiam o problema do habitar o campus, cujas hipóteses de solução constituem pano de fundo para revisitações e reinterpretações.

Os capítulos seguintes, de números 3, 4 e 5, apresentam projetos para alojamentos em três importantes centros acadêmicos brasileiros, Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, envolvendo os planos de implantação das cidades universitárias, o contexto de implantação dos núcleos residenciais, e as especificidades de cada projeto. Busca-se compor um quadro dos diferentes planos e seus reflexos nos setores residenciais e da produção de habitação em cada um dos três núcleos de estudo.

O capítulo final propõe considerações a respeito dos significados e características dos setores residenciais idealizados nos projetos e na realidade concretizada, ilustradas por um quadro com desenhos comparativos em mesma escala.



## **2. HABITAR A CIDADE E HABITAR O ESPAÇO UNIVERSITÁRIO**

## 2.1. A CIDADE E A HABITAÇÃO COLETIVA MODERNA

A habitação converte-se, na tradição moderna, no programa experimental de novas formas de pensar a cidade, como meio de proposição e crítica. Estudam-se possibilidades para configuração do espaço de morar, sua inserção na cidade, e sua materialização, refletindo novas experiências de desenho arquitetônico. O projeto da habitação converte-se no núcleo central de investigação da tradição moderna.<sup>1</sup>

Paradigmas urbanísticos do século XX contemplam, em seus planos, grandes extensões territoriais e concentram esforços intelectuais nos setores destinados à atividade do habitar entendida como ponto chave do pensamento moderno, a partir da qual as demais funções devem relacionar-se.

*“A arquitetura moderna, como o fez a arquitetura pré-histórica, ocupa-se do abrigo do homem. [...] A ideia de abrigo ainda é a mesma [mas] o conceito de habitação evoluiu com as necessidades e possibilidades criadas pela civilização. A habitação não é apenas a unidade, mas todo o conjunto de equipamentos que se relacionam e tem a moradia como ponto central. A vinculação entre arquitetura e o urbanismo é verificada na necessidade de se projetar precisamente as conexões e relações espaciais entre os diversos programas na concepção do conjunto [...]”*

Na Europa, desde o início do século XX discutem-se, através de desenvolvimentos teóricos e projetuais, as características que a residência deve assumir diante das transformações econômicas, políticas e sociais, e é sobre a habitação, que constitui a maior parte do território urbano, que está baseada a ideia de cidade moderna:

*“O tema da residência, ou seja, o tema da habitação do homem e de sua relação com os demais elementos do espaço habitável se converte na Europa, durante as primeiras décadas do século XX, no núcleo central da investigação desenvolvida no âmbito disciplinar da arquitetura.”*<sup>2</sup>

O ideal moderno de igualdade social e melhores condições de vida à população reconhece na arquitetura um caminho possível para sua concretização, realidade refletida nas principais discussões dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) nas primeiras décadas do século XX.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *Habitação coletiva mínima no movimento moderno europeu: realizações do período entre guerras*. Porto Alegre, 1996.

<sup>2</sup> MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residencia en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000. p.13.

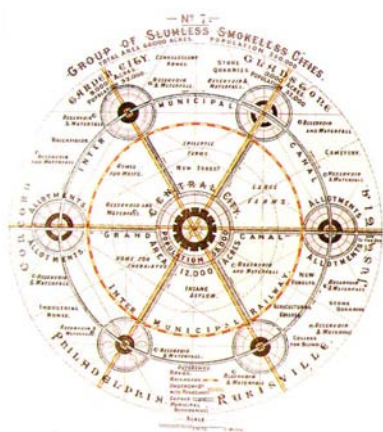
<sup>3</sup> Em 1929, no Congresso de Frankfurt, discute-se a questão da habitação mínima, enquanto em 1930, em Bruxelas, discutem-se técnicas racionais de construção e edificações de grande e média altura, aliando densidade habitacional às boas condições de habitabilidade e liberdade no uso comum dos espaços térreos (CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008).



A racionalização na ocupação do solo, permitindo explorar as adequadas condições de habitabilidade é uma das premissas que fundamentam as estratégias da arquitetura e do urbanismo modernos frente às condições da cidade industrial. O ritmo descontrolado de aumento populacional relacionado à migração de pessoas do campo para a cidade quando da industrialização e desenvolvimento capitalista ocorrido em diversos países europeus leva a uma “paisagem caótica de fábricas, cortiços e ruas insalubres”<sup>4</sup>. Novos tecidos urbanos são propostos pela tradição moderna em alternativa ao congestionamento verificado nesta cidade degradada.<sup>5</sup>

Neste momento, investe-se na busca por novas possibilidades tipológicas para a habitação, alternativas a casa unifamiliar, que representassem economia e uso do solo mais eficaz, restabelecendo uma condição de proporcionalidade entre edificações e espaços livres.

Uma hipótese na proposição de novas formas urbanas consistiu na descentralização da ocupação, através do desenvolvimento da cidade em direção aos subúrbios, em conjuntos construídos de baixa densidade. Os pressupostos teóricos da urbanização descentralizada são apresentados por Ebenezer Howard a partir de 1880. A Cidade Jardim de Howard retoma a residência unifamiliar como núcleo do desenvolvimento da cidade moderna, e estabelece princípios segundo os quais são realizados alguns empreendimentos no início do século 20.<sup>6</sup>



**Fig. 1:** Diagrama conceitual para Cidade Jardim, Ebenezer Howard, 1898.

Fonte: CURTIS (2008), p. 243.

<sup>4</sup> CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008. p. 241.

<sup>5</sup> PANERAI, Philippe; Castex, Jean; Depaule, Jean-Charles. *Formas urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1986.

<sup>6</sup> Entre elas, realizações importantes como Letchworth (1904), Hamstead (1909), Welwyn (1919), projetos de Raymond Unwin e Barry Parker. Os princípios da Cidade Jardim foram reestudados por Tony Garnier nas propostas para a Cidade Industrial (1901-1917) projeto no qual houve a tentativa de coordenação das diversas funções sociais, produtivas e de transporte. Ambas as proposições tinham como principal fundamento a separação entre área residencial e área industrial, conectadas pela rede de transporte ferroviário, e as habitações unifamiliares envoltas por massas de vegetação. O projeto de Garnier, entretanto, adotava as técnicas, potenciais e valores da linguagem industrial, utilizando como principal material construtivo o concreto armado. (CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008).

As cidades jardins do início do século XX estariam situadas em zonas de subúrbios e deveriam estar conectadas à metrópole por rede viária eficaz. A organização de redes de transporte de grande capacidade em meados do século XX facilitou a propagação desta forma de ocupação.<sup>7</sup>

Referenciadas no precedente inglês da cidade jardim, no que corresponde à estrutura viária, condições do solo e hierarquia de espaços públicos e privados<sup>8</sup>, com a distinção substancial de inserir-se na trama urbana preexistente e utilizar a linguagem da arquitetura moderna, as Siedlungen alemãs<sup>9</sup> contam com políticas públicas de caráter social para o desenvolvimento de projetos voltados à habitação na década de 20. Os conjuntos eram, de maneira geral, blocos longos e baixos compostos pela repetição de módulos padronizados, permeados por vegetação.<sup>10</sup>

Também incorporadas ao tecido urbano preexistente, as experiências em Amsterdã nas primeiras décadas do século XX recorrem à construção massiva de habitações, como forma de solucionar o problema do aumento demográfico advindo da industrialização. As edificações unifamiliares, extremamente densificadas cedem lugar ao conjunto de edificações coletivas. Na proposta de Hendrik Berlage para o sul da cidade (1902-1920) são incorporadas habitações coletivas com blocos situados nos perímetros das quadras, com pátios internos, substituindo as edificações unifamiliares.<sup>11</sup>

Em Viena, no início da década de 20, Peter Behrens orienta o governo a construir megablocos contínuos de habitação coletiva, inseridos na trama urbana, compreendendo apartamentos, serviços e espaços abertos, organização conhecida com “Hof”. O conjunto Karl-Marx-Hof, projeto de Karl Ehn em 1927, é desenvolvido ao longo de mais de um quilômetro.<sup>12</sup> Em função do seu porte, a edificação atua na definição do espaço urbano,

---

<sup>7</sup> PANERAI, Philippe; Castex, Jean; Depaule, Jean-Charles. *Formas urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1986.

<sup>8</sup> MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000. p. 21.

<sup>9</sup> Em Frankfurt, através de apoio e iniciativa governamental, Ernst May desenvolve inúmeros Siedlungen, caracterizados pela economia e racionalização construtiva. Em Berlim, em 1928, Bruno Taut e Martin Wagner projetam o conjunto habitacional Britz-Siedlung, com caráter bastante funcionalista, característico das implantações de financiamento governamental. A barra contínua de três pavimentos, implantada em formato de ferradura, configurava um espaço aberto central ajardinado e uma via local de acesso às unidades residenciais.

<sup>10</sup> MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000.

<sup>11</sup> CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008./ PANERAI, Philippe; Castex, Jean; Depaule, Jean-Charles. *Formas urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1986.

<sup>12</sup> CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

sobrepondo-se a malha viária, e configurando as áreas abertas através de suas superfícies edificadas:

*“Do ponto de vista da arquitetura, a experiência vienense deve sua importância a essa firme vontade de construir a praça, o lugar público por excelência na cidade moderna através da forma da residência coletiva.”<sup>13</sup>*



**Fig. 2:** Römerstadt Siedlung, Ernst May e C.H. Rudloff, Frankfurt, 1926-28.

Fonte: CURTIS (2008). p. 248.



**Fig. 3:** Britz-Siedlung, Bruno Taut e Martin Wagner, Berlim, 1928.

Fonte: CURTIS (2008). p. 249.



**Fig. 4:** Blocos de perímetro área sul de Amsterdã, Hendrik Berlage, 1902-20.

Fonte: CURTIS (2008), p. 245.



**Fig. 5:** Karl-Marx-Hof, Karl Ehn, 1927.

Fonte: CURTIS (2008), p. 255.

Com a adoção de soluções habitacionais coletivas, em comprimento ou em altura, em grande parte dos projetos urbanos modernos, *“[...] o prédio de apartamentos [...] progressivamente, assume o papel da casa unifamiliar como elemento básico de constituição do tecido urbano.”<sup>14</sup>*

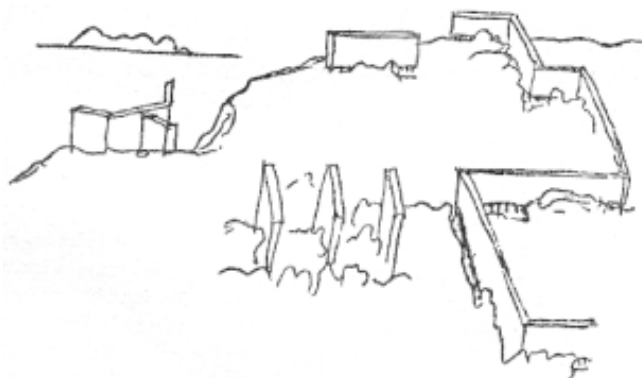
A configuração vertical, uma das alternativas investigadas para as edificações de habitação coletiva, constitui a expressão maior do conceito de cidade concentrada

<sup>13</sup> MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000. p. 31.

<sup>14</sup> CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *Habitação coletiva mínima no movimento moderno europeu: realizações do período entre guerras*. Porto Alegre, 1996. p.2.

proposto por Marti Aris<sup>15</sup>, como refletido nas paradigmáticas propostas urbanísticas de Le Corbusier e Ludwig Hilberseimer, nas quais são exploradas não apenas as tipologias edilícias, mas a distribuição das funções nos planos verticais e horizontais da cidade, os fluxos veiculares e pedestres, e suas inter-relações.

Os projetos urbanos de Le Corbusier desenvolvem-se em setores e são compostos, em grande parte, por áreas habitacionais, que representam os maiores volumes construídos e compõe-se de diferentes tipologias edilícias estudadas pelo arquiteto. Para habitação coletiva de massa, Le Corbusier desenvolve um repertório de tipos arquitetônicos de alta densidade - a barra, o redent, a edificação em “y” - que se difundem entre muitos arquitetos modernos, inclusive nos conjuntos residenciais brasileiros.



**Fig. 6:** Variações tipológicas para habitação, Le Corbusier, 1927.

Fonte: CORBUSIER (1967). *Como concebir el urbanismo*. p. 72.

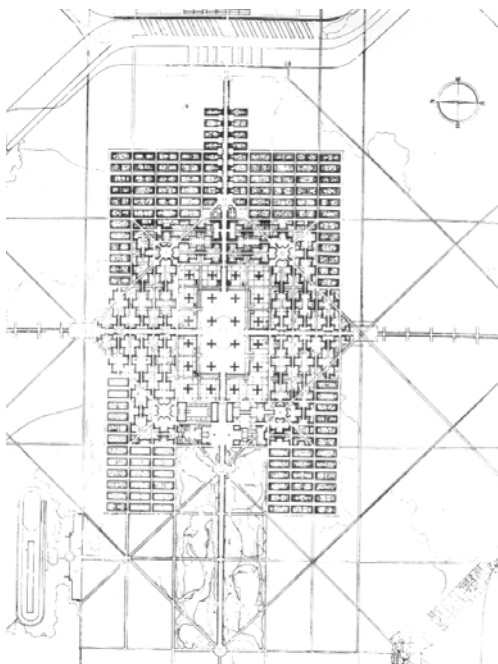
A elevação das edificações sobre pilotis, estratégia recorrente na produção do arquiteto, tinha como argumento garantir continuidade e integração espacial no nível do usuário, como em um grande parque, um mundo novo com condições de habitabilidade e eficiência satisfatórios.<sup>16</sup> Com a concretização da presença do automóvel no cotidiano social propõem-se traçados viários separados para veículos e pedestres, estratégia presente em muitos planos do século XX.

Na Cidade Contemporânea para 3 milhões de Habitantes, de 1922, grande parte da cidade seria ocupada pelas edificações destinadas à habitação, encontradas em duas tipologias, os prédios em redents que apareceriam novamente na Ville Radieuse da década de 30, e os volumes dispostos no perímetro chamados Immeuble Villas, com amplas unidades residenciais tipo duplex e jardins suspensos, com o conceito de casas empilhadas. As habitações operárias estariam localizadas, junto com a zona industrial, no subúrbio da cidade.

<sup>15</sup> A cidade concentrada assume a alta densificação oitocentista, mas propõe nova estrutura organizacional, estudando as possibilidades das edificações em altura e de uso coletivo. (MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000).

<sup>16</sup> CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

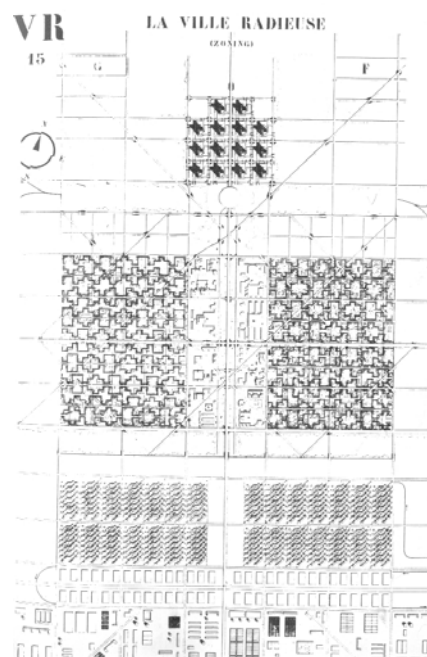
Orientada por critérios econômicos e de adequação à produção massiva de habitação a Ville Radieuse, da década de 30, abandona as Immeuble Villas em favor da tipologia de maior densidade. O redent, tipologia largamente empregada nos projetos de grande escala de Le Corbusier, era configurado por uma barra continua articulada nos núcleos de circulação vertical, configurando uma estrutura que serpenteia sobre a trama da cidade, segundo critérios de topografia, insolação e geração de espaços abertos.<sup>17</sup>



**Fig. 7:** Cidade contemporânea para 3 milhões de habitantes, 1922.

Habitação em redents junto ao centro e immeubles villas no entorno.

Fonte: EVENSON (1969), p.34



**Fig. 8:** Ville Radieuse

Habitações em uma única tipologia, redent, no centro.

Fonte: EVENSON (1969), p.41

A cidade vertical de Hilberseimer, de 1924-25, sobrepõe verticalmente, em um quarteirão de 100x600m, as funções constituintes da cidade e seus esquemas de circulação. O primeiro nível é composto pelas funções de trabalho, com atividades industriais e comerciais, e estabelece a interface com a trama veicular, de 60 m de largura. Sobre esta base, permeada por uma sucessão de pátios, posicionam-se as barras residenciais, localizadas no sentido longitudinal do quarteirão. Neste nível configura-se uma trama de conexões pedestres, conectando uma quadra a outra, sugerindo um esquema de continuidade infinita, já que cada núcleo de sobreposição é autossuficiente em suas funções e autônomo em relação aos demais. De maneira

<sup>17</sup> FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.217.

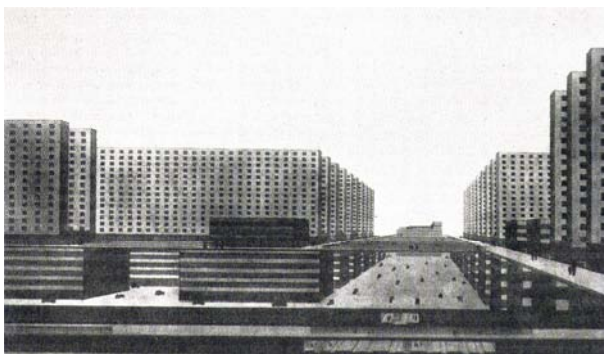


extrema, propõe a racionalização dos elementos componentes do mundo moderno, através da estratificação de atividades e fluxos, mas pautada por uma lógica de funcionamento que remete à cidade tradicional, na qual o indivíduo se movimentava em um eixo vertical, do trabalho em um primeiro nível, para a habitação, sobre ele.<sup>18</sup>

Estes projetos urbanos possuíam caráter conceitual: *“Estas propostas de Le Corbusier e Hilberseimer eram, contudo, esquemas teóricos, trabalhos de laboratório e não se propunha sua aplicação imediata a uma realidade urbana e territorial concreta.”*<sup>19</sup>

As paradigmáticas Unidades de Habitação corbusianas permitiram, ainda que como edificações individuais, fragmentos dos conjuntos urbanísticos propostos por Le Corbusier, concretizar os 5 Pontos para uma Nova Arquitetura, e também materializar o conceito de cidade vertical autossuficiente, analogamente a ideia explorada por Hilberseimer. Para estas realizações, era necessário contar com apoio governamental:

*“A incorporação desta ideia de cidade, ainda que de modo parcial e fragmentário, só poderia ocorrer naquelas circunstâncias políticas em que a gestão pública do solo urbano tivesse força suficiente para submeter os interesses dos diversos agentes econômicos à disciplina do interesse comum que a própria cidade representa.”*<sup>20</sup>



**Fig. 9:** Cidade Vertical, Hilberseimer, 1924-25.

Fonte: CABRAL, Cláudia (2008), p. 118.



**Fig. 10:** Unidade de Habitação Marselha, Le Corbusier, 1946-1952.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1952-1957*. p. 177.

Le Corbusier teve, para a realização da Unidade de Habitação Marselha, o apoio de Eugène Claudius-Petit, Ministro da Reconstrução, cuja adesão fundamentava-se na crença de que a habitação coletiva de massa resolveria o problema do déficit

<sup>18</sup> MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000.

<sup>19</sup> MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000. p. 28.

<sup>20</sup> MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000. p. 29.

habitacional. As Unidades de Habitação serviram como laboratório experimental não só da teoria moderna, mas da aplicação de novos materiais e tecnologias. Elementos pré-moldados e materiais em seu aspecto original são adotados nos projetos para as Unidades, que buscam aliar a alta densidade construtiva com a adequação aos aspectos de habitabilidade necessários ao conforto humano.

*“A teoria que fundamentava o bloco vertical com alta densidade era típica de Le Corbusier: as técnicas modernas de construção seriam usadas para criar altas concentrações populacionais, de modo a liberar o solo para o tráfego de veículos e para a vegetação (...).”<sup>21</sup>*

Estratégias como a adoção de habitações coletivas, e a distribuição seriada de edificações análogas é muito difundida nos setores residenciais dos campi brasileiros.

Na Europa, a partir da década de 50, elementos e esquemas modernos passam a ser reestudados, no âmbito da arquitetura e do planejamento urbano adotando novas linguagens construtivas e propondo novos padrões de associação nas cidades. O discurso refletia a busca por expressar na arquitetura a complexidade das cidades e das relações sociais, em contraponto à alegada simplificação dos padrões modernos anteriores. Ainda que neste período houvesse um movimento de crítica, propondo novas formas de associação, há reinterpretação de elementos fundamentais dos protótipos modernos, como a releitura das “ruas aéreas” propostas por Le Corbusier nas Unidades de Habitação, em diversas propostas para conjuntos habitacionais do grupo TEAM 10, sob a forma de “rua-deque”.<sup>22</sup>

Soluções que buscavam configurar ruas aéreas ou ruas-deque aparecem em diferentes ocasiões na exploração moderna sobre a habitação coletiva, como instrumento de mediação entre distintas escalas dos conjuntos:

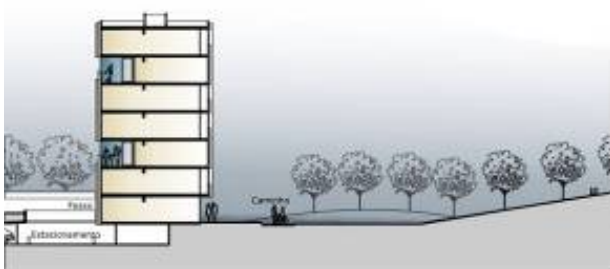
*“[...] postular a solução de grande envergadura para a habitação coletiva, em altura ou extensão, significou também repensar toda a sequência de espaços intermediários, entre o núcleo privado das células privadas e o exterior de domínio público, de modo a reclamar a constituição arquitetônica de uma nova escala mediadora entre habitat individual e cidade.”<sup>23</sup>*

---

<sup>21</sup> CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008. p. 440.

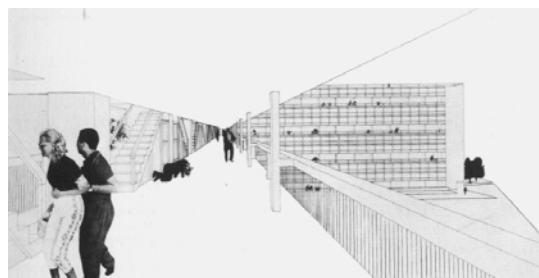
<sup>22</sup> CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

<sup>23</sup> CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *Anatomia da Rua Elevada: O Projeto da Circulação Coletiva como Investigação Formal e Programática na Cidade Moderna*. In: *Projetar* nº 4, 2009, São Paulo. Projeto como Investigação: Ensino, Pesquisa e Prática. p. 4.



**Fig. 11:** Corte pelos deques de Robin Hood Gardens, Alison e Peter Smithson, 1966-70.

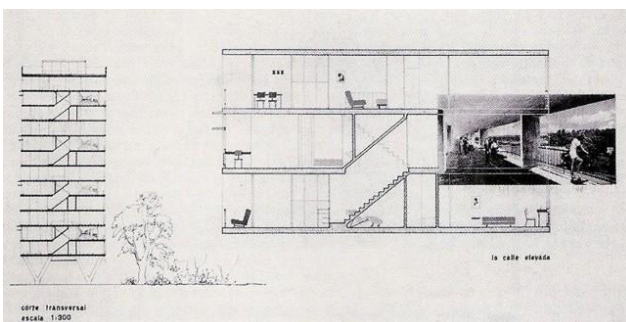
Fonte: Redesenho da autora sobre publicação.  
Desenho segundo publicação: SMITHSON (1970), p.199.



**Fig.12:** Deque de Golden Lane, Alison e Peter Smithson, 1952.

Fonte: SMITHSON (1967), p.72.

Esta exploração é verificada em projetos importantes na habitação coletiva latino americana e brasileira, como nas obras de Antoni Bonet para o Conjunto T.O.S.A, em Buenos Aires, 1952 e de Alfonso Reidy para o Pedregulho no Rio de Janeiro, em meados da década de 40<sup>24</sup>, e em alguns casos de residências estudantis, como nos projetos de Alberto Xavier e equipe para a Casa do Estudante da UnB. Outro instrumento de articulação entre peças e escalas da composição são as passagens cobertas, bastante exploradas em projetos para habitação coletiva, como em projetos de Rino Levi e Eduardo Kneese de Mello, e que figuram de maneira recorrente nos projetos para os espaços de ensino superior, como na Cidade Universitária de Caracas, e nos projetos residenciais para USP e UFRJ.



**Fig. 13:** Conjunto T.O.S.A, Antoni Bonet, 1952.

Fonte: CABRAL, Cláudia (2009), p.14.



**Fig. 14:** Conjunto Pedregulho, Affonso Reidy, 1946-48.

Fonte: CABRAL, Cláudia (2009), p.15.

Neste período de revisão, que coincide com o momento de desenvolvimento das habitações universitárias brasileiras, também são exploradas novas tecnologias de construção, como a pré-fabricação e pré-moldagem. Essas técnicas construtivas são

<sup>24</sup> CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *Anatomia da Rua Elevada: O Projeto da Circulação Coletiva como Investigação Formal e Programática na Cidade Moderna*. In: *Projetar* nº 4, 2009, São Paulo. Projeto como Investigação: Ensino, Pesquisa e Prática.



empregadas em muitas edificações habitacionais da década de sessenta<sup>25</sup> e constituem ponto em comum entre muitos alojamentos estudantis, brasileiros e internacionais.

### No Brasil

As primeiras manifestações em favor da arquitetura moderna no Brasil remetem à década de 20, com os textos de Rino Levi e Gregori Warchavchik em defesa de uma arquitetura prática e econômica e livre de ornamentos. As primeiras materializações destes princípios se dão por meio do programa residencial, nos projetos de Warchavchik para uma série de habitações unifamiliares em São Paulo nas décadas de 20 e 30, iniciadas com a casa do próprio arquiteto em 1927-28.<sup>26</sup> Ainda em São Paulo, nos primeiros anos da década de 30, Rino Levi desenvolve seus primeiros projetos para habitação coletiva, inseridos na trama urbana e que acompanhavam a verticalização de São Paulo.



**Fig. 15:** Casa do arquiteto, Gregori Warchavchik, 1927-28.

Fonte: BRUAND (2005), p.66.



**Fig. 16:** Edifício Columbus, Rino Levi, 1933.

Fonte: ANELLI (2001), p.60.

No Rio de Janeiro, no início da década de 30, Lúcio Costa realiza projetos identificados com a nova arquitetura, como a Casa E.G. Fontes, de 1930, citada como “*primeira proposição de sentido contemporâneo*”<sup>27</sup>, e a Vila Operária de Gambôa, de 1933, em parceria com Warchavchik. Trata-se de um conjunto de habitações em série, uma solução coletiva composta de prismas de dois pavimentos justapostos. O acesso às unidades do pavimento superior se dá a partir de uma circulação horizontal aberta, que articula os volumes.

<sup>25</sup> Como exemplo Robin Hood Gardens, do casal Smithson, e os projetos do grupo argentino MSGSSS, como o Complexo Rioja e Conjunto Piedrabuena, em Buenos Aires.

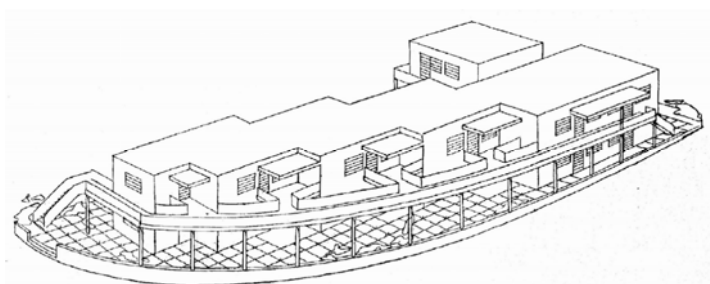
<sup>26</sup> BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

<sup>27</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 60.



**Fig. 17:** Casa E.G. Fortes, Lúcio Costa, 1930.

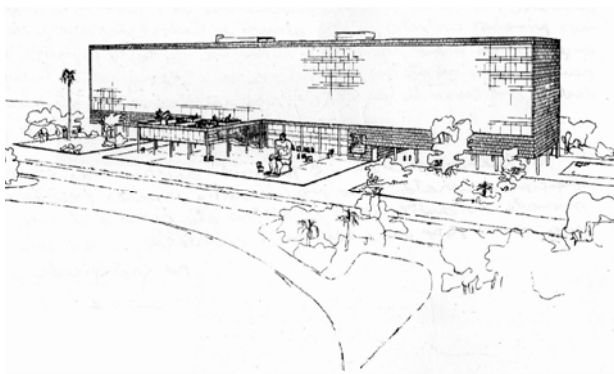
Fonte: COSTA (1995), pp.60-61.



**Fig. 18:** Gambôa apartamentos proletários, Lúcio Costa e Warchavchik, 1932.

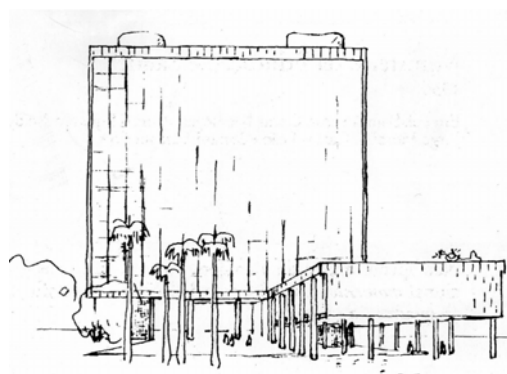
Fonte: COSTA (1995), p.75.

Em meados desta década, os poderes públicos passam a, paulatinamente, oferecer oportunidades para a arquitetura moderna. A afirmação e difusão da arquitetura moderna brasileira se dá a partir da construção do Ministério e Educação e Saúde no Rio de Janeiro pela equipe de Lúcio Costa entre 1936-43<sup>28</sup>, com consultoria de Le Corbusier, promovida pelo Ministro Gustavo Capanema.



**Fig. 19:** Ministério da Educação e Saúde, risco inicial de Le Corbusier, 1936.

Fonte: COSTA (1995), p. 122.



**Fig. 20:** Ministério da Educação e Saúde, Lúcio Costa e equipe, 1936.

Fonte: COSTA (1995), p. 123.

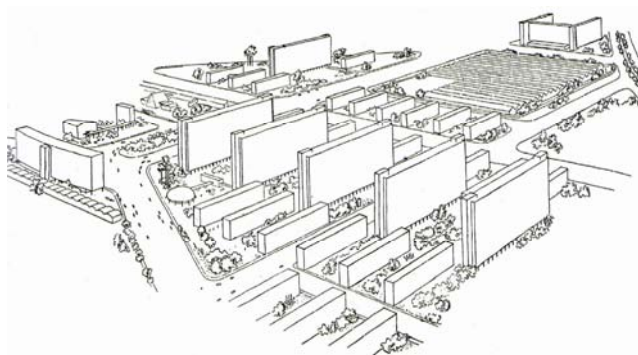
No mesmo período Capanema impulsionava os planos para a Cidade Universitária da Universidade do Brasil, com as propostas modernas de Lúcio Costa e Le Corbusier. Neste momento a referência corbusiana começa a transparecer nas obras de

<sup>28</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos : a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45.* Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado).

arquitetos como Jorge Moreira e Eduardo Kneese de Mello, especialmente em suas contribuições aos espaços universitários.

Com apoio do poder público, os Institutos de Aposentadoria e Pensão, os IAPs, começam a aplicar seus recursos em construção e habitação, a partir do final da década de 30. Na década de 40, inúmeros conjuntos são projetados e construídos, com destaque para as realizações de caráter moderno do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários, que utilizavam recursos de composição do repertório moderno, como as edificações em barras sobre pilotis, fachadas e plantas livres, uso das coberturas como terraço jardim, passagens cobertas, etc.

Neste contexto figura no “*Brazil Builds*” o projeto de Alberto de Mello Flores, Atílio Correa Lima, Hélio Uchoa e José Theodulo da Silva para o Conjunto Residencial Várzea do Carmo-IAPI, em São Paulo, parcialmente executado, mesclando diferentes tipologias para habitação coletiva, áreas em pilotis, terraços e passarelas cobertas.



**Fig. 21:** Conjunto Residencial Várzea do Carmo-IAPI, 1942.

Fonte: SEGAWA (1998), p. 117.

Destaca-se ainda o projeto de Eduardo Kneese de Mello para o Edifício Japurá – IAPI (1949-57) onde são aplicados os cinco pontos da arquitetura moderna. Também de Kneese de Mello, no projeto não executado para o conjunto residencial do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes – IAPC (1947), aparecem barras de pequena altura dispostas paralelamente com amplo espaçamento e defasadas entre si. Esses volumes são conectados por passeios cobertos, que se encontram separados do fluxo veicular que circunda o conjunto. Insinua soluções posteriormente adotadas no CRUSP, na composição e na técnica construtiva racionalizada.



**Fig. 22:** Japurá-IAPI, Eduardo Kneese de Mello, 1947.

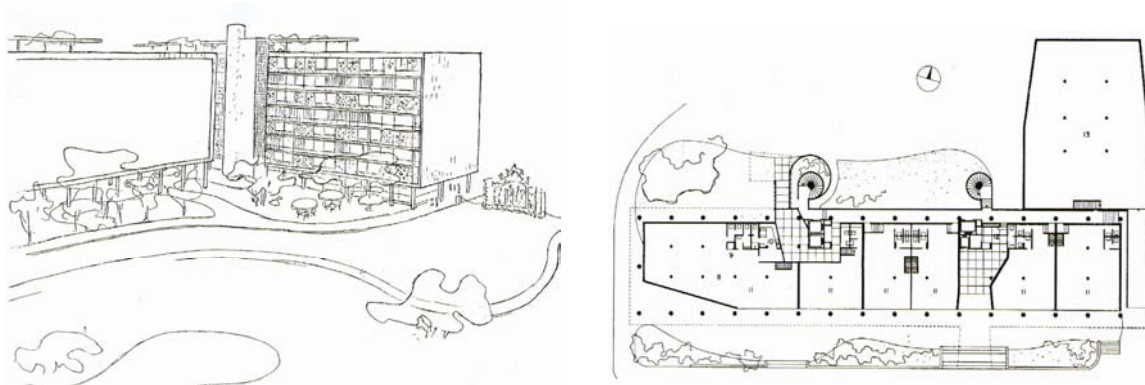
Fonte: MONTENEGRO FILHO (2007), p. 89.



**Fig. 23:** IAPC, Eduardo Kneese de Mello, 1947.

Fonte: REGINO (2006), p. 157.

Entre 1948 e 1954, são construídos três edifícios do conjunto residencial Parque Guinle projetados por Lúcio Costa. O arquiteto projeta apenas três dos seis edifícios previstos originalmente, volumes independentes dispostos no parque verde, ficando os demais a cargo dos irmãos Roberto, posteriormente. As edificações de planta retangular são compostas pela barra de seis pavimentos, erguida sobre pilotis, com o térreo parcialmente ocupado por lojas no centro da planta, liberando a linha de pilares no perímetro. As circulações verticais são volumes cilíndricos externos à barra e a cobertura utilizável compõe o coroamento das edificações, com volumes autônomos conectados por marquises. Se as experiências iniciais com habitação coletiva são destinadas à classe trabalhadora, este conjunto é citado como “[...] a primeira experiência de um conjunto residencial de apartamentos destinados à alta burguesia.”<sup>29</sup>



**Figs. 24 e 25:** Parque Guinle, Lúcio Costa, 1948-54. Perspectiva e planta térrea.

Fonte: COSTA (1995), p. 213.

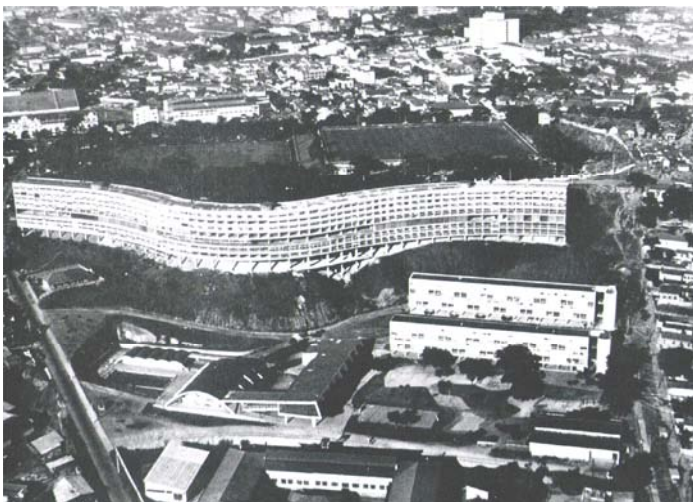
No final da década de 40 destaca-se o já citado projeto de Affonso Reidy para o conjunto residencial do Pedregulho (1946-48). Neste projeto de interesse social propõe-se uma mega edificação destinada às habitações a qual são combinados volumes autônomos, formal e funcionalmente, compondo um conjunto residencial permeado de programas complementares. O volume dos apartamentos é definido por uma barra alongada, com 260m de comprimento e sete pavimentos, acomodada de maneira curvilínea acompanhando o perfil do terreno. O terceiro pavimento, no nível de acesso à edificação a partir das passarelas, é bastante liberado, permeado pelos pilares de seção curva e por volumes destinados a jogos e recreação infantil. A partir desta “rua elevada”, é possível acessar os apartamentos do tipo duplex, acima, e os dois níveis com unidades de tamanho menor, abaixo.<sup>30</sup> A solução da barra alongada curvilínea aparece no primeiro

<sup>29</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

<sup>30</sup> CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *Anatomia da Rua Elevada: O Projeto da Circulação Coletiva como Investigação Formal e Programática na Cidade Moderna*. In: *Projetar* nº 4, 2009, São Paulo. Projeto como Investigação: Ensino, Pesquisa e Prática. p. 4.



plano de Jorge Moreira para a Ilha do Fundão, junto do setor residencial, na encosta de um morro remanescente, possivelmente parte do programa habitacional.



**Fig. 26:** Conjunto Pedregulho, Affonso Eduardo Reidy, 1946-48.

Fonte: SEGAWA (1998), p. 119.

Na década de 60, a construção de Brasília materializa no país os princípios urbanos da vanguarda moderna, discutidos nos CIAMs e definidos pela Carta de Atenas.<sup>31</sup> As habitações coletivas ocupam grande parcela da cidade, distribuídas ao longo das super-quadras ocupantes das duas asas (eixo rodoviário-residencial), em edificações em barra sobre pilotis. Coincidindo com o período de construção da UnB, a tipologia barra sobre pilotis isolada no terreno é adotada nos setores residenciais.



**Fig. 27:** Brasília, superquadras pontuadas por blocos residenciais.

Fonte: COSTA (1995), p. 308,310.

<sup>31</sup> SANVITTO, Maria Luiza Adams. *Habitação Coletiva Econômica na Arquitetura Moderna Brasileira entre 1964 e 1986*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. Porto Alegre, 2010. Tese (Doutorado).

## 2.2. MORADIAS ESTUDANTIS NO CENÁRIO INTERNACIONAL

A análise de alguns casos no cenário internacional insere-se no trabalho, por corresponder a uma tentativa de compreender e sistematizar o problema da habitação estudantil e por constituírem realizações destacadas na produção moderna, apresentando abordagens pioneiras para um programa novo.

As residências universitárias são parte da permanente investigação sobre o tema da habitação. O tema da moradia estudantil é bastante rico no que se refere à produção de importantes arquitetos modernos do século XX. O programa é explorado em diversos contextos universitários e ainda em projetos conceituais, como a proposta de Le Corbusier em 1925, no qual o problema da habitação estudantil surge com a possibilidade de racionalização e aplicação universal.

Em cidades universitárias que já nascem pautadas pelos princípios modernos de composição, as residências representam parcela do ideal de habitação imaginado para as cidades, explorando as relações entre as escalas da célula, da edificação, do conjunto e seus espaços abertos.

Em espaços universitários em que tradicionalmente verifica-se a presença de arquiteturas historicistas, a inserção da arquitetura moderna se dá, de maneira geral, através dos setores residenciais<sup>32</sup>, como verificado nos projetos de Josep Sert e Alvar Aalto para Harvard e MIT, respectivamente.

A *Cité Universitaire* de Paris, que concentra importantes realizações no tema específico da habitação universitária, apresenta características distintas da concepção adotada de maneira corrente para o termo cidade universitária, que corresponde à reunião física do conjunto de funções e infraestruturas que integram uma universidade. A *Cité Universitaire* é composta exclusivamente por habitações para estudantes, pesquisadores e artistas de diferentes nacionalidades. A habitação é, portanto, o programa protagonista na constituição desta chamada cidade.

Ainda que o trabalho não tenha a pretensão de constituir um panorama das habitações realizadas no século XX, há a tentativa de compor um quadro com casos de relevância arquitetônica entre as décadas de 20 e 60, período em que simultaneamente ocorre a movimentação brasileira no sentido de projetar e construir as cidades universitárias e seus setores residenciais. Trata-se, portanto, de contextualização para o tema da habitação estudantil e para o estudo dos casos brasileiros, foco da dissertação.

---

<sup>32</sup> DOBER, Richard. *Campus planning*. Cambridge: Reinhold Publ., 1963.

## Contextualização cronológica

**Peabody Terrace**  
(Josep Sert)



**Maison du Brésil**  
(Lúcio Costa/  
Le Corbusier)



**Baker House**  
(Alvar Aalto)



**Cidade Universitária de Caracas**  
(Carlos Villanueva)



**Pavilhão Suíço**  
(Le Corbusier)



**Cidade Universitária para Estudantes**  
(Le Corbusier)



1964

1969-72



**UnB Casa do estudante**  
(Alberto Xavier e equipe)

1967



**UFRJ Alojamento alunos construído**  
(Escritório Técnico)

1962



**UnB Habitação pré-fabricada**  
(Oscar Niemeyer)

1962



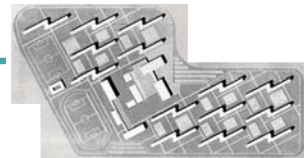
**UnB Residência de professores**  
(Lelé)

1961-63



**USP CRUSP**  
(Eduardo Kneese de Mello e equipe)

1956



**USP Estudo para setor residencial**  
(Hélio Duarte)

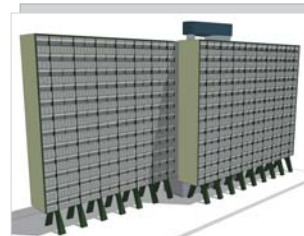
1954-55



**UFRJ Habitações de estudantes**  
(Jorge Moreira)

1952-59

1953



**USP Setor residencial do estudante**  
(Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar)

1947-48

1943

1937-38



**Univ. Do Brasil Quinta da Boa Vista**  
(Piacentini e Morpurgo)

1930-32

1936



**Univ. Do Brasil Quinta da Boa Vista**  
(Le Corbusier)

1925

1936



**Univ. Do Brasil Quinta da Boa Vista**  
(Lúcio Costa)

## 2.2.1. Cidade Universitária para Estudantes (1925)

### Le Corbusier

No primeiro volume da Oeuvre Complete de Le Corbusier de 1910-1929 consta, entre os primeiros trabalhos publicados, um estudo para um conjunto residencial de estudantes. O volume compõe-se basicamente de projetos de habitação unifamiliar e conjuntos residenciais de baixa altura, fundamentados na repetição das unidades residenciais unifamiliares. A *“Cite Universitaire pour étudiants”* data de 1925 e corresponde a um plano conceitual para a habitação universitária, com implantação de caráter universal e ilimitado. Reflete ainda a preocupação social, de oferecer condições iguais a todos os usuários: *“Todos os estudantes tem direito a mesma célula; seria cruel que a célula do pobre fosse diferente da célula do rico.”*<sup>33</sup>

O conjunto é composto por quadras de formato quadrado e dimensões 50x50m, algumas constituídas de praças e funções coletivas, e outras preenchidas por habitações repetitivas de pequeno porte. As quadras correspondentes aos usos coletivos são compostas por programas esportivos e de lazer, e fisicamente são definidas por barras sobre pilotis que acompanham os quatro lados do quarteirão.

As quadras residenciais são compostas por 56 unidades residenciais agrupadas em pares resultando 28 núcleos geminados. Sendo as unidades residenciais individuais, cada quadra possui capacidade para 56 indivíduos. Longitudinalmente são dispostos quatro núcleos geminados e, transversalmente, sete.

O acesso às unidades se dá a partir de quatro longos corredores que interligam as sete sequências de núcleos geminados, cruzando toda a extensão da quadra no nível térreo. Cada corredor serviria a 14 unidades residenciais. As fachadas compostas por quatro núcleos longitudinais, de onde partem os corredores, constituem superfícies essencialmente opacas, perfuradas apenas pelas portas de acesso aos corredores. As fachadas constituídas pela repetição transversal são empenas cegas, ao lado das quais são posicionadas barras sobre pilotis ao longo da extensão da quadra, como nas áreas comuns.

A unidade é projetada em dois pavimentos. O térreo concentra grande parte das funções da habitação, com estar, jantar, cozinha e banho. Mais da metade do pavimento possui pé-direito duplo. Uma escada íngreme encaminha ao segundo pavimento,

---

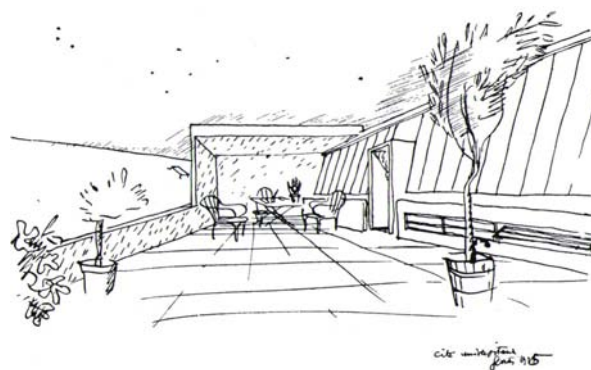
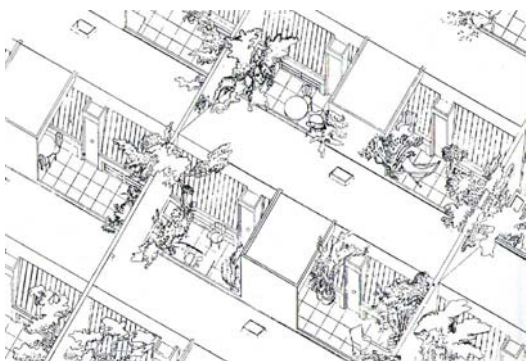
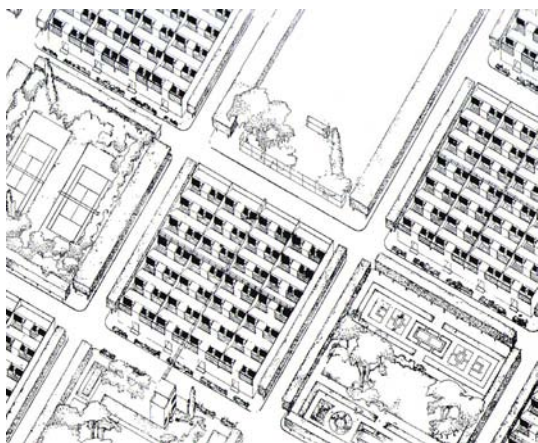
<sup>33</sup> CORBUSIER, Le. *Oeuvre Complete 1910-1929*. Zurich: Les Editions d'Architecture , 1995. p.73.



composto pelo dormitório em mezanino e pelo terraço. Parte do dormitório e do terraço se projeta sobre a circulação horizontal de acesso às unidades no térreo.

O principal componente da cobertura é um plano inclinado posicionado sobre o dormitório e a área de estar na célula e em parte do corredor de acesso. Esta cobertura se prolonga em parte sobre a área do terraço, como um plano horizontal, criando um setor sombreado. Toda a iluminação da habitação provem da grande abertura envidraçada inclinada, que estabelece ângulo de 90° com o plano de cobertura inclinado. Um peitoril venezianado sob o plano envidraçado é, possivelmente, a fonte projetada para ventilação da habitação. A iluminação do corredor térreo se dá a partir de pequenas aberturas zenitais quadradas no plano de cobertura inclinado. A iluminação exclusivamente pelo plano de cobertura cria um contexto de clausura e introspecção no pavimento térreo das unidades.

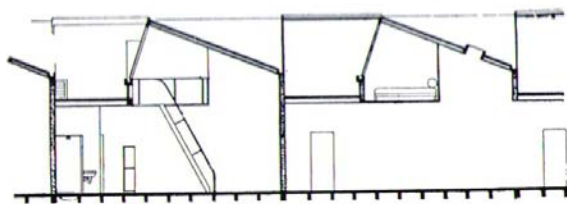
Esta proposta conceitual de Le Corbusier concentra programa habitacional, espaços abertos e possíveis funções complementares como solução ideal para um conjunto residencial de estudantes. A investigação também se concentra na definição da unidade, em suas demandas fundamentais e na possibilidade de através de sua replicação, obter solução arquitetônica qualificada e econômica: *“Classificar, tipificar, definir a célula e seus componentes. Economia. Eficácia. Arquitetura!”*<sup>34</sup>



**Figs. 28, 29 e 30:** Cité Universitaire, perspectivas.

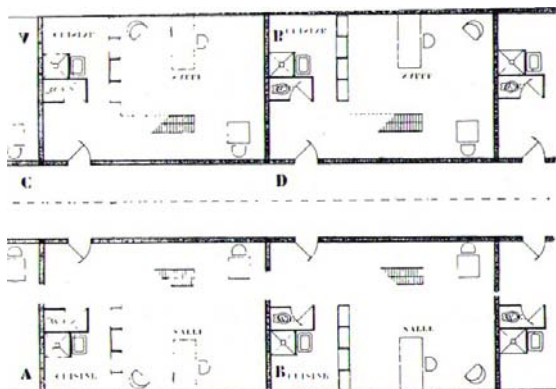
Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1910-1929*, p. 73.

<sup>34</sup> CORBUSIER, Le. *Oeuvre Complete 1910-1929*. Zurich: Les Editions d'Architecture, 1995. p.73.



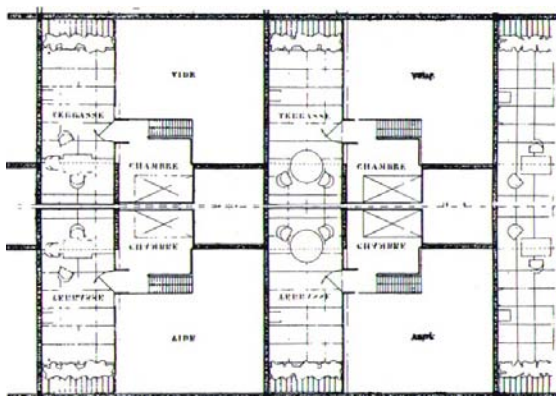
**Fig. 31:** Cité Universitaire, cortes AB e CD, respectivamente.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1910-1929*. p. 73.



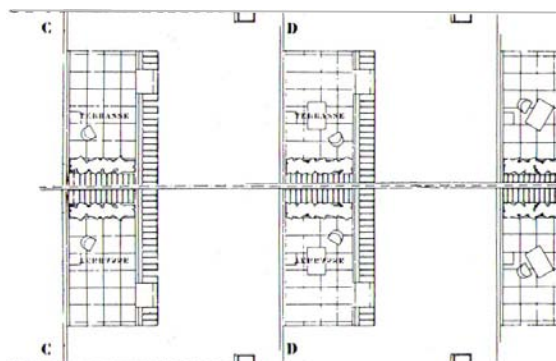
**Fig. 32:** Cité Universitaire, térreo-circulação horizontal.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1910-1929*. p. 73. (Imagem espelhada no eixo a partir da original em corte).



**Fig. 33:** Cité Universitaire, segundo pavimento.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1910-1929*. p. 73. (Imagem espelhada no eixo a partir da original em corte).



**Fig. 34:** Cité Universitaire, cobertura.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1910-1929*. p. 73. (Imagem espelhada no eixo a partir da original em corte).

## 2.2.2. Pavilhão Suíço (1930-32)

### Le Corbusier

Entre os exemplares modernos que compõem o conjunto da *Cité Universitaire* de Paris, dois são especialmente destacados, por sua relevância arquitetônica e por seus autores: Pavillon Suisse, de Le Corbusier e Maison du Brésil, de Lúcio Costa e Le Corbusier.

O projeto para o Pavilhão Suíço foi designado, sem concurso, a Le Corbusier em 1930, que havia desenvolvido entre 1927 e 1928 projeto para o Palácio das Nações em Genebra.<sup>35</sup>

A edificação é configurada pela articulação de três volumes: a barra elevada sobre pilotis que abriga o conjunto de células residenciais, uma torre de sanitários e circulação vertical, e um volume térreo de baixa altura destinado, no projeto, a espaços coletivos e de administração. Há legibilidade do programa principal do conjunto, o agrupamento de dormitórios, na configuração dos volumes. O volume prismático dos dormitórios contrasta com as linhas curvas dos volumes de base e da circulação vertical. Esta torre constitui transição entre a ortogonalidade da barra principal e a base de traços inclinados e curvos, combinando linhas ortogonais e curvas.

A ocupação no térreo se dá fora do perímetro de projeção da barra, mantendo livre a totalidade da área dos pilotis. Elementos chave do conjunto edificado são os pilares, que configuram uma linha estrutural situada no centro da barra, propiciando grandes balanços nas fachadas longitudinais. Ao longo da dimensão longitudinal são seis pontos de pilares, duplos no centro da composição e únicos em formato de “8” nas extremidades. Junto ao último pilar em oito a leste da barra é proposto um abrigo para bicicletas. A união dos pilares neste elemento único em forma de oito ratifica o conceito sintético da estrutura, com uma única faixa suportando o volume prismático. Esta solução encaminha à percepção de que a barra flutua sobre o solo. O acesso à edificação se dá a partir desta área coberta, na porção central. Legibilidade do acesso é reforçada pela presença de uma plataforma com acabamento de cor amarela na interface com o hall do pavimento térreo. Sob a barra há pavimentação, e o restante do solo é gramado.

O perímetro e a planta do pavimento térreo combinam linhas curvas e ortogonais inclinadas, definindo espaços de uso distintos. A partir da entrada tem-se o hall, de onde parte a escadaria e o elevador para os demais pavimentos. Neste espaço, pilares de

---

<sup>35</sup> CORBUSIER, Le. *Oeuvre Complete 1929-1934*. Zurich: Les Editions d'Architecture, 1995.

seção circular aparecem independentes de esquadrias e divisórias e, no início da escada, uma estrutura curvilínea em formato de gota é tratada como um mural artístico.

Junto à fachada norte do pavimento térreo, superfície construída em pedra, esta localizado o salão de leitura. Junto à fachada leste, plano inclinado envidraçado, é posicionada a sala da diretoria e o apartamento do zelador, com sala, cozinha e suíte.

A circulação vertical parte do hall como um volume conjugado à barra principal, entre ela e o volume da base. Nos pavimentos tipo e de cobertura a torre de circulação vertical inclui, além de escada e elevador, os sanitários coletivos, a cada andar. Na orientação norte, a superfície curva desta torre é tratada como uma empena cega. Os demais planos variam em soluções em painéis envidraçados ou perfurações geométricas distribuídas na extensão dos planos opacos.

A barra de dormitórios possui quatro pavimentos e planta retangular de dimensões 45x12m<sup>36</sup>. São três pavimentos tipo e a cobertura, em parte ocupada e em parte aberta com terraços. Os pavimentos tipo possuem configuração em fita simples, com corredor ao longo da fachada norte e preenchida ao longo da fachada longitudinal sul por quinze células residenciais individuais.<sup>37</sup> Cada unidade é constituída por um núcleo de serviços proposto como estrutura fixa, com ducha, lavatório e armários, e pela área do dormitório. Nota-se, como recorrente em muitos projetos corbusianos, a estratégia de propor mobiliário e estruturas baixas, descoladas do plano do teto, permitindo a leitura da configuração espacial da célula.

Na barra, a fachada sul é integralmente envidraçada. As imagens publicadas nas obras completas mostravam apenas anteparos de proteção solar internos. Posteriormente, adiciona-se uma caixilharia à fachada, onde persianas cobrem as aberturas de cada unidade residencial, até a altura de um peitoril opaco, também posterior. A fachada norte, dos corredores, é composta por painéis de concreto com montagem a seco. A superfície opaca é perfurada por aberturas quadradas, repetidas de forma uniforme. Empenas cegas correspondem às fachadas transversais da barra.

No início a cobertura fora prevista integralmente como espaço de uso coletivo, com terraços e salas de estudo. Posteriormente a direção da cidade universitária solicitou a inclusão de cinco dormitórios suplementares, que passaram a ocupar as duas extremidades da barra. Conservando a integridade volumétrica da edificação principal as áreas de solário e terraços acompanham a continuidade da fachada, com um plano

---

<sup>36</sup> PUPPI, Marcelo. *Espaços Inacabados: Le Corbusier, Lúcio Costa e a Saga da Casa do Brasil, 1953-1956*. In: Arqtexto 12. Porto Alegre: PROPAR, 2008.

<sup>37</sup> Importante recordar que tratando do hemisfério norte, as características das orientações solares são invertidas.

essencialmente opaco com perfurações. Este plano mais fechado compõe o coroamento da edificação e contrasta com o envidraçamento dos pavimentos tipo, garantindo a diferenciação entre pavimentos de usos distintos.

A estrutura utiliza um misto de soluções. Enquanto no pavimento térreo, a base e os pilotis utilizam concreto (e pedra na parede curva da sala de leitura), o corpo da barra principal é construído em elementos metálicos. Os pilares no térreo suportam uma laje de concreto, uma bandeja a partir da qual é erguido um esqueleto metálico. As fundações dos pilotis chegam a 19,5m de profundidade.<sup>38</sup>

O conjunto demonstrava não apenas avanço na área construtiva, utilizando materiais e técnicas inovadoras, como sistema misto de concreto e aço e tratamento acústico, mas também propunha interpretações das doutrinas compositivas descritas nos cinco princípios para uma nova arquitetura. Os pilotis convertidos em poucos e largos pilares que estruturam o bloco descolando-o do solo, a releitura das janelas em fita transformando-se em um pano único de esquadrias ou em janelas quadradas distribuídas de forma homogênea na fachada da torre de circulação vertical, são algumas das inovações formais do projeto.



**Fig. 35:** Pavilhão Suíço, fachada norte.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 86.



**Fig. 36:** Pavilhão Suíço, fachada sul.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 87.



**Fig. 37:** Pavilhão Suíço, barra sobre pilotis.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 84.

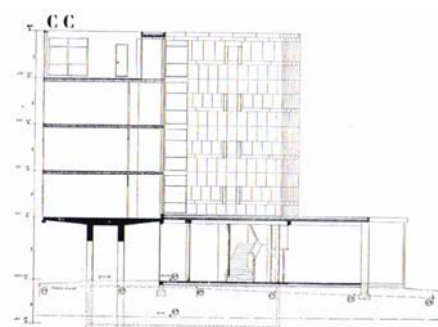
<sup>38</sup> CORBUSIER, Le. *Oeuvre Complete 1929-1934*. Zurich: Les Editions d'Architecture, 1995.





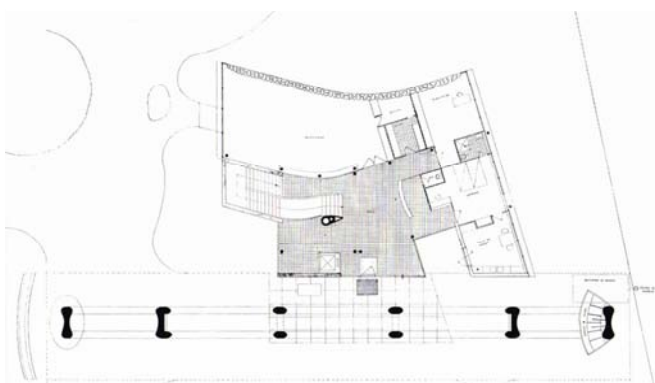
**Fig. 38:** Pavilhão Suíço, perspectiva.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 75.



**Fig. 39:** Pavilhão Suíço, corte transversal.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 86.



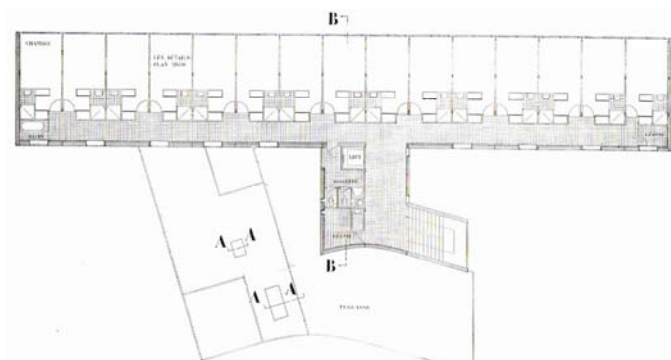
**Fig. 40:** Pavilhão Suíço, térreo.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 79.



**Fig. 41:** Pavilhão Suíço, hall.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 85.



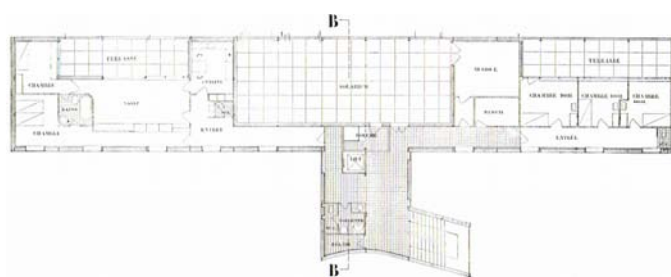
**Fig. 42:** Pavilhão Suíço, pavimento tipo.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 80.



**Fig. 43:** Pavilhão Suíço, sala de leitura.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 85.



**Fig. 44:** Pavilhão Suíço, cobertura.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 81.



**Fig. 45:** Pavilhão Suíço, dormitório.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1929-1934*. p. 81.

### 2.2.3. Cidade Universitária de Caracas (1943)

**Carlos Raul Villanueva**

A Universitária de Caracas representa a materialização do ideal moderno e constitui um importante conjunto arquitetônico, contribuindo para a identidade e consolidação da arquitetura moderna na América latina.

Villanueva trabalha com a complexidade que caracteriza o conjunto, nos seus aspectos construtivos e compositivos, adotando elementos característicos da linguagem moderna, entre eles o uso do concreto armado e de formas esculturais, além de considerar os aspectos contextuais da obra, como topografia e clima. Além disso, insere como ponto chave do projeto a presença de elementos artísticos que, em conjunto com todos os elementos formais arquitetônicos e urbanísticos formaria uma *“síntese das artes”*<sup>39</sup>.

Percebe-se, como principal diretriz organizacional do campus, a centralidade do setor diretivo-cultural, com as principais edificações da cidade universitária, entre elas a Aula Magna, a Reitoria com sua praça cívica, o museu, bibliotecas, auditório e a praça coberta. Diretamente junto a este setor central situam-se as unidades educacionais da saúde, na lateral oeste, e das humanidades e ciências, arquitetura e esportes na área leste. Ainda que haja um eixo de composição que tem em seus extremos o hospital universitário por um lado e o estádio olímpico por outro, organizando a implantação das edificações na porção central do campus, não há um eixo encaminhador claramente delineado, e sim percursos de formas livres demarcados por caminhos cobertos. As conexões abertas e cobertas são utilizadas como elementos conectores, propiciando diferentes e sutis atmosferas ao longo dos percursos.

Na área mais a leste da cidade universitária, configurando uma espécie de segundo pólo de importância, situa-se a área esportiva, conectada diretamente com o setor residencial. Na cidade universitária como proposta por Villanueva, e em um modelo disseminado por diversos países latinos, incluindo fortemente o Brasil, *“[...] o viver dentro do campus a ideia de uma nova universidade, situada e concentrada em local distanciado, longe da confusão e das distrações a que estava submetida a antiga universidade latina integrada ao casco urbano tradicional.”*<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962*. In: Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, n.7 (Moderno:claro e labiríntico), 1999.

<sup>40</sup> Exposição em comemoração aos cinquenta anos da faculdade de arquitetura da Universidade de Caracas. Organização: Fundació Museus Nacionais. Museu Nacional d'Arquitectura. Ministeri del Poder Popular per a la Cultura del Govern Bolivaria de Venezuela, 2009.

O setor residencial, envolvido pelo núcleo de esportes, localiza-se a norte e é composto por quatro barras de 4 pavimentos, três delas com dimensões aproximadas 10x100m e uma com metade do comprimento (50m), dispostas ao redor do restaurante universitário e da biblioteca.

*“O conjunto formado pelos quatro edifícios destinados a residências, a cafeteria e a tenda [biblioteca] constitui o habitat, função essencial dentro da concepção moderna de cidade desenvolvida por Villanueva, de maneira complexa e orgânica, na Cidade Universitária de Caracas”.*<sup>41</sup>

As conexões cobertas também estão presentes neste setor, ligando a habitação ao restaurante e à biblioteca e criando áreas de estar e convivência. As edificações distribuem-se sobre o parque verde de maneira livre, mantendo uma orientação aproximada norte sul em todas as edificações, mas sem obedecer a uma ortogonalidade rígida que orienta grande parte dos volumes do campus. Os programas complementares às residências, a biblioteca e a cafeteria são acomodados em volumes de formas curvilíneas. As curvas aparecem na cobertura em abóbodas da cafeteria e na configuração de planta ameboide da biblioteca, *“claramente aparentada com a primeira arquitetura moderna brasileira”*. Além do parentesco formal, encontra-se no conjunto semelhança na incorporação de painéis em peças cerâmicas revestindo as superfícies curvas da biblioteca.

Nas edificações residenciais o térreo é em grande parte ocupado, apresentando dois grandes vãos em pilotis que garantem a permeabilidade dos volumes e configuram a área destinada às torres de circulação vertical. Como recurso de descolamento da barra em relação ao solo e como diferenciação de usos e desenho de fachada, a área construída no térreo está recuada em relação aos demais pavimentos, em balanço estruturado por mãos francesas de concreto.

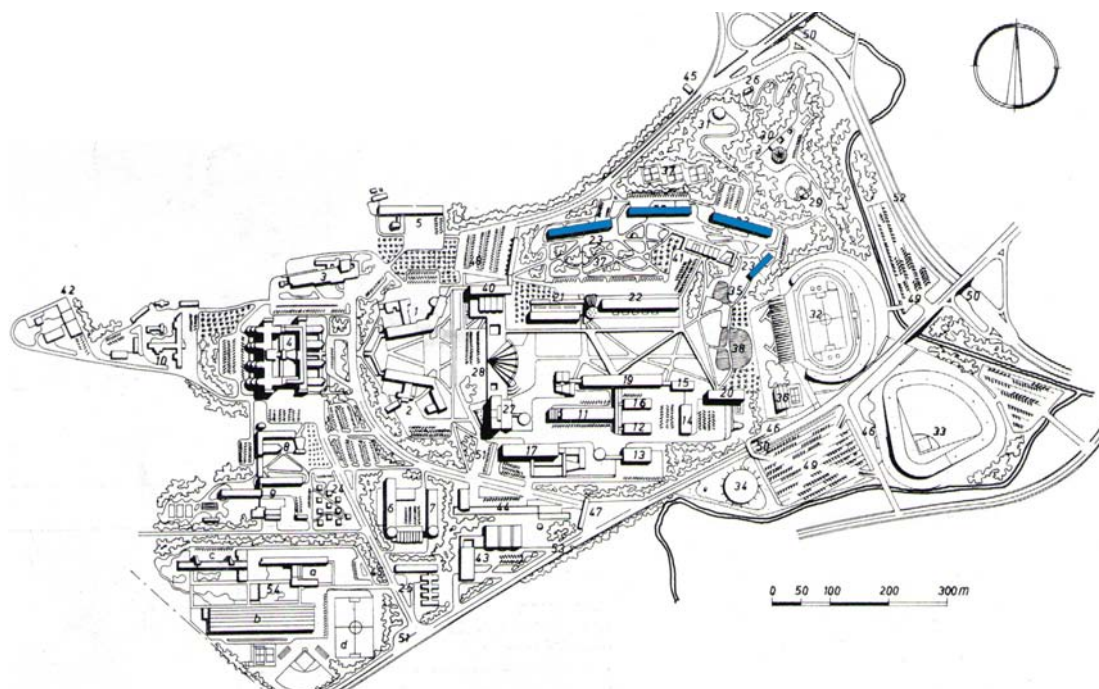
As fachadas apresentam soluções compositivas diversas que variam da sacada compartimentada com peitoris em elementos metálicos, janelas em fita, elementos em tijolos vazados e empenas cegas, com pequenas aberturas correspondentes à circulação horizontal interna. Como em todo o conjunto do campus, a arte também é incorporada ao setor residencial, nos painéis de azulejos em motivos marinhos da biblioteca e em um mural de Francisco Narváez na cafeteria, posteriormente mutilado em uma intervenção para ampliação da edificação.

---

<sup>41</sup> Exposição em comemoração aos cinquenta anos da faculdade de arquitetura da Universidade de Caracas. Organização: Fundació Museus Nacionais. Museu Nacional d'Arquitectura. Ministeri del Poder Popular per a la Cultura del Govern Bolivaria de Venezuela, 2009.

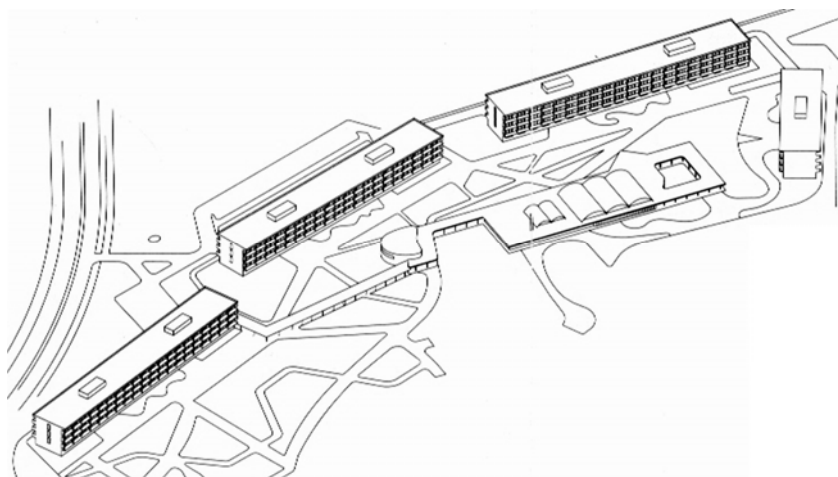


As residências, projetadas em 1948, são construídas entre 1949-1952. As edificações complementares, cafeteria e biblioteca, são projetadas entre 1949-1952 e construídas em 1952. As edificações residenciais perderam, ao longo dos anos, sua função original passando a abrigar serviços e programas educacionais.<sup>42</sup>



**Fig. 46:** Cidade Universitária de Caracas, plano geral.  
(Em azul, as edificações para habitação)

Fonte: L'Architecture D'aujourd'hui nº34 (1951), p.91.  
(Colorido sobre publicação).



**Fig. 47:** Cidade Universitária de Caracas, habitações.

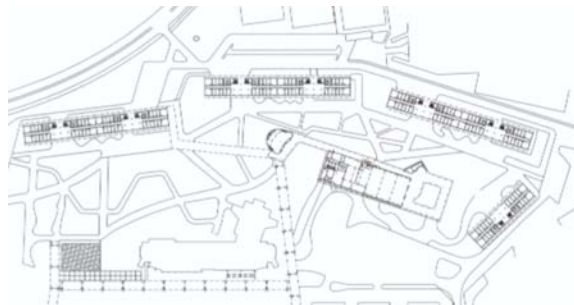
Fonte: Museu Nacional d'Arquitectura (2009).

<sup>42</sup> Exposição em comemoração aos cinquenta anos da faculdade de arquitetura da Universidade de Caracas. Organização: Fundació Museus Nacionais. Museu Nacional d'Arquitectura. Ministeri del Poder Popular per a la Cultura del Govern Bolivaria de Venezuela, 2009.



**Fig. 48:** Cidade Univ. de Caracas, habitações.

Fonte: Museu Nacional d'Arquitectura (2009).



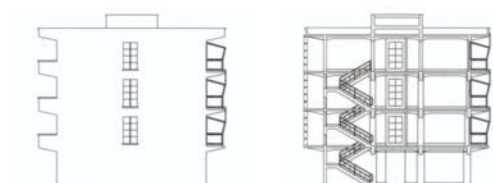
**Fig. 49:** Cidade Univ. de Caracas, planta baixa das habitações.

Fonte: Museu Nacional d'Arquitectura (2009).



**Fig. 50:** Habitações, fachada norte.

Fonte: Museu Nacional d'Arquitectura (2009).



**Figs. 51 e 52:** Habitações, fachada e corte transversal.

Fonte: Museu Nacional d'Arquitectura (2009).



**Figs. 53 e 54:** Fachadas sul e norte, respectivamente.

Fonte: Museu Nacional d'Arquitectura (2009).



**Fig. 55:** Biblioteca (*Tienda*).

Fonte: Museu Nacional d'Arquitectura (2009).



**Fig. 56:** Refeitório.

Fonte: Museu Nacional d'Arquitectura (2009).

### 2.2.5. Baker House (1947-48)

#### Alvar Aalto

Em 1946, Alvar Aalto é requisitado para a construção de um dormitório para o Massachusetts Institute of Technology (M.I.T), as margens do Rio Charles. Os estudos iniciais tiveram como diretrizes a busca de insolação, vistas e privacidade para todas as células residenciais. A partir da constatação de que um esquema de implantação linear não permitiria satisfazer as premissas iniciais, são estudadas composições alternativas para melhor aproveitamento das fachadas favoráveis.<sup>43</sup>

Enquanto os primeiros estudos apresentam sequências de blocos em altura conectados por volumes de menor altura, distribuídos linearmente junto à fachada longitudinal sudeste, os esquemas posteriores buscam implantações diagonais, visando a ampliação da superfície voltada para esta orientação. Uma versão inicial da planta contava com 3 barras paralelas entre si e giradas em relação ao alinhamento do terreno. Desta forma ampliava-se o número de células voltadas para o rio, mas algumas células tinham suas visuais encobertas pelos extremos das outras edificações.<sup>44</sup> Passa-se então a investigar uma edificação contínua que, curvilínea, poderia ampliar a superfície voltada para a testada longitudinal, mantendo integralmente as vistas, a insolação e a ventilação.

A solução final é constituída pela barra principal de planta sinuosa (curvilínea a sudeste e com planos inclinados a noroeste) de 7 pavimentos, a qual são conjugados volumes de menor altura, constituindo uma base expandida. A implantação é ajustada aos limites do terreno o que direciona a alguns recursos necessários ao encaixe no sítio, como o trecho plano da barra junto ao limite noroeste, e o alinhamento da base nesta mesma testada, além dos extremos redentados da barra nas fachadas transversais.

O térreo com a planta expandida em função dos volumes conjugados à barra é composto por programas coletivos, com refeitório, cozinha, cafeteria, vestiários, salas de estar e de jogos, além de cômodos técnicos. O volume do refeitório, posicionado na fachada curva a sudeste possui dois pavimentos de altura comportando, no segundo nível, uma área de mesas que se comunica com o térreo através de um vazio central. A cobertura do refeitório é pontuada por aberturas zenitais de secção redonda.

Os seis pavimentos tipo concentram as células residenciais, a maioria individual e algumas para dois e três usuários, além de áreas de estar e sanitários coletivos. A cada

---

<sup>43</sup> L'Architecture D'aujourd'hui. Paris, nº191, junho de 1977.

<sup>44</sup> L'Architecture D'aujourd'hui. Paris, nº191, junho de 1977.

pavimento são aproximadamente 28 unidades individuais, 10 duplas e 4 triplas<sup>45</sup>. A maior parte das células volta-se para a fachada sudeste, enquanto na fachada posterior, menos favorável localizam-se os programas complementares e algumas unidades residenciais. Nos extremos e nos trechos mais recortados da barra são localizadas as células para dois e três usuários e os programas coletivos, adequando-se aos planos recortados.

As células residenciais, cada uma com uma configuração diferente<sup>46</sup>, resultado das curvas e inclinações, são espaçosas permitindo espaços de usos distintos, como as áreas de dormir e de estudos, além de contar com armários e lavatórios.

As fachadas são configuradas pelas superfícies em tijolos, perfuradas pelas sequencias de janelas. A fachada voltada para o rio é mais homogênea na distribuição das aberturas, pois correspondem a sequencia de células residenciais dos pavimentos tipo. A fachada longitudinal posterior é mais diversa, com pequenas aberturas junto aos sanitários, aberturas médias junto às células residenciais para dois usuários e maiores em interface com as áreas de estar coletivas. As escadas se expressam nesta fachada como corpos externos aos limites da planta tipo. Os recortes resultantes de seus lances e patamares transparecem e são combinados a esquadrias também recortadas que acompanham a variação de níveis.

Aalto experimenta algumas soluções utilizadas em Baker House em projetos posteriores para alojamentos de estudantes da Escola Politécnica de Helsinki, como as superfícies curvas que em planta correspondem às células residenciais, os espaços de uso coletivo a cada pavimento e as fachadas em tijolos - material característico da produção do arquiteto - permeadas pelas aberturas.

As soluções adotadas em Baker House conseguem responder as demandas do contexto, através de uma implantação que para abrigar a um numero elevado de usuários, é inserida nos limites do sítio, atentando para os aspectos de habitabilidade e qualidade espacial das células.

---

<sup>45</sup> Estimativa da autora, segundo documentos do projeto.

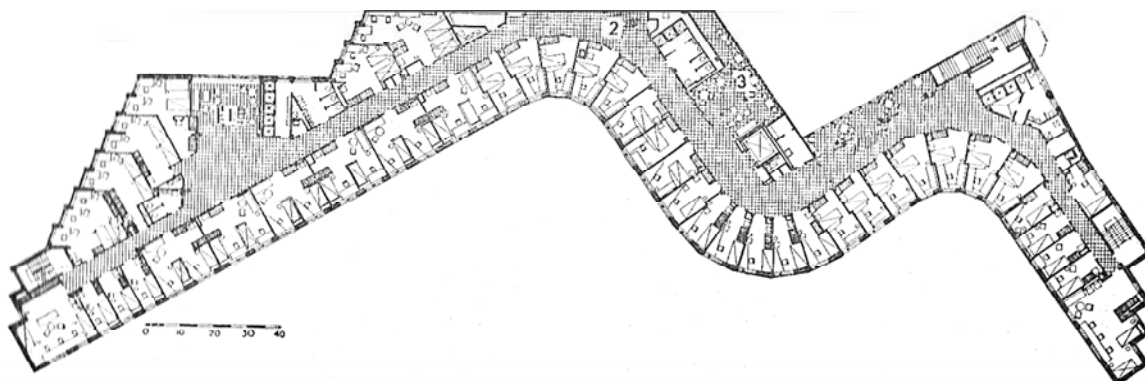
<sup>46</sup> SCHILDT, Göran. Alvar Aalto Obra Completa: Arquitectura, arte y diseño. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1996.





**Figs. 57, 58 e 59:** Baker House, estudos iniciais.

Fonte: L'Architecture D'aujourd'hui nº191 (1977), p.115,116.



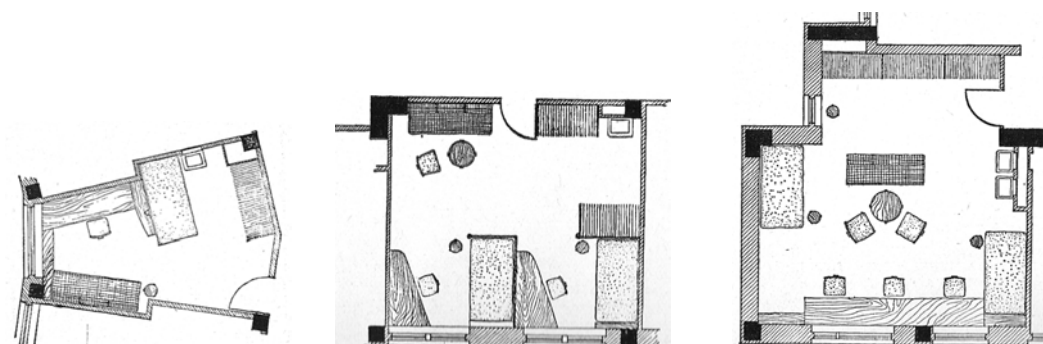
**Fig. 60:** Baker House, solução definitiva, planta baixa tipo.

Fonte: L'Architecture D'aujourd'hui nº29 (1950), p.29.



**Fig. 61:** Baker House, volumetria.

Fonte: L'Architecture D'aujourd'hui nº191 (1977), p.115.



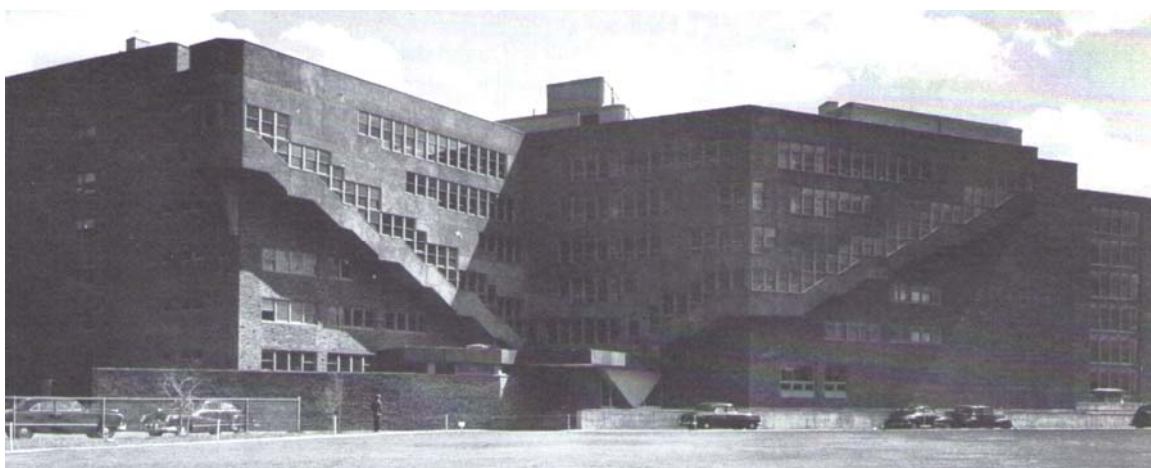
**Figs. 62, 63 e 64:** Baker House, unidades residenciais.

Fonte: L'Architecture D'aujourd'hui nº29 (1950), p.30.



**Fig. 65:** Baker House, fachada sul.

Fonte: L'Architecture D'aujourd'hui nº191 (1977), p.117.



**Fig. 66:** Baker House, fachada norte.

Fonte: L'Architecture D'aujourd'hui nº191 (1977), p.117.

## 2.2.6. Casa do Brasil (1952-1959)

### Lúcio Costa e Le Corbusier

Entre 1952-53 Lúcio Costa elabora anteprojeto para a Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris. O projeto e a execução ficam a cargo do atelier de Le Corbusier, entre 1954-1959.

#### Projeto de Lúcio Costa

O anteprojeto elaborado por Lúcio Costa<sup>47</sup> compunha-se por um corpo principal de cinco pavimentos, de dimensões 56x17m<sup>48</sup>. O volume parte da configuração de uma barra prismática de planta retangular, mas a manipulação do plano de fachada noroeste desvia o volume da ortogonalidade presente no volume principal do Pavilhão Suíço de Le Corbusier. A fachada noroeste é dividida em três partes verticais, sendo a porção central paralela à fachada sudeste e as duas extremidades em planos diagonais.

Em planta, esta solução que se aproxima de uma forma côncava, acaba por propiciar um trecho mais alargado no centro, demarcando a área onde é incluída a torre de circulação vertical. Neste ponto reside uma das diferenças importantes entre o Pavilhão Suíço e a Casa do Brasil. Na casa, a circulação vertical é interna, no pavilhão é um corpo conjugado à barra.

A planta dos pavimentos compõe-se de fita dupla, posicionando a sudeste as unidades residenciais e a noroeste a circulação vertical, dois banheiros, duas cozinhas e duas salas para passar roupas. A circulação horizontal é centralizada e fechada.

O projeto previa 6 unidades para casais, 41 para mulheres e 50 para homens, totalizando 103 estudantes.<sup>49</sup> O primeiro pavimento distingue-se dos demais por apresentar dois tipos de células residenciais, parte destinadas a casais e parte às moças. Metade da dimensão longitudinal é preenchida pelas células-tipo individuais, 11 delas, cada uma ocupando dois módulos de fachada. A outra metade da barra corresponde às unidades maiores para casais, seis delas, cada uma tomando três módulos da fachada.

O pavimento tipo é composto por 20 células organizadas aos pares. Cada célula é

---

<sup>47</sup> Lúcio Costa elabora o anteprojeto para a Casa do Estudante Brasileiro ou Casa do Brasil, como definido pelo arquiteto, no período em que em Paris compõe o júri do concurso para a sede da UNESCO, ao lado de Le Corbusier, Walter Gropius, Ernesto Rogers e Sven Markelius.

<sup>48</sup> PUPPI, Marcelo. *Espaços Inacabados: Le Corbusier, Lúcio Costa e a Saga da Casa do Brasil, 1953-1956*. In: Arqtexto 12. Porto Alegre: PROPAR, 2008.

<sup>49</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.



equipada com lavatório<sup>50</sup> e armário junto da entrada. Um painel de madeira com 1,8m de altura separa este setor de serviço da área de estar e de dormir. Junto do painel, dispõe-se a cama-divã, no sentido transversal da célula. Com esta organização libera-se área do dormitório junto à fachada.

No térreo, aproximadamente dois terços da área da barra é ocupado, com sala de estar, cafeteria, administração e apartamento do diretor. A extremidade a nordeste - um terço da barra - permanece livre em pilotis *“que serve de pórtico carroçável e abriga a entrada de pedestres”*<sup>51</sup>.

Há, extrapolando o perímetro da barra no térreo, alguns volumes horizontalizados de linhas inclinadas e curvas. Há na composição de corpo + base expandida certo parentesco com o Pavilhão Suíço, ainda que os volumes e suas articulações resultem muito diferentes.

Costa propõe na porção sudeste do terreno, partindo da área do apartamento do diretor, duas salas de estudo, conectadas à barra por uma marquise curva. Esta marquise atua ainda na definição de um pátio privativo, em interface com a barra, para o apartamento do diretor. Junto das salas de estudo, um avarandado com elementos inclinados define o extremo da composição.

A noroeste, a base se expande com atelier e salas para músicos, em volumes autônomos. O atelier possui planta trapezoidal e pé-direito alto. Suas superfícies são essencialmente opacas, em pedra nos planos paralelos à barra. As câmaras de músicos distribuem-se em uma planta semicircular situada na ponta da marquise curvilínea que articula os volumes. As conexões orgânicas entre as partes imprimem caráter nacional contribuindo, segundo Costa, *“para derramar um pouco a composição no sentido da graça crioula [...]”*<sup>52</sup>.

Em subsolo há salas de serviço, vestiários, sala de jogos, depósito, garagem para bicicletas, dormitório para o porteiro e mais dois para uso eventual de funcionários. Um aqueduto subterrâneo preexistente condicionou a separação da planta do subsolo em dois setores.

Ainda que a composição, os volumes, as articulações entre eles sejam distintos do Pavilhão Suíço, o tratamento das superfícies guarda certo parentesco com o projeto

---

<sup>50</sup> Costa opta por não incluir duchas em cada célula, considerando que os chuveiros *“atravancam o armário e o lavatório, [...] são úmidos e desagradáveis.”* Propõe, então, os núcleos de sanitários coletivos. (COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 231).

<sup>51</sup> PUPPI, Marcelo. *Espaços Inacabados: Le Corbusier, Lúcio Costa e a Saga da Casa do Brasil, 1953-1956*. In: Arqtexto 12. Porto Alegre: PROPAR, 2008. p. 168.

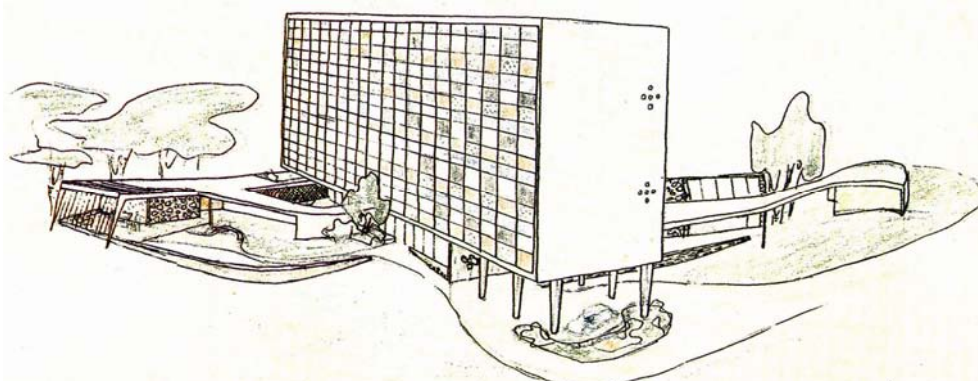
<sup>52</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 234.



de Le Corbusier. No térreo Lúcio Costa combina o concreto à pedra destacando algumas superfícies. A fachada sudeste<sup>53</sup> dos dormitórios é tratada como um plano envidraçado, protegido por persianas externas até a altura do peitoril, protegido internamente por cortina. Não há, como no pavilhão, coroamento destacado. A fachada noroeste, tripartida, apresenta duas soluções. A superfície central é envidraçada, enquanto os trechos laterais são opacos com perfurações quadradas, regularmente distribuídas, como no pavilhão, mas deslocadas entre si de um pavimento para outro. As fachadas transversais são opacas, com duas pequenas aberturas em cruz.

Internamente, Lucio Costa especifica uma série de acabamentos para paredes e pisos, criando um sistema de aplicação de cores, atribuindo acabamentos neutros em grande parte do interior com exceções que garantem diversidade tornando o conjunto, segundo o arquiteto, mais agradável. Dormitórios e corredores teriam uma parede colorida. No térreo é previsto um painel de aprox. 3,2x7m para uma obra de Portinari, reforçando o caráter nacional da casa.

O projeto definitivo e a execução da obra ficam sob responsabilidade do escritório de Le Corbusier, a título compensatório pela consultoria do arquiteto nos projetos de 1936 no Rio de Janeiro e pela influencia na arquitetura moderna brasileira.<sup>54</sup> A ação do escritório de Le Corbusier frente ao trabalho prévio de Costa deveria pautar-se pela *“fidel interpretação do projeto durante a construção [...]”*<sup>55</sup>, mas o que de fato ocorre é uma grande transformação do projeto do arquiteto brasileiro, nos volumes, no layout interno, nas superfícies e uma aproximação da arquitetura brutalista desenvolvida por Le Corbusier naquele período.



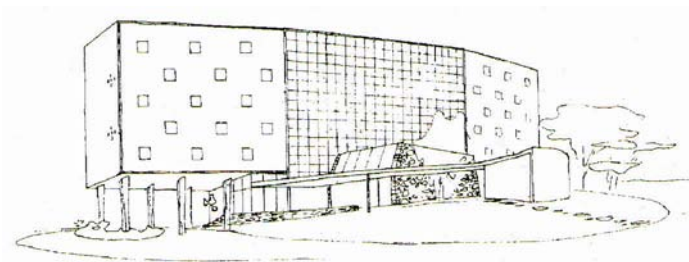
**Fig. 67:** Casa do Brasil, projeto Lúcio Costa.

Fonte: COSTA (1995), p.232.

<sup>53</sup> Lúcio Costa decide pela orientação noroeste-sudeste após consultar moradores da cidade universitária. A orientação norte-sul adotada para o Pavilhão Suíço seria boa para o inverno, mas muito quente no verão. (COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.)

<sup>54</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

<sup>55</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 231.



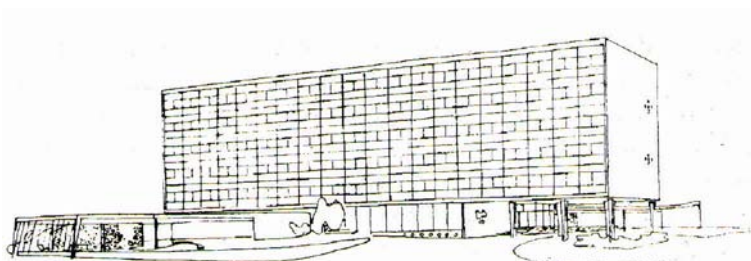
**Fig. 68:** Casa do Brasil, projeto Lúcio Costa.

Fonte: COSTA (1995), p.235.



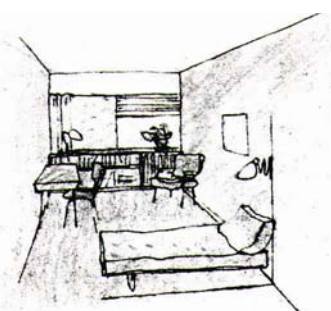
**Fig. 69:** Casa do Brasil, estar.

Fonte: PUPPI (2008), p.182.



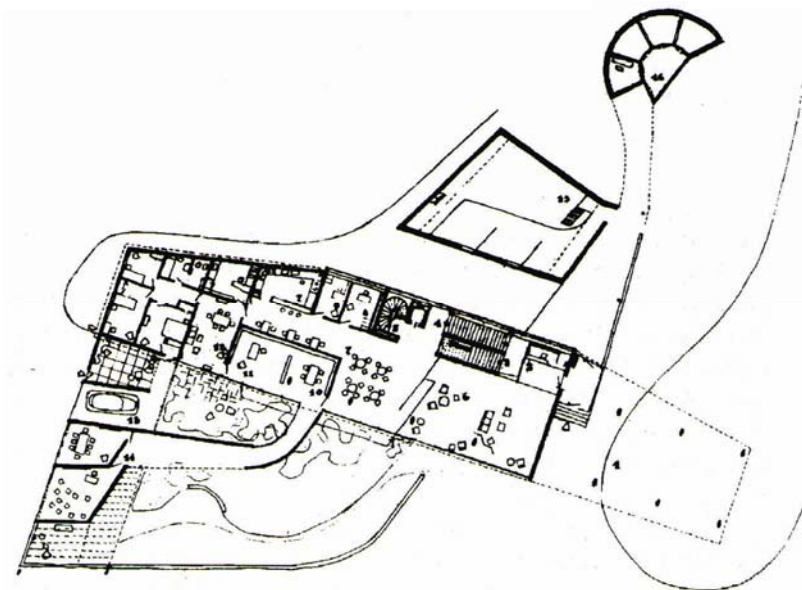
**Fig. 70:** Casa do Brasil, projeto Lúcio Costa.

Fonte: COSTA (1995), p.235.



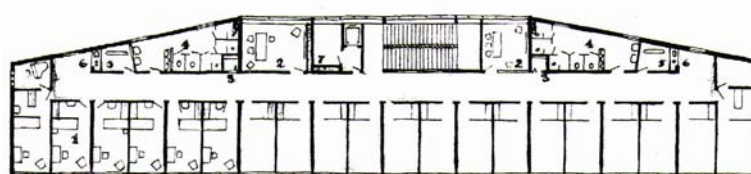
**Fig. 71:** Casa do Brasil, dormitório.

Fonte: PUPPI (2008), p.182.



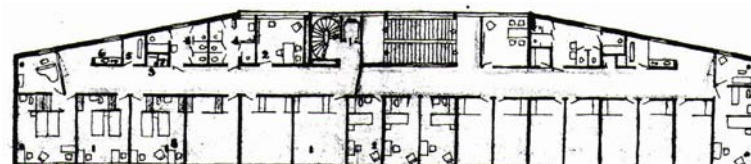
**Fig. 72:** Casa do Brasil, projeto Lúcio Costa. Pavimento térreo.

Fonte: COSTA (1995), p.233.



**Fig. 73:** Casa do Brasil, pavimento tipo.

Fonte: PUPPI (2008), p.178.



**Fig. 74:** Casa do Brasil, 1º pavimento.

Fonte: PUPPI (2008), p.178.

### Projeto de Le Corbusier

Entre 1953, quando Lúcio Costa confia seu anteprojeto a Andre Wogenscky, chefe do atelier de Le Corbusier à época, e 1956 quando as obras são iniciadas, uma série de alterações ocorre no anteprojeto de Lúcio Costa ao qual as decisões do atelier de Le Corbusier deveriam se reportar, mas acabam por se sobrepor.

O projeto publicado nas Obras Completas introduz alterações no pavimento tipo, mas tem na transformação do térreo as principais diferenças em relação ao original de Lúcio Costa.

Nos pavimentos tipo, às fitas preenchidas por células são adicionados balcões com peitoris vazados e pintura em cores primárias, como os propostos para as Unidades de Habitação, aumentando a dimensão transversal da barra. Contrariando a decisão de Costa, são acrescentadas duchas a cada unidade. Mantêm-se dois núcleos de sanitários e dois de cozinha coletiva e criam-se salas de estudo no centro da barra, na posição onde Lúcio Costa localizava a circulação vertical. Nesta porção central da planta também é inserido um balcão contínuo, em substituição à superfície envidraçada do arquiteto brasileiro. O atelier desmembra o núcleo de circulação vertical, posicionando duas escadas nas laterais da barra, mantendo os elevadores no centro.

As alterações na planta, com a inserção dos balcões acarretou a mutação total da fachada sudeste, dos dormitórios. A fachada noroeste tem no acréscimo dos balcões no trecho central sua principal alteração. As aberturas quadradas são mantidas, porém com distribuição mais irregular do que no anteprojeto.

Sob a barra, grande parte da área é liberada em pilotis, não mais a repetição de pilares esbeltos de Lúcio Costa, mas elementos robustos como os do Pavilhão Suíço. Assim como no Pavilhão, os pilares extremos unem-se configurando um plano opaco. Apenas uma porção central da planta é fechada, por onde se dá o acesso e concentram-se as opções de circulação vertical. A configuração deste espaço ocorre com a utilização de curvas, em parte em elementos translúcidos.

Na porção leste do terreno implanta-se uma barra de planta retangular, com um dos extremos inclinado. Este volume comporta o apartamento do diretor, escritório, secretaria e biblioteca.

Do outro lado da barra de dormitórios, a noroeste, um volume de planta ampla – em comparação com os dois volumes autônomos propostos originalmente – concentra os programas coletivos: cafeteria, estar, sanitários, auditório e rouparia; além do

apartamento do zelador. A planta é essencialmente trapezoidal, com um giro em relação à barra que configura um triângulo ocupado em parte pelo apartamento do zelador.

As superfícies destes volumes contíguos à barra principal são tratadas com alguns materiais da paleta de Lúcio Costa, como a pedra e o vidro. A composição como um todo adquire aspecto mais brutalista com a profusão do concreto e a robustez da estrutura. Os planos nos extremos da barra e os pilares de secção retangular suportam vigas transversais também robustas, que por sua vez recebem três linhas de vigas longitudinais. Esta solução estrutural em nada remete à leveza da barra sobre pilares esbeltos – cuja secção diminuía no sentido da barra ao solo – propostas por Lúcio Costa.

O arquiteto brasileiro, por fim, abre mão da autoria do projeto, em que as alterações profundas e o vocabulário brutalista de Le Corbusier sobrepõe sua concepção inicial. Afirmava, em carta dirigida a Le Corbusier que *“Nós [brasileiros] não gostamos do que é brutal, rebarbativo, complicado. Os recortes, as formas angulosas e agressivas nos desagradam.”*<sup>56</sup>

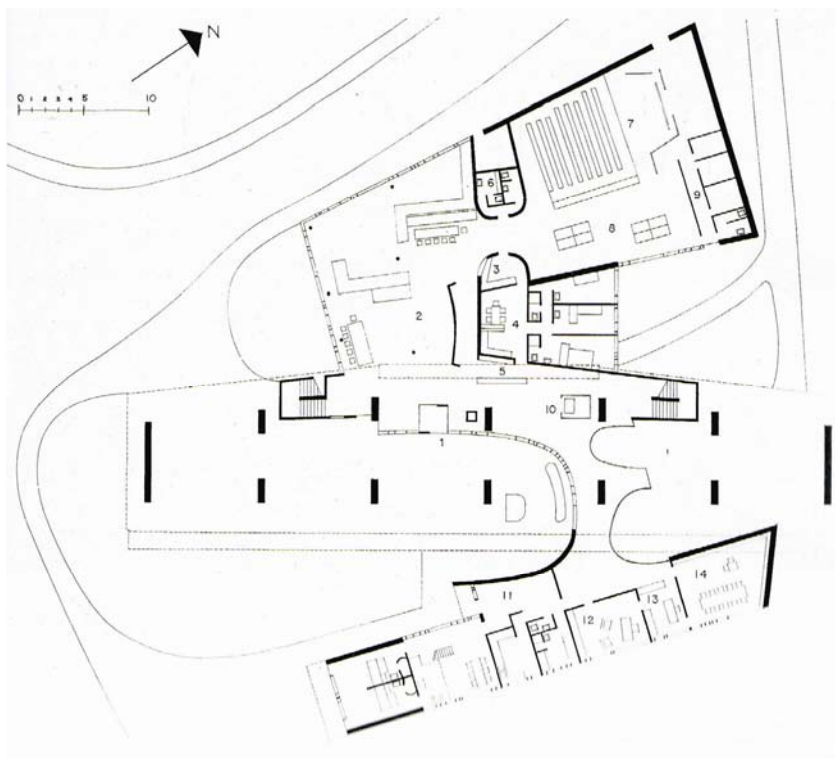


**Figs. 75, 76 e 77:** Casa do Brasil, projeto Le Corbusier

Fonte: [www.fondationlecorbusier.fr](http://www.fondationlecorbusier.fr)  
Consulta em maio de 2012.

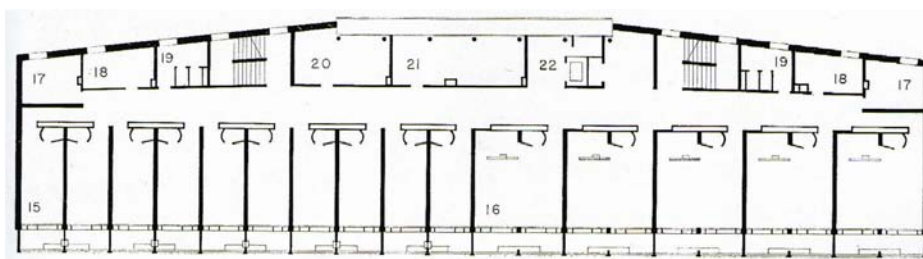
<sup>56</sup> Carta de Lúcio Costa a Le Corbusier *apud* SANTOS, Cecilia Helena Godoy Rodrigues dos; PEREIRA, Margareth Aparecida da Silva; SILVA, Vasco Caldeira da; PEREIRA, Romão Veriano da Silva. *Um marco nas relações de Le Corbusier com o Brasil*. Projeto. São Paulo, nº 102, p. 108.





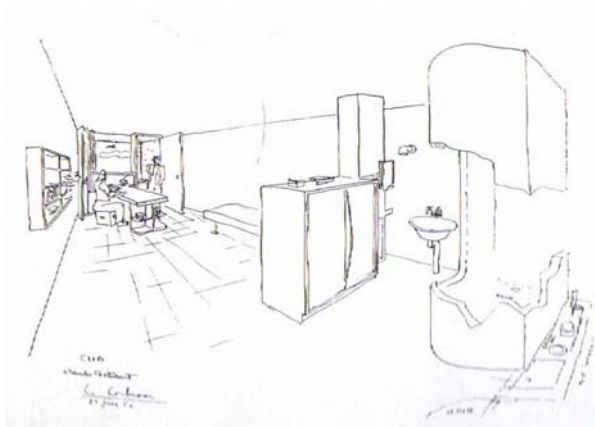
**Fig. 78:** Casa do Brasil, projeto Le Corbusier. Pavimento térreo.

Fonte: PUPPI (2008), p.197.



**Fig. 79:** Casa do Brasil, projeto Le Corbusier. Pavimento tipo.

Fonte: PUPPI (2008), p.197.



**Fig. 80:** Casa do Brasil, projeto Le Corbusier. Perspectiva do dormitório.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1952-1957*. p. 202.

### 2.2.7. Peabody Terrace (1964)

#### Josep Luis Sert

O projeto de Josep Sert para estudantes casados da universidade de Harvard é composto por um conjunto de edificações para habitação, totalizando 500 apartamentos, e estruturas complementares, como garagem, praça, farmácia, lavanderia e salas de estar para a comunidade acadêmica.

A proximidade com o campus foi diretriz para a implantação do conjunto no terreno situado em interface com o Rio Charles, propiciando maior facilidade de convivência e participação nos eventos acadêmicos.<sup>57</sup>

A arquitetura de Sert estabelece contraponto moderno à sequência de dormitórios de Harvard em estilo neoclássico, dispostos ao longo do rio Charles. A implantação respeita a trama dos quarteirões pré-existentes e busca estabelecer um diálogo com as edificações circundantes, através da redução de altura dos blocos perimetrais e concentração das torres no centro do terreno.<sup>58</sup> A área ocupada pelo conjunto possui um formato de “T” invertido, com a maior dimensão alinhada ao Rio Charles.

Como elemento articulador e distribuidor de fluxos cria-se um amplo passeio pedestre no centro do terreno, que parte da Avenida Putnam, chegando à via Memorial Drive. A partir deste passeio organizam-se os núcleos de edificações, praças e o edifício-garagem de três pavimentos, com capacidade para 325 automóveis.<sup>59</sup> No centro do terreno, uma praça pavimentada constitui um marco na organização dos volumes, posicionados em forma de cata-vento no entorno da praça.

O conjunto conjuga a tipologia da torre e da barra de baixa altura. São três núcleos com três torres de 22 pavimentos, conectadas a edificações em linha ou em “L”, variando em 3, 5 e 7 pavimentos. A articulação entre as edificações altas e baixas ocorre através de pontes elevadas, posicionadas no 4º e no 6º pavimentos.

A disposição das edificações de baixa altura, variáveis na orientação, auxilia na configuração de quadras retangulares. Em interface mais direta com o centro do bairro estão posicionados o edifício-garagem com sua dimensão longitudinal alinhada com o passeio central. Do outro lado do passeio um núcleo residencial agrupa uma torre, uma barra em L articulada à torre e uma barra independente no extremo do térreo,

---

<sup>57</sup> BASTLUND, Knud. *José Luis Sert Architecture, cityplanning, urban design*º New York: Praeger, 1967.

<sup>58</sup> Casabella, nº300, dezembro de 1965.

<sup>59</sup> FREIXA, Jaume. *Josep L. Sert*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1981.

perpendicular ao passeio e paralela à Avenida Putnam. Estas edificações distribuem-se no entorno de uma praça de configuração retangular. Posicionando volumes de altura reduzida neste trecho, nota-se a concordância com o contexto circundante.

Junto ao rio dois outros núcleos de habitações estão posicionados. A sul do passeio encontra-se um núcleo com edificação baixa em L combinada a uma torre e a norte um bloco linear de baixa altura disposto ao longo do eixo e a terceira torre a ele articulada. O núcleo a sul se organiza de forma a configurar uma praça ajardinada de frente para o rio, Ainda junto a este núcleo, posiciona-se um playground no extremo do terreno, junto da vizinhança preexistente. As edificações residenciais a norte inserem-se em uma porção mais ampla do sítio, onde é proposto estacionamento para visitantes e uma ampla praça esportiva, também acessível às edificações vizinhas.

A grelha de concreto que estrutura as edificações é expressa nas fachadas, preenchidas ora com esquadrias de vidro ora com os painéis de vedação opaca. As sacadas e circulações são volumes mais leves, sobrepostos, criando novos planos de fachada. Estas estruturas em grelha metálica são dispostas especialmente nas fachadas sul e oeste, de maneira heterogênea sobre os corpos das edificações respeitando, porém, uma regularidade. É na adição destas tramas metálicas, que conformam peitoris e soluções de proteção solar, que é obtido o dinamismo das fachadas.

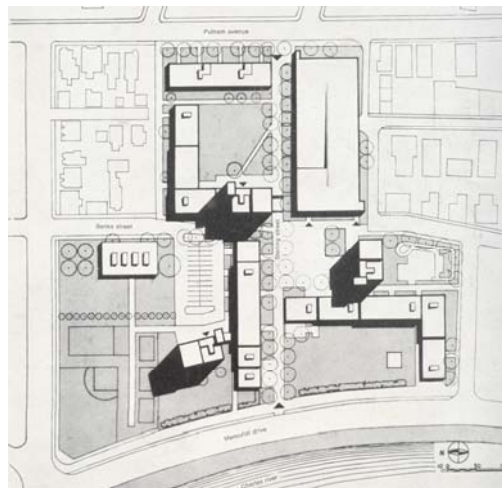
O corredor de acesso às unidades se organiza a cada três pavimentos, aonde chegam os elevadores externos ao corpo da torre. Formam-se agrupamentos de seis unidades residenciais compartilhando um núcleo de escadas, a cada andar um par de apartamentos. A partir dos níveis de circulação pode-se descer ou subir um nível através destas escadas que pontuam a planta dos pavimentos. Define-se um módulo básico de dois apartamentos no entorno da escada, a cada nível. Neste módulo combinam-se apartamentos do tipo JK 1 e 2 dormitórios. Nas plantas, dormitórios e áreas de estar distribuem-se no perímetro das escadas de acesso às unidades e dos núcleos de serviço (sanitário e cozinha) geminados entre os pares de apartamentos.

As coberturas das edificações de menor altura são tratadas como terraços-jardins acessíveis, mirantes para a paisagem do Rio.



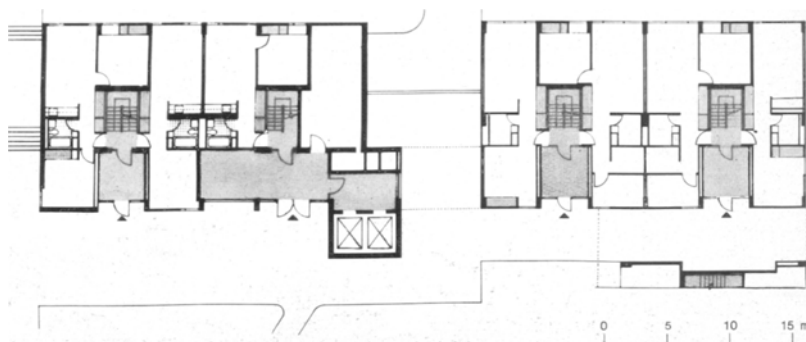
**Fig. 81:** Peabody Terrace, conjunto.

Fonte: BASTLUND, Knud (1967), p.223.

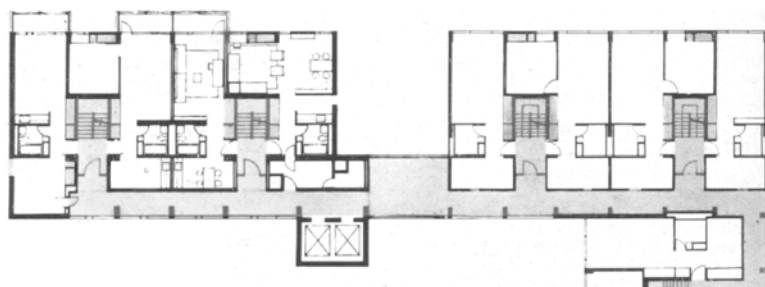


**Fig. 82:** Peabody Terrace, implantação.

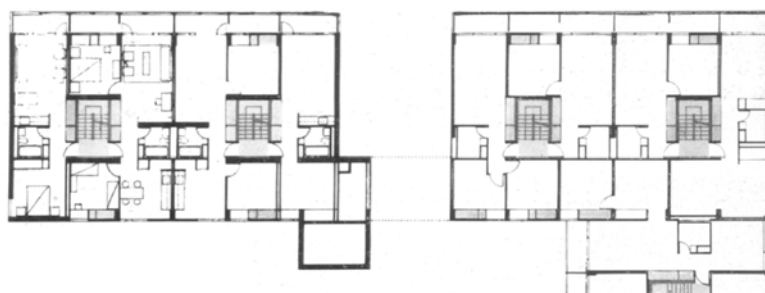
Fonte: Casabella nº 300 (1965), p.65.



Térreo



Pavimentos da circulação horizontal  
(4, 6, 9, 12, 15, 18)



Pavimentos sem circulação horizontal  
(2, 3, 5, 7, 10, 11, 13, 14, 16, 17,  
19, 20)

**Figs. 83, 84 e 85:** Peabody Terrace, Plantas baixas.

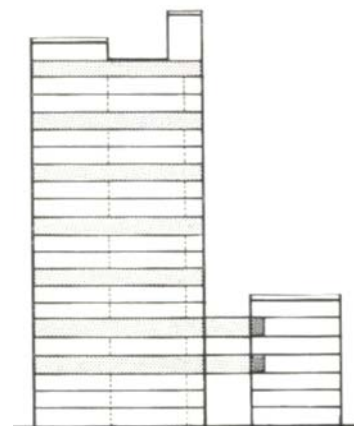
Fonte: Casabella nº 300 (1965), p.68.





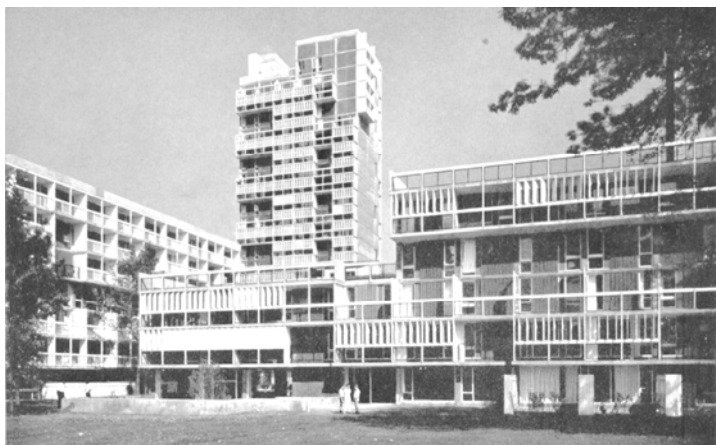
**Fig. 86:** Peabody Terrace, unidades residenciais.  
A. apto JK; B. apto 1 dorm.; C. apto 2 dorm.  
1. estar; 2. Dormitório; 3. cozinha/jantar

Fonte: BASTLUND, Knud (1967), p.231.



**Fig. 87:** Peabody Terrace, esquema de circulações e pavimentos.

Fonte: BASTLUND, Knud (1967), p.224.



**Fig. 88:** Peabody Terrace.

Fonte: Casabella nº 300 (1965), p.67.



**Fig. 89:** Peabody Terrace, detalhe da fachada em grelha.

Fonte: BASTLUND, Knud (1967), p.225.



**Figs. 90, 91 e 92:** Peabody Terrace, imagens internas.

Fonte: BASTLUND, Knud (1967), p.230,231.



**3. UNIVERSIDADE DO BRASIL  
E UFRJ**

### 3.1. AS TRATATIVAS INICIAIS E OS PLANOS PARA A QUINTA DA BOA VISTA

As discussões acerca da infraestrutura para a Universidade do Brasil iniciam-se a partir da constatação das condições inadequadas em que eram desenvolvidas as atividades das principais Escolas e faculdades de ensino superior no Rio de Janeiro. O caráter provisório dos espaços ocupados, em edificações cedidas e adaptadas, a insuficiência de equipamentos, e a inexistência de espaços da coletividade universitária já na década de 20<sup>1</sup>, ratificavam a necessidade de reavaliação da organização física da instituição de ensino,

Referindo-se a suas intenções a respeito do ensino superior, enquanto Ministro da Educação e Saúde Pública entre 1934 e 1945, Gustavo Capanema explicava, em depoimento de 1968:

*“[...] eu queria conferir o caráter de verdadeiro ensino universitário, tirando-lhe aquela feição antiga que perdura ainda hoje, de um ensino ministrado em escolas ‘esparramadas’ numa cidade, em que os alunos e os professores não tem convivência, não há tempo integral e não há vida em comum.”<sup>2</sup>*

A Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920, caracterizada pelas unidades isoladas espacialmente, transforma-se em Universidade do Brasil, em 1937<sup>3</sup>, marcando o período em que emerge a intenção de construir um campus que concentrasse as atividades da instituição. Capanema é um dos principais agentes na concretização da ideia de integração no espaço físico universitário, fazendo da Cidade Universitária da Universidade do Brasil uma de suas principais realizações como ministro, junto com o edifício do Ministério. No depoimento de 1968, dizia:

*“Eu queria realizar no Rio de Janeiro, então, uma primeira tentativa de verdadeiro ensino universitário. Iria construir ali uma cidade universitária. Essa expressão ‘cidade universitária’ que dei ao empreendimento não tinha para mim o mesmo sentido que a palavra tem em Paris, ‘Cite Universitaire’, que é, apenas, o lugar onde os estudantes habitam. Esta seria a residência dos estudantes e, também e principalmente, o conjunto das faculdades, a Reitoria, as Faculdades com Institutos anexos e tudo o mais que constitui aquilo que nos Estados Unidos e na Inglaterra, se chama de ‘Campus’. Quer dizer, toda a cidade que constitui o bloco inteiro da Universidade. Eu queria fazer, então, num terreno que encontrasse no Rio de Janeiro, uma Cidade Universitária de primeira ordem”.<sup>4</sup>*

<sup>1</sup> Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954.

<sup>2</sup> CAPANEMA, Gustavo. *Depoimento*. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985. p. 29.

<sup>3</sup> A partir de 1967, passa a ser Universidade Federal do Rio de Janeiro. (CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999).

<sup>4</sup> CAPANEMA, Gustavo. *Depoimento*. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985. p. 29.

Ainda que o edifício do Ministério tenha se consolidado como a mais importante realização arquitetônica do período Capanema, constituindo “*uma referência da arquitetura moderna mundial*”<sup>5</sup>, o ministro atribuía o protagonismo de seus esforços à Cidade Universitária, que seria símbolo de seu Ministério, com foco na educação.

“*O edifício do Ministério eu considerava secundário. O principal para mim era a Cidade Universitária, que estava atacando com mais vigor, entusiasmo e interesse. Como Ministro da Educação, sonhava com a fundação da Universidade Nova, da Cidade Universitária que seria padrão para o mundo [...].*”<sup>6</sup>

O projeto para o campus da Universidade do Brasil na cidade do Rio de Janeiro é demandado durante o governo presidencial de Getúlio Vargas, em 1936, em um contexto de criação de diversas universidades federais no país, que se concretizam a partir da década de 30. Nesta época Capanema nomeia uma Comissão de Organização do Plano da Universidade.

O programa da cidade universitária seria composto por: “*Reitoria, Faculdade de Direito, Faculdade de Filosofia, de Medicina, de Arquitetura, Institutos, residências, enfim, todo o conjunto [...].*”<sup>7</sup> As tratativas para a escolha do terreno são iniciadas em 1935, e contam com a ajuda de Marcelo Piacentini, chamado por Capanema a prestar consultoria sobre a localização da Cidade Universitária. Nesta época Piacentini estava concluindo a construção da Cidade Universitária de Roma.<sup>8</sup> O arquiteto permanece no Rio de Janeiro entre 13 e 24 de agosto de 1935 e aponta como terrenos preferenciais para implantação do campus a Praia Vermelha e a Quinta da Boa Vista.<sup>9</sup>

Lúcio Costa estava à frente das comissões de arquitetos para a construção do Ministério e da Cidade Universitária. Aconselhado por esta comissão<sup>10</sup>, Capanema contata Le Corbusier para prestar consultoria nos projetos. Le Corbusier chega ao Brasil em 13 de julho de 1936 e em 10 de agosto do mesmo ano apresenta os documentos do seu projeto para a cidade universitária. O primeiro anteprojeto para a Quinta da Boa Vista é elaborado por Le Corbusier, e o segundo por uma equipe liderada por Lúcio Costa. A

<sup>5</sup> SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962*. In: Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, nº7 (Moderno: claro e labiríntico), 1999.

<sup>6</sup> CAPANEMA, Gustavo. *Depoimento*. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985. p. 30.

<sup>7</sup> CAPANEMA, Gustavo. *Depoimento*. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985. p. 31. Grifo da autora.

<sup>8</sup> CAPANEMA, Gustavo. *Depoimento*. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985.

<sup>9</sup> Este apontamento se da diante de quatro opções estudadas preliminarmente: Praia Vermelha, Leblon, Gávea e Quinta da Boa Vista. A comissão de professores opta pela Quinta da Boa Vista. (TRAVASSOS, Renato. *Cidade Universitária da Universidade do Brasil*. Departamento Administrativo do Serviço Público, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1960).

<sup>10</sup> Lúcio Costa, Affonso Reidy, Ernani Vasconcelos, Carlos Leão, Jorge Moreira e Oscar Niemeyer. (CAPANEMA, Gustavo. *Depoimento*. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985).

rejeição ao projeto de Le Corbusier por parte das autoridades encaminhou à elaboração do plano de Lúcio Costa, também recusado.<sup>11</sup>

Piacentini também elabora projeto para a área da Quinta da Boa Vista, constituindo a terceira proposta. Na ocasião de sua primeira vinda ao Brasil firma-se acordo segundo o qual o arquiteto seria consultado para o projeto da Cidade Universitária.<sup>12</sup> Para o desenvolvimento do plano, entre 1937-1938, Piacentini envia seu colaborador Vittorio Morpurgo ao Brasil. O projeto é aprovado pela mesma comissão que não aceitou os projetos anteriores de Le Corbusier e Lúcio Costa, fato contraditório, segundo Comas:

*“O mesmo tipo de críticas feitas à proposta corbusiana seriam pertinentes no exame da proposta italiana: problemas de orientação, de morfologia das unidades [...], de trama viária exagerada e perdulária, de escala megalomaniaca de parcelamento resultando em distâncias inóspitas, de intrusão mutiladora da Quinta [...]”*<sup>13</sup>

O projeto aprovado de Piacentini e Morpurgo propunha uma linguagem classicista abstrata, seguindo o padrão de composição adotado para a Universidade de Roma, com o qual a Comissão de Professores apresentava maior sintonia<sup>14</sup>.

Capanema, entretanto, estivera alinhado com a produção de uma nova arquitetura, representativa da renovação educacional almejada. Oportunizou a realização de projetos paradigmáticos da tradição moderna no Brasil, através do impulso dado à participação de arquitetos modernos nas realizações de seu Ministério. Neste sentido, empenhava-se para a construção de uma Cidade Universitária como um símbolo moderno do país:

*“A minha resolução era sempre no sentido de prestigiar a arquitetura nova. Eu não faria uma Cidade Universitária a não ser como grande monumento da arte moderna. Era mais ou menos o mesmo tipo de Brasília.”*<sup>15</sup>

Posteriormente, descarta-se também a área da Quinta da Boa Vista, que segundo Capanema apresentava dificuldades como, entre outras, a presença da via férrea no

<sup>11</sup> GOROVITZ, Matheus. *Os Riscos do Projeto: Contribuição à Análise do Juízo Estético na Arquitetura*. São Paulo: Studio Nobel; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

<sup>12</sup> ALICE, Edson Zanckin. *Cidade Universitária da Ilha do Fundão: Seus planos, seus edifícios*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado).

<sup>13</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint-Denis, 2002. Tese (Doutorado). p. 124.

<sup>14</sup> SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962*. In: Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, nº7 (Moderno: claro e labiríntico), 1999.

<sup>15</sup> CAPANEMA, Gustavo. *Depoimento*. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985. p. 31.

interior da área e de ordem econômica, na remoção de ocupações preestabelecidas. Novos sítios são estudados a partir de 1939<sup>16</sup> e, em 1945 é iniciado o planejamento do campus para a definitiva área da Ilha do Fundão, momento em que Capanema ainda era Ministro da Educação e Saúde Pública.

---

<sup>16</sup> Sítios cogitados ao longo do processo de escolha: Quinta da Boa Vista, que recebeu os projetos iniciais, sítios mais centrais, porém com áreas sensivelmente reduzidas (Praia Vermelha, Castelo e Niterói), e alguns sítios amplos, porém bastante afastados do centro da cidade (Marechal Hermes, Ilha do Governador, Vila Valqueire-Jacarepagua) e a ilha do Fundão, onde foi concretizado o campus. Antes da definição pela Ilha do Fundão, a Vila Valqueire fora considerada o local ideal. Optou-se pela ilha, entre outros fatores, por ser de propriedade do Estado. No contexto da exploração de possibilidades de locação, Lúcio Costa elabora em setembro de 1936 um plano ousado, implantando a cidade universitária sobre a Lagoa Rodrigo de Freitas, em ocupação do tipo palafita. Este projeto foi rejeitado, sob o argumento de dificuldades técnicas e alto custo para execução. (Escritório Técnico da Universidade do Brasil. *Ilha Universitária*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1954).

### 3.1.1. Primeira proposta (1936)

#### Le Corbusier

O plano de Le Corbusier é configurado como um conjunto de edificações agrupadas em núcleos por compatibilidade programática, e organizadas no terreno segundo dois eixos, NE-SO e NO-SE. O primeiro eixo relaciona-se ao acesso, à plataforma da autoestrada - acima da ferrovia existente -, em interface com a qual são estabelecidos os núcleos de Direito, Serviços Comuns - no centro do qual é posicionada a Aula Magna - e de Literatura, Filosofia e Letras. O segundo corresponde a um eixo virtual, configurado pela posição alinhada das principais edificações do conjunto:

*“O outro, NO-SE, corresponde à linha média do vale e se apresenta como o eixo das edificações emblemáticas do empreendimento: a Aula Magna e o Museu do Conhecimento e o Hospital.”<sup>17</sup>*

O plano não chega ao desenvolvimento do projeto das edificações, mas demonstra a aplicação de tipologias edilícias constituintes do repertório corbusiano, em grande parte utilizadas em projetos anteriores. Na Aula Magna reconhece-se o auditório para o Palácio dos Soviets, de 1931, e o Museu do Conhecimento, isolado no centro do terreno e vizinho à esplanada de palmeiras, tem como referência o Museu de Crescimento Ilimitado para a Arte Contemporânea, também de 1931.<sup>18</sup>

Enquanto algumas edificações configuram-se como volumes autônomos, especialmente as que representam os serviços comuns da universidade, outras se apresentam articuladas, configurando uma mesma estrutura.

*“Destacam-se como volumes independentes: a Biblioteca, a Reitoria, o Museu do Conhecimento e a Aula Magna. As faculdades, o Centro Desportivo e os alojamentos constituem conjuntos de pavilhões articulados e reunidos por critério de afinidade programática decidida pelo próprio arquiteto: Medicina (M), Literatura, Filosofia, Ciências (LPS), Direito, Ciências Sociais (D), Artes, Arquitetura, Engenharia (AAI).”<sup>19</sup>*

<sup>17</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado). p. 112.

<sup>18</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado).

<sup>19</sup> GOROVITZ, Matheus. *Os Riscos do Projeto: Contribuição à Análise do Juízo Estético na Arquitetura*. São Paulo: Studio Nobel; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. pp. 33-34.





**Fig. 1:** Plano Le Corbusier, implantação.  
Em azul a posição dos alojamentos e clubes.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1934-1938*. p. 45.  
(Colorido sobre publicação).



**Fig. 2:** Plano Le Corbusier, planta baixa.  
Em azul a posição dos alojamentos e clubes.

Fonte: CORBUSIER(1995), *Oeuvre Complete 1934-1938*. p. 44.  
(Colorido sobre publicação).

A partir do conjunto de serviços comuns, no centro do terreno, são traçados caminhos pedestres radiais e uma trama ortogonal viária é sobreposta ao sítio. A elevação destas vias propicia caminhos pedestres cobertos ao nível do solo. Com implantação em parcelas delimitadas pela trama quadriculada estão os quatro conjuntos de faculdades, o setor residencial, o setor esportivo e o núcleo de serviços comuns da universidade, constituindo sete setores, entre os quais eram reservadas extensas áreas verdes, reforçando a autonomia das distintas partes do plano.<sup>20</sup>

Junto ao limite noroeste do terreno de 108 hectares é estabelecido o conjunto da saúde, composto por hospital de mil leitos, maternidade, bloco para alienados, e as diversas faculdades desta área de conhecimento. Uma edificação contínua com quinhentos metros de extensão<sup>21</sup>, de organização em pente – uma barra alongada com alas perpendiculares de menor comprimento a ela anexadas - abriga as faculdades. No centro desta edificação é justaposta uma placa verticalizada de 15 andares<sup>22</sup>, correspondente ao hospital, que ratifica o eixo central geométrico/virtual proposto para o campus. Duas edificações do tipo *redent* flanqueiam o conjunto principal em pente, e correspondem à maternidade e ao bloco de alienados.

No extremo oposto, a sudeste, localizam-se os setores de Arquitetura, Artes e Engenharia (AAI) e Esportivo (S). O setor esportivo é composto pelo estádio e por uma edificação de planta trapezoidal destinada à cultura física. Para as faculdades são propostas cinco barras de cinco pavimentos, paralelas segundo o eixo NO-SE e distantes 100m entre si<sup>23</sup>. São em parte conectadas por uma base contínua de menor altura.

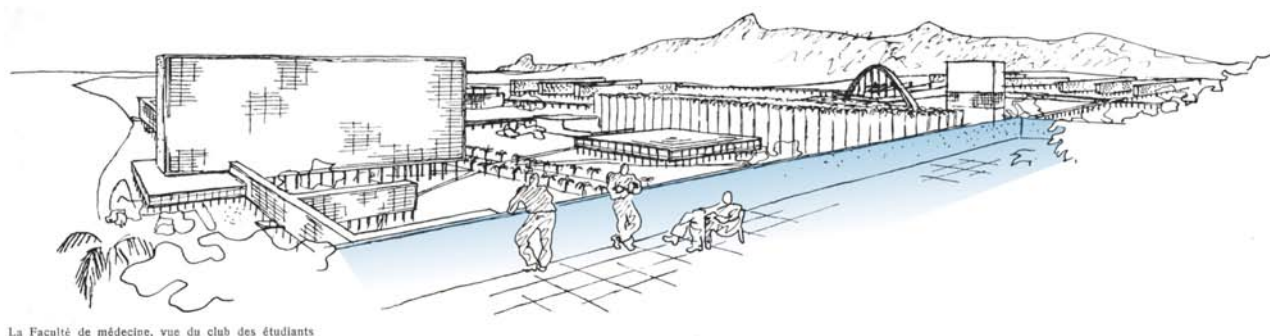
---

<sup>20</sup> GOROVITZ, Matheus. *Os Riscos do Projeto: Contribuição à Análise do Juízo Estético na Arquitetura*. São Paulo: Studio Nobel; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, Rogério de Castro. *As Modernidades Eletivas de Le Corbusier e Lúcio Costa: Rio de Janeiro, 1936*. In: *Arqtexto 2*. Porto Alegre: PROPAR, 2002.

<sup>22</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado). p. 112.

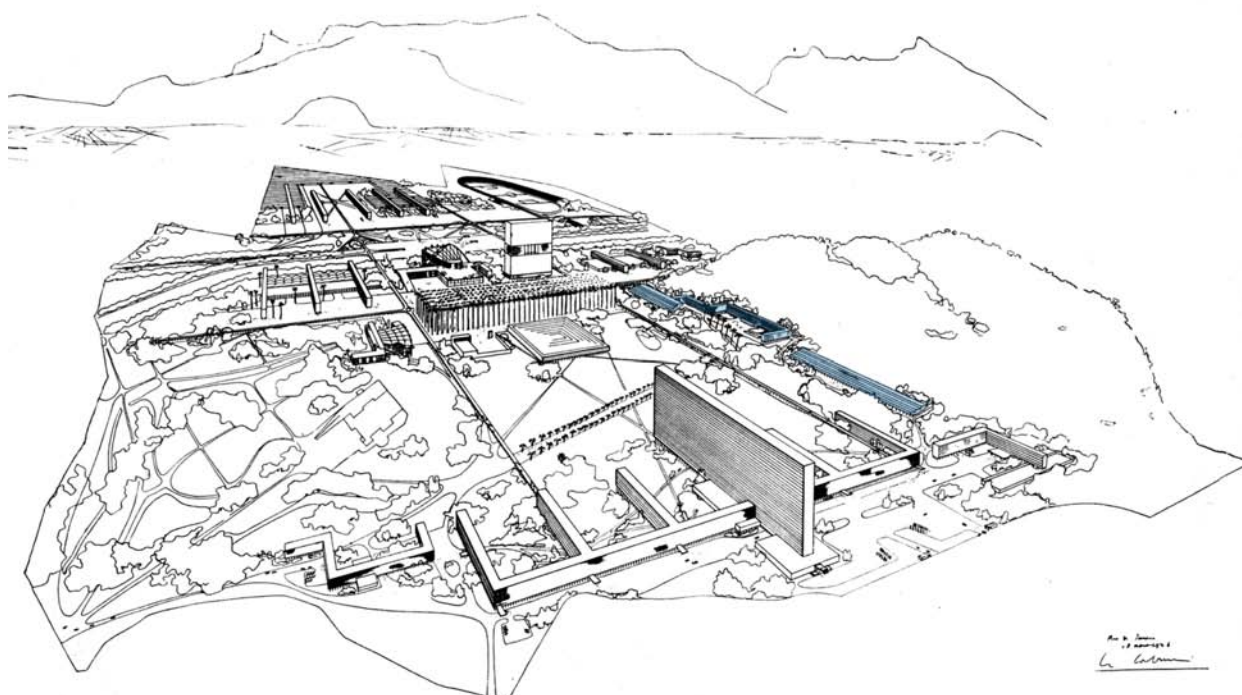
<sup>23</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo moderno: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado).



La Faculté de médecine, vue du club des étudiants

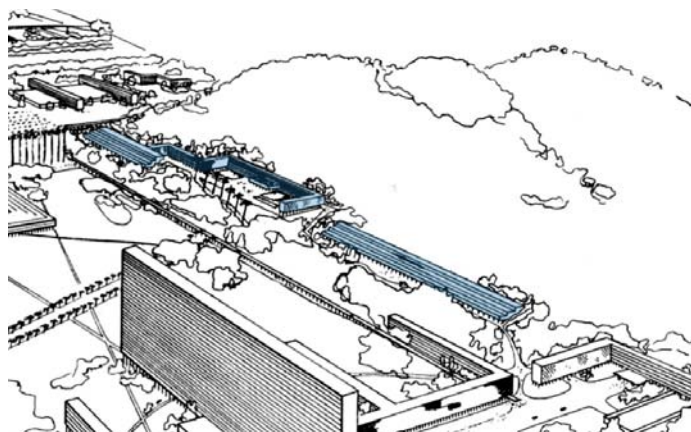
**Fig. 3:** Plano Le Corbusier, “A Faculdade de Medicina, vista do clube de estudantes”.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1934-1938*. p. 42.  
(Colorido sobre publicação).



**Fig. 4:** Plano Le Corbusier, perspectiva.  
Em azul a posição dos alojamentos e clubes.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1934-1938*. p. 43.  
(Colorido sobre publicação).



**Fig. 5:** Plano Le Corbusier, perspectiva setor de residências e clubes.

Fonte: CORBUSIER (1995), *Oeuvre Complete 1934-1938*. p. 43.  
(Colorido sobre publicação e recorte da autora).



## O núcleo residencial

A sudoeste, junto à área de colina lateral ao setor da saúde, implanta-se o núcleo residencial:

*“Na encosta [...] habitações para professores e estudantes, com seus respectivos clubes, adaptam-se a topografia acidentada adotando a forma de redent, de onde terraços privilegiados descortinam a Cidade Universitária.”<sup>24</sup>*

Nos desenhos publicados na Oeuvre Complete 1934-1938<sup>25</sup>, as plantas e as perspectivas do projeto propõem volumetrias distintas para o conjunto residencial, explicitando o caráter de exploração das possibilidades de aplicação do repertório do arquiteto.

As plantas – situação e térreo - apresentam duas edificações em *redent*, acomodadas na base da colina, em uma implantação que acompanha a curva do terreno. A edificação mais próxima do setor da saúde corresponde à área de professores, e a estrutura que se aproxima das edificações comuns da universidade, a sudeste, abrigaria a área de estudantes, com clube. A planta térrea de ambas sugere a ocupação de parte do térreo, reservados trechos abertos em pilotis para integração visual e articulação com as circulações propostas no plano do solo, vias pedestres locais – entre as edificações *redent* - e as radiais que partem do centro do terreno.

As perspectivas, uma delas com a assinatura de Le Corbusier e datada de 1936, mantém uma das edificações com configuração em *redent*, mas sugere uma organização volumétrica bastante distinta para a segunda. Uma edificação alongada, de implantação retangular, organizada verticalmente através de um escalonamento em três níveis constituindo, ao longo da fachada longitudinal nordeste, terraços contínuos que parecem corresponder ao representado na perspectiva que visualiza o conjunto do campus, a partir do clube de estudantes.

Se de fato o terraço representado na perspectiva corresponde ao clube de estudantes, como explicitado na publicação, ele tem sua posição alterada em relação às plantas, ocupando o que nelas seria a área de professores. Nesta hipótese, conseqüentemente, toda a distribuição do programa de clubes e residências nas edificações estaria modificada.

---

<sup>24</sup> OLIVEIRA, Rogério de Castro. *As Modernidades Eletivas de Le Corbusier e Lúcio Costa: Rio de Janeiro, 1936*. In: Arqtexto 2. Porto Alegre: PROPAR, 2002. p. 157.

<sup>25</sup> CORBUSIER, Le. *Oeuvre Complete 1934-1938*. Zurich: Les Editions d'Architecture, 1939. pp. 42-45.

Estas constatações demonstram que não há definição na configuração das edificações ou mesmo no programa que seria atribuído a cada uma delas<sup>26</sup> e sim uma proposição de locação -na encosta da colina- e a aplicação de algumas fórmulas tipológicas corbusianas. Constata-se que ao conjunto de clubes e residências é atribuído papel de contemplação em relação ao campus. A partir dos terraços, mencionados anteriormente por Oliveira<sup>27</sup> e ilustrados pela perspectiva desde o clube de estudantes publicada na *Obra Completa*, seria possível visualizar a totalidade da Cidade Universitária.<sup>28</sup>

A estratégia de criar pontos elevados, permitindo a visualização de conjunto é recorrência nas representações corbusianas, presente na Cidade Universitária através das vias elevadas e dos terraços<sup>29</sup> que no projeto parecem desempenhar, para além dos programas de habitação e clube, o papel principal de mirante do campus.

Por fim, a Comissão de Professores não aprova o projeto de Le Corbusier, criticando o excesso da plataforma e dos viadutos, os pilotis, a morfologia dos setores, o agrupamento e configuração das edificações, a generalização do ar condicionado, alegando a incompatibilidade entre a proposta e a realidade técnica e econômica para a construção da Cidade Universitária. O projeto posterior, de Lúcio Costa, reconhece as críticas feitas à proposta corbusiana e, em muitos aspectos, estabelece uma contraposição.

---

<sup>26</sup> No nível exploratório que caracteriza o conjunto de desenhos publicados, há contradição entre as plantas e as perspectivas. Por exemplo: nas plantas o clube é posicionado no centro do conjunto em redent; nas perspectivas aparece em outra volumetria e próximo ao setor de saúde, com vista privilegiada da grande placa do hospital.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, Rogério de Castro. *As Modernidades Eletivas de Le Corbusier e Lúcio Costa: Rio de Janeiro, 1936*. In: *Arqtexto 2*. Porto Alegre: PROPAR, 2002.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Rogério de Castro. *As Modernidades Eletivas de Le Corbusier e Lúcio Costa: Rio de Janeiro, 1936*. In: *Arqtexto 2*. Porto Alegre: PROPAR, 2002.

<sup>29</sup> GOROVITZ, Matheus. *Os Riscos do Projeto: Contribuição à Análise do Juízo Estético na Arquitetura*. São Paulo: Studio Nobel; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

### 3.1.2. Segunda proposta (1936)

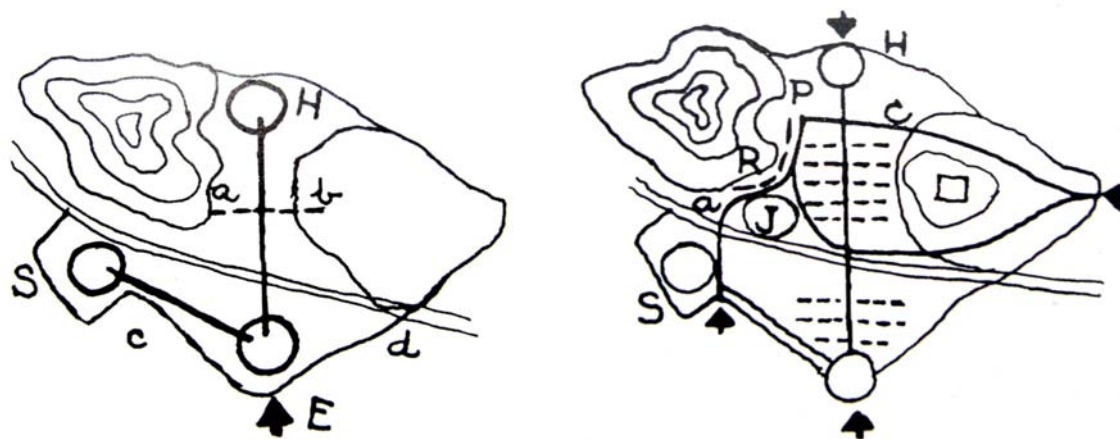
#### Lúcio Costa

A segunda proposta, elaborada por Lúcio Costa, integrava o contexto exposto pelo arquiteto:

*“Tendo sido rejeitada pela comissão de professores a proposição de Le Corbusier, solicitou-me o ministro Capanema novo projeto que ocupasse ao máximo a área plana do terreno.”<sup>30</sup>*

A organização da cidade universitária partia do estabelecimento de um eixo principal no centro do terreno, pontuado em um extremo pelo hospital universitário - situado na mesma posição pré-definida do projeto corbusiano, a noroeste entre o Morro dos Telégrafos e a Quinta da Boa Vista - e no outro extremo pelo acesso principal proposto por Lúcio Costa. Junto ao pórtico de acesso, que define e hierarquiza espacialmente a área de ingresso, são posicionadas as edificações comuns da universidade, como Reitoria, Biblioteca e Auditório. Um eixo diagonal a partir da entrada encaminha ao setor esportivo (S), em posição previamente definida, também análoga ao projeto de Le Corbusier, e ao setor de música vizinho à área de esportes.

*“Teremos, pois, da entrada (E) um eixo principal (E-H) que alimentará naturalmente as escolas no seu percurso até o hospital, fecho da composição, e um braço secundário (E-S) conduzindo ao setor esportivo, também previamente localizado, o que forma uma composição em L [...]”<sup>31</sup>*

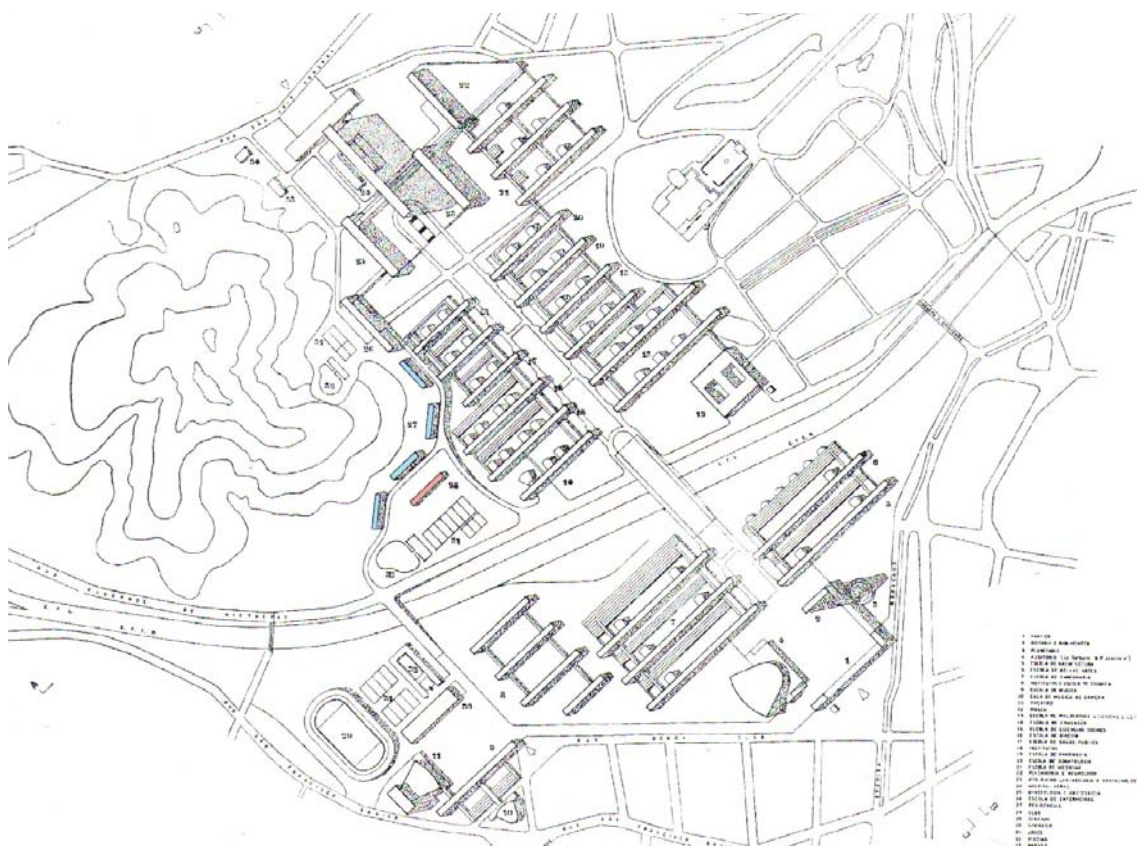


**Figs. 6 e 7:** Lúcio Costa, zoneamento e eixos.  
E. Entrada, Hospital, S. Esportes, R. Residências, J. Jogos.

Fonte: COSTA (1995), p. 175.

<sup>30</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 173.

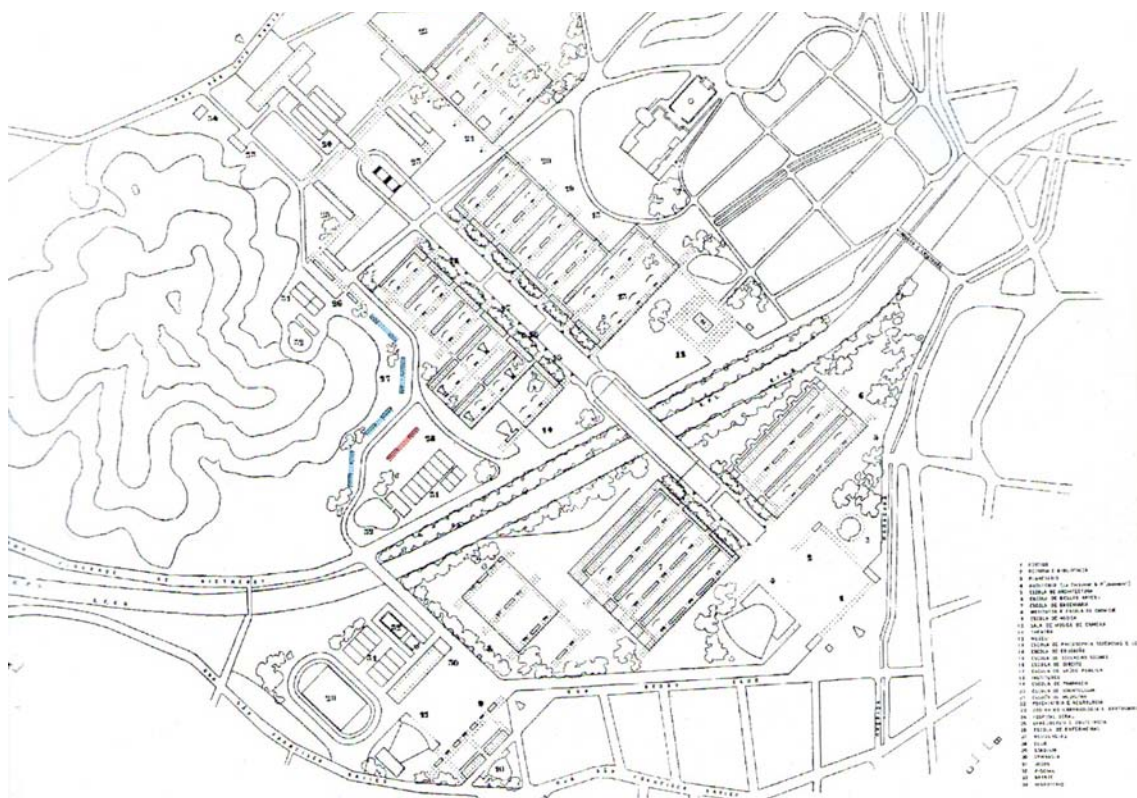
<sup>31</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 175.



**Fig. 8:** Lúcio Costa, implantação.

Em azul as barras residenciais, em vermelho o Clube Universitário.

Fonte: COSTA (1995), p. 188.  
(Colorido sobre publicação).

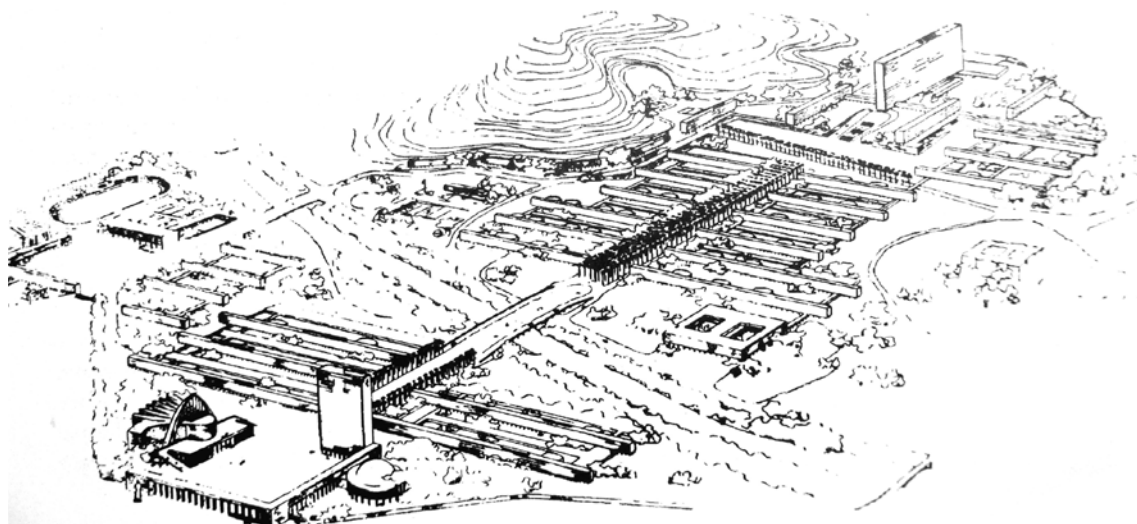


**Fig. 9:** Lúcio Costa, planta baixa.

Em azul as barras residenciais, em vermelho o Clube Universitário. Grifo da autora.

Fonte: COSTA (1995), p. 189.  
(Colorido sobre publicação).





**Fig. 10:** Lúcio Costa, perspectiva de conjunto.

Fonte: COSTA (1995), p. 172.

Entre as duas extremidades da composição, entrada (E) e hospital (H), no centro plano do terreno, posiciona-se o conjunto de escolas. A composição da cidade universitária de Lúcio Costa toma como fator básico do planejamento a padronização das escolas, cujos programas e demandas físicas apresentavam muitas semelhanças. O padrão das escolas é composto por edificações articuladas entre si. Barras estreitas e alongadas de quatro pavimentos com térreo parcialmente em pilotis abrigam funções administrativas. Volumes de três pavimentos conjugados à barra comportam os salões para aula teórica, e edificações alongadas de um pavimento, descoladas da barra, comportam serviços gerais.

*“A unidade escola se esquematiza assim como duas barras paralelas de altura desigual, que se estendem encerrando uma área aberta pontuada pelos auditórios, um embrião de pátio privado.”<sup>32</sup>*

Cada núcleo composto pelos três diferentes volumes e seus pátios é fisicamente delimitado, compondo unidades finitas, repetidas de maneira homogênea para conformar o conjunto de escolas, posicionado por um lado entre a Praça Magna e a via férrea, e por outro entre a via férrea e o hospital.

<sup>32</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45.* Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado). p. 114.

## O setor residencial

Em curto trecho do memorial descritivo do plano menciona-se a zona residencial:

*“[...] descendo com uma estrada (a) aos poucos pela encosta do morro até o setor de música e esporte, ter-se-á, desenvolvida naturalmente ao longo da mesma e esplendidamente situada, a **zona residencial** (R), toda também orientada para o nascente e formando conjunto com clubes e campos de recreio (J) [...]. Outro braço (b) faria a ligação direta com o eixo principal da composição.”<sup>33</sup>*

No projeto de Lúcio Costa, o conjunto residencial aparece sob forma de quatro barras, em implantação que segue o traçado curvo na base da colina: “Os edifícios residenciais se desenvolvem aos pés do morro ao longo duma poligonal que arranca como prolongamento da barra de Enfermagem.”<sup>34</sup> A barra da Escola de Enfermaria é orientada a leste oeste, e aparece nos desenhos com forma semelhante à adotada nas residências, porém mais alongada. Sua posição é justificada pela proximidade com o hospital, e também pelo programa que deveria comportar, sendo ao mesmo tempo escola e residência.

No extremo do conjunto de edificações residenciais, é posicionado um centro de lazer - com clube, piscina e área de jogos – junto à linha férrea. Uma via que acompanha as barras residenciais cruza a linha férrea, se prolongando até a zona esportiva.

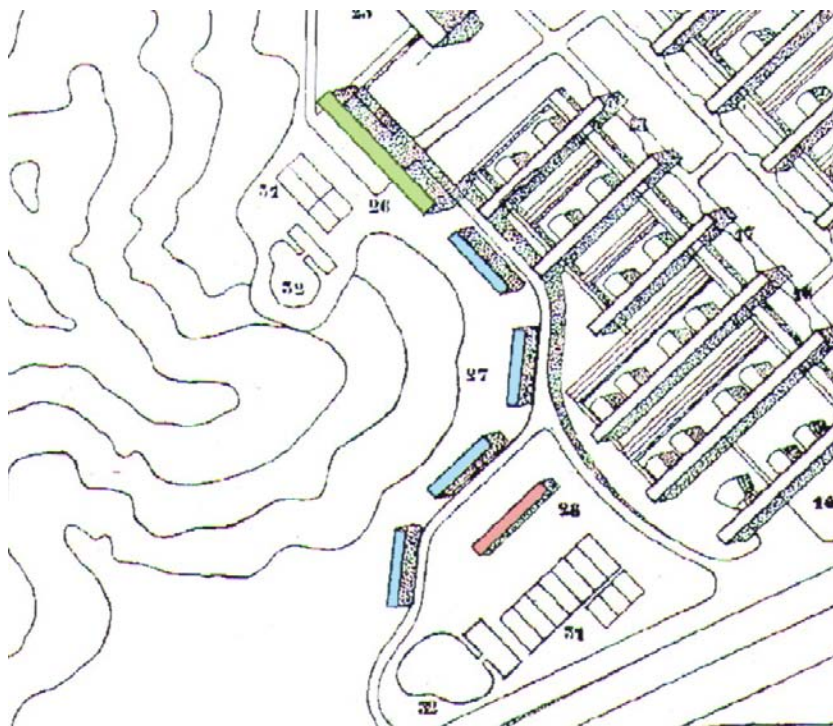
O térreo das edificações para habitação, incluindo a barra da enfermagem, é parcialmente liberado, em pilotis, ocupado em alguns trechos por volumes soltos do perímetro retangular da planta.

As residências não foram desenvolvidas em nível de projeto, aparecendo apenas como uma proposição de forma e local de implantação das edificações no plano de 1936. O clube de estudantes, entretanto, teve projeto desenvolvido por Oscar Niemeyer.

---

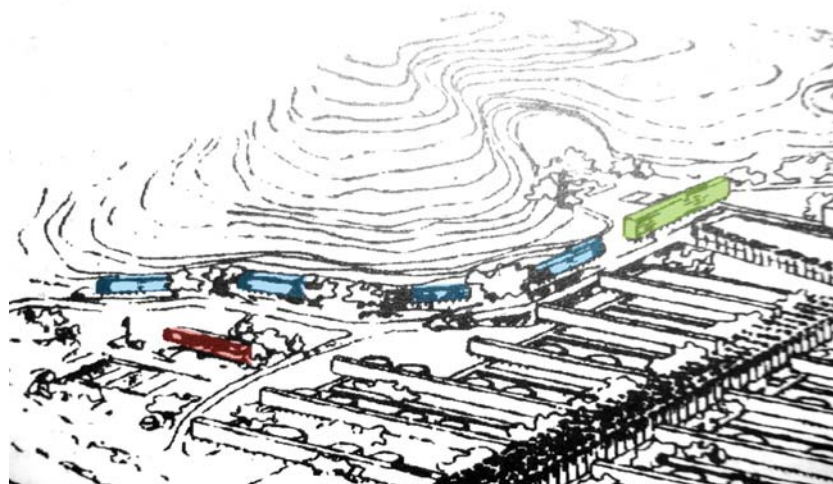
<sup>33</sup> COSTA, Lúcio. *Sobre Arquitetura*. Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura. Porto Alegre, 1962. Grifo da autora.

<sup>34</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado). p. 115.



**Fig. 11:** Lúcio Costa, implantação área residencial.  
Em azul as barras residenciais, em vermelho o Clube Universitário, em verde a Escola de Enfermagem.

Fonte: COSTA (1995), p. 188.  
(Colorido sobre publicação e recorte da autora).



**Fig. 12:** Lúcio Costa, perspectiva área residencial.  
Em azul as barras residenciais, em vermelho o Clube Universitário, em verde a Escola de Enfermagem.

Fonte: COSTA (1995), p. 172.  
(Colorido sobre publicação e recorte da autora).

### O clube de estudantes

O Clube Universitário desenvolvido por Niemeyer, citado como marco inicial na carreira do arquiteto<sup>35</sup>, é o projeto com maior aprofundamento da área residencial. É configurado por uma barra alongada de três pavimentos, orientada a sudeste-noroeste. A cada pavimento são propostas organizações distintas, através de variações de projeções e recuos das lajes e planos das fachadas, ora posicionados em frente à linha de pilares, ora atrás. *“A composição combina efeitos de escavação e efeitos de expansão, de serialidade e simetria, de simetria frontal e simetria diagonal.”*<sup>36</sup>

O primeiro pavimento é composto a um lado por uma plataforma delimitada por talude, a qual se tem acesso a partir de escadaria lateral. A esta plataforma justapõe-se uma barra de dois pavimentos, sobre pilotis. Sobre a plataforma e sob a barra, uma escada independente permite o acesso ao segundo pavimento. Na área em pilotis, no extremo oposto à plataforma, define-se uma planta retangular, onde se encontra um núcleo de circulação vertical, que também encaminha ao segundo pavimento.

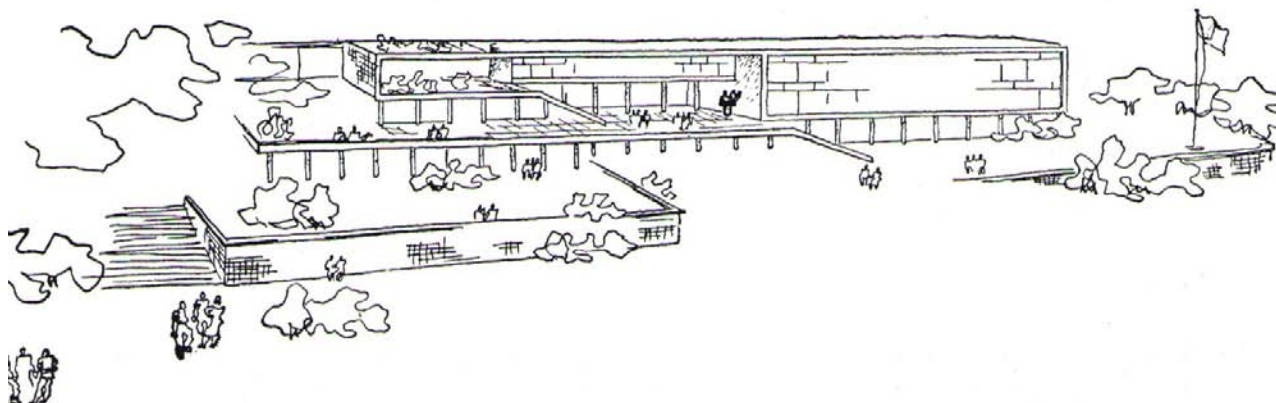
O segundo pavimento é em parte fechado por superfícies translúcidas, e também permeado por áreas abertas. A planta deste nível possui diversos recortes: subtrações onde são acomodadas escadas, adições que possibilitam espaços de uso, balanços mais amplos junto aos terraços e pequenos junto aos salões fechados, suficientes para demonstrar a independência entre estrutura e vedação. Junto com um recorte no centro da planta, conformando uma espécie de foyer aberto, são suprimidas sequencias de pilares que provem do pavimento inferior.

O terceiro pavimento abriga um salão, definido por superfície envidraçada na dimensão longitudinal, acompanhado de área aberta. Neste nível mantém-se apenas a linha de pilares junto ao plano translúcido que define o salão. Os demais pilares são suprimidos no terraço, configurando um espaço totalmente livre.

---

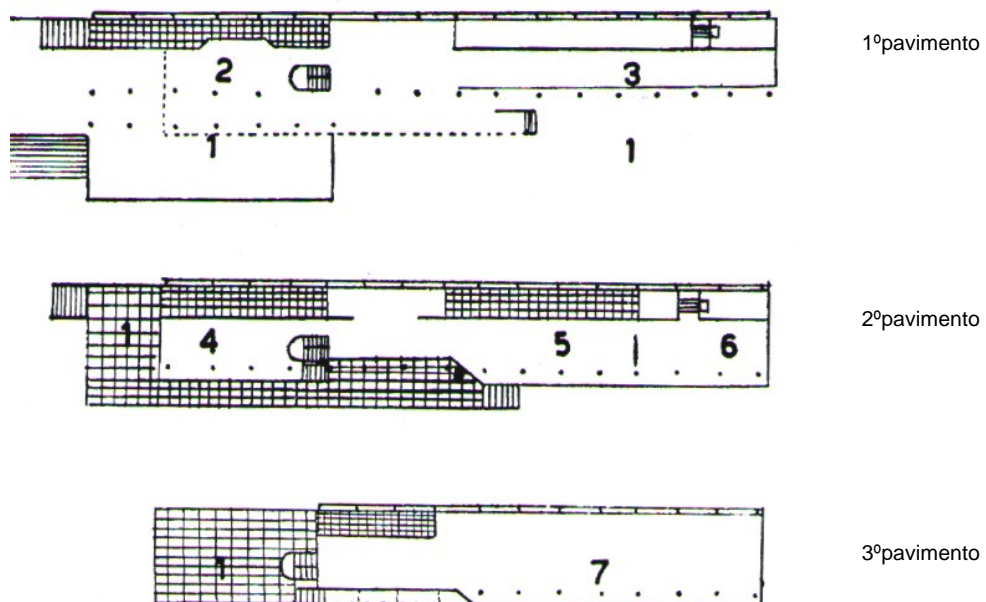
<sup>35</sup> COSTA, Lúcio. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995. p. 187.

<sup>36</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado). p. 117.



**Fig. 13:** Oscar Niemeyer, perspectiva Clube Universitário.

Fonte: COSTA (1995), p. 187.



**Fig. 14:** Oscar Niemeyer, plantas baixas Clube Universitário.

Fonte: COSTA (1995), p. 187.

### 3.1.3. Terceira proposta (1937-1938)

#### Marcelo Piacentini e Vitório Morpurgo

A composição proposta por Piacentini e Morpurgo parte da criação de um eixo viário paralelo à via férrea, posicionado entre ela e a edificação da Quinta, partindo da Avenida Presidente Vargas até o pórtico de acesso ao núcleo da Universidade, a Praça da Reitoria.<sup>37</sup>

Toda a composição é organizada segundo eixos visuais e de simetria locais, correspondentes aos agrupamentos de edificações. Funções correlacionadas são concentradas no entorno de praças, compondo setores autônomos, entre os quais são reservadas áreas abertas. A articulação entre os núcleos de edificações acontece através da trama viária, mais ortogonal no centro plano do terreno, e mais sinuosa acompanhando o traçado da área de colina, no Morro do Telégrafo. Aos extremos das vias sempre corresponde um núcleo edificado.

A Praça da Reitoria, no centro do terreno, é composta pelos programas diretivo-culturais da universidade, além dos núcleos das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, Arquitetura e Direito. Trata-se de praça retangular de 225x160m<sup>38</sup>, configurada pelas edificações implantadas no seu entorno, e pela Reitoria no centro. As edificações adotam linguagem classicista, estabelecendo simetrias locais – em cada edificação – e gerais, correspondendo ao conjunto de cada praça em relação aos eixos viários de acesso.

No extremo norte, assim como proposto por Le Corbusier e Lúcio Costa, como orientado pelo Escritório do Plano<sup>39</sup>, é posicionado o núcleo de Ciências Médicas, em situação de relativo isolamento e com acesso independente. Conecta-se à Praça da Reitoria através de um eixo norte-sul. Neste setor, localizam-se as faculdades, escolas e institutos médicos. Destacados deste agrupamento edificado, mais a leste, é implantado o grande edifício do Hospital Universitário, próximo do qual é propõe-se a escola e residência de enfermeiros.

---

<sup>37</sup> TOGNON, Marcos. *Marcello Piacentini, Arquitetura no Brasil*. Programa de Pós-Graduação em História da Arte e da Cultura, Universidade Estadual de Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado).

<sup>38</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado).

<sup>39</sup> O Escritório definiu ainda a posição do setor esportivo, a noroeste do terreno, posição adotada por Le Corbusier e Lúcio Costa. Piacentini posiciona a sul. (COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos: a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado)).

Entre a Praça da Reitoria e o núcleo médico localiza-se o setor de Belas Artes, composto pela Escola Nacional de Belas Artes e por teatro aberto. Outro programa integrante do setor é localizado na edificação da Quinta, a Escola Nacional de Música. Articulando as duas partes do programa há um eixo no sentido leste-oeste, que parte da praça da Escola Nacional de Belas Artes e chega à área ajardinada que compõe o entorno da Quinta.

Os núcleos de engenharia e esportes situam-se a sul, além da via férrea, encarada como uma circulação secundária, transposta por viadutos em continuidade com os eixos viários estabelecidos.<sup>40</sup> A sul o eixo que tem como extremo o Estádio Olímpico transpõe a via férrea em um viaduto que se abre em leque.<sup>41</sup> Um eixo transversal, paralelo à via ferrea conecta os programas esportivos e o núcleo de engenharia.

### Áreas residenciais

O Morro do Telégrafo, a oeste, concentra os programas residenciais, com habitações para o Reitor, para alunos e professores. A residência do Reitor, proposta como um volume de planta retangular, é posicionada na encosta sul da colina, em localização privativa. Na forma de habitações unifamiliares também são propostas as residências para professores, implantadas em sequência, compondo um conjunto de traçado curvo, a noroeste do terreno. Contíguo a este conjunto, no extremo noroeste, são propostas edificações coletivas para habitação de estudantes.

O conjunto residencial dos alunos é composto por três edificações de planta “U”, com dimensões aproximadas 60x40m, e alguns volumes de planta retangular de aproximadamente 40m de comprimento, cuja implantação, definindo vértices, configura as extremidades da praça local. A simetria está presente tanto nas edificações, isoladamente, quanto na composição do conjunto, no entorno da praça.

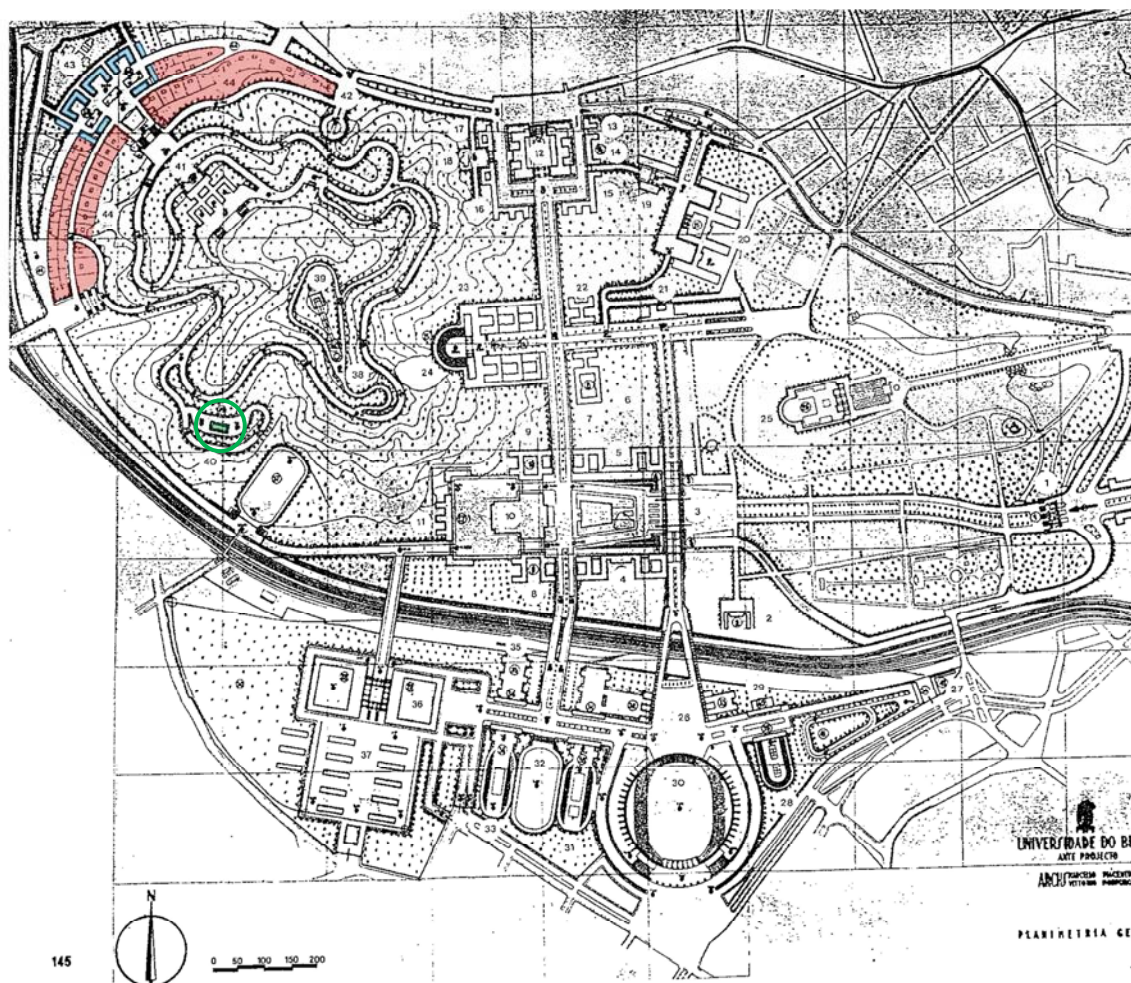
Ainda que o plano dos arquitetos italianos tenha sido aprovado pela comissão de professores ainda em 1938, o projeto não foi executado. Segundo Segawa, “[...] as vicissitudes políticas e o rumo do conflito mundial inviabilizaram a efetivação do projeto sancionado.”<sup>42</sup>

<sup>40</sup> TOGNON, Marcos. *Marcello Piacentini, Arquitetura no Brasil*. Programa de Pós-Graduação em História da Arte e da Cultura, Universidade Estadual de Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado).

<sup>41</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos : a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado).

<sup>42</sup> SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962*. In: Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, nº7 (Moderno: claro e labiríntico), 1999. p. 41.





**Fig. 15:** Plano Piacentini Morpurgo.

Em azul, edifícios para estudantes, em vermelho residências de professores, em verde residência do Reitor.

Fonte: TOGNON (1993), pp. 145-146.  
(Colorido sobre publicação).

## 3.2. A ILHA DO FUNDÃO

### 3.2.1. Definição de sítio e programa

Na década de 40, após inúmeros projetos e estudos para a Cidade Universitária da Universidade do Brasil, Capanema encaminha proposta ao presidente Getúlio Vargas para organizar o processo de consolidação do campus através da constituição de um escritório específico para tratar do desenvolvimento da Cidade Universitária. A partir da proposta, aprovada em 17 de outubro de 1944, é instituído o Escritório Técnico da Universidade do Brasil (ETUB), através do decreto de lei 7217 de dezembro de 1944. Como primeiro diretor do ETUB assume Eng. Luiz Hildebrando de Barros Horta Barbosa. Barbosa foi responsável por, em 1949, convidar Jorge Machado Moreira para coordenar o planejamento físico da Cidade Universitária na Ilha do Fundão.<sup>43</sup>

A escolha do conjunto de ilhas na zona de Manguinhos para o estabelecimento da Cidade Universitária, em 1948<sup>44</sup>, levou em consideração os numerosos entraves políticos, econômicos e sociais<sup>45</sup> que poderiam contrapor uma localização mais central do campus. A decisão também foi fundamentada em aspectos favoráveis à implantação na região de Manguinhos, como a constatação de grande porcentagem da população estudantil habitando a região norte já na década de 40, as condições favoráveis do trânsito, através da convergência de vias existentes e projetadas que garantiriam fácil acesso ao conjunto universitário e a área ampla – 5.596.00m<sup>2</sup><sup>46</sup>. Corroboraram ainda o baixo custo total para recuperação e saneamento da ilha – principalmente em comparação às demais opções de locação - e a circunstância de grande parte das ilhas que passam a compor a grande ilha universitária pertencerem à União ou a municipalidade.

Uma característica comum a grande parte dos campi universitários modernos e criticada na atualidade, é o isolamento a que é submetida a cidade universitária. Aspecto que poderia ser questionado do ponto de vista da mobilidade e da integração com a cidade e com a sociedade era entendido, à época da definição do sítio, como fator positivo, de foco no objetivo acadêmico:

---

<sup>43</sup> ALICE, Edson Zanckin. *Cidade Universitária da Ilha do Fundão: Seus planos, seus edifícios*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado).

<sup>44</sup> CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

<sup>45</sup> Alto custo, sítios com áreas reduzidas e necessárias como reserva para o crescimento da cidade ao longo do tempo, remoções de moradores, etc. Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954.

<sup>46</sup> CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

*“Predominava na filosofia do planejamento da Universidade a ideia central do Campus: um espaço com certo isolamento e resguardo para suas elevadas finalidades, manutenção e cultivo do seu espírito.”<sup>47</sup>*

O conjunto de nove ilhas foi unificado utilizando material de dragagem e recalque de bancos de areia contíguos às ilhas, e também pelo desmonte da colina da ilha do Fundão.<sup>48</sup> O sítio resultante apresentou limites curvilíneos configurando um novo perímetro que agrupou o conjunto de ilhas e conservou correspondência com o contorno original do conjunto. Após os serviços de aterro descrevia-se um sítio majoritariamente plano, a exceção de seis colinas remanescentes, uma delas junto à área residencial, na ex-ilha do Catalão, no extremo norte do campus.

A habitação e suas funções complementares aparecem como componentes fundamentais no programa do campus para a Universidade do Brasil. O planejamento deveria abranger:

*“[...] tôdas [sic] as suas organizações de educação, ensino, cultura, assistência técnica, esportes, administração, **residência e serviços auxiliares**, além de museus, biblioteca central, jardim ou horto florestal, jardim zoológico, biotério, etc.”<sup>49</sup>*

O programa para a cidade universitária dividia-se em dez setores: 1. Administrativo (reitoria, biblioteca e prefeitura); 2. Filosofia, Ciências, Letras e Educação; 3. Ciências Sociais, Políticas e Econômicas; 4. Médico; 5. Engenharia, Químico, Tecnológico, Eletrotécnico e Física nuclear; 6. Arquitetura, Belas Artes e Música; 7. Educação física; 8. Residencial; 9. Serviços auxiliares, 10. Florestal e ecológico.<sup>50</sup>

Previa-se na década de 50, com a definição da localização do campus na Ilha do Fundão, uma população de 25 a 40 mil pessoas, entre alunos, professores, funcionários e pacientes do hospital universitário. A zona residencial possuiria aproximadamente 100 hectares e deveria comportar 10.000 estudantes e 300 famílias de professores.<sup>51</sup> O Setor Residencial e o Setor de Medicina, com área similar, constituíam os mais amplos núcleos de ocupação na cidade universitária. Para vencer a distância entre setores, em um sítio

<sup>47</sup> MELLO JR., (1956) *apud* ALICE, Edson Zanckin. *Cidade Universitária da Ilha do Fundão: Seus planos, seus edifícios*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado). p. 85.

<sup>48</sup> O nome da maior das ilhas anteriores à unificação é a denominação utilizada atualmente para referir à área da cidade universitária. (Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954. p.10).

<sup>49</sup> Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954. p.7. Grifo da autora.

<sup>50</sup> Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954.

<sup>51</sup> Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954.

amplo como a ilha do Fundão, imaginava-se uma rede de transporte por ônibus e estímulo ao trânsito pedestre e ciclístico:

*“[...] a Cidade Universitária deverá dispor de uma rede [sic] de micro-ônibus, visto serem grandes as distâncias [...] como ocorre com a zona residencial que fica a pouco mais de 3 quilômetros da Faculdade de Arquitetura ou da Escola de Música [...].*

*A circunstância de ser a área da Ilha Universitária grandemente plana e de estarem projetadas alamedas amplas e intensamente arborizadas, dotadas de pistas especiais para bicicletas, levará à adoção espontânea, em larga escala, desse [sic] meio de transporte.”<sup>52</sup>*

O terreno possui a dimensão longitudinal orientada a norte-sul, estabelecendo a interface com o continente. O trecho citado acima utiliza como exemplo extremo de percurso a conexão entre duas pontas da ilha universitária. A zona residencial estaria situada a norte, enquanto a Faculdade de Arquitetura localizava-se no extremo sul.

A partir das definições de sítio e programa são elaborados os planos de Jorge Machado Moreira<sup>53</sup> para o desenvolvimento físico da Cidade Universitária na ilha do Fundão. (ETU).

---

<sup>52</sup> Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954. p.9.

<sup>53</sup> Jorge Machado Moreira nasceu em Paris, em 1904. Viveu, durante sua infância e juventude, no Rio Grande do Sul, inicialmente nas cidades de Rio Grande e posteriormente, já no Ginásio, em Porto Alegre. Sua primeira experiência universitária acontece na Escola de Arquitetura de Montevidéu, mas sua formação concretiza-se em 1932 pela Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, para onde havia se mudado em 1927. Moreira realiza uma série de importantes projetos a partir da década de 30. Participou dos principais projetos demandados pelo ministro Gustavo Capanema, o edifício do Ministério de Educação e Saúde Pública, como integrante da equipe de Lúcio Costa e a Cidade Universitária da Universidade do Brasil, entre 1936-1937 como coordenador dos trabalhos, entre 1939-1941 como membro da comissão, e entre 1949-1962 como arquiteto-chefe do Escritório Técnico da Universidade (ETU). (CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999).

### 3.2.2. Planos de Jorge Machado Moreira no Escritório Técnico

Durante o período em que Moreira atua como arquiteto-chefe do ETUB (1949-1962) são desenvolvidos planos de conjunto para o campus, o plano inicial, anteprojeto entre 1949 e a segunda versão, datada de 1956. O projeto elaborado por Jorge Moreira e equipe recebeu Medalha de Ouro na Exposição Internacional de Bruxelas, em 1958.<sup>54</sup>

Os planos são orientados por uma concepção urbana racionalista. O espaço físico é organizado segundo setores agrupados por funções afins – administração, unidades acadêmicas, residências e serviços auxiliares<sup>55</sup> - inseridos nos interstícios da trama viária sobreposta ao parque contínuo. São materializados em edifícios independentes, concebidos como formas geométricas.

O plano de 1949 é estruturado pela trama viária que conjuga trechos ortogonais, principalmente no centro do sítio, com traçados curvilíneos que em determinados momentos acompanham o perímetro da ilha e desviam das colinas remanescentes do processo de unificação das ilhas. As glebas a serem ocupadas por cada setor são definidas pela trama viária. No centro do terreno há uma trama ortogonal, resultante do encontro entre a via principal longitudinal e suas transversais. As bordas orgânicas do sítio são acompanhadas por vias de traçado curvilíneo, caso da via que constitui interface com o continente, do centro de arquitetura e do setor residencial.

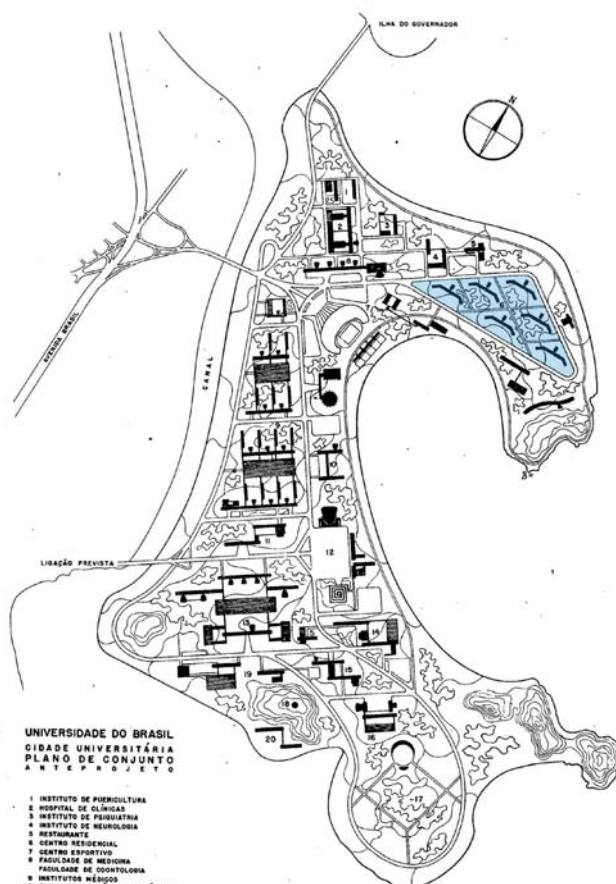
É estabelecido um eixo principal, posicionado no sentido longitudinal do terreno, ao qual se conectam vias de acesso à ilha, no sentido transversal do sítio, a partir da Avenida Brasil. No encontro entre a via principal e o primeiro acesso a sul localiza-se, como ponto focal, o centro diretivo-cultural com a praça cívica. A exceção dos centros médico, esportivo e residencial, a norte, na proximidade dos quais foi estabelecido o segundo acesso, todos os demais setores do programa localizavam-se no entorno do centro diretivo-cultural, cujas edificações remetem ao repertório formal de Le Corbusier.<sup>56</sup>

---

<sup>54</sup> CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

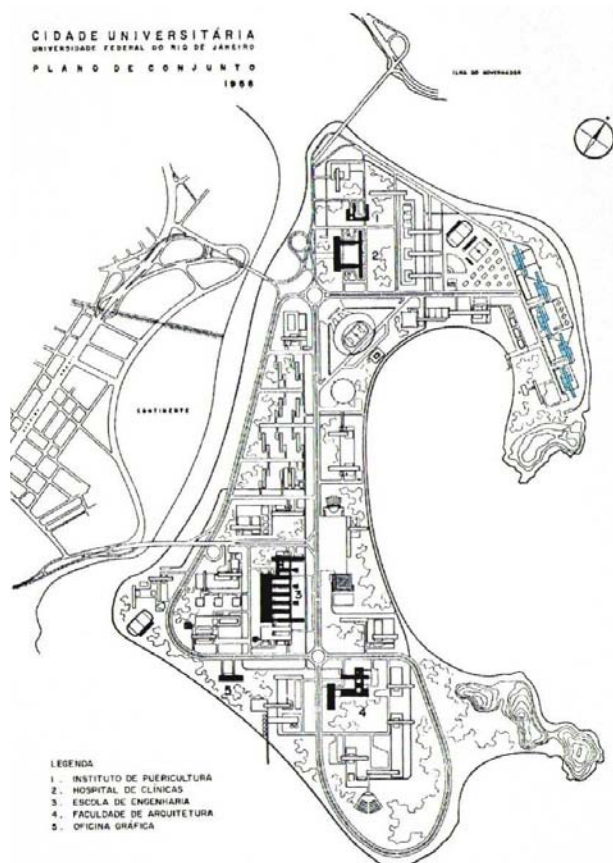
<sup>55</sup> CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

<sup>56</sup> SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962*. In: Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, nº7 (Moderno: claro e labiríntico), 1999.



**Fig. 16:** Plano Jorge Moreira, versão inicial, 1949.  
Em azul, conjunto residencial.

Fonte: Escritório Técnico da Universidade do Brasil (1952), p.19.  
(Colorido sobre publicação).

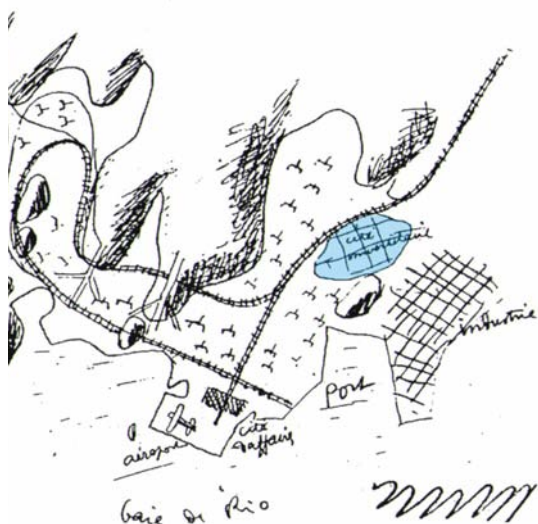


**Fig. 17:** Plano Jorge Moreira, versão posterior, 1956.  
Em azul, conjunto residencial.

Fonte: CZAJKOWSKI (1999), p.130.  
(Colorido sobre publicação).



No plano de 1949 o traçado que contorna o setor residencial, um prolongamento da via ortogonal principal, configura uma área triangular posicionada em uma extremidade da ilha. O terreno triangular é subdividido por vias secundárias, configurando seis áreas menores, em formatos que variam entre losangos e triângulos. No interior de cada uma das seis partes é proposta uma edificação, que utiliza a forma em “Y”, característica do repertório corbusiano e que aparece no esboço do arquiteto para a cidade do Rio de Janeiro, de 1936.



**Fig. 18:** Proposta de Le Corbusier para o Rio de Janeiro, 1936.

Fonte: CORBUSIER (1995).  
(Colorido sobre publicação).

A edificação em “Y” consiste em barra alongada com extremidades anguladas, a qual é anexado o volume de circulação. Todas as edificações são implantadas segundo a mesma orientação solar, com as fachadas longitudinais posicionadas a norte-sul. A área entre os edifícios é tratada como um grande jardim, de paisagismo em linhas curvas. Em contraponto a trama viária principal, fundamentalmente ortogonal, os caminhos secundários são, em todo o terreno do campus, curvilíneos.

A versão posterior do plano tem data de 1956 e insere alterações viárias e tipológicas ao projeto anterior, mantendo o zoneamento proposto inicialmente. Os setores são ajustados e definidos de maneira mais detalhada e há um aprofundamento na configuração das edificações, que assumem uma complexidade maior e apresentam imagem mais concreta, transpondo o esquema tipológico do plano inicial.

Neste momento estavam sendo produzidas e projetadas as principais edificações elaboradas pela equipe de Moreira no ETUB: o Instituto de Puericultura (1949-1953), a Escola Nacional de Engenharia (1956), a Faculdade Nacional de Arquitetura (1957) e o Hospital de Clínicas (1957). O Estádio Universitário (1953) e o Conjunto Residencial para



Estudantes (1954-55) figuram na lista de projetos elaborados à época, porém nunca construídos.

Em relação à trama viária, o plano de 1949 não estabelecia uma hierarquia muito clara entre o eixo longitudinal principal, as vias transversais e as de contorno do terreno. A versão de 1956 define claramente o protagonismo de um conjunto de vias, articuladas com o eixo longitudinal principal. A partir de um anel viário a sudeste o eixo principal tem continuidade com desenho curvilíneo, criando uma espécie de alça que contorna a área da Faculdade de Arquitetura. A noroeste desdobra-se no sentido transversal do terreno, a partir de outro anel viário, este relacionado à segunda ponte de acesso ao campus, mantendo como ponto focal o Estádio Universitário, como proposto no plano anterior.<sup>57</sup> Esta via transversal corresponde ao acesso à área esportiva e residencial, prevista no mesmo extremo do terreno, porém com implantação e edificações diferentes do plano anterior. O setor esportivo aparece no último plano junto do setor residencial.

No plano de 1956 o setor residencial aproxima-se da margem do terreno, em uma ocupação longitudinal. Nesta porção de terreno, um pouco reduzida em relação ao proposto em 1949, são implantadas cinco barras com orientação nordeste-sudoeste. As edificações são paralelas entre si, porém espaçadas lateralmente e recuadas de maneira alternada, criando espaços ajardinados nos interstícios dos blocos. Verifica-se uma alteração tipológica em relação ao plano anterior, a edificação do tipo “Y” é substituída pela barra.

---

<sup>57</sup> A primeira ponte de acesso continua tendo como extremo o centro diretivo cultural e a praça principal.

### 3.2.3. Habitações de estudantes (1954-55)

#### Jorge Moreira e equipe

Em relação ao projeto específico de Jorge Moreira para o setor residencial, a pesquisa teve acesso a alguns desenhos parciais realizados em meados da década de 50, situados entre as versões inicial e posterior do plano publicado<sup>58</sup>. Ainda que não seja possível estabelecer um quadro completo dos estudos realizados, os desenhos acessados permitem visualizar algumas hipóteses aventadas pela equipe do ETUB coordenada por Jorge Moreira, que serviram de fundamento para o projeto construído pelo Escritório Técnico posteriormente, já sem a presença do arquiteto.

O projeto para os alojamentos corresponde a período intermediário entre as versões inicial e posterior do plano geral do campus, e data de 1954-55. Ao mesmo tempo em que a implantação sugerida na perspectiva geral do projeto remete ao terreno triangular do primeiro plano, as tipologias edilícias já estabelecem correspondência com os desenhos do plano de 1956. Neste momento identifica-se que a tipologia em “Y” do plano inicial é descartada, e são adotadas edificações em barra sobre pilotis.

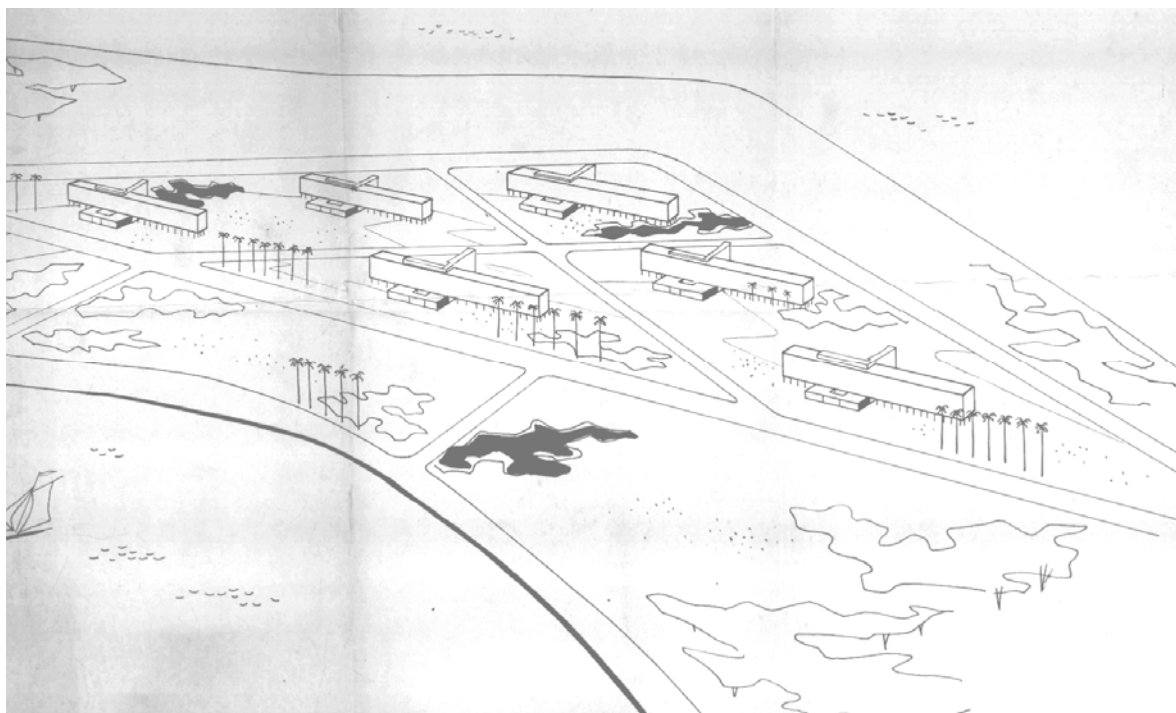
Embora não corresponda exatamente à implantação do setor residencial da versão posterior, as edificações representadas nos documentos a que se obteve acesso parecem constituir parte do processo projetual que resulta no plano de 1956.

O projeto para os alojamentos de alunos<sup>59</sup> entre 1954-55 era composto por barras de 10 pavimentos tipo, elevadas sobre pilotis. A maior parte do térreo, com pé-direito duplo, seria livre permeada por pilares de secção redonda, permitindo o contato visual com a paisagem que se descortina diretamente atrás da edificação. Aproximadamente um terço da área do pavimento térreo seria ocupada por um volume de ingresso e funções especiais, uma base alargada, que estaria projetada para além do perímetro retangular da barra principal de 10 pavimentos. Este volume estaria posicionado de forma excêntrica em relação ao corpo principal, e seria configurado por superfícies translúcidas e trechos opacos, para os quais a representação rústica no desenho da fachada parece sugerir o uso de pedras como matéria-prima.

---

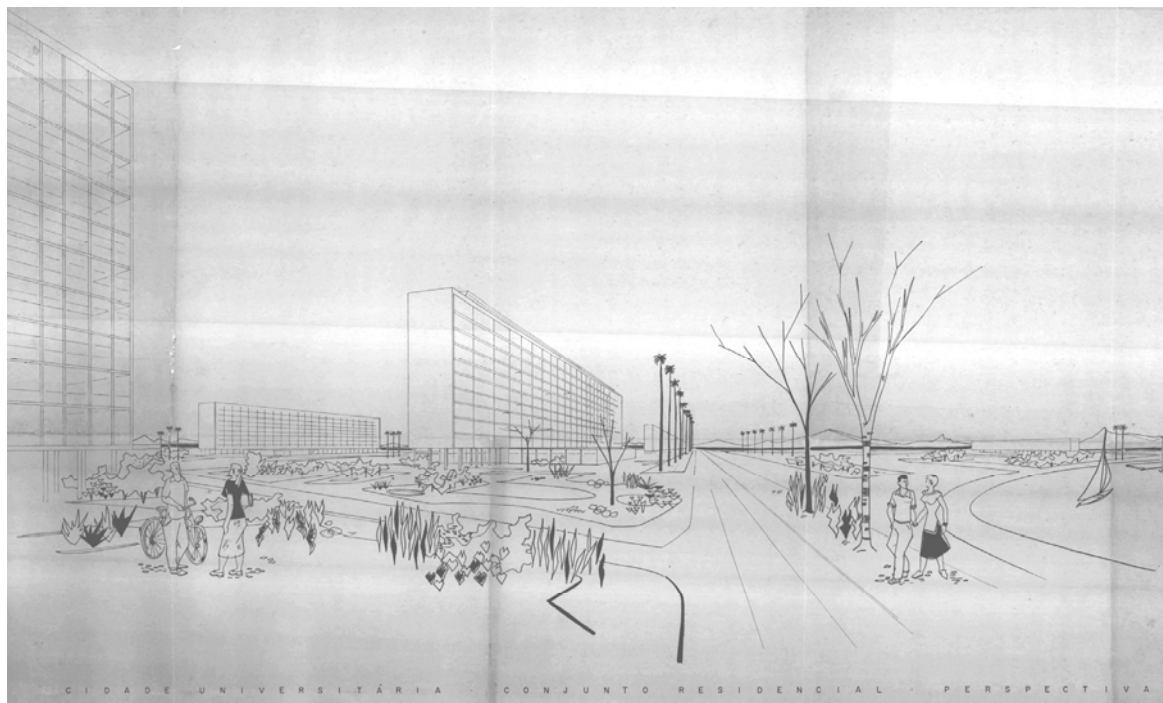
<sup>58</sup> Desenhos de 1954 e 1955, constituintes do Arquivo do Escritório Técnico da Universidade (ETU), consultado em 2011.

<sup>59</sup> Os termos utilizados nas pranchas são: Centro Residencial – Alojamento de Alunos.



**Fig. 19:** Jorge Moreira, vista geral do conjunto residencial (não construído), 1954-55.

Fonte: Arquivo do ETU.



**Fig. 20:** Jorge Moreira, perspectiva do conjunto residencial (não construído), 1954-55.

Fonte: Arquivo do ETU.

No coroamento da edificação haveria outro volume, que em fachada longitudinal, acompanha a mesma largura do volume térreo, e como este, também é configurado por planos translúcidos e opacos. O tratamento volumétrico e de superfícies deste volume da cobertura, mais elaborado do que possivelmente seria para compartimentos técnicos, parece sugerir o terraço como espaço de uso coletivo. Essa hipótese é reforçada pelo esboço de vegetação na cobertura. A vista geral sugere ainda que o volume da cobertura estivesse relacionado com um quarto prisma – possivelmente de circulação vertical - perpendicular à barra principal, posicionado na fachada longitudinal de fundos, e que no térreo estaria conectado ao volume de ingresso.

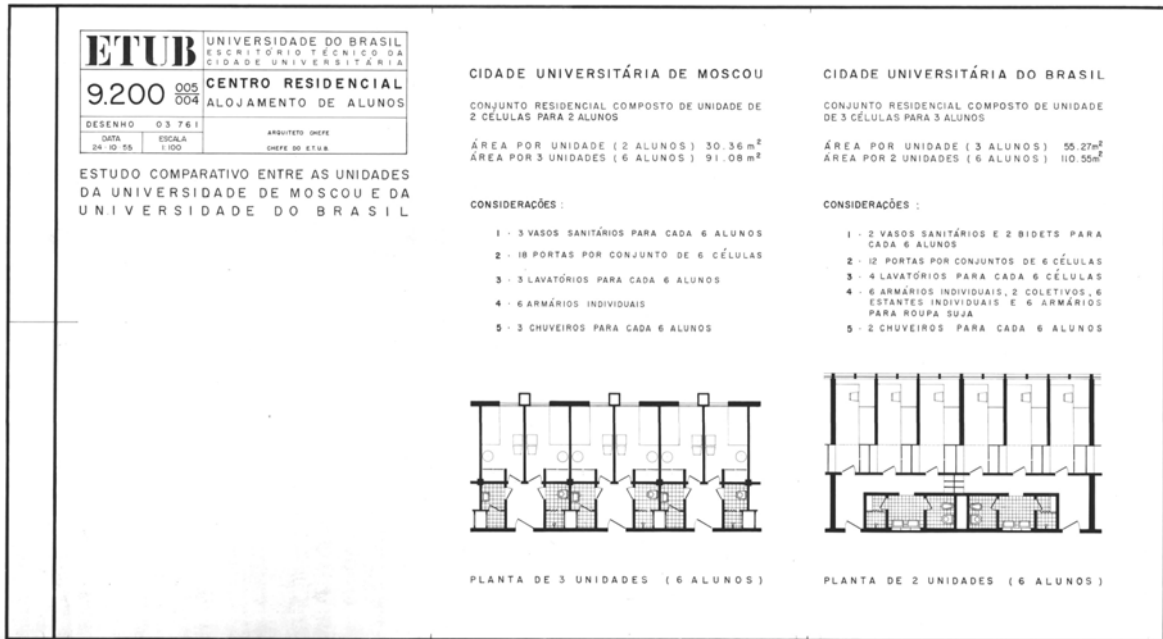
Para além das diferenças programáticas, algumas soluções remetem ao projeto construído da Faculdade Nacional de Arquitetura (1957). Neste projeto vemos relação similar entre o volume da barra principal, neste caso de seis pavimentos, sobre térreo em dupla altura configurado parte por pilotis e parte ocupado por um segundo volume que avança para além da barra na fachada principal, conferindo legibilidade ao espaço de acesso. Este volume no térreo também está posicionado de maneira excêntrica em relação à barra. O volume de coroamento também recorre nos dois casos.



**Fig. 21:** Jorge Moreira, Faculdade Nacional de Arquitetura, 1957.

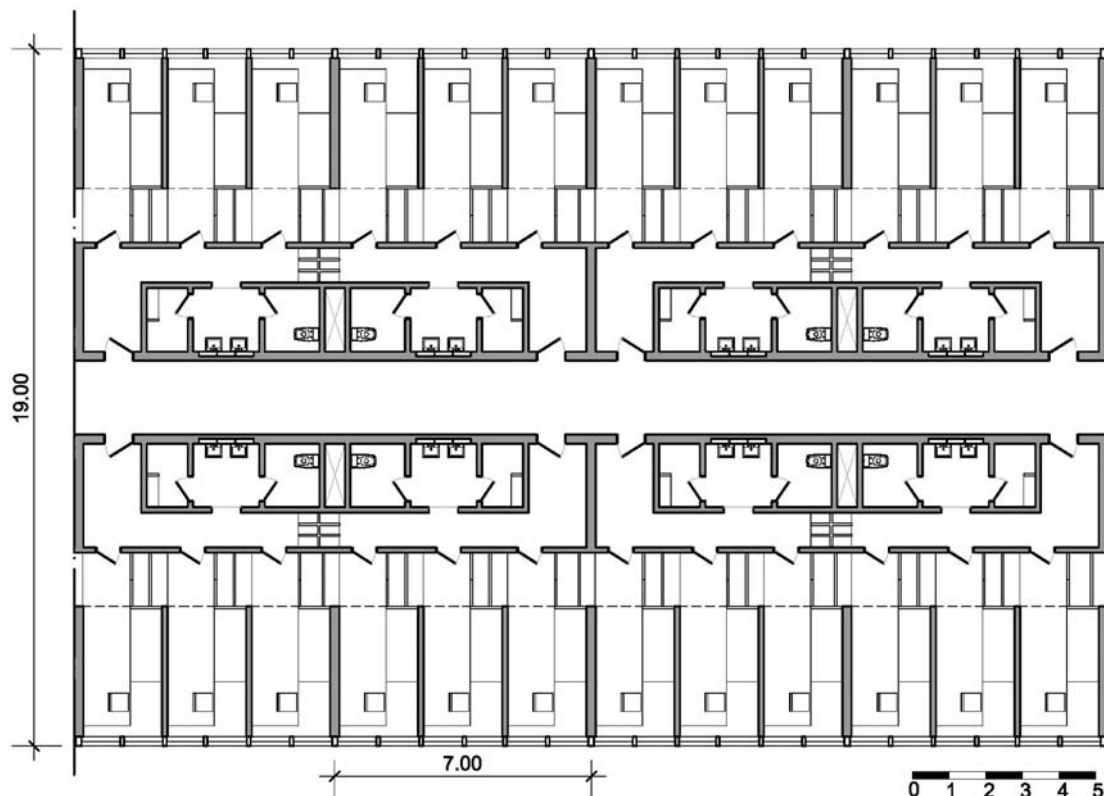
Fonte: CZAJKOWSKI (1999), p.154.

Data de 24 de outubro de 1955 a prancha de *“Estudo comparativo entre as unidades da Universidade de Moscou e da Universidade do Brasil”*, em que figura uma planta parcial da edificação residencial, ao lado das unidades propostas para Moscou.



**Fig. 22:** Estudo comparativo entre as unidades da Universidade de Moscou e da Universidade do Brasil, 1955.

Fonte: Arquivo do ETU.



**Fig. 23:** Jorge Moreira, trecho da planta baixa pavimento tipo, 1955.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do ETU).

No comparativo, percebe-se que ao mesmo tempo em que o projeto brasileiro propõe uma redução na quantidade de equipamentos por aluno<sup>60</sup> e aumenta a densidade da célula<sup>61</sup>, consegue oferecer maior espaço de armazenamento e maior área privativa para cada usuário. Isto em função da proposição de um núcleo de sanitários mais compacto.

Cada unidade, de dimensões internas aproximadas 6,8x8m e área de 55,27m<sup>2</sup>, seria composta por três dormitórios individuais, o sanitário coletivo e a circulação interna. Cada uma das três células<sup>62</sup>- dormitório que compõem a unidade possuiria aprox. 10m<sup>2</sup>, e estaria equipada com uma bancada de estudo posicionada junto à fachada, uma cama e um combinado de estantes e armários que funcionariam como mobiliário-divisória entre os dormitórios. Os equipamentos sanitários são separados em três áreas distintas, permitindo utilização independente de chuveiro, lavatórios, e vaso sanitário. Há um espelhamento destes núcleos a cada duas unidades, entre as quais é criado o shaft para ventilação.

A configuração da fachada longitudinal reflete as dimensões das unidades residenciais, repetidas como módulos. A fachada principal é composta por 30 módulos de aproximadamente 7m de largura, propiciando uma marcação em linhas verticais, relacionadas aos limites entre as unidades internas. Cada módulo é ainda subdividido em seis partes, correspondentes aos três dormitórios de cada unidade, e suas respectivas esquadrias em duas folhas. Horizontalmente, cada módulo divide-se em três partes, correspondentes a dois trechos opacos acima e abaixo da faixa translúcida de esquadrias.

Partindo das dimensões e informações da planta das unidades e dos módulos repetidos na fachada, é possível aproximar-se de alguns dados da edificação. Cada unidade residencial, ocupada por três usuários, corresponde a um módulo na composição da fachada longitudinal, que apresenta uma sequência de 30 módulos. Considerando que o pavimento tipo é composto por fita dupla, cada andar possui 60 unidades (30 módulosx2 fitas) e 180 usuários (60 unidades x 3 usuários/unidade). Os dez pavimentos que compõem a edificação abrigariam aproximadamente 1800 usuários. A aproximação da quantia deve-se à existência do núcleo de circulação vertical, que subtrai área dos pavimentos, ocupando a posição de algumas células, rompendo a sequência de unidades

---

<sup>60</sup> Moscou: 3 vasos sanitários para cada 6 alunos, 3 chuveiros para cada 6 alunos/ Univ. Brasil: 2 vasos sanitários para cada 6 alunos, 2 chuveiros para cada 6 alunos.

<sup>61</sup> De dois ocupantes no caso da Cidade Universitária de Moscou para três estudantes na Universidade do Brasil.

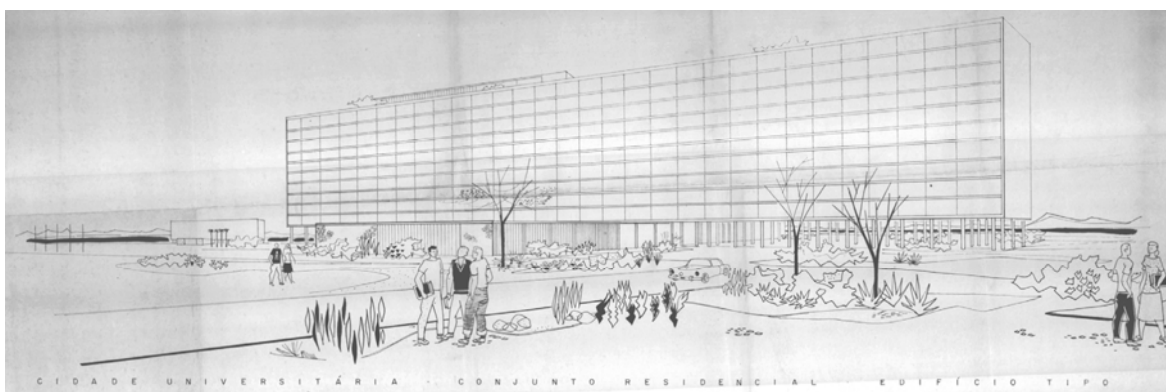
<sup>62</sup> Definição encontrada no documento de projeto.

residenciais. Através dos documentos de projeto, estima-se ainda que o comprimento da barra principal seja de aproximadamente 210m, e sua largura de aproximadamente 19m;

O conjunto residencial elaborado por Moreira e equipe compõe a lista de projetos originais para o campus que, sem a presença do arquiteto, não chegaram a ser construídos.

*“O projeto original de Moreira não foi implantado em sua íntegra, e o seu afastamento da direção do escritório técnico, por problemas de saúde, não assegurou a continuidade plena do que seria a mais fiel aplicação da doutrina urbanística corbusiana [...]”*<sup>63</sup>

O projeto desenvolvido na década de 50 serviu como referência direta para a elaboração do conjunto residencial construído na década seguinte. O projeto construído altera significativamente a implantação e a configuração geral do conjunto, as dimensões de largura e altura das edificações e as articulações entre volumes, mas mantém o desenho original das unidades.



**Fig. 24:** Jorge Moreira, perspectiva de edificação do conjunto residencial, 1954-55.

Fonte: Arquivo do ETU.



**Fig. 25:** Jorge Moreira, fachada longitudinal, 1954.

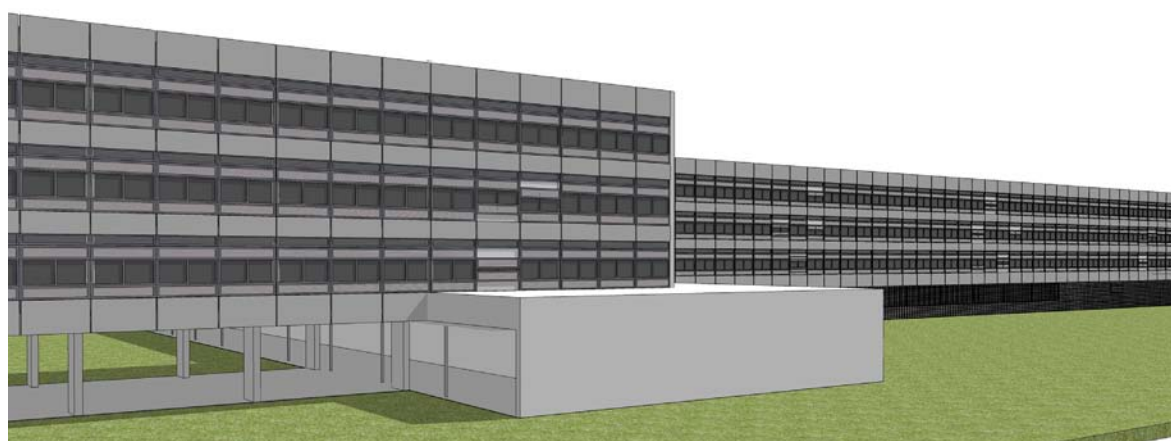
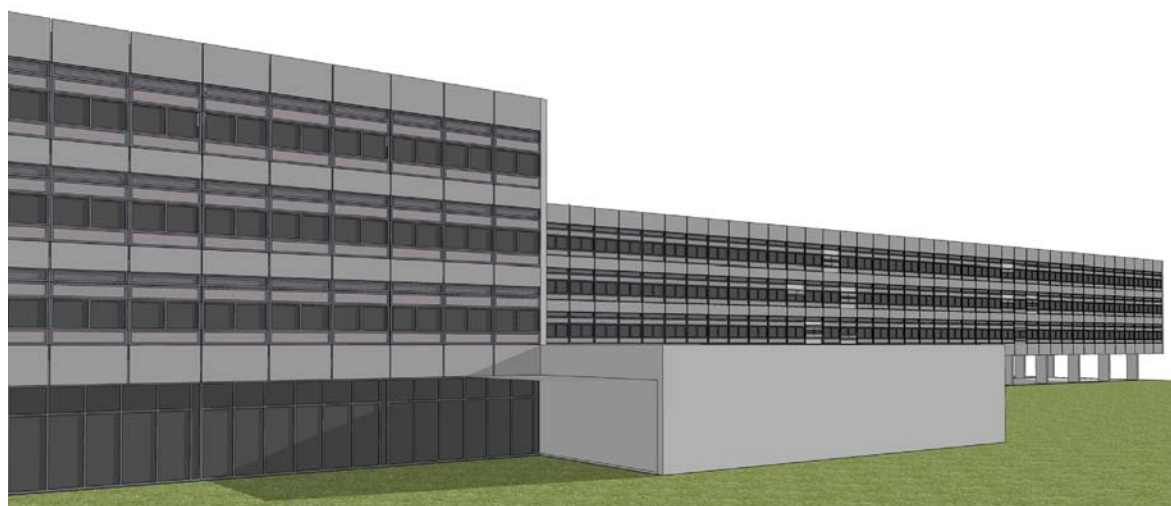
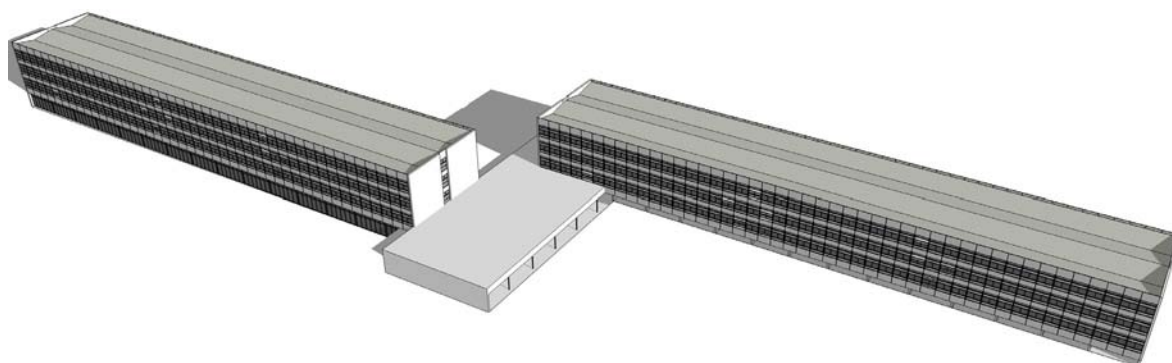
Fonte: Arquivo do ETU.

<sup>63</sup> SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962*. In: Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, nº7 (Moderno: claro e labiríntico), 1999. p. 41.



### 3.2.4. Alojamento estudantil construído (1967)

#### Escritório Técnico



**Figs. 26, 27 e 28:** Projeto do Escritório Técnico (construído), maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.

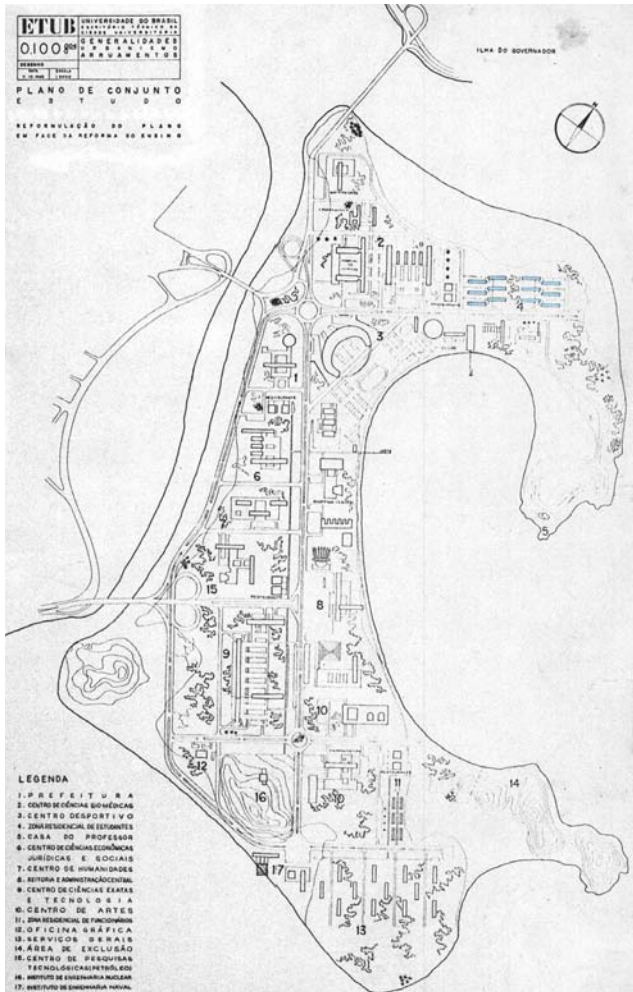
O conjunto de habitações desenvolvidas pelo escritório técnico a partir de 1967 utiliza elementos elaborados no período em que Moreira compunha o ETUB. A configuração original das unidades residenciais é empregada em uma edificação totalmente reformulada, com novas dimensões, nova implantação de conjunto, novas articulações volumétricas, e reposicionamento no terreno. A nova implantação já compunha o plano da cidade universitária do ano de 1965.

O projeto desenvolvido para o setor residencial, datado de 1967, propõe um conjunto composto por 12 edificações organizadas em dois agrupamentos, implantadas a noroeste do campus. Previa-se a possibilidade de duplicar o número de edificações, caso mais áreas fossem aterradas concretizando o perfil imaginado para a Ilha do Fundão. Dentro do perfil concretizado para o terreno, cada um dos dois agrupamentos seria implantado em duas alas de três edificações espaçadas entre si aproximadamente 50m, e com uma ala defasada em relação à outra. As edificações seriam articuladas por uma galeria horizontal, posicionada entre as duas alas, perpendicular às edificações.<sup>64</sup> Esta galeria deveria concentrar os espaços de acesso às edificações, além de comportar portaria, apartamento de zelador, e espaços comerciais e de serviços, voltadas para uma circulação horizontal aberta e coberta. Este espaço coberto em interface com as lojas e com os jardins entre as edificações era representado como o local de encontro e socialização dos moradores do conjunto, uma interpretação do espaço coletivo das cidades.

Em relação ao projeto de Moreira, as edificações têm comprimento e altura reduzidos. Cada edificação passa a apresentar três pavimentos tipo e o térreo. A planta retangular de cada volume possui 16,9m de largura e 100m de comprimento. O pavimento tipo passa a conter 28 unidades residenciais organizadas em planta de fita dupla, metade do previsto no projeto da década de 50. As unidades mantêm a configuração proposta por Moreira, cada uma com três células-dormitório, circulação e um núcleo de serviços, onde reside a única alteração da planta. O projeto de Moreira propunha apenas a função de sanitário, e na proposta de 1967 define-se um banheiro e um pequeno compartimento destinado à lavanderia. Junto da lavanderia, entre duas unidades, estaria situado o poço para exaustão do núcleo de serviços.

---

<sup>64</sup> Esta implantação em alas defasadas entre si, e com um conector central é verificada também nas residências estudantis da USP, de 1962.



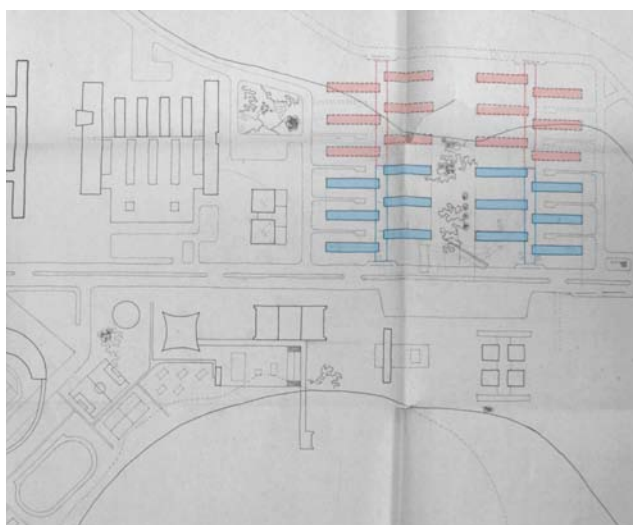
**Fig. 29:** Escritório Técnico, plano de 1965. Em azul, o conjunto residencial projetado.

Fonte: Arquivo do ETU.  
(Colorido sobre imagem de arquivo).



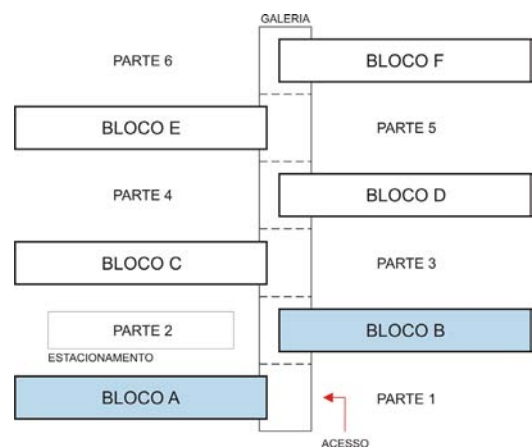
**Fig. 30:** Posição das habitações.

Fonte: Google Earth



**Fig. 31:** Escritório Técnico, conjunto residencial. Em azul, o conjunto residencial projetado, em vermelho, possibilidade de expansão (caso mais áreas fossem aterradas).

Fonte: Arquivo do ETU.  
(Colorido sobre imagem de arquivo).



**Fig. 32:** Escritório Técnico, conjunto residencial. Em azul, os dois blocos construídos.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do ETU).

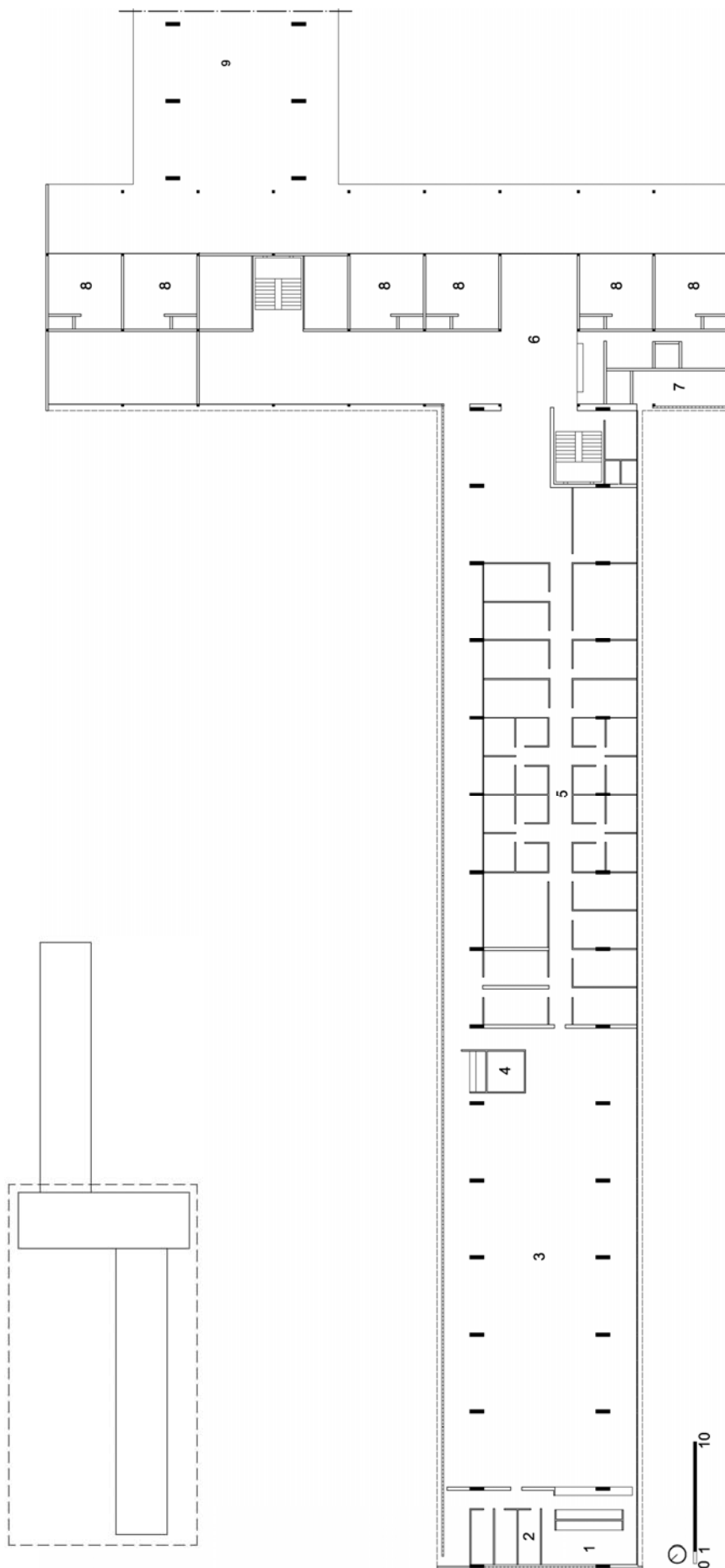
Nota-se a permanência da solução integrada de mobiliário-divisórias entre dormitórios proposta por Moreira. Estes elementos, realizadas em madeira, são características de grande parte dos conjuntos residenciais universitários estudados, e constituem um esforço em oferecer estrutura básica aos usuários, integrada à concepção arquitetônica. Os documentos do projeto da década de 1954-55 representavam ainda a bancada de estudos e a cama, que não aparecem nos desenhos do projeto de 1967.

Nos pavimentos tipo a área que corresponderia às unidades residenciais 29 e 30 é ocupada pela torre de circulação vertical e por uma área de estar coletiva, repetida a cada pavimento. Este setor localiza-se no extremo da planta, junto da galeria. O estar coletivo seria constituído por áreas de permanência, com mobiliário, e uma bancada para portaria e controle. Como corresponde precisamente à dimensão de uma unidade residencial, mantém as características de fachada programadas para o restante da edificação.

As fachadas longitudinais são compostas por planos de esquadrias que acompanham a modulação das unidades da planta. Uma primeira configuração é representada nas perspectivas em 1967. Os painéis de esquadria são divididos em cinco faixas horizontais, a primeira composta por um peitoril opaco em alvenaria, a segunda por uma faixa também opaca em chapa cimentícia Eternit, a terceira pelas janelas de correr em vidro, a quarta por outra faixa cimentícia e a quinta por venezianas fixas para ventilação permanente. Sobreposta à faixa das janelas, venezianas com abertura guilhotina movimentam-se para cima e para baixo, liberando a porção central da janela. As fachadas transversais configuram-se, fundamentalmente, como planos opacos, no centro dos quais é inserida uma faixa de aberturas, reflexo da circulação horizontal nos pavimentos.

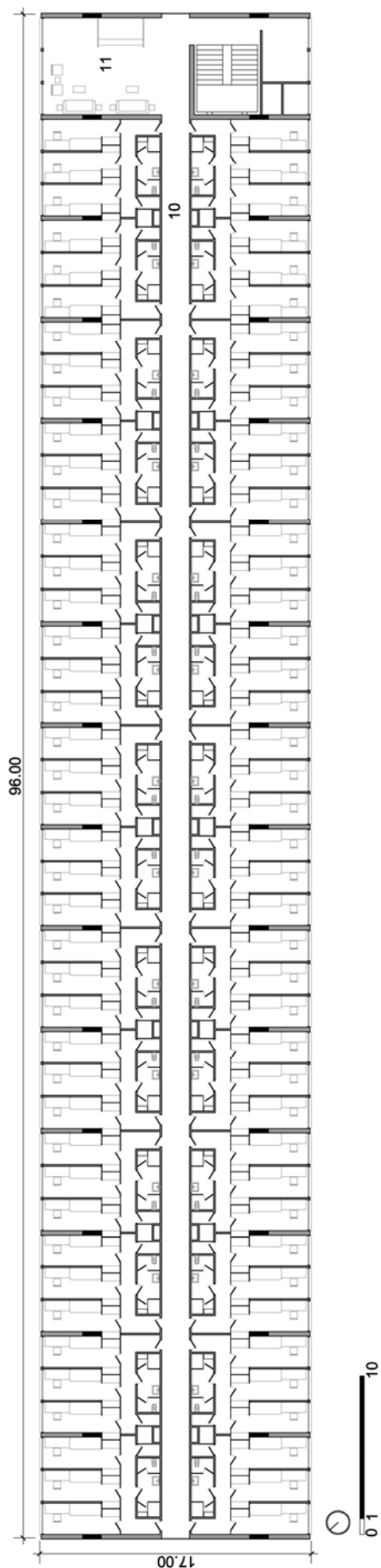
Pranchas de 1970 alteram a configuração dos planos de esquadria das fachadas longitudinais, e correspondem à solução definitiva. Há divisão horizontal em quatro faixas, iniciando com dois trechos opacos do peitoril seguido pela janela de vidro combinada a um painel venezianado pivotante e a última banda, no encontro com a laje de forro, constitui-se de veneziana fixa, como na solução anterior.

O térreo das edificações A, C e E - correspondente à ala a esquerda da galeria - é ocupado por espaços compartimentados com distintos tamanhos, destinados a salas de estudo – individuais, coletivas, estudo orientado, seminário - e também por uma cafeteria. Na outra ala, as edificações B, D e F possuem pavimento térreo livre, em pilotis, em continuidade com áreas ajardinadas entre as edificações.



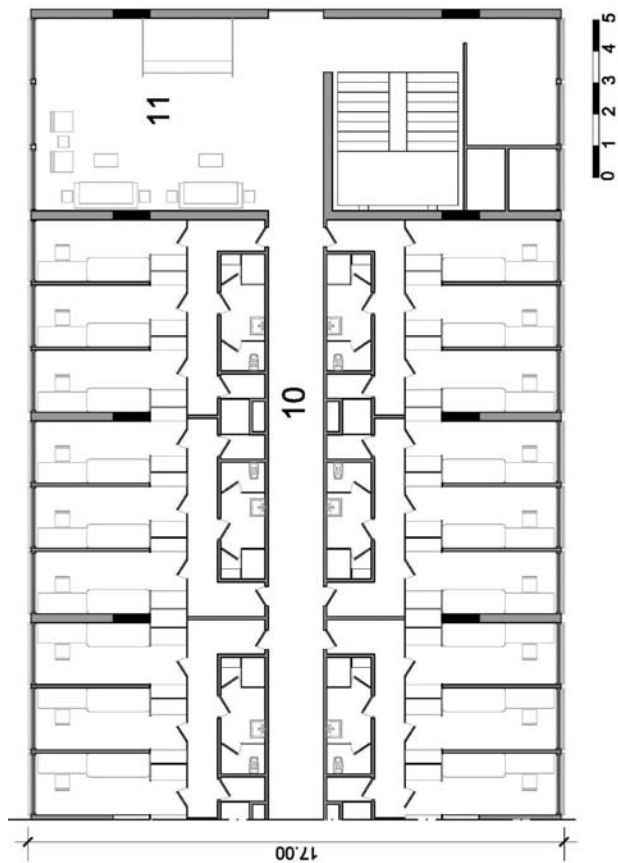
**Fig. 33:** Projeto construído pelo Escritório Técnico, planta baixa térreo bloco A, 1967.  
 1.cozinha, 2.sanitários, 3.cafeteria, 4.copa, 5.salas de estudo, 6.hall, 7.administração, 8.lojas, 9.pilotis bloco B.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do ETU).



**Fig. 34:** Projeto construído pelo Escritório Técnico, planta tipo, 1967.  
10. circulação, 11.estar coletivo.

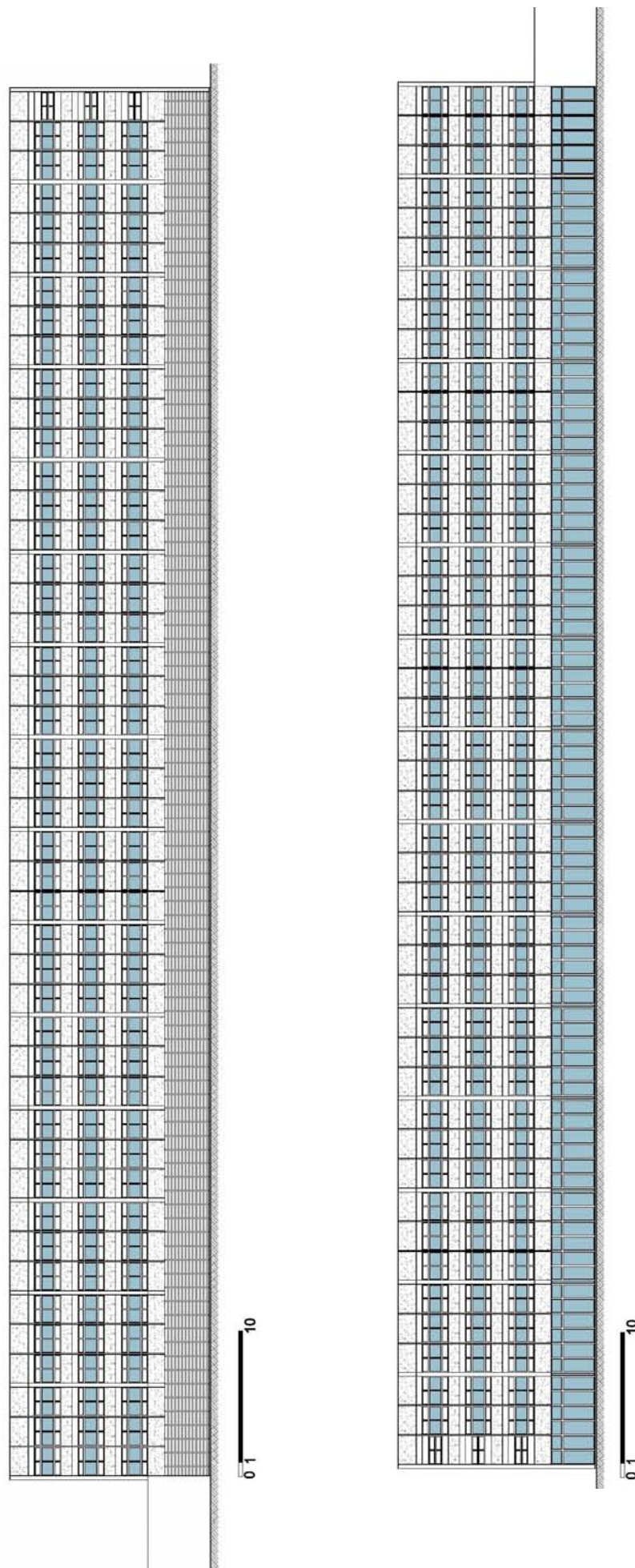
Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do ETU).



**Fig. 35:** Projeto construído pelo Escritório Técnico, trecho planta tipo, 1967.  
10. circulação, 11.estar coletivo.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do ETU).





**Figs. 36, 37:** Projeto construído pelo Escritório Técnico, fachadas longitudinais, 1967.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do ETU).



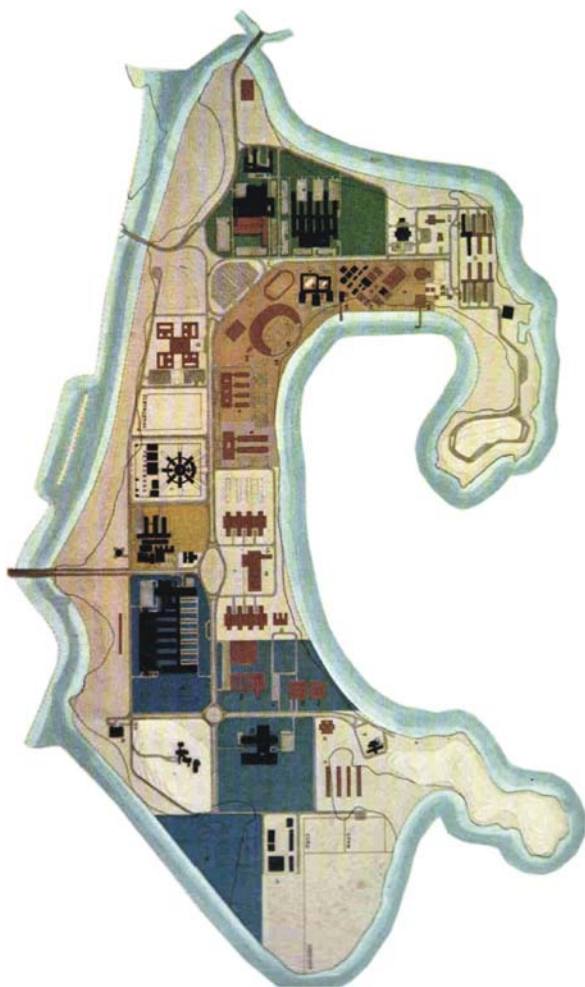
As perspectivas do projeto demonstram a intenção de propiciar a integração espacial e visual, garantida pela liberação do pavimento inicial, descortinando a paisagem da cidade ao fundo.

A primeira parte da planta térrea das edificações A, C e E corresponde ao encontro com o volume da galeria. Neste ponto está localizada a torre de circulação vertical dos blocos, um hall e duas faixas de salas de estudo. Uma das faixas posiciona-se junto da fachada sudeste, composta por esquadrias de vidro, e a outra é situada no centro da planta, contornada pelas circulações horizontais. A circulação principal localiza-se junto da fachada noroeste, um plano vazado, com fechamento em cobogós. A porção central da planta térrea estabelece continuidade com a sequência de salas de estudo e é composta ainda por um salão, abrigando a cafeteria. Um volume solto neste salão comporta uma pequena copa para lavagem. A extremidade da planta corresponde à área técnica da cafeteria, com cozinha, depósito, sanitários e portaria. Em função do uso de cobogós, o salão adquire caráter de área coberta parcialmente aberta, já que a fachada noroeste possui fechamento em vidro.

A cobertura do projeto executado pelo Escritório Técnico não concretiza a função de terraço, com possibilidade de uso coletivo. Nela localizam-se apenas funções técnicas, como caixa d'água e ventilação dos sanitários, e é composta por telhado convencional, encoberto em fachada por platibanda.

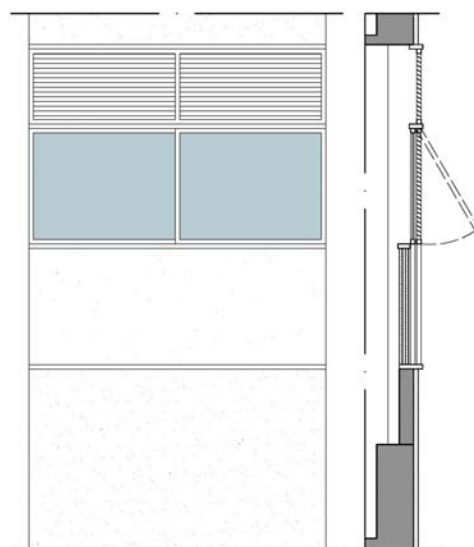
Do conjunto de doze edificações previstas, construiu-se apenas um fragmento, um protótipo da intenção original. A implantação foi alterada, como demonstrado em mapa publicado pelo periódico *Educação*, do Ministério da Educação e Cultura, em 1972. Em um giro de 90° as fachadas longitudinais passaram a orientar-se a nordeste-sudoeste. O mapa explicita ainda o número de edificações construídas, do total previsto originalmente. Apenas duas das doze barras residenciais foram construídas, articuladas por um curto trecho de galeria, que atualmente não é ocupada por programas de comércio e serviço e sim pela administração das residências.

Atualmente, o conjunto, ainda que em certos pontos bastante deteriorado e com algumas alterações, mantém as características gerais do projeto. As relações espaciais constatadas em loco são fiéis às representadas nos documentos da proposta. O caráter do lugar, entretanto, parece outro. O espaço sob a barra em pilotis converteu-se em área de estacionamento e na galeria, a ausência dos espaços comerciais altera a dinâmica de uso do lugar, que no projeto era idealizado como área coletiva, de socialização. Parte das áreas de estar previstas a cada pavimento estão vazias, sem mobiliário ou equipamento que estimule a permanência.



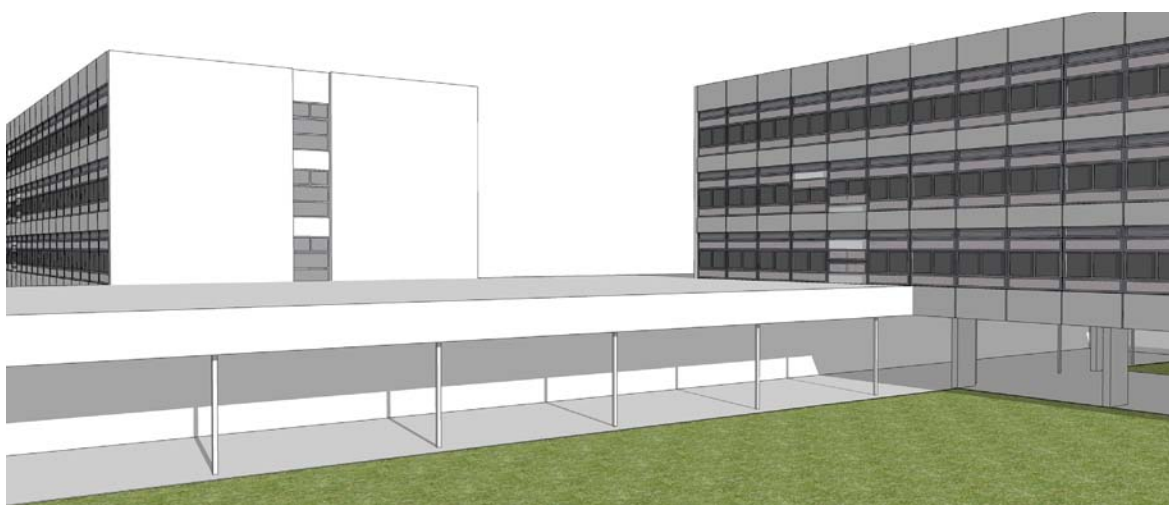
**Fig. 38:** Mapa de 1972, com alteração da implantação do conjunto. A implantação sofre rotação de 90°. Em preto, os dois blocos construídos.

Fonte: EDUCAÇÃO nº5, 1972.



**Fig. 39:** Projeto ETU, esquadria adotada.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do ETU).



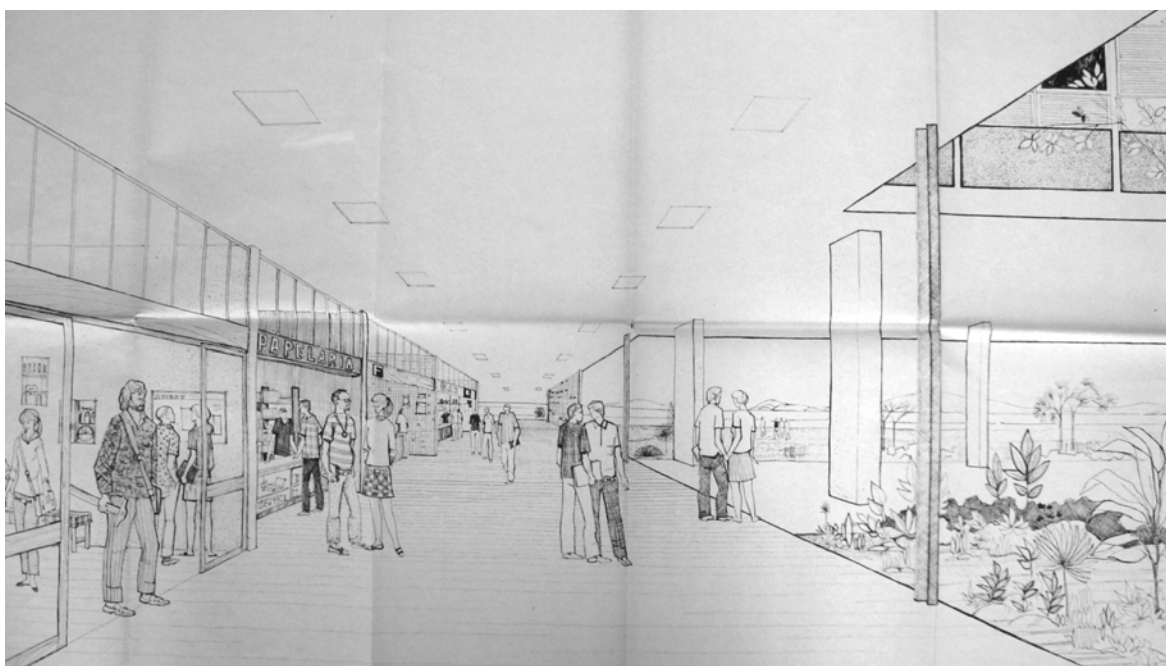
**Figs. 40:** Projeto construído pelo Escritório Técnico, maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 41:** Projeto ETU, perspectiva, 1967.  
Nesta fachada aparece a primeira solução de esquadrias.

Fonte: Arquivo do ETU.



**Fig. 42:** Projeto ETU, perspectiva galeria, 1967.

Fonte: Arquivo do ETU.



**Fig. 43:** Projeto construído pelo Escritório Técnico, maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 44:** Fachada sudeste, 2011.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 45:** Pilotis bloco B, 2011.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 46:** Galeria, 2011.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 47:** Cobogós, fachada noroeste bloco A, 2011.

Fonte: Arquivo da autora.



**4. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**CIDADE UNIVERSITÁRIA ARMANDO SALLES DE OLIVEIRA**



#### 4.1. OS PLANOS DE IMPLANTAÇÃO DO CAMPUS E OS REFLEXOS NO SETOR RESIDENCIAL

A Universidade de São Paulo, cujas raízes remontam a criação das primeiras faculdades concebidas ainda no século dezanove<sup>1</sup>, foi fundada em 1934, durante governo estadual de Armando Salles de Oliveira, através da lei estadual n. 6283<sup>2</sup>. Esta lei previa a integração das estruturas de ensino isoladas, em um ambiente de trabalho e pesquisa, fundamentado em um espírito universitário:

*“Parágrafo único – A aproximação e o convívio dos professores e alunos das diversas Faculdades, Escolas ou Institutos, serão promovidos espacialmente: pela proximidade dos edifícios e construção de vilas universitárias [...]”*<sup>3</sup>

A ideia contida no texto, de criar um espaço físico próprio para as atividades acadêmicas, começa a materializar-se na busca por um sítio, cuja ocupação passaria a configurar um novo “vetor de expansão para a cidade”<sup>4</sup>. Além da integração didática e social idealizada, a questão imobiliária também contribuiu para a procura de um lugar. Importantes faculdades como a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras [sic] e a Escola Politécnica, enfrentavam dificuldades físicas nas edificações que ocupavam e que já não supriam as demandas espaciais dos cursos que abrigavam. Ainda que parte das faculdades mais antigas como Direito e Medicina estivessem bem instaladas<sup>5</sup>, a defasagem física e de equipamento de outras unidades atestavam a necessidade da implementação da cidade universitária.

Em junho de 1935 cria-se, por nomeação de Salles de Oliveira, uma comissão para a escolha do sítio, composta por representantes das faculdades e institutos, o então reitor Reynaldo Porchat e o então diretor do Departamento Municipal de Cultura, Mário de Andrade<sup>6</sup>. A área deveria ser ampla o suficiente para acomodar todas as estruturas já

<sup>1</sup> Direito (1827), Politécnica (1893), Farmácia e odontologia (1899).

<sup>2</sup> XAVIER, Marco Antônio. *O Campus e a Cidade*. In: CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DA USP. *Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

<sup>3</sup> Transcrição de parte do Art.47, da Lei 6283, que cria a Universidade de São Paulo. (XAVIER, Marco Antônio. *O Campus e a Cidade*. In: CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DA USP. *Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005).

<sup>4</sup> SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962*. In: Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, nº7 (Moderno: claro e labiríntico), 1999. p.46.

<sup>5</sup> Permanecendo em suas edificações de origem mesmo após a construção da cidade universitária. Consta que estudantes da Faculdade de Direito, conhecida como “São Francisco”, protestaram contra a transferência para a cidade universitária retirando a pedra fundamental da nova construção e levando para a antiga edificação, onde em uma placa lia-se: “Quantas pedras forem colocadas, tantas arrancaremos”.

<sup>6</sup> Ernesto Ieme (Direito), Alexandre de Albuquerque (Polytechnica), Ernesto de Souza Campos (Medicina), Fernando de Azevedo (Educação), Afrânio do Amaral (Instituto Butantan). (CAMPOS, Ernesto de Souza.



existentes, e ser capaz de absorver expansões. A ideia de implantar a cidade universitária em um terreno amplo vinculava-se às necessidades futuras, mas também delineava um conceito urbanístico que transparece em relatório da comissão:

*“[...] Nas universidades bem delineadas, taes edifícios são dispostos em parques amplos e bem arborizados, formando um centro atrahente e convidativo a uma permanência mais prolongada, o que constitue elemento de valor inestimável para a formação do espírito universitário [sic].”<sup>7</sup>*

Com uma área ampla e ainda em proximidade com a zona central da cidade, escolheu-se um terreno entre o instituto Butantan às margens do Rio Pinheiros e o centro médico do Araçá, próximo à Av. Paulista, no intuito de integrar esta unidade já consolidada ao plano da cidade universitária. Além do oferecimento de grande área, o fator econômico também contribuiu para a escolha do sítio, cuja desapropriação teria baixo custo.<sup>8</sup> A partir da definição do território a ocupar, forma-se um Escritório Técnico para elaboração do plano da Cidade Universitária, tendo Ernesto de Souza Campos como diretor e o engenheiro arquiteto Hipólito Gustavo Pujol Junior como chefe de arquitetura e urbanismo.<sup>9</sup>

#### Década de 30 - Os projetos do Escriporio Technico

Entre 1935 e 1937 o Escritório técnico realizou uma série de estudos propondo a distribuição de setores e a reserva de grandes áreas para expansão. Em 1938, Ernesto de Campos publica cinco destes trabalhos, os estudos 1, 4, 5 e 7, que em diferentes configurações abrangiam a área do centro médico pré-estabelecida, e a chamada solução Butantan, que restringia a implantação ao terreno junto ao Instituto de mesmo nome, ocupando ainda duas margens do Rio Pinheiros. Em relatório de agosto de 1935, Ernesto de Campos define duas características necessárias à constituição de uma universidade ideal: a centralização de todas as organizações e serviços de educação em uma área determinada, a cidade universitária, e a setorização de funções afins, coordenando usos e infraestrutura.<sup>10</sup>

---

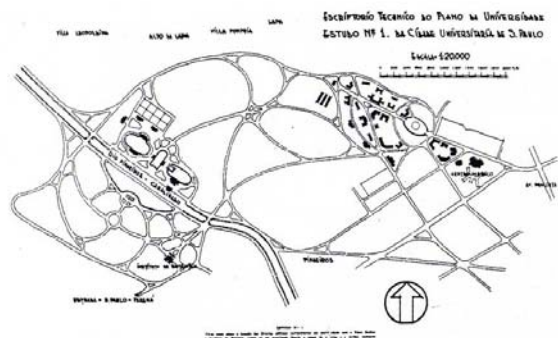
*Estudos sobre o Problema Universitário.* São Paulo: Empreza Gráfica da “Revista dos Tribunais”, 1938.p. 179).

<sup>7</sup> XAVIER, Marco Antônio. *O Campus e a Cidade.* In: CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DA USP. *Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP.* São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. p. 52.

<sup>8</sup> SIMÕES, João Roberto Leme. *Arquitetura na Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira” - O Espaço Construído.* São Paulo: FAUUSP, 1984. (Tese de doutorado).

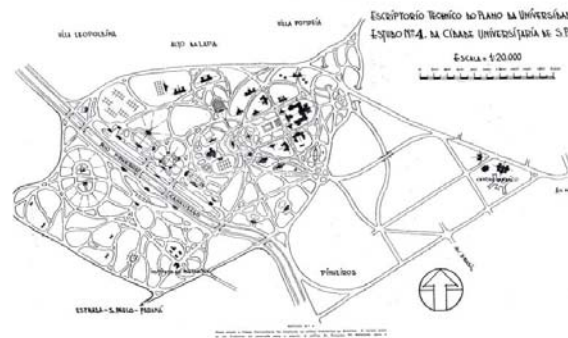
<sup>9</sup> CAMPOS, Ernesto de Souza. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do planejamento e Execução.* Comissão da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, 1954.

<sup>10</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos.* São Paulo: FAUUSP, 2004. (Tese de doutorado).



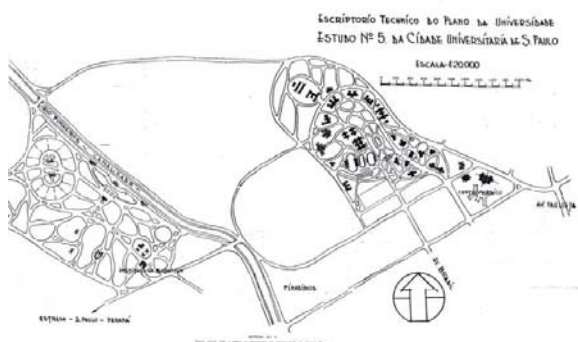
**Fig. 1:** Estudo n.1 - Escritório Técnico

Fonte: CAMPOS, Ernesto (1938), p. 215.



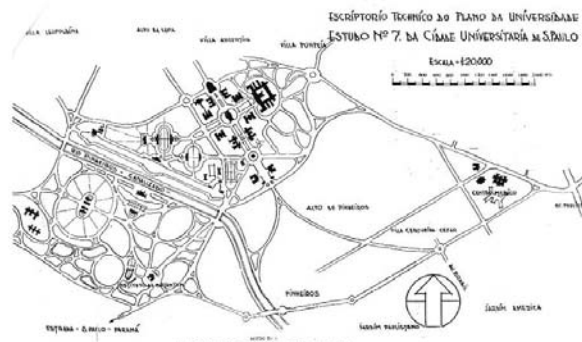
**Fig. 2:** Estudo n.4 - Escritório Técnico

Fonte: CAMPOS, Ernesto (1938), p. 223.



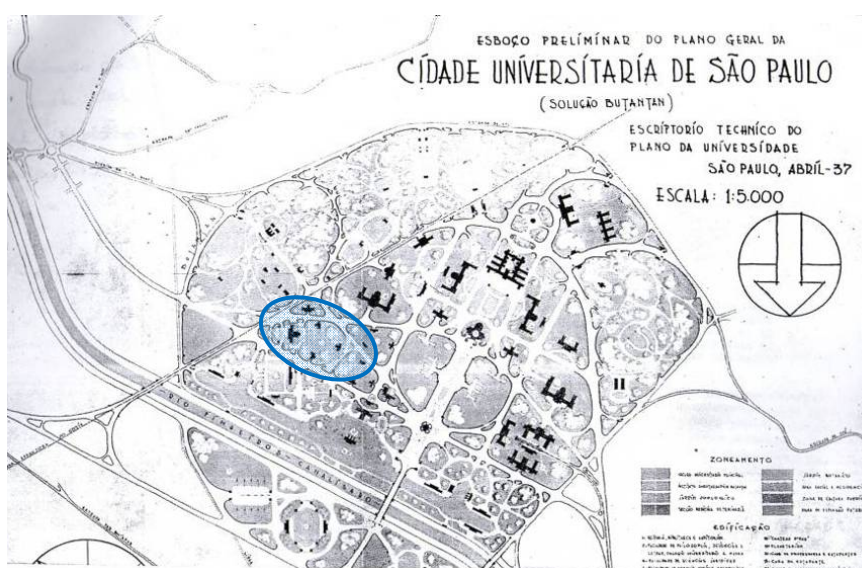
**Fig. 3:** Estudo n.5 - Escritório Técnico

Fonte: CAMPOS, Ernesto (1938), p. 231.



**Fig. 4:** Estudo n.7 - Escritório Técnico

Fonte: CAMPOS, Ernesto (1938), p. 235.



**Fig. 5:** Esboço Preliminar do Plano Geral da Cidade Universitária de São Paulo (Solução Butantã), abril 1937 - Escritório Técnico. Em azul, a área residencial.

Fonte: CAMPOS, Ernesto (1938), p. 237.

Apesar de uma ideia moderna de organização setorizada das funções, o traçado presente nas propostas do escritório apresentava influência academicista. Composições com eixos de simetria reforçados pelos desenhos dos jardins e das edificações são recorrentes em todos os estudos.

Nestes planos iniciais, a utilização das duas margens do Rio direcionava a necessidade de pontes sobre o Rio Pinheiros canalizado, possibilitando a transposição e conexão entre os setores. Os projetos de número 1 e 5 propõem dois polos construídos, um junto à margem do rio e outro junto ao centro médico, mais próximo ao centro da cidade, mantendo a porção central do terreno para as implantações futuras. O setor esportivo é posicionado ao sul do rio canalizado.

Ao contrário dos planos número 1 e 5, nos estudos 4 e 7 a implantação se dá de maneira concentrada na área do Butantã, reservando para expansão a área junto ao centro médico. Esta área fica isolada, sem continuidade espacial com a cidade universitária, conectando-se apenas através da trama viária, contrariando o conceito de integração espacial estabelecido inicialmente. Em todos os casos, o setor esportivo localiza-se em área contígua ao Instituto Butantã.

O último plano do escritório técnico data de abril de 1937 e é chamado Solução Butantan. Em função de disputas territoriais<sup>11</sup> que impediram a utilização de todo o perímetro considerado nos planos anteriores, neste estudo a área tratada restringe-se ao terreno junto ao Instituto Butantã, não constando a região a norte que seguia até do centro médico presente nos primeiros estudos. Ainda utilizam-se as áreas nas duas margens do Rio Pinheiros, ficando o setor de esportes na margem norte, área alagadiça proposta para aquisição por possuir baixo valor de desapropriação. Uma ponte em posição central criava um eixo que distribuía as edificações e em cuja extremidade situava-se o centro diretivo e cultural da universidade, tendo como ponto focal a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.<sup>12</sup> Assim como nos planos precedentes, possui influência Beaux Arts, no traçado das vias curvilíneas e no desenho das edificações.

O setor residencial era composto pelas Casas dos Estados ou Municípios, para alunos originários de outras localizações, e a Casa do Estudante. Ambos os programas posicionavam-se a sudeste do campus, na lateral esquerda do eixo principal de acesso, e compunham-se por edificações de pequeno porte distribuídas nas áreas ajardinadas.

---

<sup>11</sup> A "City of São Paulo Improvements and Freehold Company Ltda" possuía parte do terreno necessário para os planos iniciais.

<sup>12</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. (Tese de doutorado).

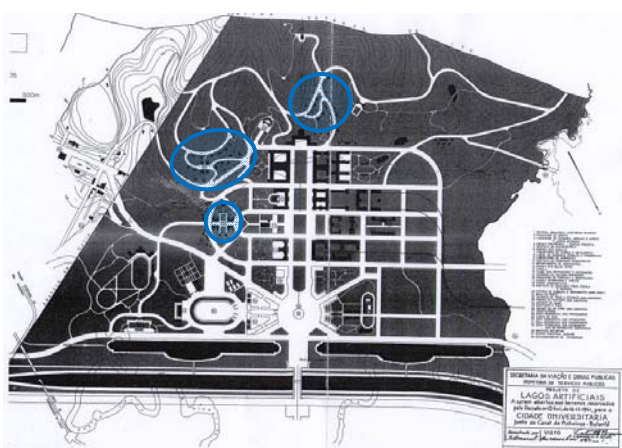
Neste momento não há relação funcional e de proximidade entre o setor esportivo e de habitação.

Sem delimitação precisa dos limites do território a ser ocupado pelo campus, fato explicitado pelas distintas soluções de implantação, e principalmente devido ao golpe do Estado Novo em novembro de 1937, as discussões acerca do plano para a cidade universitária ficaram estagnadas, até que no início da década de 40, volta-se a tratar do assunto.<sup>13</sup>

### Década de 40

As discussões acerca do plano de desenvolvimento da cidade universitária foram retomadas a partir de 1941 quando, através de decreto de lei em 16 de dezembro, o então interventor Fernando da Costa definiu a área que caberia à Cidade Universitária.<sup>14</sup> Os limites definidos aproximavam-se das linhas gerais adotadas na Solução Butantan.

Já sobre os limites definidos publica-se na Revista de Arquitetura número 59, em janeiro/fevereiro de 1944, um plano para a cidade universitária, baseado em projeto elaborado pela Secretaria de Obras e Viação, em 1943<sup>15</sup>. O plano de 1943, embora mais compacto, adequando-se à topografia, e sem ocupar a margem norte do rio Pinheiros, guardava certo parentesco com a Solução Butantan, no que se refere à estruturação geral. Ambas definiam-se por um eixo perpendicular ao Pinheiros, pontuado a norte pela ponte de acesso principal e com o centro diretivo-cultural e as Faculdades de Filosofia, Ciências e letras e a de Direito no extremo sudoeste da via monumental. Além disso, apresentavam jardins e elementos monumentais ao longo do eixo principal, além do lago paralelo ao Rio Pinheiros.



**Fig. 6:** Plano de 1943 - Secretaria de Viação e Obras Públicas.  
Em azul, as áreas residenciais.

Fonte: CABRAL, Neyde (2004), p. 94.

<sup>13</sup> CAMPOS, Ernesto de Souza. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do planejamento e Execução*. Comissão da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, 1954.

<sup>14</sup> *O Espaço da USP: Presente e Futuro*. São Paulo: A Prefeitura, 1985.

<sup>15</sup> Em sua tese, Neyde Cabral denomina o Projeto de lagos Artificiais da Secretaria de Obras e Viação como Plano de 1943.

O Plano de 1943, entretanto, traz alterações viárias e de implantação das edificações, além de reposicionar o setor esportivo. O núcleo de esportes é concentrado na porção inferior esquerda do eixo principal, adjacente à área residencial, que se mantém em posição aproximada ao plano anterior, a sudeste.

A trama viária apresenta-se mais ortogonal, e configura-se como pauta para a locação das edificações, posicionadas dentro dos quarteirões junto às vias, diferentemente dos blocos envoltos por jardins do projeto de 1937. Ancestral da organização que propõe o acesso paralelo ao Rio Pinheiros, estudada nos planos posteriores, surge um eixo no sentido sudeste-noroeste, com extremidade semicircular onde estão posicionados o setor residencial, a capela e o clube de professores e estudantes. O setor residencial, nesta extremidade é composto pela zona residencial dos estudantes e dos funcionários, na base da colina. As edificações da zona residencial dos estudantes das 20 repúblicas americanas pontuavam a área colinosa a sul. Também em área acidentada, mas a sudoeste, nos fundos do centro diretivo e cultural, encontravam-se as edificações para residência de professores. Os mapas sugerem que os planos até este momento não contemplavam edificações coletivas de grande porte para habitação, concentrando propostas no grupamento de unidades menores autônomas.

Em dimensão territorial julgada insuficiente, o Plano de 1943 não foi executado. Em setembro de 1944 o interventor Fernando da Costa publica decreto de n. 14190, desapropriando mais 180 hectares a sul para a implantação da cidade universitária.<sup>16</sup>

Mantendo o desenvolvimento da cidade universitária na agenda da Universidade e da comunidade em geral realiza-se, em outubro de 1944, por iniciativa do então reitor Jorge Americano, a *Semana da Cidade Universitária* na Galeria Prestes Maia, onde aconteceram conferências e discussões sobre o tema.<sup>17</sup> Novos planos desenvolveram-se no ano seguinte, com um concurso de ideias promovido pelo reitor. O primeiro lugar foi conquistado pelos engenheiros-arquitetos Hipólito Gustavo Pujol Junior e Oscar Defilipi, e intitulava-se “Accuratos”. O plano assemelhava-se em alguns aspectos à “Solução Butantan”, fato que poderia estar relacionado à presença de Hipólito Pujol em ambos os planos.

---

<sup>16</sup> CAMPOS, Ernesto de Souza. *Temas Universitários*. São Paulo: Departamento de Cultura e Ação Social, 1952.

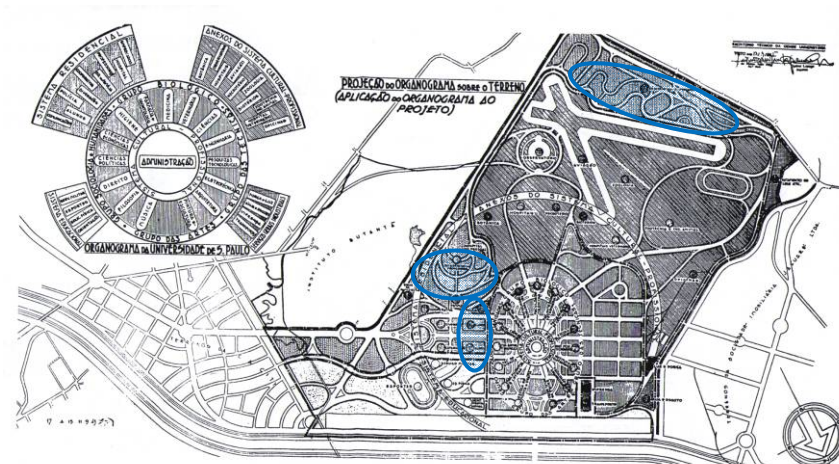
<sup>17</sup> CAMPOS, Ernesto de Souza. *Temas Universitários*. São Paulo: Departamento de Cultura e Ação Social, 1952.





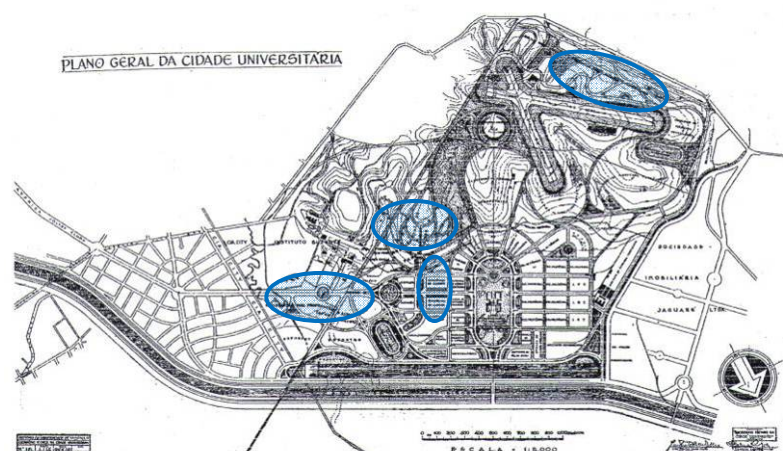
**Fig. 7:** Plano Geral de Urbanização Accuratos, 1945.  
Em azul, as áreas residenciais.

Fonte: XAVIER, Marco Antônio (2005), p. 55.



**Fig. 8:** Projeção do Organograma sobre o Terreno, setembro de 1945  
Escritório Técnico da Cidade Universitária.  
Em azul, as áreas residenciais.

Fonte: O Espaço da USP: Presente e Futuro (1985), p. 41.



**Fig. 9:** Plano Geral da Cidade Universitária, outubro de 1945.  
Em azul, as áreas residenciais.

Fonte: CABRAL, Neyde (2004), p. 104.

*“O Plano Accuratos utilizou a mesma área da “Solução Butantã”, inclusive a porção na margem direita do Rio Pinheiros para o setor esportivo de competições. [...] Até mesmo as três pontes sobre o Rio Pinheiros eram propostas como na “Solução Butantã”.“<sup>18</sup>*

A ponte central cruzava o Rio Pinheiros e o lago paralelo, neste projeto com comprimento reduzido, e encaminhava ao eixo onde estavam situadas as edificações mais importantes. O plano Accuratos apresentava vias curvilíneas que definiam os desenhos das áreas ajardinadas, sobre as quais eram locadas as edificações. O setor esportivo volta à área a norte do Rio Pinheiros. Com inovações programáticas como o observatório meteorológico, o campo de aviação, com hangares e oficinas entre outros, o Accuratos aparentava uma ocupação bastante densa<sup>19</sup>.

Há, neste plano, distinção hierárquica entre os núcleos de habitação, tanto na configuração das edificações quanto na posição dentro do campus. As edificações para residência de estudantes começam a delinear uma solução de grandes edificações, ainda posicionadas a sudeste como nos planos anteriores. Na área de colina próxima às habitações coletivas de estudantes, em que no plano de 1943 situam-se as casas das 20 Repúblicas Americanas, são propostas residências para professores e altos funcionários, aparentemente em edificações unifamiliares. Uma faixa no extremo noroeste do campus, junto à pista de aviação, é reservada às casas de pequenos funcionários e operários.

A incompatibilidade da proposta com a realidade financeira disponível foi um dos fatores para a não efetivação deste plano. Outro fator foi a composição, no mesmo ano do concurso, de um novo escritório técnico, chefiado por José de Freitas Valle Filho que funcionou até 1947 e que havia elaborado um projeto para a cidade universitária em 1945, sofrendo transformações até 1947.<sup>20</sup>

O projeto de setembro de 1945 apresentava uma grande inovação em relação aos demais no que correspondia aos acessos. Embora mantivesse um núcleo principal com eixo de simetria perpendicular ao rio Pinheiros, porém sem ponte, como resquício do traçado de planos anteriores<sup>21</sup>, figurava um acesso paralelo ao rio, criando um novo eixo de simetria no sentido sudeste-noroeste. Este plano, intitulado “Projeção do Organograma sobre o Terreno” propunha organizar as faculdades e institutos radialmente, partindo do centro administrativo e cultural. Nos quadrantes do anel

---

<sup>18</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. (Tese de doutorado). p.100.

<sup>19</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. (Tese de doutorado).

<sup>20</sup> *O Espaço da USP: Presente e Futuro*. São Paulo: A Prefeitura, 1985.

<sup>21</sup> Em particular, Solução Butantã, Plano de 1943 e Accuratos.



configurado ao redor deste núcleo estariam posicionados o setor residencial, os anexos do núcleo cultural-profissional, os serviços gerais e o setor de educação física/esportes, este último reduzido em relação aos planos anteriores.

As residências de estudantes, professores e altos funcionários, e pequenos funcionários e operários permaneciam em posições análogas ao plano Accuratos, mas a área de estudantes passava a ter relação direta com o novo acesso, atuando como elemento de configuração daquele eixo. Observatório e campo de aviação permanecem neste plano, situados a sul do terreno.

Em outubro de 1945 uma planta de título “Plano Geral da Cidade Universitária” atualiza o material de setembro de 1945, com definição de traçado viário e posicionamento dos institutos, mantendo sua configuração. Neste mapa aparecem duas soluções para as residências de professores, além da área de colina, onde possivelmente previam-se casas unifamiliares havia, na porção nordeste do campus, junto ao novo acesso e ao setor esportivo, uma área destinada a tipologias coletivas, denominadas apartamentos. Não apresentava, entretanto, definição volumétrica das edificações.

É em um plano com o mesmo título do estudo de outubro de 1945, provavelmente realizado em 1947<sup>22</sup>, que são apresentadas as edificações, suas posições e formas imaginadas, de composições acadêmicas no núcleo diretivo-cultural, semelhantes aos projetos de Piacentini-Morpurgo para a Universidade do Brasil em 1938, às configurações em barras (residências para pequenos funcionários) e redents (nas zonas residenciais, apartamentos para professores e estudantes).

Os planos de 1945-1947, apesar de trazerem a definição de um novo acesso, adotado a partir de então como principal, possuía algumas dificuldades, em pontos financeiros e políticos, como

*“[...] o excesso de vias [...] o que encareceria a execução da Cidade Universitária [...], e um aspecto político delicado, que era a transferência das faculdades de Medicina e Direito, que já haviam apresentado resistências explícitas a mudar de suas sedes.”<sup>23</sup>*

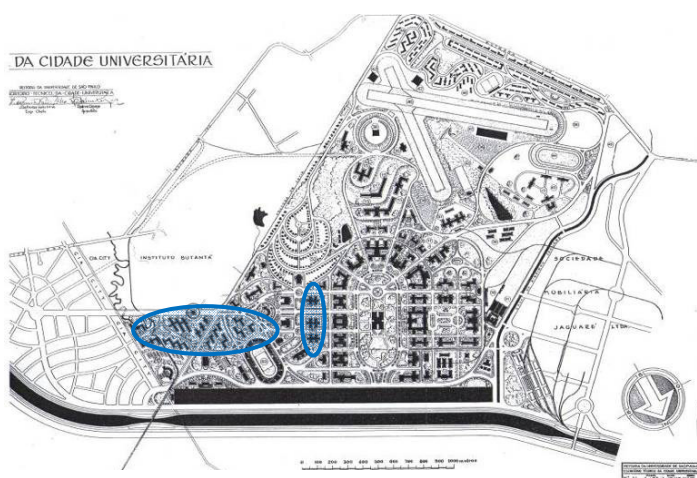
Em 1949 é designada pelo reitor Lineu Prestes a Comissão da Cidade Universitária, para funcionamento entre novembro de 1948 a julho de 1950. Esta comissão elaborou o “Sistema de Vias Principais e Zoneamento”, aprovado em maio de 1949, que ajustava a trama viária e a implantação de setores à topografia e cujas

---

<sup>22</sup> Segundo especula Neyde Cabral em sua tese. Sabe-se que é posterior aqueles de 1945, pela definição mais aprofundada dos aspectos arquitetônico-urbanísticos.

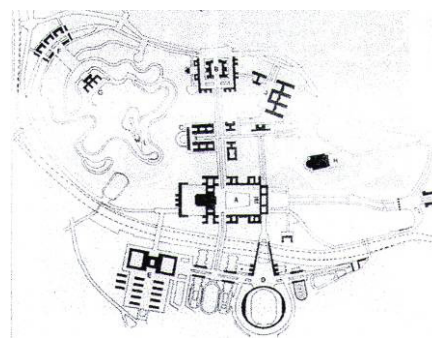
<sup>23</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. (Tese de doutorado). p. 106.

definições passariam por alterações até 1954.<sup>24</sup> Neste plano de 1949 não há a organização de faculdades e institutos no entorno do núcleo administrativo, e sim distribuídos em setores ao longo da área do campus. A praça do centro diretivo é mantida, porém acompanha o eixo do acesso principal, não mais perpendicular ao Pinheiros. A via monumental de entrada define ainda a ampla área de esportes a nordeste até o lago e o setor de medicina, farmácia e odontologia, a sudeste. Entretanto *“ainda há um eixo secundário como memória dos planos anteriores e é no final dele que é disposta a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.”*<sup>25</sup> O setor residencial, em muitos planos situado junto ao núcleo de esportes, é deslocado para sudoeste, junto à área mais acidentada do terreno, acima do “balão” destinado à Filosofia, Ciências e Letras.



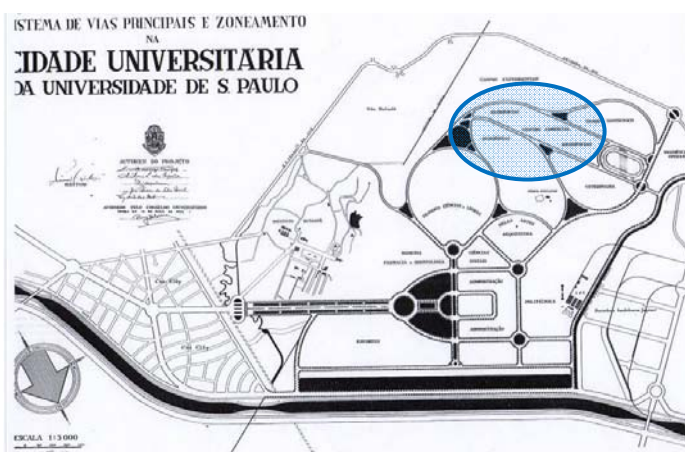
**Fig. 10:** Plano Geral da Cidade Universitária, 1947.  
Em azul, as áreas residenciais.

Fonte: CABRAL, Neyde (2004), p. 105.



**Fig. 11:** Plano Piacentini-Morpurgo para Universidade do Brasil, 1938.  
Em vermelho as áreas residenciais.

Fonte: CABRAL, Neyde (2004), p. 85.



**Fig. 12:** Sistemas e Vias Principais e Zoneamento, 1949.  
Em azul, a área residencial.

Fonte: CABRAL, Neyde (2004), p. 110.

<sup>24</sup> *O Espaço da USP: Presente e Futuro*. São Paulo: A Prefeitura, 1985.

<sup>25</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. (Tese de doutorado). p. 111.

### Década de 50

Entre 1951 e 1955, Ernesto de Souza Campos é encarregado presidente da Comissão. O plano de 1952 dilui algumas simetrias além do eixo principal de acesso. Surgem novas vias, entre elas uma importante distribuidora do fluxo até hoje (a Av. Professor Luciano Gualberto), paralela ao eixo principal, entre odontologia e medicina (no plano). Esta proposta define de maneira mais aprofundada o que se tornaria o Core da cidade universitária, a praça da administração, onde estão situados a reitoria, a biblioteca, o teatro, a prefeitura e a torre, no extremo da via de acesso. O setor residencial mantém-se, em parte, ao lado do setor esportivo, junto à entrada do campus. Outra parte, que seria destinada aos estudantes, posiciona-se adjacente ao Instituto Butantã, paralelamente a linha adutora de Cotia. Esse terreno estreito e alongado é posteriormente considerado inadequado para a implantação das edificações, e seu desdobramento vai configurar o sítio no qual o projeto de Rino Levi se desenvolve neste período.

O Plano Diretor de 1954, referenciado no plano de 1952, definiu 19 setores e chegou aos projetos das edificações, desenvolvidos por importantes nomes da arquitetura brasileira, como Ícaro de Castro Mello, no setor esportivo e Rino Levi no setor residencial de estudantes e no centro cívico.<sup>26</sup>

A documentação de 1954 mantinha muito do traçado viário e da posição dos núcleos do estudo anterior, mas propunha tipologias edilícias e novos desenhos de espaços abertos, além de ampliar sensivelmente a área residencial, tomando toda a área triangular ocupada anteriormente pela medicina. A partir deste plano o setor residencial abrangeria apenas as habitações para estudantes.<sup>27</sup> É um plano identificado com princípios modernos de composição, na aplicação de tipologias edilícias do repertório moderno, no tratamento dos espaços abertos e na distribuição de usos e fluxos.

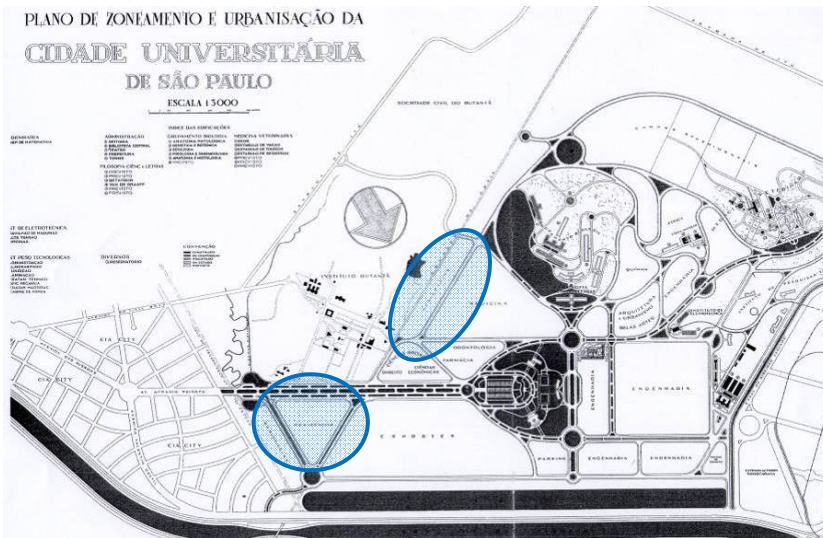
Em 1956, com Hélio Duarte ocupando o posto de chefe do Escritório Técnico, houve o replanejamento do zoneamento do campus, que mantinha as linhas viárias gerais do plano diretor de 1954 – em parte realizado ou em andamento- mas modificava significativamente a posição de alguns setores. O trabalho coordenado por Hélio Duarte sintetizava e simplificava os planos anteriores, e planejava construção por etapas, não materializada em função da escassez de verbas.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> *O Espaço da USP: Presente e Futuro*. São Paulo: A Prefeitura, 1985.

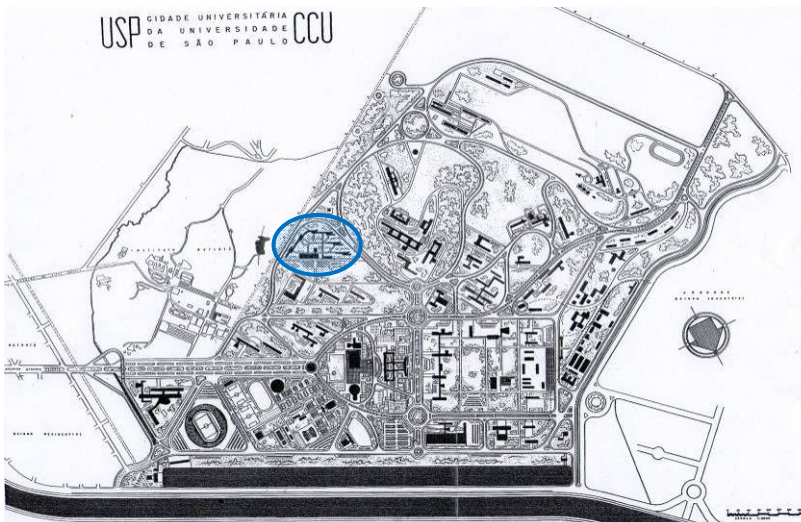
<sup>27</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. (Tese de doutorado).

<sup>28</sup> DUARTE, Hélio Queiroz. Roteiro de Planejamento Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira”. São Paulo, 1956.



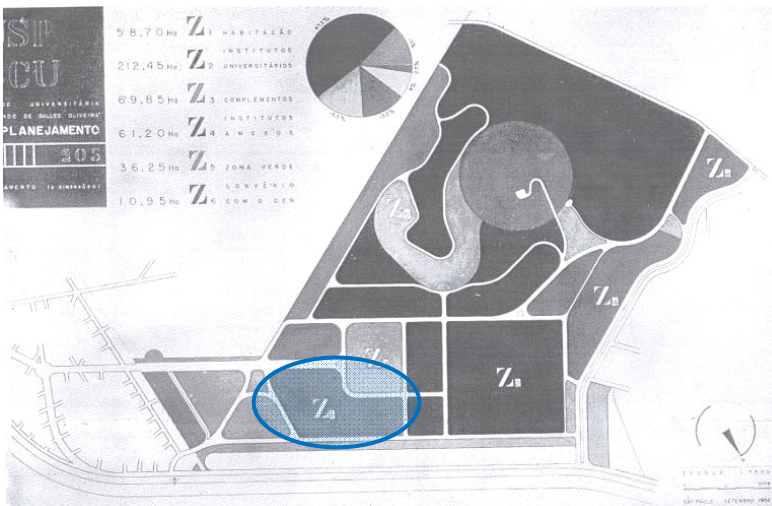
**Fig. 13:** Plano de Zoneamento e Urbanização, 1952.  
Em azul, as áreas residenciais.

Fonte: CABRAL, Neyde (2004), p. 114.



**Fig. 14:** Plano Diretor, 1954.  
Em azul, a área residencial.

Fonte: O Espaço da USP: Presente e Futuro (1985), p. 44.



**Fig. 15:** Zonamento Replanejado, 1956.  
Em azul, a área residencial.

Fonte: DUARTE, Hélio (1956), p.8.

O Core ou Praça Magna - centro administrativo e cultural, simbólico e centralizador das relações sociais - é mantido na posição em que se encontrava nos planos anteriores, mas tem sua configuração reformulada. O projeto propõe uma praça de formato retangular, ao invés da configuração triangular sobre o qual são elaborados os projetos de Rino Levi. Há a sugestão de volumes para o Core, mas os projetos definitivos seriam realizados através de concursos. O setor residencial é deslocado da colina para área entre o setor esportivo e a Praça Magna, estabelecendo uma relação mais direta com os programas de convívio coletivo. As modificações para o setor residencial acarretavam o descarte do projeto anterior de Rino Levi.

Durante as duas décadas seguintes à criação da Universidade de São Paulo em 1934 mais de dez planos distintos para implantação da Cidade Universitária foram publicados. Os planos e projetos propostos e descartados por razões políticas, financeiras ou mesmo arquitetônicas, compunham um repertório de soluções reinterpretadas nos projetos posteriores.

#### Década de 60

Apenas na década de 60 define-se um plano segundo o qual a maioria das construções é concretizada. Os planos elaborados no início da década de 60 são os que incidem diretamente sobre a maioria das edificações construídas no campus, incluindo o conjunto residencial. Neste contexto os novos planos substituem todos os estudos anteriores que propunham localizações e tipologias edilícias para a habitação, entre eles os projetos da década de 50 de Rino Levi e Hélio Duarte.

Em 1960 cria-se o Fundo para Construção da Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira” (CUASO), assumindo o planejamento e a construção do campus. Neste período há disponibilidade de verba, o que estimula a definição do plano e a construção do campus. O plano de 1961-63 que contou com a participação de diversos arquitetos, convidados e professores da USP, retomou o plano de Hélio Duarte de 1956, modificando-o em alguns aspectos. Revisa-se a malha viária, eliminando algumas vias e redimensionando eixos principais, alteram-se significativamente os setores esportivo, residencial e o core, e define-se 19 setores cujos projetos foram distribuídos entre os arquitetos participantes do plano<sup>29</sup>. O setor residencial é atribuído a Eduardo Kneese de Mello.

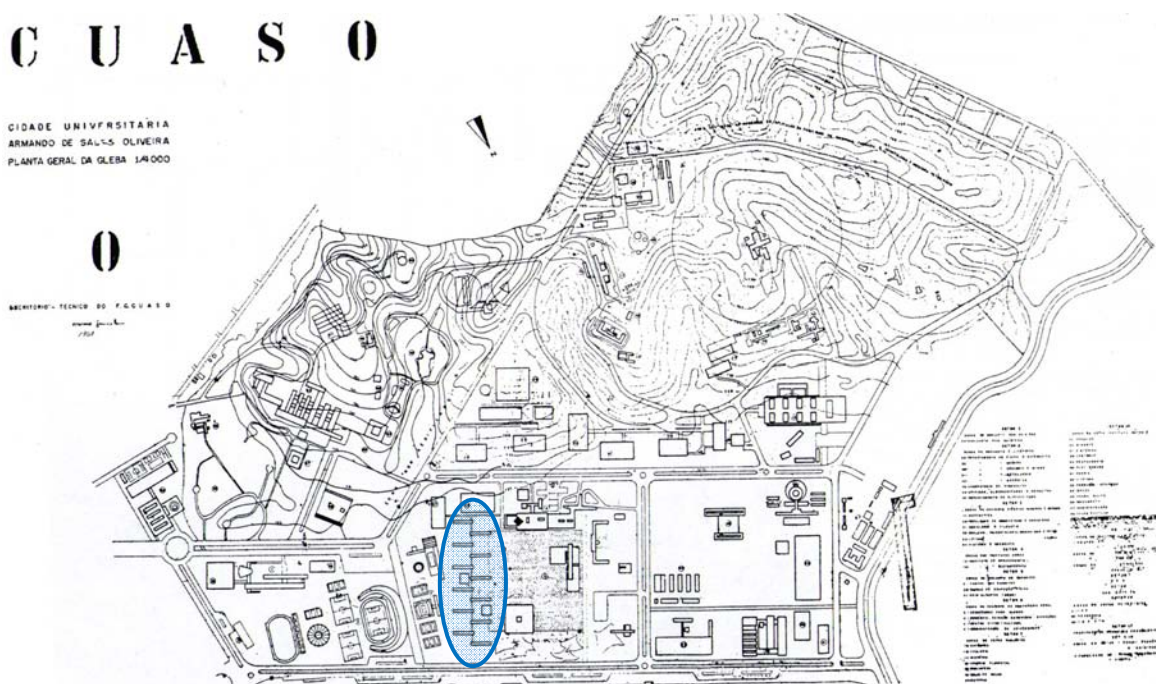
---

<sup>29</sup> Em relatório ao Reitor da USP o diretor Executivo do Fundo de Construção da Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira”, Arq. Paulo de Camargo e Almeida propõe a distribuição dos projetos aos arquitetos envolvidos de alguma maneira com o planejamento e construção do campus: Carlos Milan (Seção de Letras), Paulo Mendes da Rocha (Departamento de Sociologia e Antropologia e Economia Política e História das Doutrinas), Joaquim Guedes (Seção de Filosofia), Hélio Duarte (Urbanização do “Core”), João Vilanova Artigas (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), Eduardo Kneese de Mello (Habitações), Ícaro de



“A equipe de arquitetos reuniu-se inúmeras vezes sob a direção do professor Anhaia Mello, analisou os estudos elaborados por seus antecessores que atuavam sob as ordens do arquiteto Hélio Queirós Duarte e fizeram algumas alterações. Em seguida os projetos das diversas áreas foram atribuídos àqueles arquitetos. Coube-me o Conjunto Residencial dos Estudantes, cujo número seria de aproximadamente de dois mil”.<sup>30</sup>

O plano de 1963 demonstra as edificações construídas ou em execução, entre as quais o conjunto residencial de estudante de Kneese de Mello, parcialmente construído para abrigar atletas dos jogos Pan-americanos.<sup>31</sup>



**Fig. 16:** Plano 1961-63.

Em azul, a área residencial projetada por Kneese de Mello e equipe.

Fonte: O Espaço da USP: Presente e Futuro (1985), p. 51.

---

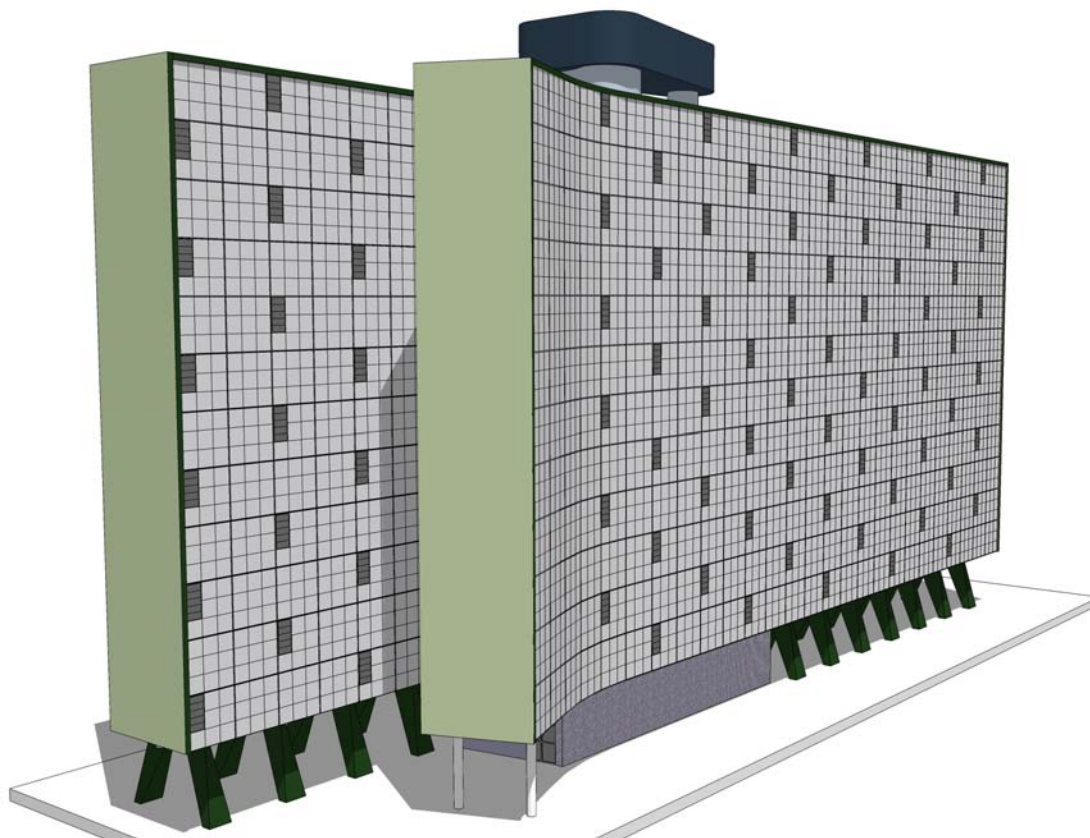
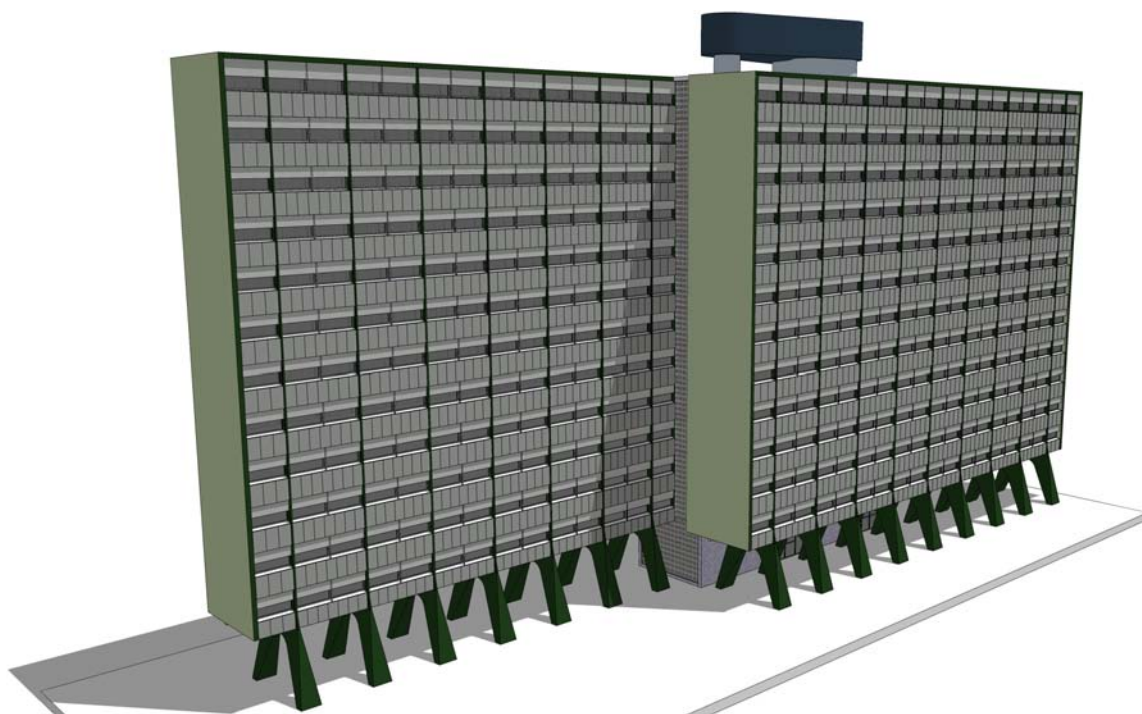
Castro Mello (Esportes), Roberto Cerqueira Cezar (Estação Rodoviária), entre outros. (CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. Tese (doutorado)).

<sup>30</sup> *O Espaço da USP: Presente e Futuro*. São Paulo: A Prefeitura, 1985.

<sup>31</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. Tese (doutorado).

## 4.2. SETOR RESIDENCIAL DO ESTUDANTE (1953)

Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar



**Figs. 17, 18:** Projeto Rino Levi (não construído), maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.



O projeto de Rino Levi para os alojamentos estudantis da USP, realizado em parceria com Roberto Cerqueira César, foi objeto de publicação de importantes periódicos no ano de 1953, ainda presente a expectativa de sua construção, que nunca se efetivou. A revista *Habitat* nº 11, de junho de 53 trazia, com alguns acréscimos de Rino Levi, o memorial justificativo do projeto entregue em conjunto com a documentação gráfica, além dos desenhos do anteprojeto e fotos da maquete. Imagens da maquete também ilustraram as páginas da *Domus* de outubro do mesmo ano. A edição de novembro de 1953 da *Progressive Architecture* informava que o projeto já estaria em construção. Porém, a proposta que figurou em diversas outras publicações da década de 50, nunca chegou a ser construída.

O projeto para o conjunto residencial estava submetido “(...) ao programa circunstanciado elaborado pela digna Comissão da Cidade Universitária e às decisões resultantes dos debates efetuados com a mesma.”<sup>32</sup> Sintonizava-se com as principais diretrizes dos planos urbanísticos da universidade de 1952 e 1954. O conjunto residencial situava-se a sudeste no campus, junto à entrada principal estabelecendo, em relação ao eixo de acesso, equilíbrio compositivo e funcional com o núcleo esportivo posicionado a nordeste.

No *Plano de Zoneamento e Urbanização* [sic] de 1952, que incidiria inicialmente sobre o projeto de Rino Levi, a área destinada aos alojamentos situava-se em terreno estreito e alongado, lindeiro ao já existente Instituto Butantã. Entretanto, entre os planos urbanísticos de 1952 e 1954 há um reposicionamento do setor residencial, que passa a ocupar parte da área antes destinada a medicina. O memorial justificativo do projeto, datado de janeiro de 1953, trás os argumentos para a alteração:

*“A localização [sic] do conjunto sofreu ligeira modificação em relação ao previsto no plano geral da futura cidade universitária. Esta modificação se tornou aconselhável, pois, o terreno originalmente destinado para este setor, de forma alongada e pouca largura, teria obrigado a uma disposição desfavorável dos edifícios, principalmente quanto as suas intercomunicações.”*<sup>33</sup>

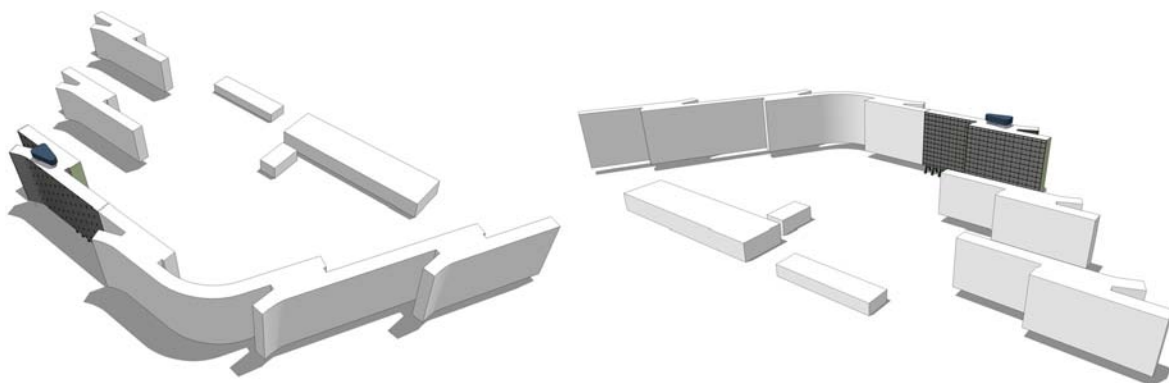
Com a modificação, os alojamentos passam a ocupar o alto da colina, em terreno “praticamente nivelado em consequência dos serviços de terraplanagem já realizados”<sup>34</sup> à época, deslocando o setor da medicina para a parte plana junto à avenida de ingresso. O formato triangular do terreno parece sugerir um encaminhamento à solução composta

<sup>32</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p.1.

<sup>33</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p.1.

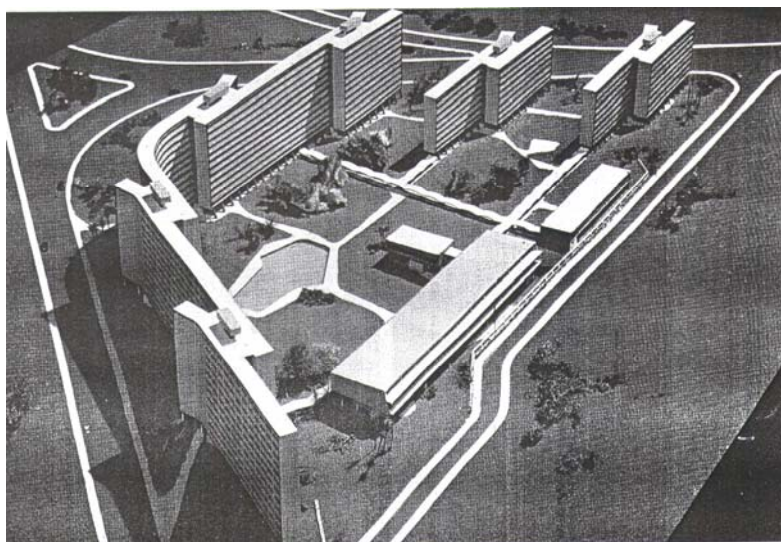
<sup>34</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p. 2.

por uma sequência de volumes acomodados acompanhando o traçado viário, resultando em uma forma trapezoidal, em cujo centro posiciona-se a praça de uso coletivo.



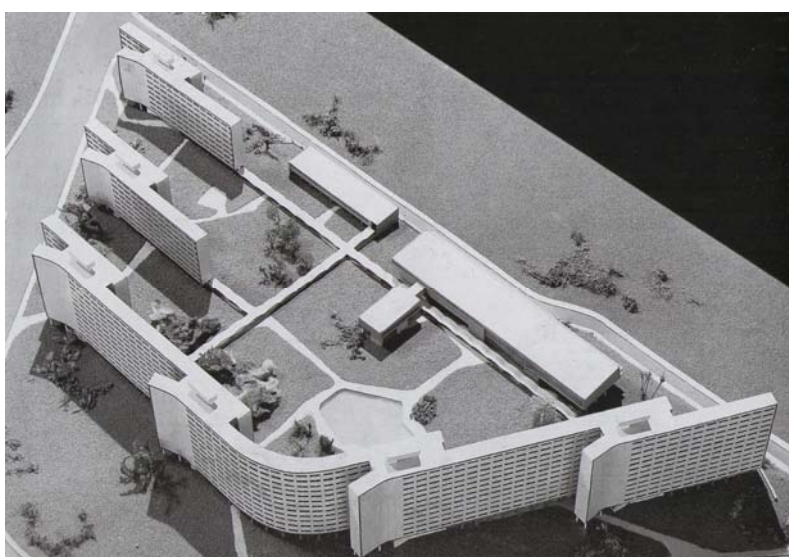
**Figs. 19, 20:** Projeto Rino Levi, maquete eletrônica do conjunto.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 21:** Projeto Rino Levi, maquete.

Fonte: DOMUS. nº287 (1953), p.7.



**Fig. 22:** Projeto Rino Levi, maquete.

Fonte: ANELLI, Renato (2001), p.192.

Previa-se a capacidade de dois mil alunos nas instalações do conjunto residencial, distribuídos em blocos de configurações distintas, separados por sexo. O setor masculino compunha-se de quatro barras de doze pavimentos sobre pilotis, interconectadas, acompanhando as margens sul-sudeste e sul-sudoeste do terreno. Para o setor feminino, duas barras isoladas “*em situação de perfeita independência e recato*”<sup>35</sup>, com oito pavimentos sobre pilotis, implantadas em posição perpendicular ao limite noroeste do terreno, paralelamente ao eixo principal de acesso ao campus.

As quatro edificações masculinas aparecem conectadas através do núcleo de circulação vertical configurando, do ponto de vista compositivo, uma barra única, de 315 metros de comprimento. Essa unidade, entretanto, não se reflete no interior das edificações, que se comportam como unidades autônomas, possivelmente em função dos condicionantes técnicos, do gerenciamento das edificações e do controle de usuários. Além disso, previa-se a possibilidade de construção em parcelas:

*“Esta disposição dos edifícios em pavilhões, construtivamente independentes, permitirá a execução da obra em várias etapas, à medida das necessidades da Universidade e das dotações orçamentárias.”*<sup>36</sup>

A acomodação da longa fita junto a um dos vértices do terreno triangular acarreta a flexão de uma das edificações do conjunto masculino, em manipulação da tipologia da barra que remete, entre outros, a um paradigma da habitação brasileira, o conjunto Pedregulho. Para além da similaridade na estratégia de se estabelecer continuidade compositiva, os dois casos diferem essencialmente na continuidade de uso e de fluxos no interior da edificação megaestrutural. Enquanto, como já visto, o conjunto de Rino Levi é subdividido em edificações autônomas, a proposta de Reidy mantém a integração de uma edificação única.

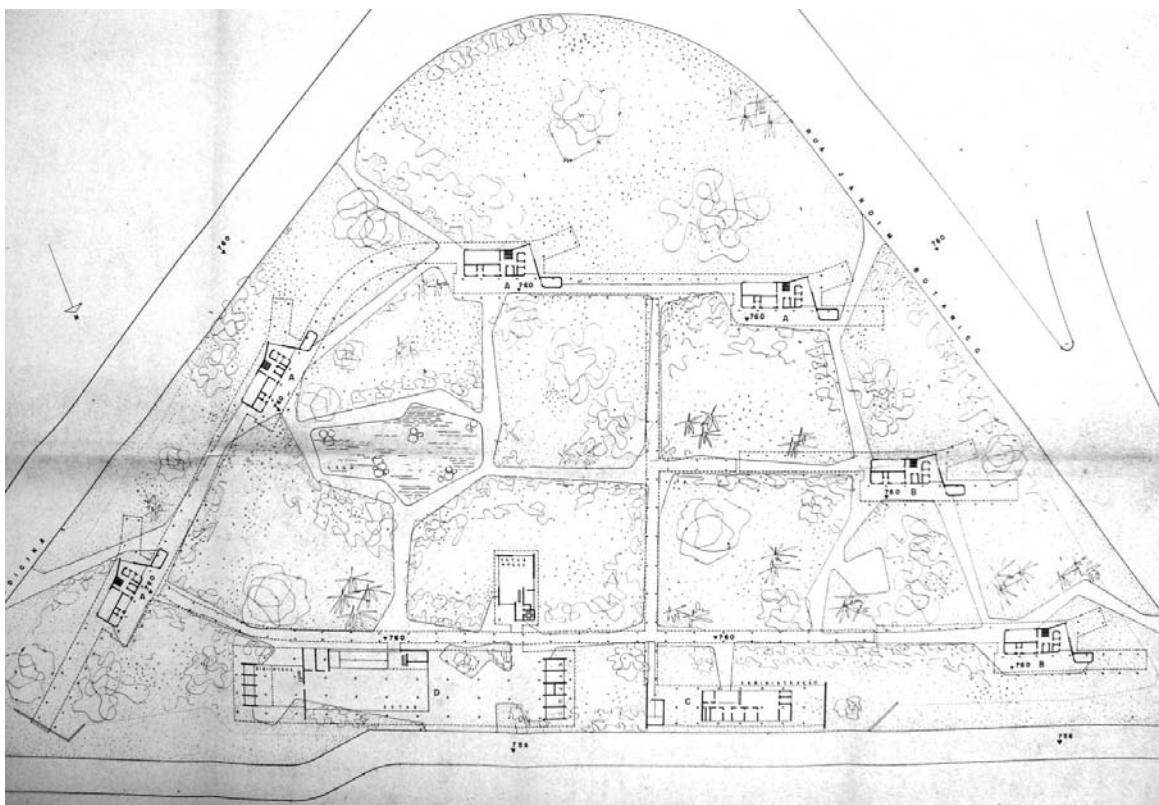
Além das edificações residenciais, o projeto para o conjunto da USP propunha espaços de uso comum e serviços complementares, áreas que serviriam como ponto de convergência da coletividade. Os volumes baixos destinados ao clube de estudantes, a administração e enfermaria, estes últimos em uma única edificação, completam o trapézio, situando-se a norte-nordeste. A presença discreta destes edifícios mantém as privilegiadas visuais do campus e é fundamental na configuração da praça central, imaginada como um jardim expandido sob as edificações em pilotis. “*Todas as ligações*

---

<sup>35</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p.1.

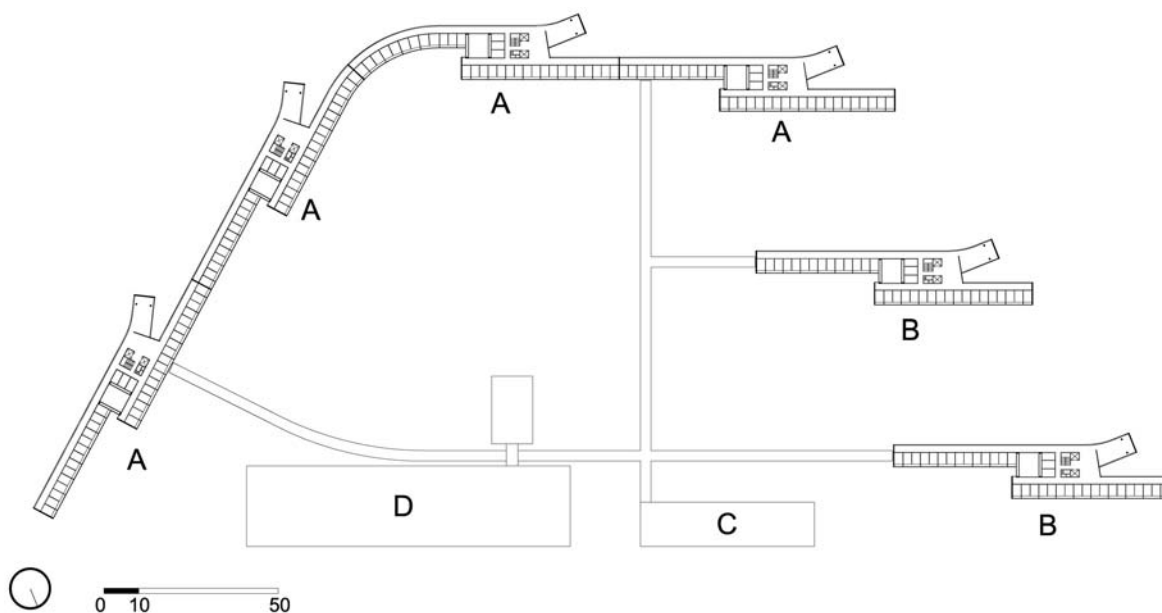
<sup>36</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p.1.

entre os vários edifícios do projeto são feitas através desse jardim, que se tornará ponto de encontro e estar dos moradores do conjunto.”<sup>37</sup>



**Fig. 23:** Projeto Rino Levi, planta baixa de conjunto, pavimento térreo.

Fonte: Arquivo FAU-USP.



**Fig. 24:** Projeto Rino Levi, planta baixa de conjunto, pavimento tipo.

A. Dormitórios rapazes; B. Dormitórios moças; C. Administração e enfermaria; D. Clube.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo FAU-USP).

<sup>37</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p.2.

O trânsito pedestre ocorre por caminhos definidos no interior da praça. Um percurso mais direto e ortogonal, demarcado por passagens cobertas, interliga as edificações de uso comum às barras independentes femininas e a dois pontos do longo bloco masculino. Para o passeio coberto, Levi faz uso dos mesmos elementos aplicados no projeto para o Instituto de Filosofia, Ciências e Letras Sedes Sapientiae, São Paulo, 1940/42. A cobertura é composta por uma sequência de arcos, em cujas extremidades posicionam-se os apoios verticais, de secção circular. Com grande parte do térreo liberado em função do uso de pilotis, é possível circular sob coberturas na totalidade do conjunto. Outros caminhos, de formas mais livres, configuram os elementos de espaço urbano, como os ajardinamentos e o lago.

A circulação veicular se dá pelo entorno do terreno, ficando restrito o acesso de serviço e abastecimento à via a norte-nordeste, situada quatro metros abaixo da praça central e do conjunto de edifícios. A comunicação com esta via é feita através de pavimento semienterrado sob o bloco do clube de estudantes.

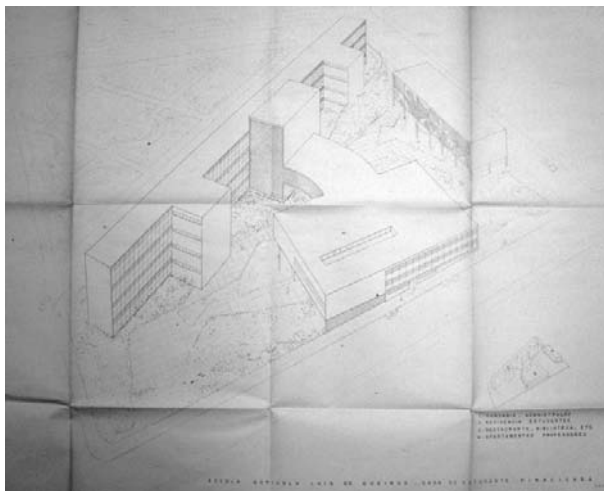
A solução adotada no conjunto da USP, de acomodar os distintos setores do programa (dormitórios, administração e dependências de uso comum) em volumes formalmente autônomos já havia sido explorada por Rino Levi, em menor escala, no projeto para a casa do estudante da Escola Agrícola Luís de Queiros, em Piracicaba. Neste projeto, de meados de 1952, o programa repetitivo das células residenciais é acomodado em uma longa e estreita fita de quatro pavimentos, que se comunica com o setor de funções coletivas, de menor altura e de formato retangular, através de área curva coberta, onde está posicionada a portaria. Outro volume independente, de pequenas dimensões, abriga a residência de professores. A disposição das edificações adéqua-se aos limites do terreno trapezoidal, restringindo o trânsito veicular ao perímetro do lote, e configurando uma praça com lago e jardins curvilíneos no trecho mais estreito do terreno.<sup>38</sup>

A proximidade temporal e a similaridade programática entre o projeto da escola agrícola e o conjunto residencial da USP permitem supor que neste momento há o desenvolvimento de uma base referencial e a composição de um repertório que é mais amplamente explorado no projeto da USP. A acomodação dos volumes ao traçado do terreno, a exploração das passagens e das áreas abertas cobertas, o estudo minucioso das possibilidades internas das unidades e a aplicação quase direta dos elementos de espaço aberto são recursos experimentados em ambos os projetos. A escala expandida

---

<sup>38</sup> Projeto Casa do Estudante da Escola Agrícola Luís de Queiros, Piracicaba. Fonte: Acervo FAU-USP. Consulta em janeiro de 2011.

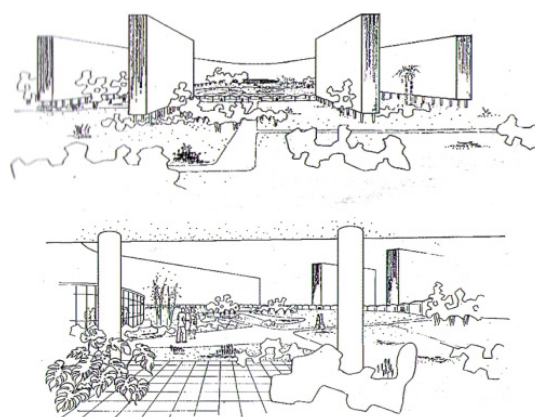
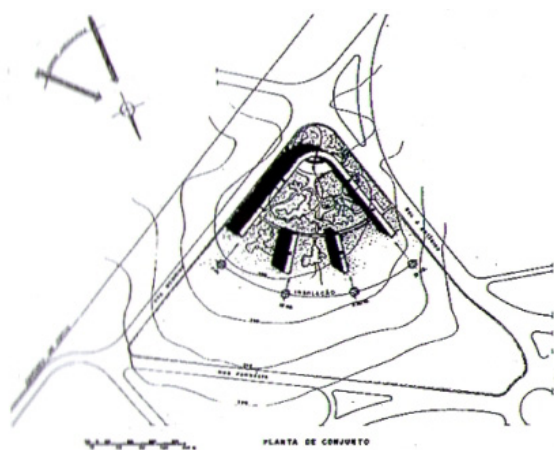
do projeto da USP permitiu explorar com maior profundidade a configuração ideal para as edificações, suas articulações e a distribuição de usos e fluxos ao longo do conjunto.



**Fig. 25:** Escola Agrícola Luís de Queiros, Piracicaba, 1952.

Fonte: Arquivo FAU-USP.

Anterior à proposta para as residências da USP consolidada na documentação final, há uma primeira implantação do conjunto de alojamentos, já no terreno triangular.<sup>39</sup> Neste projeto, há um edifício longo articulado na porção central da planta, em uma das extremidades do terreno, configurando um “V” na área mais alta e plana da colina. Duas outras barras independentes posicionam-se a norte delimitando, junto com a grande fita contínua, uma praça central. Essa proposta, mais contida no terreno, parece sugerir o uso dos mesmos elementos constituintes do projeto final, as passagens cobertas, os caminhos pavimentados, as áreas verdes, etc. Além disso, através de imagem perspectiva é possível observar os terraços em pilotis e a manipulação de diferentes alturas, no mega bloco e nas edificações independentes, neste caso, mais altas.



**Figs. 26, 27 e 28:** Projeto Rino Levi, estudo inicial para o conjunto residencial da USP.

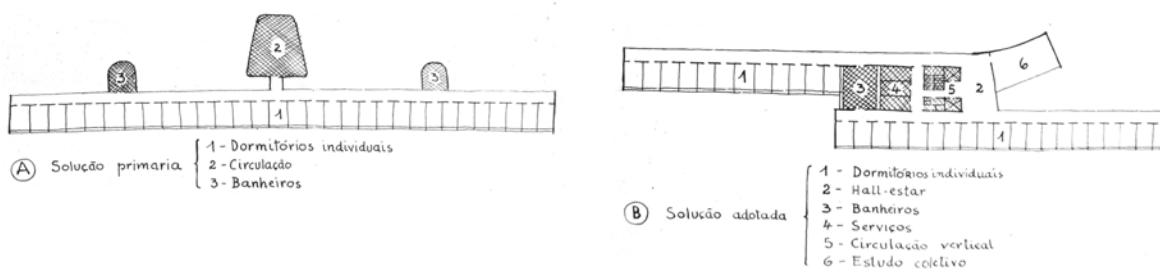
Fonte: ANELLI, Renato (2001), p.193.

<sup>39</sup> ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. *Rino Levi Arquitetura e Cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001. p. 193.



Nos documentos do projeto constavam duas possíveis soluções para as edificações, ilustrando alternativas para o posicionamento dos núcleos hidráulicos e de circulação vertical, além da configuração da barra de dormitórios. A hipótese “A”, dita solução primária, caracterizava-se como uma barra única, de fita simples, a qual eram conectados três outros volumes, correspondentes aos sanitários coletivos, em número de dois, e à circulação vertical. Essa solução, descartada posteriormente, remetia ao projeto de 1952 para a casa de estudantes em Piracicaba.

A solução “B” adotada compreendia uma maior diversidade de programas a cada pavimento e para isso propunha um arranjo volumétrico mais elaborado. Nesta solução cada bloco é composto por uma combinação de duas fitas de 6,5m de largura, com comprimentos distintos, articuladas através de um núcleo de uso comum da edificação. O núcleo que articula as duas fitas de cada bloco é composto, a cada pavimento, pelos sanitários coletivos, rouparia, copa, estar e outras pequenas dependências de serviço.



**Figs. 29, 30:** Projeto Rino Levi, estudos de planta.

Fonte: Arquivo FAU-USP.

As fitas que compõem as edificações são preenchidas pela sequência de células residenciais e o corredor de acesso às unidades. De acordo com o memorial descritivo “A disposição dos quartos, de um só lado dos corredores, garante a todos as melhores condições de orientação, quanto à insolação, proteção contra os ventos e visão do panorama.”<sup>40</sup>

Nas edificações femininas, de oito pavimentos, uma das fitas é integralmente preenchida por 18 células residenciais, e a fita mais alongada abriga 14 dormitórios e estabelece continuidade de planos internos com o núcleo comum. Essa fita possui uma terminação distinta. A extremidade próxima ao núcleo, que abriga a área de estudos, apresenta uma angulação que demonstra excepcionalidade em relação ao conjunto da planta. Neste ponto há um salão onde figuram apenas dois pilares, de seção redonda, diferente de todos os demais, tratados com distinção também no revestimento, feito em pastilhas de vidro cor branca. Essa exceção também é refletida nas fachadas, onde há

<sup>40</sup> LEVI, Rino. *Setor residencial do Estudante*. In: Habitat. São Paulo, junho de 1953. Número 11, p. 3.

maior homogeneidade nos planos de vidro. Esse detalhe é mais perceptível nos desenhos de anteprojeto e perspectiva do que na documentação do projeto executivo, onde a diferença é mais discreta.

Os edifícios masculinos mantem a lógica das unidades femininas, entretanto, apresentam variações decorrentes do trecho em curva do conjunto e do acréscimo de células em algumas fitas, além de possuir 4 pavimentos a mais. A configuração das unidades é um dos pontos de maior reflexão e discussão do projeto. Fatores explicitados no memorial do projeto encaminharam para a solução de dormitórios individuais que, através de flexibilidade espacial demonstradas na documentação, poderiam ser densificados. Isso seria possível excluindo a divisória entre duas células, passando a abrigar três usuários. Os seguintes fatores corroboraram a solução:

*“-A Universidade, além de ministrar o preparo técnico e científico, deve favorecer o desenvolvimento da personalidade do aluno. Para isso é importante que cada qual tenha a possibilidade de se concentrar em determinados momentos, fora do convívio dos demais. Só o dormitório individual dá essa possibilidade num conjunto residencial desse tipo.*

*- Os estudos realizados em detalhe, mostraram que dentro de um certo padrão de conforto, o quarto individual, como foi projetado, é tão ou mais econômico que o quarto de maior número de leitos. Com área construída de apenas 9,125 metros quadrados por leito, esta solução é a que indiscutivelmente apresenta mais conforto.*

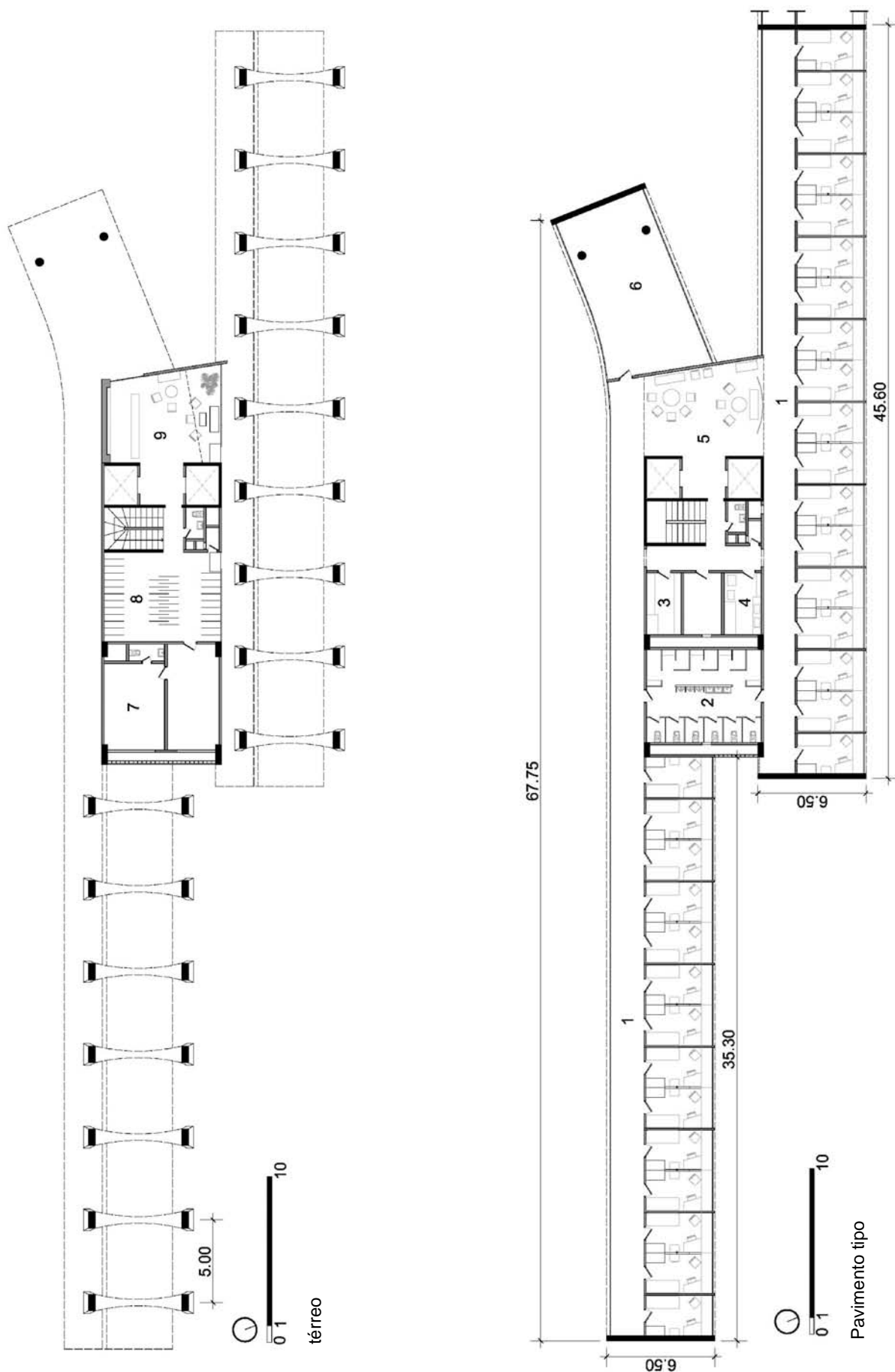
*- Só este tipo de quarto garante a responsabilidade plena de cada estudante em relação ao material que lhe é entregue.”<sup>41</sup>*



**Figs. 31, 32:** Projeto Rino Levi, planta baixa de conjunto, estudos de célula.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo FAU-USP).

<sup>41</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p. 4.



**Figs. 33, 34:** Projeto Rino Levi, plantas baixas de uma edificação.

1. Circulação horizontal; 2. Sanitários coletivos; 3. Rouparia; 4. Copa; 5. Hall/estar; 6. Sala de estudos; 7. Zelador; 8. Bicicletário; 9. Portaria.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo FAU-USP).

O estudo das células contemplou, além da adequação das dimensões, a exploração das possibilidades internas das unidades. Através da subdivisão do módulo estrutural de 5m, empregando elementos leves, chegou-se a uma unidade padrão de dimensões 2,5x3,6m e 9m<sup>2</sup> de área. O mobiliário fixo adquire relevância na medida em que se mimetiza com os demais elementos de configuração espacial, como mobiliário-divisória, no caso dos roupeiros, ou como mobiliário articulado com a esquadria, no caso da bancada de trabalho. Os elementos previstos pelo projeto deveriam suprir as demandas imediatas dos usuários, no que diz respeito ao descanso, ao estudo, ao armazenamento, e à higiene básica (um lavatório por quarto). As demais necessidades seriam atendidas pelo núcleo comum.

O térreo sob cada bloco é composto pela área aberta coberta junto aos pilares e por volumes de dois pavimentos, que comportam os pontos de acesso e programas especiais de uso coletivo. O térreo abriga o hall de entrada e a portaria, com área de estar, lavabo e circulação vertical – escadas e elevadores – bicicletário e apartamento para zelador (especificado “governante” no projeto). O terceiro pavimento é composto por uma grande sala para depósito de malas, sala para materiais de limpeza, sanitários e um pequeno bar, que se comunica visualmente com o andar térreo através de um vazio posicionado junto ao trecho envidraçado da entrada. Para as superfícies deste volume são especificados diferentes materiais, evidenciando preocupação estética na combinação de cores e texturas, que colaboram na identificação dos distintos elementos da composição. As superfícies transversais, a lateral do hall e a unidade do zelador são tratadas, respectivamente, com pastilhas de vidro e com blocos de concreto vazados, uma duplicação de fachada que parece dissimular as aberturas do apartamento, diretamente atrás do plano vazado.

Planos constituídos por elementos vazados de concreto integram o repertório formal de Rino Levi a partir do projeto para o Sedes Sapientiae, em 1940/42. As superfícies reticulares junto aos corredores internos preenchem a grelha estrutural compondo uma fachada homogênea. Neste mesmo projeto utiliza-se o recurso da cobertura curva mais tarde empregada nos alojamentos, distribuindo fluxos e coordenando os volumes. A duplicação dos planos de fachada, que ocorre nas áreas dos sanitários e do apartamento do zelador dos edifícios de alojamento, pode ser percebida em projeto posterior ao Sedes Sapientiae, para a Companhia Jardim de Cafés Finos (1942/43). O plano vazado de concreto é deslocado da fachada preenchida com esquadrias de vidro, garantindo proteção solar e privacidade na área administrativa.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. *Rino Levi Arquitetura e Cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.



**Figs. 35:** Instituto Sedes Sapientiae (1940/1942).

Fonte: ANELLI, Renato (2001), p.115.



**Figs. 36:** Jardim de Cafés Finos (1942/1943).

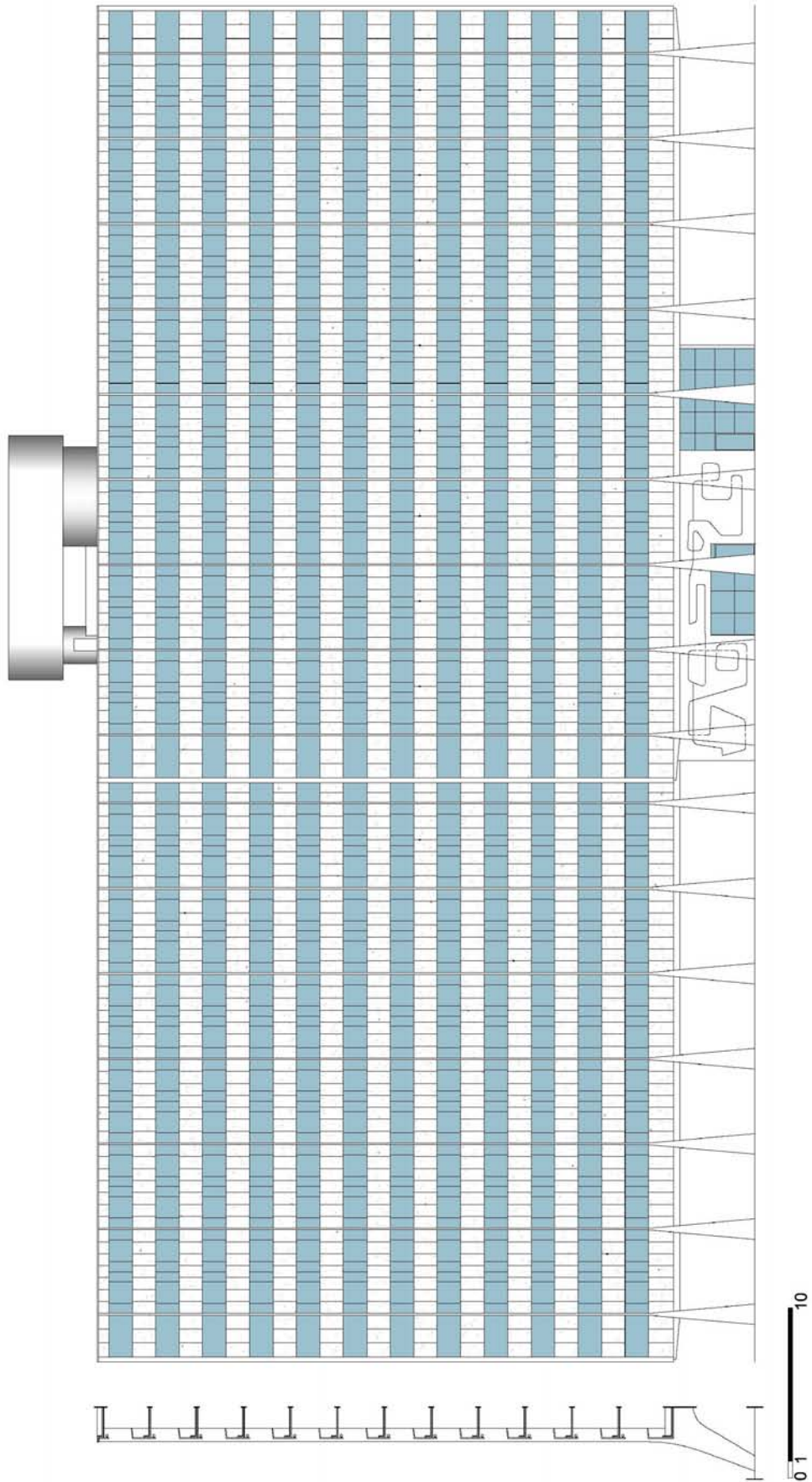
Fonte: ANELLI, Renato (2001), p.123.

No caso dos alojamentos da USP, vale-se do recurso para garantir a privacidade de áreas íntimas, mais do que por demandas de habitabilidade. Além disso, acaba conformando uma superfície única mais coerente com o tratamento homogêneo dado as demais fachadas.

As superfícies longitudinais do volume de acesso são revestidas com mosaico de azulejo português, agregando valor artístico e reforçando a legibilidade do acesso aos edifícios. Levi integrava as discussões acerca da integração artística no momento em que o tema era pauta da arquitetura moderna e argumento de importantes projetos, como na Cidade Universitária de Caracas, de Raul Villanueva, em 1943 e no Brasil, anteriormente e de forma pioneira, no Ministério de Educação e Saúde, 1936. Os elementos artísticos utilizados para destacar planos e volumes passam a integrar a obra de Rino Levi a partir da década de 40, quando *“identifica-se a incorporação de painéis, produzidos por artistas ou desenvolvidos em seu escritório, que desempenham um papel orgânico na obra arquitetônica.”*<sup>43</sup>

Os pilares reiteram a busca por uma identidade plástica, comportando-se como elementos sintetizadores de estrutura e forma. Em formato de “V” invertido, os pilares têm espaçamento de 5 metros no sentido longitudinal e são deslocados pouco mais de um metro em relação ao centro da barra. A seção dos pilares se altera verticalmente. De lado, nas fachadas longitudinais, os pilares sofrem estreitamente à medida que se aproximam da laje. No sentido transversal, são mais largos no trecho superior, junto à laje, afinando em direção ao chão nas duas extremidades. Para o seu revestimento são especificadas pastilhas de vidro na cor verde escuro, que figuram ainda na grelha estrutural das fachadas longitudinais norte-nordeste e norte-noroeste. As empenas cegas das fachadas transversais recebem o mesmo tipo de pastilha, porém nas cores verde claro e roxo claro (entre as duas barras de cada edifício).

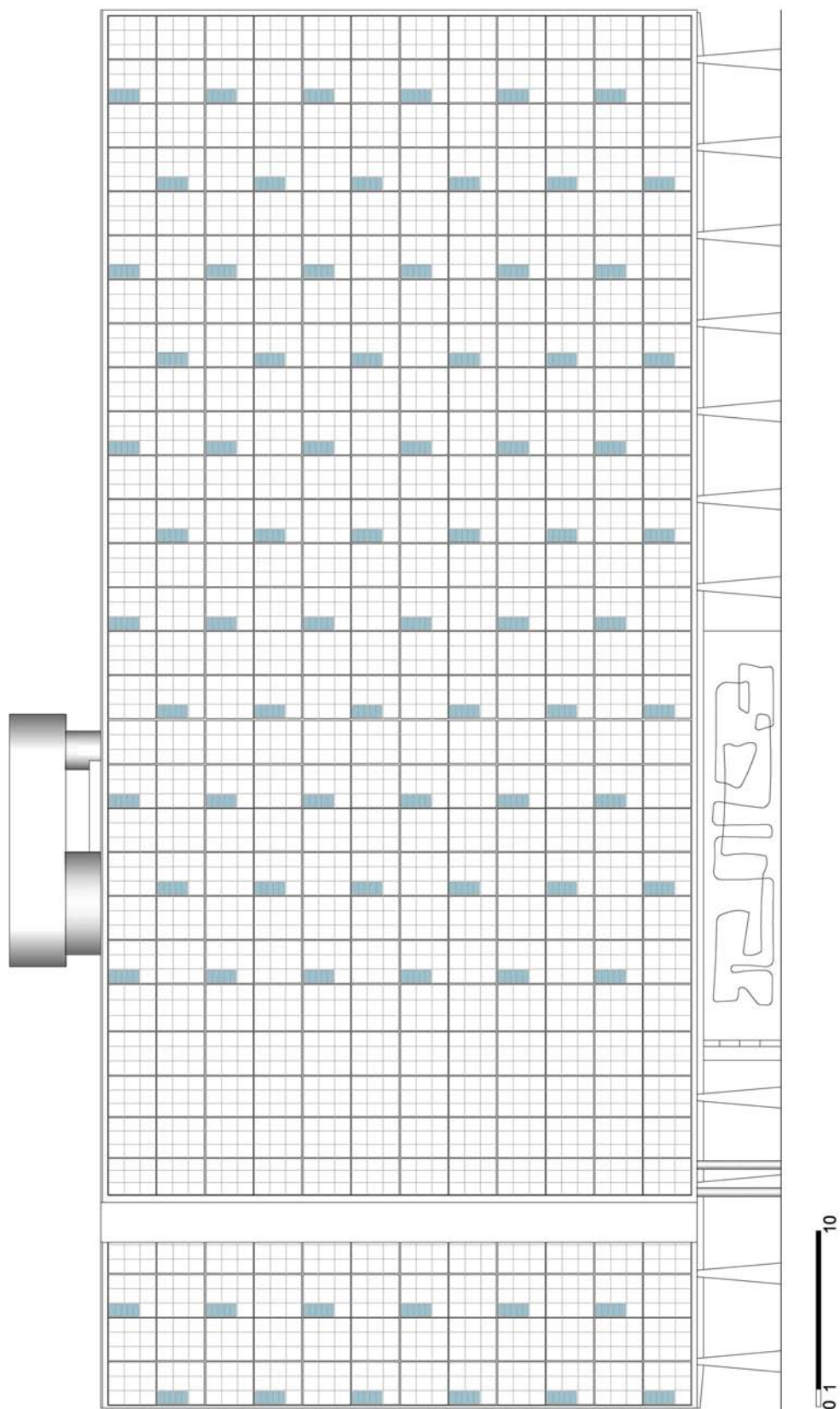
<sup>43</sup>ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. *Rino Levi Arquitetura e Cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001. p. 135.



**Fig. 37:** Projeto Rino Levi, fachada lado dos dormitórios.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo FAU-USP).





**Fig. 38:** Projeto Rino Levi, fachada lado dos corredores.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo FAU-USP).

A fachada dos dormitórios evidencia a presença dos pilares que para ali avançam, entre os quais estão posicionados os painéis de vedação intercalando, horizontalmente, placas de concreto armado pré-moldadas, fixados pela frente das lajes e esquadrias de vidro com persianas combinadas. Aos painéis de concreto corresponde, internamente, o móvel fixo em jacarandá que conjuga estante e bancada de trabalho. O acabamento do conjunto de elementos de fachada ocorre sob a forma de um largo peitoril feito em granilite. Sobre este peitoril estão localizadas as duas camadas de esquadria e proteção solar. Em um plano recuado que se alinha internamente com o início da mesa, estão localizadas as esquadrias com caixilharia metálica, divididas horizontalmente em duas partes e verticalmente em três. A banda superior é composta por chapas de ferro, das quais a folha central é móvel. A banda inferior, em vidro, possui a peça central fixa e as laterais móveis. Em primeiro plano, diante das esquadrias, levemente recuada em relação aos painéis de concreto, estão posicionadas as persianas, cujo rolo “esconde-se” atrás do painel de concreto que segue para o pavimento seguinte.

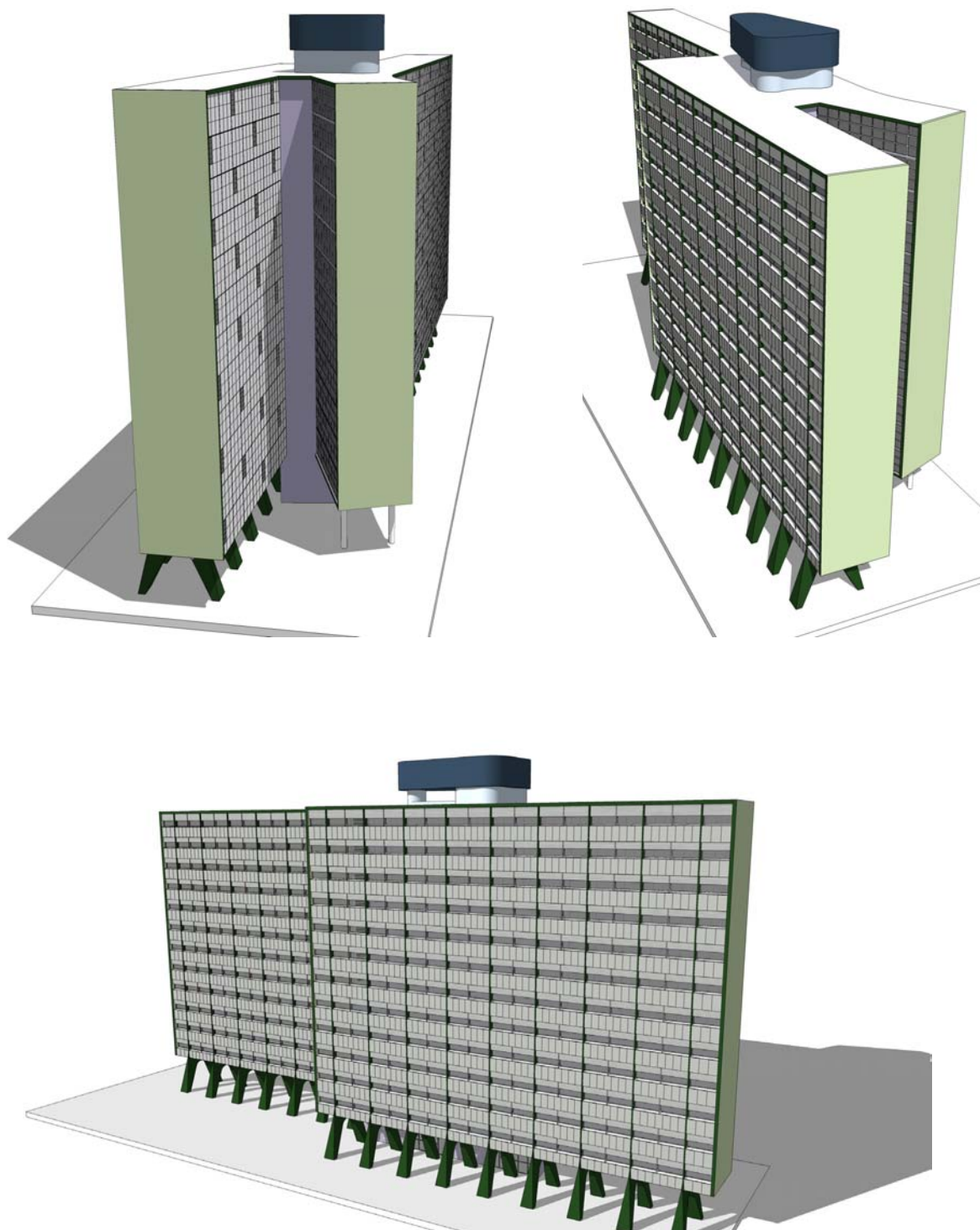
Optou-se por posicionar os dormitórios segundo a máxima insolação, orientados para norte-noroeste e norte-nordeste, e a possibilidade de visuais para toda a cidade universitária. Os anteparos de proteção solar protegeriam estas fachadas, controlando o excesso de calor incidente no verão. A essa solução ainda estaria combinada à possibilidade de ventilação cruzada regulável nas células residenciais, “*estabelecida entre as janelas e as aberturas previstas nas paredes dos corredores*”.<sup>44</sup> Os corredores voltam-se para as fachadas com maior incidência de ventos. A colina, elevada a sudeste, resguardaria as edificações dos ventos dominantes.

A fachada da área de estudos que segue a orientação dos dormitórios é vedada com planos de vidro que preenchem a grelha de pilares e lajes e possui, internamente, persiana metálica para proteção solar. Este elemento quando desnecessário fica recolhido a um espaço resultante de recorte na extremidade da laje deste setor. Nos corredores, liberados das linhas verticais dos pilares, os painéis de vedação estão situados à frente das lajes, criando uma fachada homogênea, onde apenas as linhas de caixilharia se expressam. Nos detalhes especifica-se chapas de fibrocimento de 8mm para o fechamento externo. Alguns módulos da grelha de fechamento seriam ocupados por venezianas com caixilharia de ferro, para ventilação da circulação horizontal, a cada três módulos de fachada.

---

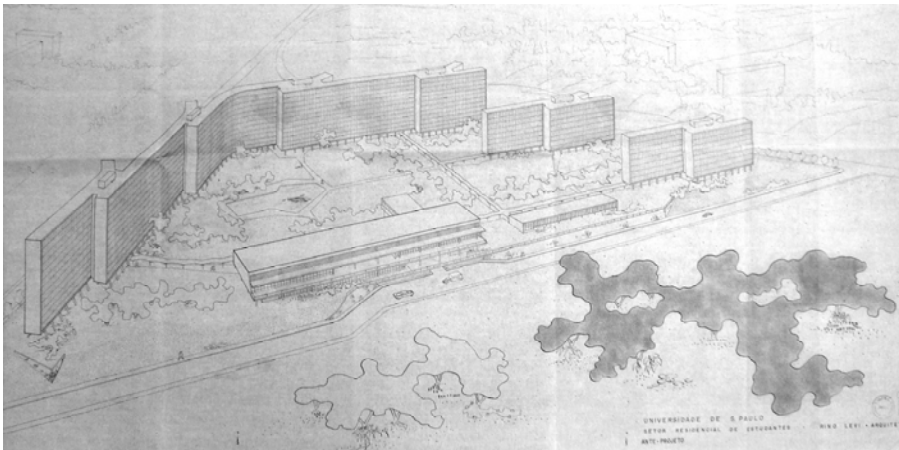
<sup>44</sup> LEVI, Rino. *Setor residencial do Estudante*. In: Habitat. São Paulo, junho de 1953. Número 11, p. 7.

A edificação tem, acima das delgadas lajes que fazem a terminação das barras, um único volume de formas curvas, no eixo do núcleo central, tratados com revestimentos diferentes dos usados no restante da edificação. Esse volume abriga a casa de máquinas dos elevadores, caixa d'água, chaminés das caldeiras e dutos de ventilação do núcleo de programas coletivos. Outro setor técnico está situado em subsolo, sob o volume de acesso, e abriga reservatórios inferiores, caldeiras, depósito de lixo e poços dos elevadores.



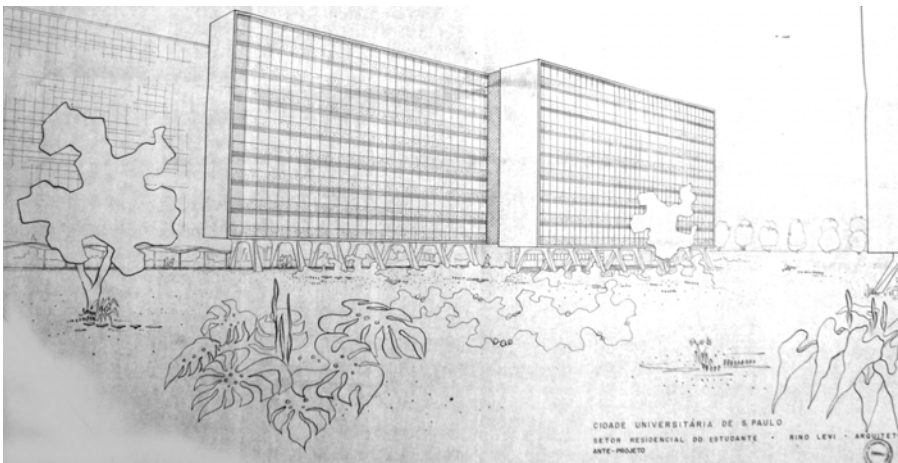
**Figs. 39, 40 e 41:** Projeto Rino Levi, maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.



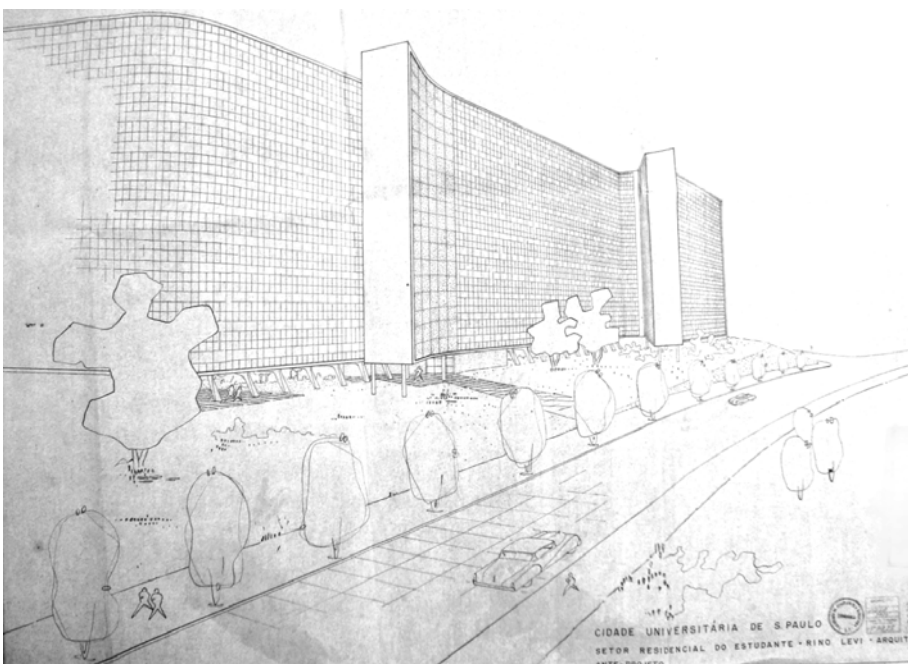
**Fig. 42:** Projeto Rino Levi, perspectiva.

Fonte: Arquivo FAU-USP.



**Fig. 43:** Projeto Rino Levi, perspectiva lado dos dormitórios.

Fonte: Arquivo FAU-USP.



**Fig. 44:** Projeto Rino Levi, perspectiva lado dos corredores.

Fonte: Arquivo FAU-USP.

A documentação a que se teve acesso no acervo de projetos da FAU-USP<sup>45</sup> é composta pelas pranchas do anteprojeto, posteriores alterações e detalhamentos em nível de projeto executivo. As modificações mais perceptíveis entre as fases do trabalho residem principalmente no volume térreo, sobre as barras. Há, no projeto final, reorganização do hall de acesso, com a modificação dos pontos de circulação vertical e o reposicionamento da portaria, no anteprojeto como um volume autônomo, e do bicicletário aberto do anteprojeto, para o interior do bloco térreo principal na versão posterior. Desta forma, todas as funções de acesso e controle estão centralizadas no volume que tem sua configuração simplificada com a diminuição de planos e angulações do anteprojeto para os desenhos finais. Nas últimas pranchas há um aprofundamento nos aspectos construtivos das edificações, do uso da madeira na configuração interna às esquadrias, os elementos são explicitados em suas quantidades, características e correlações. Há, nos desenhos finais, algumas distinções nas fachadas e nas plantas, decorrentes muito mais do aprofundamento das ideias já existentes, e de sua compatibilização técnica e formal, do que da modificação das premissas iniciais.

### Clube de estudantes

Visto dos blocos de habitações e da praça central, o clube de estudante se configura como um bloco principal de dois pavimentos, com parte do térreo liberado em pilotis, ao qual se conjuga um segundo volume, de planta menor e igual altura. Mantendo o princípio moral já aplicado na configuração dos blocos residenciais de possibilitar uma condição de recato das mulheres no conjunto, o térreo do volume menor abriga um setor de lazer exclusivamente feminino, com sala de estar e bar. Neste local ainda posicionam-se dependências de serviço, como copa, sanitários e a torre de circulação vertical que leva ao subsolo e ao segundo pavimento. O perímetro deste térreo, recuado em relação ao andar seguinte, é definido por planos opacos aos quais se contrapõem painéis de vidro. O segundo pavimento abriga a cozinha, que serve ao estar feminino e também ao pavimento alto do volume principal, através de uma passarela suspensa entre as duas edificações.

O térreo do clube abriga, em um núcleo posicionado entre os pilotis, quatro lojas servidas por duas dependências de apoio na porção central do volume. A configuração das lojas acontece através de uma sequência de planos opacos, com fechamentos em vidro quando voltados para a área aberta coberta. O amplo espaço em pilotis, com

---

<sup>45</sup> Consulta aos documentos de projeto no acervo da FAU-USP, no ano de 2011.

dimensões equivalentes ao salão de permanência, estabelece a continuidade entre os programas e ainda possibilita a extensão das atividades internas para o exterior.

O pavimento térreo é composto ainda por outros dois setores fechados interconectados, de uso de todo o conjunto, a biblioteca e o salão de estar, em cuja estrutura está a portaria e o vestiário de funcionários, os sanitários e uma rampa monumental que encaminha ao segundo pavimento. A importância da rampa na manutenção da tradição de exposição nos momentos de lazer encontra afirmação na presença do grande painel envidraçado que acompanha a largura do percurso, em toda a altura da edificação.

O pé-direito alto da edificação permite a existência de um mezanino na biblioteca, onde é armazenado o acervo, junto à outra sequência de planos opacos que reproduz, de maneira reduzida, recurso aplicado nas lojas, no outro extremo do pavimento. Nas fachadas longitudinais, esquadrias de vidro em todo o pé-direito.

O andar alto<sup>46</sup> do clube é um segundo salão, comportando espaço para festas, estar e refeitório/restaurante. *“O restaurante tem capacidade para cerca de 700 pessoas. O seu funcionamento é previsto para 3 turnos, pelo sistema de ‘cafeteria’”*.<sup>47</sup> Para o local imaginavam-se distintos usos, e para isso *“todas as peças deste andar estão dispostas de modo que suas áreas possam ser conjugadas e usadas de várias maneiras.”*<sup>48</sup> Configurando os espaços, alguns planos fixos e elementos móveis. As dependências de apoio do salão acomodam-se em uma faixa onde estão localizados a rampa, os sanitários e o bar. A distinção deste pavimento, como o espaço nobre do conjunto é reforçada pelo terraço que se estende por toda a fachada envidraçada norte-nordeste, voltando-se para a vista panorâmica.

A cobertura desta edificação aparece recuada em relação ao segundo pavimento, forçando a inclinação dos pilares de secção redonda, que se elevam a partir do subsolo de serviço. Estabelecendo a transição entre o segundo pavimento e a cobertura recuada há um plano horizontal em terceiro nível, configurando uma espécie de mezanino/galeria que, aparentemente, conformaria um segundo terraço que se projeta para fora do volume. Os elementos gráficos demonstram, entretanto, que não seja um terraço público, já que não possui pé-direito suficiente e guarda-corpo de proteção. Supõe-se que este elemento teria a função de proteção do terraço principal, que ficaria descoberto devido ao

---

<sup>46</sup> Denominação nos documentos do projeto.

<sup>47</sup> LEVI, Rino. *Setor residencial do Estudante*. In: Habitat. São Paulo, junho de 1953. Número 11, p. 9.

<sup>48</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p. 5.



recuo da cobertura, criando uma faixa horizontal distinta na fachada, preenchida por brises horizontais.

A manipulação dos pilares e dos planos de vidro vai de encontro à valorização deste pavimento. Há variação na posição dos planos de vidro, ora posicionados a frente, ora recuados em relação aos pilares redondos, expressando toda a altura dos elementos inclinados. O fechamento de vidro avança ainda mais para o interior do pavimento na porção central da planta, criando um alargamento nesta área aberta coberta que possibilita maior concentração de pessoas. Essa movimentação auxilia na configuração e caracterização dos diferentes espaços internos, e reflete a diversidade de usos possíveis na fachada.

A passarela coberta que percorre todo o complexo acompanha longitudinalmente a edificação na fachada sul-sudoeste indicando, através de dois trechos cobertos, os pontos de acesso, no alpendre e no salão de estar. Este elemento de proteção e configuração espacial adquire papel importante na articulação do volume principal com o bloco menor, do lazer feminino e da cozinha. A passarela se comporta como uma junta, que estabelece o distanciamento necessário para que cada uma das partes mantenha sua autonomia.

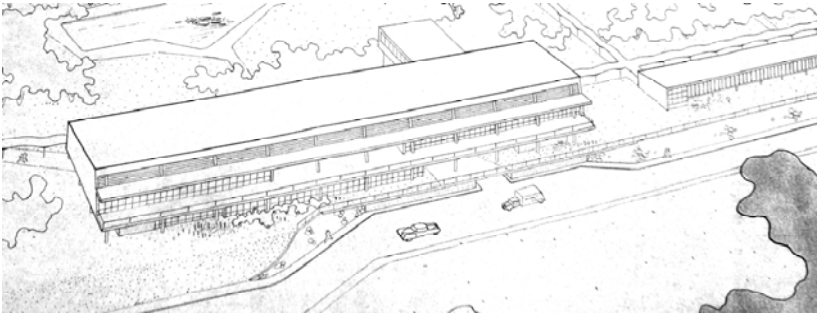
Quatro metros abaixo do térreo posiciona-se uma rua de serviços junto da qual outro pavimento se revela no bloco principal, estabelecendo a comunicação da via com as dependências técnicas. O pavimento de serviços semienterrado comporta dois grandes salões, para lavanderia/rouparia e almoxarifado geral, sanitários e vestiários para funcionários, que acessam a edificação através de um vazio na região central do pavimento. Neste ponto também são realizadas as operações de carga e descarga. O acesso ao corpo principal se dá através de uma torre de circulação vertical na extremidade de um corredor contíguo às caldeiras e ao reservatório.

A presença deste pavimento na cota -4m define uma plataforma comum entre os edifícios do clube da administração e enfermaria. A área de uso do pavimento em subsolo se restringe a parte do perímetro do clube, mas se prolonga, virtualmente, como um plano de pedra que passa sob o bloco de administração/enfermaria, terminando na colina ajardinada junto ao bloco residencial feminino.



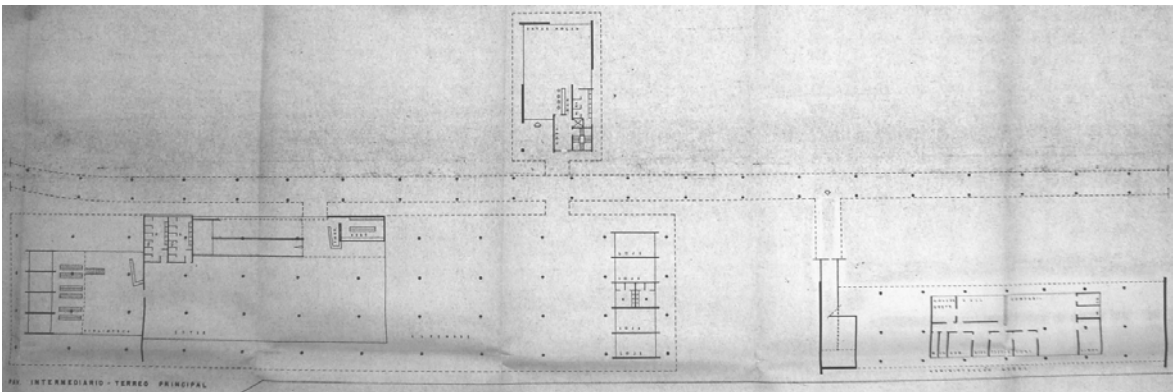
**Fig. 45:** Projeto Rino Levi, perspectiva do clube a partir da praça.

Fonte: Arquivo FAU-USP.



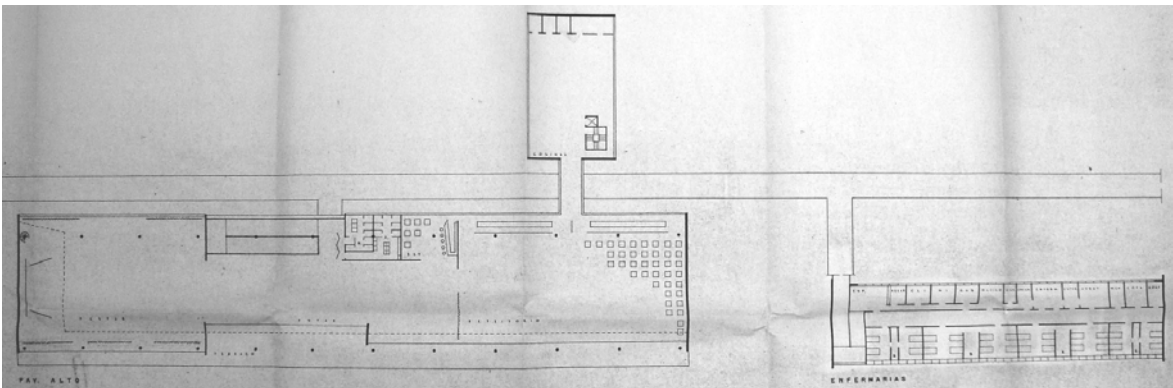
**Fig. 46:** Projeto Rino Levi, perspectiva do clube.

Fonte: Arquivo FAU-USP.



**Fig. 47:** Projeto Rino Levi, planta baixa clube e administração/enfermaria, térreo.

Fonte: Arquivo FAU-USP.



**Fig. 48:** Projeto Rino Levi, planta baixa clube e administração/enfermaria, segundo pavimento.

Fonte: Arquivo FAU-USP.

## Administração e enfermaria

Ao lado do clube está situado o edifício que abriga os programas de administração do conjunto e enfermaria. Trata-se de um volume de dois pavimentos com dimensões reduzidas em relação ao clube vizinho, mas que havendo a necessidade de aumento na capacidade, poderia ser prolongado no sentido longitudinal.<sup>49</sup>

O pavimento térreo é composto por um volume posicionado entre os pilotis, ocupando aproximadamente metade da área do pavimento. Este núcleo fechado é destinado à administração geral do conjunto, e oferece salas de distintos tamanhos para os setores de administração, contabilidade, tesouraria, almoxarifado e escritório do governante chefe.

Dois planos cegos são posicionados nas extremidades da edificação definindo os limites do volume. Contigua a um dos planos está a rampa de acesso ao segundo pavimento, que estabelece continuidade com o prolongamento da cobertura em arcos que conduz as demais edificações do conjunto residencial. O isolamento do acesso ao segundo pavimento, independente do volume térreo está relacionado à necessidade de privacidade de um setor em relação ao outro, e principalmente do resguardo do setor médico, no segundo pavimento, em relação ao conjunto.

*“O pavimento superior é destinado à enfermaria, assistência médica e cuidados de urgência. (...) São previstas 4 enfermarias de 4 leitos e 2 quartos de 2 leitos, num total de 24, com os anexos indispensáveis.”<sup>50</sup>*

O programa distribui-se no pavimento superior em duas bandas longitudinais, acessadas a partir de um corredor internalizado. Os leitos posicionam-se junto à fachada norte-nordeste, oferecendo aos pacientes a mesma vista panorâmica da área nobre do clube. Os serviços complementares, consultórios, enfermaria, área para funcionários, e demais dependências localizam-se na fachada sul-sudoeste, com vistas ao interior da praça. Um espaço de recepção e espera é o ponto de chegada da rampa, ainda na fachada da praça.

Ambas as fachadas longitudinais da edificação são envidraçadas e, ainda que não haja especificação nos desenhos, é possível supor que alguma solução que garantisse privacidade estaria conjugada às esquadrias principais.

---

<sup>49</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p. 6.

<sup>50</sup> LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP. p. 6.

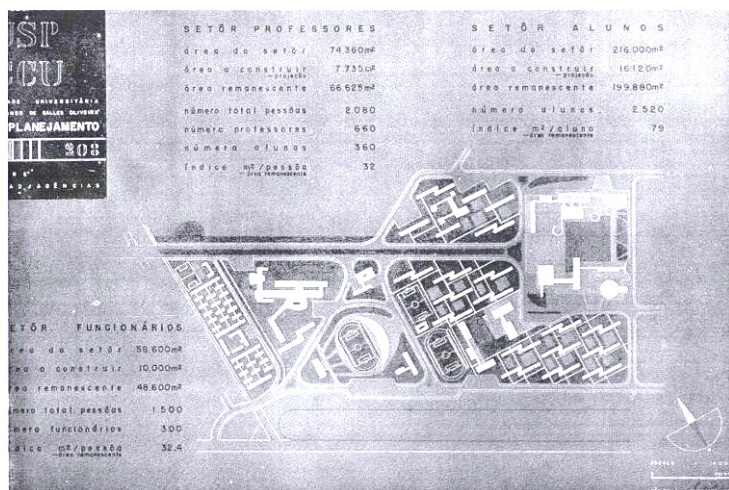
O resultado é uma edificação de linhas discretas, que evita o conflito com a edificação do clube, que exerce certo protagonismo, estabelecendo um diálogo harmônico com a edificação vizinha e com os demais elementos de composição. Há nas fachadas a coordenação de alinhamentos e dimensões, além da aplicação de um número reduzido de materiais e soluções de fechamento. Como um dos pontos exemplares neste sentido pode-se citar a adoção de um peitoril mais alto na fachada sul-sudoeste, cuja dimensão corresponde precisamente à altura da cobertura curva. A coordenação dos elementos, neste setor especial do conjunto, garante um resultado equilibrado entre os diferentes volumes.

### 4.3. ESTUDO PARA SETOR RESIDENCIAL DE ALUNOS (1956)

#### Hélio Duarte

Em publicação de 1956<sup>51</sup>, Hélio Duarte expunha suas propostas de alteração no plano de replanejamento do campus. Algumas pranchas trazem definições gerais a respeito da nova configuração do setor residencial, em nível esquemático. Uma das principais alterações do plano de Hélio Duarte foi a ampliação do setor residencial de 12,35ha para 58,70ha<sup>52</sup>. No terreno em “L” junto ao Core, Hélio Duarte propõe 14 edificações de três pavimentos elevados do solo. Essas edificações e seus programas complementares estariam distribuídas em parque verde. Além das edificações residenciais coletivas, haveria um centro social, no núcleo do novo terreno proposto.

Delineiam-se algumas características gerais para as habitações. Na implantação, assemelham-se ao bloco padrão do projeto de Rino Levi para o setor de estudantes de 1952. Cada uma das edificações propostas é configurada por duas barras articuladas por um volume central, totalizando 3780m<sup>2</sup> de construção. Todas as edificações estariam posicionadas segundo orientação norte sul, e comportariam 180 estudantes cada, em células individuais com ambientes de uso comum, de estudo e lazer.<sup>53</sup> As edificações estariam distribuídas no terreno com espaçamento regular entre si, permitindo a implantação de quadras esportivas nos interstícios dos blocos. As edificações sobrepõem-se a uma trama pedestre ortogonal que permeia o setor residencial.



**Fig. 49:** Projeto Hélio Duarte, Core e Adjacências, 1956.

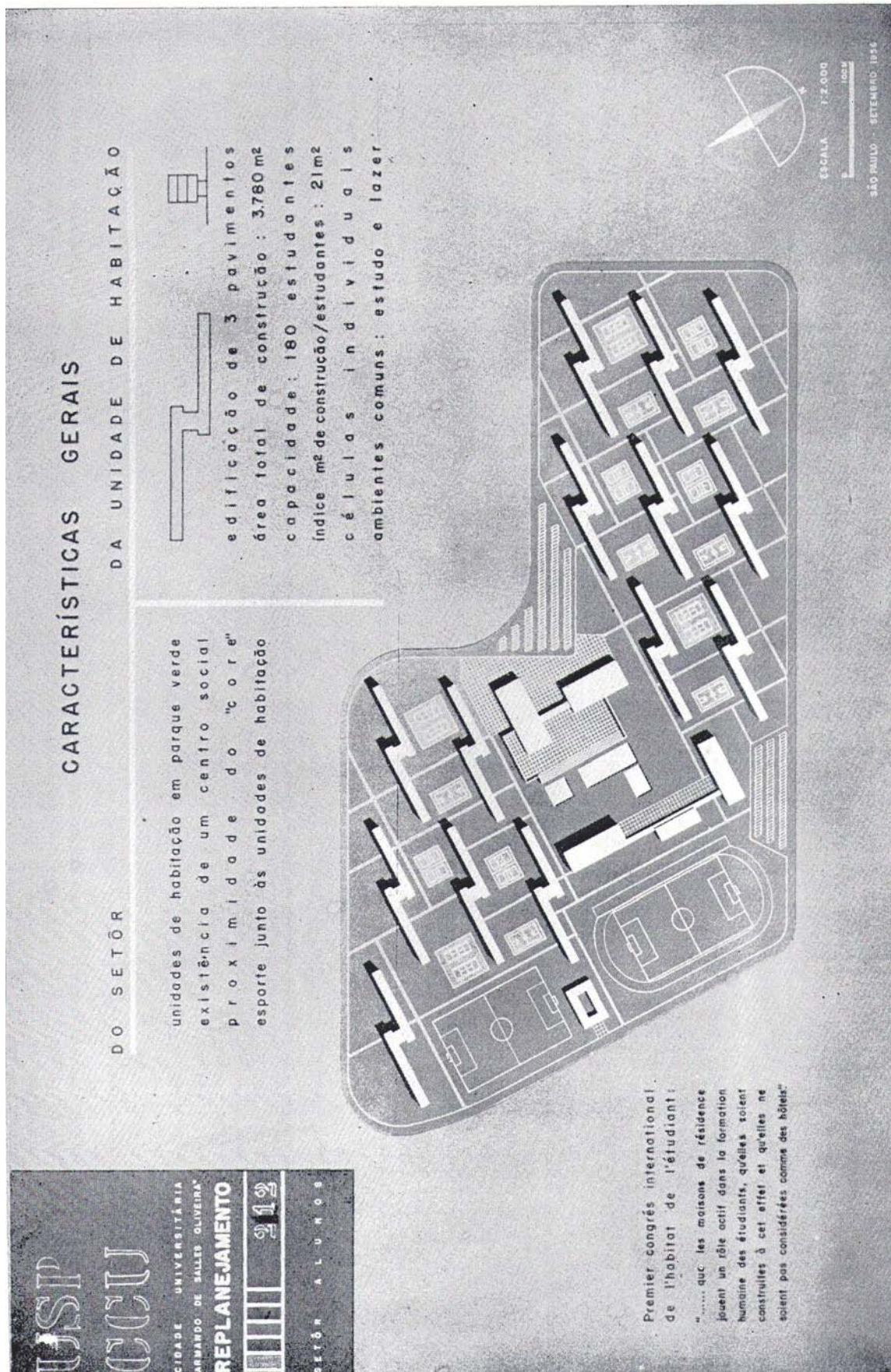
Fonte: DUARTE. Hélio (1956). p.10.

<sup>51</sup> DUARTE, Hélio Queiroz. Roteiro de Planejamento Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira”. São Paulo, 1956.

<sup>52</sup> CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *Arquitetura Moderna e o Alojamento Universitário: Leitura de Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 1997. Dissertação (mestrado).

<sup>53</sup> DUARTE, Hélio Queiroz. Roteiro de Planejamento Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira”. São Paulo, 1956.





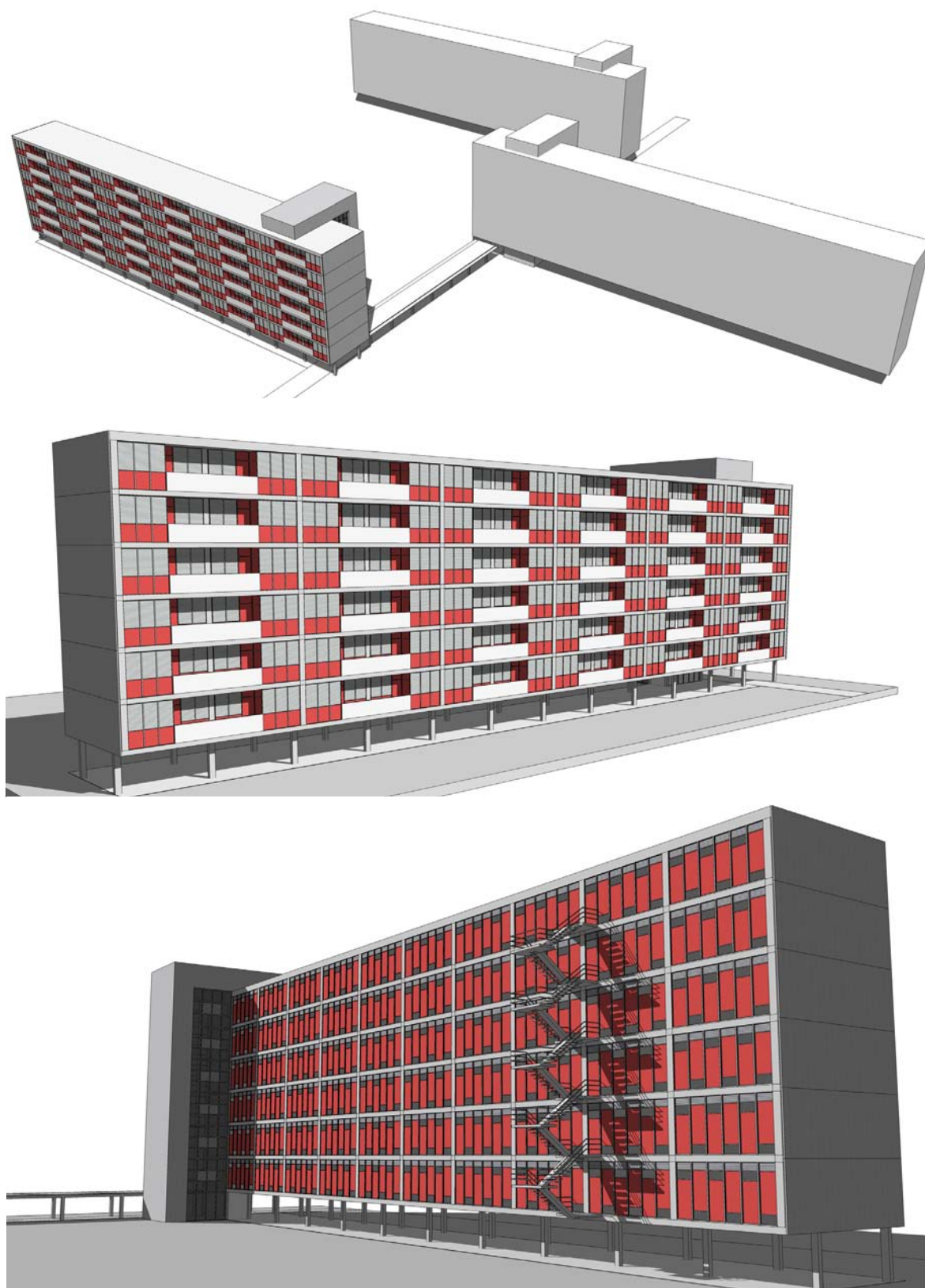
**Fig. 50:** Projeto Hélio Duarte, Setor Alunos, 1956.

Fonte: DUARTE, Hélio (1956), p.18.



#### 4.4. CONJUNTO RESIDENCIAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, CRUSP (1961-1963)

Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Junior e Sidney de Oliveira



**Figs. 51, 52 e 53:** Conjunto Residencial da USP (construído), maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.

Depois do desenvolvimento conjunto do plano para a cidade universitária no início da década de 60, coube a Eduardo Kneese de Mello<sup>54</sup> e equipe, que contava com os arquitetos Joel Ramalho Júnior e Sidney de Oliveira, projetar o setor habitacional, que deveria abrigar de 2000 a 2500 alunos.<sup>55</sup>

Fundamentado em uma visão de arquitetura e urbanismo sociais, de alcance coletivo, Kneese de Mello ratificava a habitação coletiva como meio de garantir adequadas condições de vida aos cidadãos. Para ele:

*“(...) a arquitetura moderna deve refletir a sociedade moderna, tem que ter, portanto aquele espírito democrático, com que nasceu. Tem que atender, indiscutivelmente, ao seu objetivo inicial: - abrigo para o homem. Todos os homens e, não, certos homens [sic].”<sup>56</sup>*

Em um contexto de experimentação e difusão de ideias como o ambiente universitário, a importância de conscientização da arquitetura e, especialmente, da habitação assume um papel de grande relevância. Em *“Porque Arquitetura Contemporânea”<sup>57</sup>* Kneese de Mello afirmava que a produção arquitetônica instalada em um importante polo de conhecimento como a cidade universitária de São Paulo deveria refletir a realidade econômica, política e social de um povo em um determinado tempo, baseando-se nos princípios de funcionalidade e economia. A este novo contexto deveria corresponder uma nova arquitetura, relacionada às necessidades, técnicas e materiais modernos. Fazia-se pertinente, portanto, o questionamento de Kneese de Mello: *“(...) a residência de um professor aerodinâmico deve ser edêntica [sic] à do senhor feudal, da idade média?”<sup>58</sup>*

A resposta surge em forma de projeto, no qual as reflexões sobre a moradia e as técnicas modernas puderam ser experimentadas:

<sup>54</sup> Eduardo Kneese de Mello forma-se engenheiro-arquiteto em 1931 na Escola de Engenharia do Mackenzie. Passa a investigar e produzir arquitetura moderna após uma grande produção de edificações em estilos diversos, as chamadas *“residências de catálogo”*. Após a brusca conversão em 1940, na ocasião do V Congresso Pan-americano de Arquitetos em Montevidéu, torna-se difusor entusiasta dos ideais modernos, a partir do contato com projetos modernos de arquitetos brasileiros. Integra este período de transformações nas ações do arquiteto, o início de uma participação mais atuante em entidades de classe, sendo eleito primeiro presidente do IAB-SP em 1943. Na década de 40 realiza projetos habitacionais modernos para os Institutos de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes (IAPC) e dos Industriários (IAPI), e na década de 50, passa a investigar fortemente o tema da pré-fabricação.

<sup>55</sup> Acrópole. São Paulo, nº303, 1964, p. 93.

<sup>56</sup> KNEESE DE MELLO, Eduardo. *Arquitetura, Urbanismo e Democracia* (julho, 1948). In: *Arquitetura Brasileira Palestras e Conferências*. São Paulo, 1975.

<sup>57</sup> KNEESE DE MELLO, Eduardo. *Porque Arquitetura Contemporânea* (agosto, 1946). In: *Arquitetura Brasileira Palestras e Conferências*. São Paulo, 1975.

<sup>58</sup> KNEESE DE MELLO, Eduardo. *Porque Arquitetura Contemporânea* (agosto, 1946). In: *Arquitetura Brasileira Palestras e Conferências*. São Paulo, 1975.

*“(...) o projeto que me deu mais satisfação porque foi (...) uma experiência nova foi, realmente, o CRUSP da Cidade Universitária [sic]. E eu achei que era a oportunidade de se fazer uma experiência em pré-fabricação. Porque pré-fabricar uma casinha não interessa, a pré-fabricação só interessa quando existe repetição do elemento.”<sup>59</sup>*

O projeto do CRUSP, em 1961, oportunizou “(...) *uma das experiências pioneiras em sua escala com a pré-fabricação no Estado de São Paulo (...)*”<sup>60</sup> pela racionalização e utilização de elementos de pré-fabricação em toda a edificação. Tema relevante na produção do arquiteto, presente ao longo de sua trajetória profissional, a racionalização construtiva é uma das diretrizes que orienta toda a concepção do CRUSP.

O mergulho de Kneese de Mello no tema da industrialização tem início em 1951 quando, convidado a integrar uma empresa de casas pré-fabricadas no Brasil (a UniSeco do Brasil Ltda.), visita a matriz inglesa responsável por uma vasta produção em toda a Europa do pós-guerra. O arquiteto ficara encarregado da elaboração de adaptações do sistema inglês às condições brasileiras, utilizando produtos de empresas nacionais, como Brasilit e Eternit, fabricantes de placas de fibrocimento. O sistema configurava-se, basicamente, por paredes portantes compostas por molduras de madeira onde se fixavam painéis cimentícios, entre os quais era colocado um composto de argamassa e fibra de madeira. Secos, estes painéis eram encaixados em montantes de madeira, e em alguns pontos cediam lugar às esquadrias inseridas na modulação do conjunto.

Após o fechamento da empresa,<sup>61</sup> as experiências de Kneese como arquiteto da Novacap entre 1957 e 1960<sup>62</sup>, durante a construção de Brasília, permitiram vivenciar a agilidade dos projetos e obras na nova capital, possibilitando o contato com algumas realizações pré-fabricadas que figuraram neste contexto.

A experiência de vanguarda, na Uniseco e na construção de Brasília contribuiu para a aquisição de novos conhecimentos, abrindo portas para novas práticas no país. A ideia da pré-fabricação pairava desde a década de 50, mas *“apenas no final do século XX é que boa parte de seus pressupostos passam a ser, ainda que parcialmente, aplicados*

<sup>59</sup> ARQUITETO: *Eduardo Kneese de Mello*. Produção de Ângela Podolsky. Coordenação Arquiteto Roberto Loeb. São Paulo: VídeoVideo Produtora. Vídeo realizado para o IAB. In REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado). p. 278.

<sup>60</sup> MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-fabricação e a obra de Kneese de Mello*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado). p.157.

<sup>61</sup> Acredita-se que antes de fechar, por dificuldades técnicas e financeiras, a UniSeco do Brasil produziu 80 construções. (MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-fabricação e a obra de Kneese de Mello*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado)).

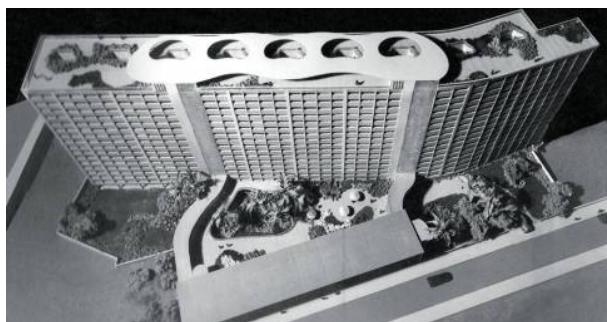
<sup>62</sup> MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-fabricação e a obra de Kneese de Mello*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado).

em obras habitacionais correntes(...)»<sup>63</sup>. Realizações pioneiras como o CRUSP e os alojamentos da UnB, ambos da década de 60, ampliaram o leque de possibilidades construtivas para a habitação coletiva.



**Fig. 54:** Casa UniSeco de Cotia (1955).

Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 135.

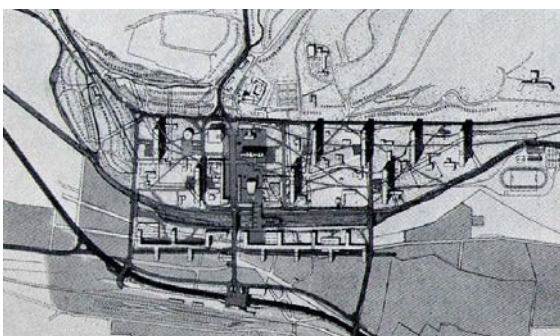


**Fig. 55:** Edifício Japurá (1947), passagens cobertas.

Fonte: MONTENEGRO FILHO (2007), p.89.

O conjunto residencial da Universidade de São Paulo, premiado com a medalha de ouro no 12º Salão Paulista de Arte Moderna, situa-se na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, no Bairro do Butantã, em posição definida no plano de 1961-63. Localiza-se entre as áreas de lazer e esportes do campus, perpendicularmente às Avenidas Professor Mello Moraes, paralela ao Rio Pinheiros e Avenida Luciano Gualberto, onde está situada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP).

O projeto original previa a construção de doze blocos de apartamentos, todos em estrutura pré-fabricada, cada um com seis pavimentos tipo, mais a área aberta coberta no térreo. Os volumes, posicionados em duas faixas, foram deslocados oitenta metros e defasados entre si, de forma que o distanciamento entre eles possibilitasse áreas abertas de uso comum, além do máximo aproveitamento da insolação e ventilação. Kneese de Mello referenciava-se declaradamente em Le Corbusier e provavelmente tenha tido contato com as experiências urbanas do mestre, que propunham agrupamentos de unidades de habitação com implantação em sequencia e defasadas entre si, como nos projetos de urbanização de Marselha (1948), Saint-Dié (1945) e La Rochelle (1946-45).



**Fig. 56:** Le Corbusier, Urbanização de Saint-Dié (1945).

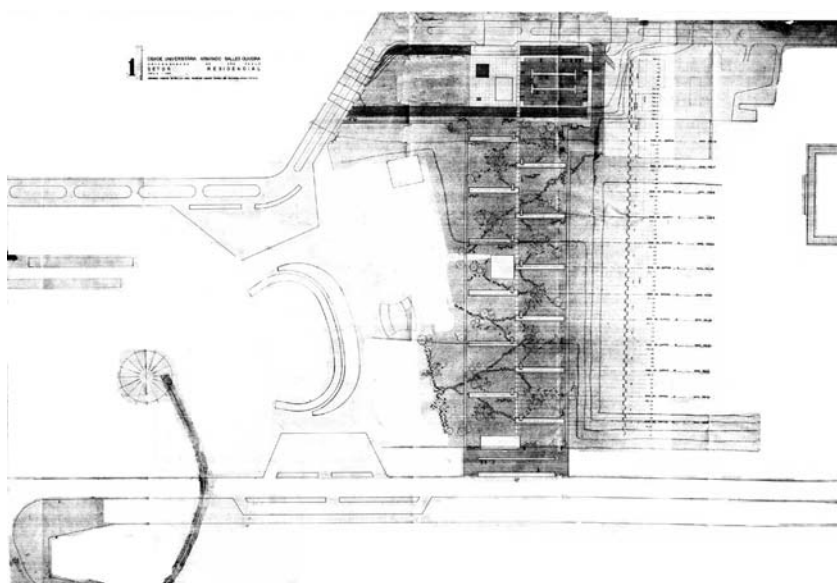
Fonte: CORBUSIER, Le (1995). *Oeuvre Complete 1952-1957*, p.178.

<sup>63</sup> ZEIN, Ruth Verde. *A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953-1973*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. São Paulo e Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado). p. 219.



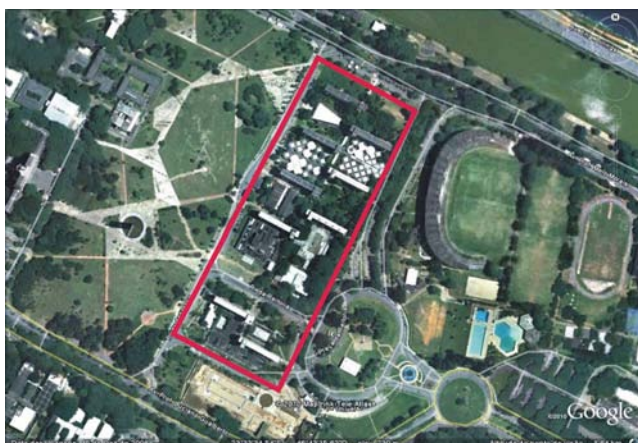
Existia uma grande preocupação com o oferecimento de espaços de convívio aos estudantes. Estas áreas abertas foram idealizadas para abrigar encontros, receber pequenos jogos, eventos que poderiam fazer uso da continuidade e sequência de espaços, compostos pelas áreas abertas e os térreos em pilotis.

*“... A nossa ideia de desencontrar os prédios, embora paralelos - mas invés de fazer um ao lado do outro, defasados, porque a entrada é toda por aquele caminho coberto do outro lado, na extremidade - é de criar um ambiente maior, livre aqui, uma área de estar, de lazer, de descanso dos estudantes. (...) Aqui deveria haver bancos, um lugar para estar, um jogo de voleibol, por exemplo, caberiam perfeitamente aqui, jogos pequenos, de modo que o estudante vivesse isto aqui, e os outros seus colegas, das suas janelas, dos seus balcões, pudessem assistir tudo isso.”<sup>64</sup>*



**Fig. 57:** Conjunto residencial da USP, implantação do projeto.

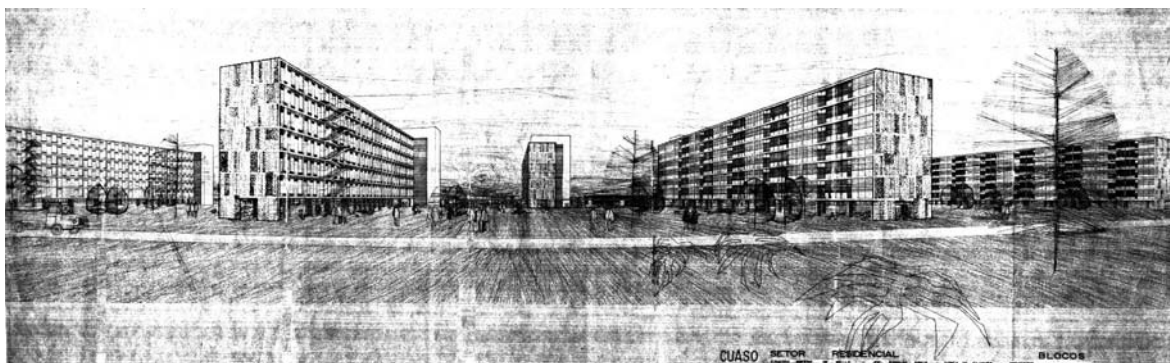
Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 178.



**Fig. 58:** Conjunto residencial da USP, implantação atual.

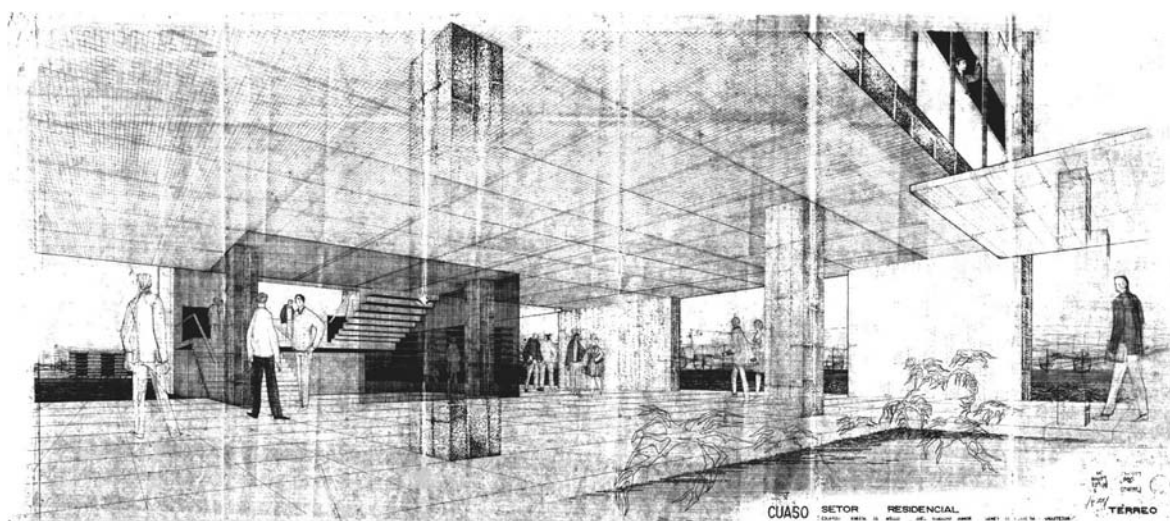
Fonte: Google Earth. (Marcação da autora).

<sup>64</sup> ARQUITETO: Eduardo Kneese de Mello. Produção de Ângela Podolsky. Coordenação Arquiteto Roberto Loeb. São Paulo: VídeoVideo Produtora. Vídeo realizado para o IAB. In REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado). p. 279.



**Fig. 59:** Conjunto residencial da USP, perspectiva do projeto.

Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 176.



**Fig. 60:** Conjunto residencial da USP, perspectiva do projeto, área em pilotis no térreo.

Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 177.



**Fig. 61:** Conjunto residencial da USP, construção.

Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 94.



Ao longo dos anos, entretanto, estes espaços projetados a partir de uma concepção ideal de uso e gerenciamento, foram profundamente descaracterizados. A construção de salas alheias à função residencial, a partir da década de 70<sup>65</sup>, além do preenchimento descontrolado dos interstícios dos blocos. Ainda que sejam ações decorrentes de demandas reais da universidade, funcionaram como bloqueios para o desenvolvimento das atividades imaginadas originalmente. Soma-se a isto a falta de atrativos, desde os elementos básicos de espaço aberto, até a manutenção e oferecimento de atividades, resultando em espaços fadados ao insucesso.

No projeto, a atenção à comodidade dos usuários transparecia nas soluções de circulação adotadas no interior do setor. Separada das circulações veiculares, posicionadas nas laterais do conjunto, existe uma passagem pedestre coberta, localizada entre os blocos, perpendicularmente a eles, estabelecendo a conexão entre as torres de circulação vertical dos edifícios e as funções contíguas a eles, como o restaurante situado, no projeto original, entre o quinto e o sexto edifício, e os pontos de transporte com pequenos serviços nas extremidades do passeio coberto<sup>66</sup>.

*“Tiveram os arquitetos a preocupação de oferecer aos estudantes a possibilidade de se locomoverem, a pé, protegidos contra o sol e a chuva e sem cruzarem com veículos, em toda a área do setor residencial e, tanto quanto possível, no acesso às aulas.”<sup>67</sup>*



**Fig. 62:** Passagem coberta CRUSP.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 63:** Passagem coberta Cidade Universitária Caracas.

Fonte: PÉREZ DE ARCE, Rodrigo (2007), p.148.

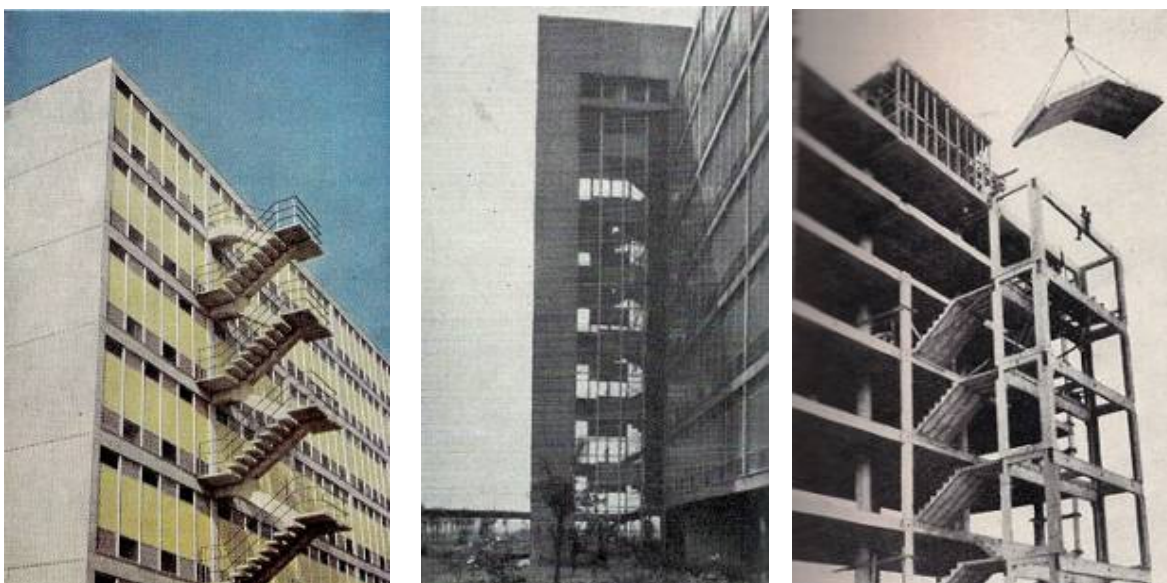
<sup>65</sup> *A Recuperação do CRUSP*. Coordenadoria do Espaço Físico – COESF: São Paulo, 2009.

<sup>66</sup> ZEIN, Ruth Verde. *A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953-1973*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. São Paulo e Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado).

<sup>67</sup> Acrópole. São Paulo, nº303, 1964, p.95.

A passagem coberta apresenta-se como uma lâmina de concreto que atravessa o conjunto, descolada das lajes inferiores dos volumes das edificações e, assim como os icônicos passeios cobertos da Cidade Universitária de Caracas, adquire autonomia formal e funcional.<sup>68</sup>

Nas edificações, o acesso aos pavimentos ocorre por duas torres de circulação vertical, próximas aos extremos das barras, configuradas como corpos destacados do volume principal. Com vistas à redução de custos da edificação houve uma reflexão sobre a forma de utilização dos elevadores<sup>69</sup>. As paradas foram previstas nos patamares intermediários das escadas, acontecendo a cada dois pavimentos, o que à época ofereceria vantagens. A torre principal delinea-se como um paralelepípedo, cuja área dos elevadores é composta por trechos de fachada cegos, em chapas cimentícias corrugadas, e painéis envidraçados junto aos degraus e patamares da escada. A segunda torre, com função de uso emergencial/secundário, é composta por uma escada aberta que inicia no segundo pavimento, garantindo que o fluxo em direção ao interior da edificação seja controlado no térreo da torre principal.



**Figs. 64, 65 e 66:** Conjunto residencial da USP, circulações verticais.

Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 96, 101.

Cada pavimento tipo foi composto por dez células residenciais totalizando, em todo o conjunto, 720 apartamentos. Além da sequência de dormitórios, cada andar

<sup>68</sup> As galerias cobertas da cidade universitária de Caracas apresentam-se como “figuras livres na paisagem” apropriadas de diferentes maneiras pela comunidade acadêmica – como espaços de aula, de feiras, etc. (PÉREZ DE ARCE, Rodrigo. *Villanueva, os passeios cobertos e a ideia de cidade*. In: *Arqtexto 12*. Porto Alegre: PROPAR, 2007).

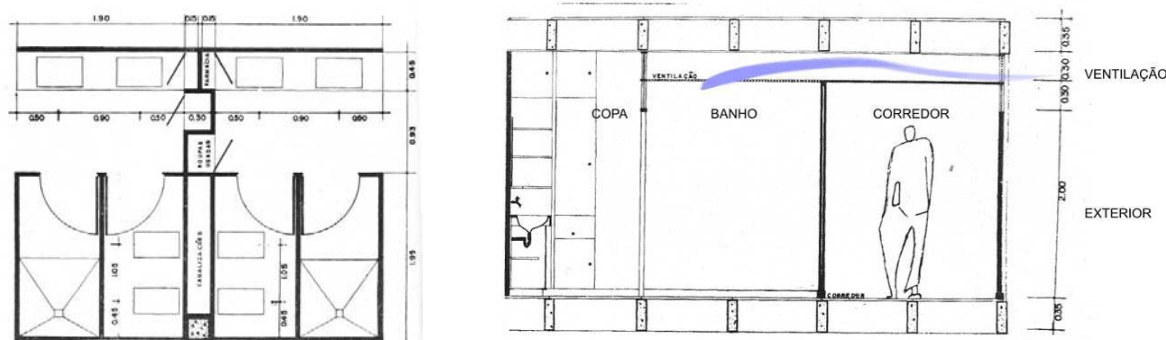
<sup>69</sup> Assim como proposto para o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes, em 1947.

contava ainda com área de convívio, copa, enfermaria e lavanderia. No interior dos pavimentos são verificadas as soluções de compartimentação engenhosas de painéis em madeira. O material foi utilizado nos módulos estruturais das paredes divisórias e também nos revestimentos, flexibilizando o layout.

Nas áreas sociais, situadas em frente ao conjunto de elevadores previa-se o emprego da madeira no mobiliário, em peças fixas e volantes, enquanto nos apartamentos o material era utilizado largamente na definição de espaços de usos distintos. Pode-se afirmar que a configuração do espaço interno está diretamente vinculada ao uso de elementos leves, que diante da planta livre, permitiriam qualquer arranjo de layout, sem a descaracterização do volume.

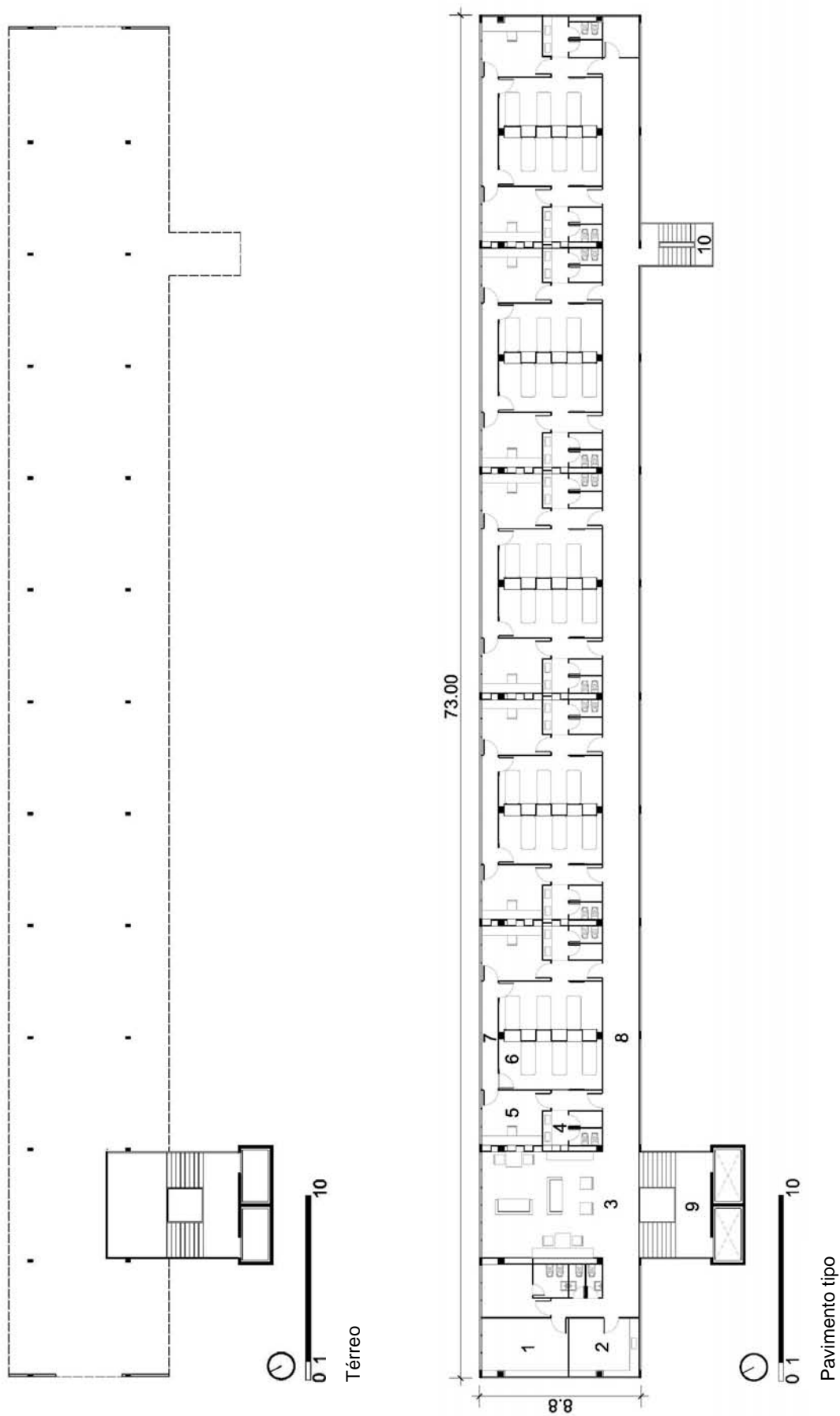
Para as células residenciais inicialmente foram estudadas possibilidades de layout para um, dois e três moradores optando-se, por fim, por fixar o número de três estudantes por apartamento. Essa resolução, além de garantir uma densidade em acordo com a realidade demandada, permitia manter as soluções imaginadas para a adequada execução das atividades. Cada unidade foi proposta com cinco áreas de uso distintas, que funcionariam de forma independente: dormitório, área de estudo, banheiro, copa e sacada. No projeto original o terraço, que na construção não foi mantido, estaria situado na fachada nordeste e seria compartilhado por duas unidades residenciais, para até seis moradores. O oferecimento de espaços de trabalho, descanso e lazer, além da possibilidade de estas atividades acontecerem de maneira autônoma, garantiria a privacidade dos usuários e a autossuficiência da célula em relação ao conjunto.

Os cômodos de serviço dos apartamentos, como copa e sanitários, compõem núcleos geminados, aproveitando as facilidades técnicas desta solução e contribuindo para a existência de um ritmo na fachada interna, voltada aos corredores, marcado pelas portas que definem as bandas de quartos e de serviço. Esses espaços “serventes” foram projetados com ventilação por forro pleno, através de rebaixos em cujas extremidades encontravam-se fechamentos venezianados, enquadrados na trama de painéis da fachada externa. Essa solução permitiria ainda a ventilação cruzada na área de dormir.



**Figs. 67, 68:** Núcleos de serviços geminados e seu sistema de ventilação.

Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 100. (Marcação da autora).



**Figs. 69, 70:** Conjunto residencial da USP, plantas baixas.

1. Rouparia; 2. Copa; 3. Estar coletivo; 4. Núcleo serviços; 5. Área de estudo; 6. Dormitórios, 7. Terraço; 8. Corredor; 9. Escada principal; 10. Escada secundária.

As instalações elétricas e hidro sanitárias são externas à estrutura de concreto, inseridas nas variações de fechamentos e coincidindo com a lógica geral do projeto, de facilidade na montagem, na inspeção e manutenção dos elementos, possibilitada pela independência entre eles.<sup>70</sup> A forma redentada de instalação dos painéis entre os cômodos permite, além de embutir canalizações, a formação de nichos defasados uns em relação aos outros em cada unidade. O fundo de um nicho em uma unidade é a parede da célula vizinha.

No projeto, a divisão entre as áreas dentro de cada apartamento é feita por módulos em montantes de madeira do tipo Peroba que recebem, entre os painéis de fechamento, eucatex frigorífico como isolante termo acústico. Os sanitários são revestidos por placas melamínicas de Formiplac, enquanto os dormitórios e área de estudo recebem fechamento em compensado com lâmina do tipo Perobinha do Campo.

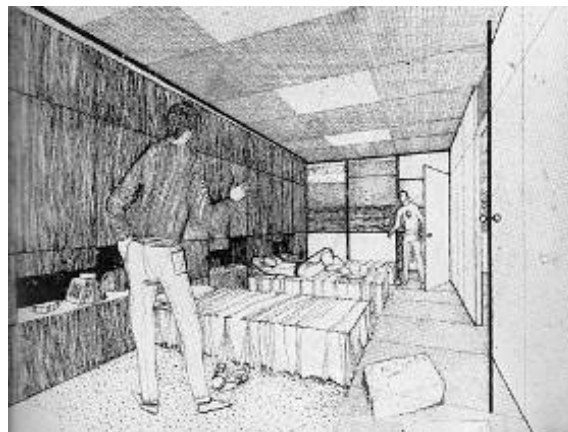
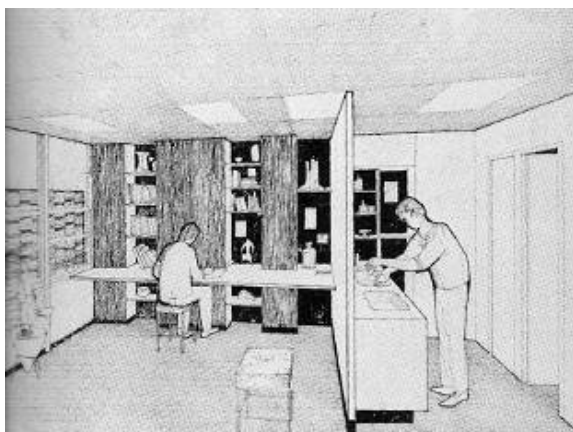
Entre as unidades geminadas de banheiro e copa criam-se espaços para a instalação – sugerida - de pequena farmácia e armazenagem de roupas usadas, além da passagem das canalizações no interior das divisórias. A bancada da copa, posicionada junto à parede divisória, entre a área de serviços e o espaço de estudos, delimita o núcleo molhado da unidade, ao mesmo tempo em que mantém as características dos demais elementos de mobiliário - a altura, o uso da madeira e de rodapés contínuos - que demonstram a unidade do projeto.

Na área de estudos os nichos abrigariam os materiais dos estudantes, acomodados em prateleiras em posições que absorveriam diferentes tamanhos de objetos. Nos detalhes do desenho desse ambiente de organização simples demonstra-se a preocupação dos arquitetos com a qualidade espacial experimentada pelos usuários. A manipulação de planos, cores e texturas propiciam movimento a esta fachada de interior de célula, refletindo uma preocupação plástica relacionada à função de cada área e cada elemento. Percebe-se também que há intenção de compatibilização entre os diversos desenhos das superfícies internas, característica nem sempre correspondente à realidade da edificação materializada. O tampo de madeira da mesa de estudo coloca-se a meio módulo da esquadria que, por sua vez, é correspondente às linhas do forro. As marcas do forro, que seguem os módulos das divisórias e dos nichos redentados, definem também a posição das luminárias, demonstrando um controle do projeto que garante clareza espacial através da precisão de seus elementos componentes.

---

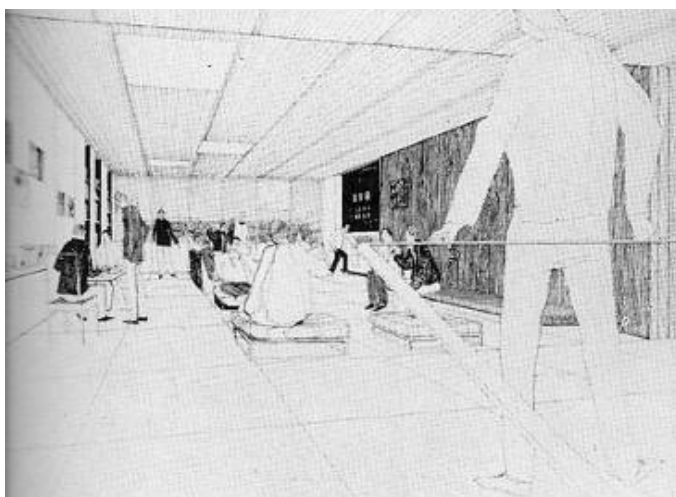
<sup>70</sup> Acrópole. São Paulo, nº303, 1964, p. 100.





**Figs. 71, 72:** Unidade residencial, perspectivas do projeto. Sala de estudos e copa (esq.), dormitório (dir.)

Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 99.



**Fig. 73:** Sala de uso comum, perspectiva do projeto.

Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 99.



**Fig. 74:** Corredor original.

Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 168.

Nos pavimentos tipo, as salas de uso comum e os apartamentos são implantados a nordeste, enquanto as circulações horizontais voltam-se à orientação menos favorável, a sudoeste. Propunha-se que todos os espaços de uso principal fossem ventilados e iluminados naturalmente, através da combinação de painéis que compõem o fechamento externo, obedecendo ao módulo horizontal de 95cm.

Nas fachadas, as empenas cegas eram vedadas com chapas corrugadas de cimento amianto Eternit, enquanto os peitoris coloridos dos painéis externos compunham-se por chapas de Formiplac, instaladas em caixilhos de alumínio. Na fachada correspondente à circulação horizontal, essa caixilharia compreendia também trechos com vidro que, no projeto inicial variavam de posição com os painéis coloridos, ora no topo, ora no rodapé. Uma terceira faixa correspondia às venezianas corridas com proteção de tela de nylon na parte superior do pavimento, relacionadas à ventilação por



forro pleno. No projeto executado estabeleceu-se o uso dos painéis coloridos – uma cor para cada edifício - na divisão intermediária, de maior dimensão, mantendo variação nos trechos superior e inferior, menores, com o uso de venezianas e vidro intercalados.

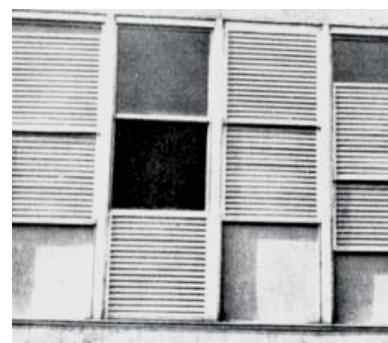
Na fachada das células residenciais havia também uma divisão vertical tripartida, mas com tamanhos similares. A faixa inferior era composta pelos painéis coloridos Formiplac, e as demais eram constituídas por uma dupla camada de esquadrias móveis.

As janelas com abertura em guilhotina eram protegidas por venezianas metálicas, com o mesmo tipo de abertura. As venezianas, além de permitir a regulação da posição e quantidade da iluminação, dinamizavam a fachada que permanecia em constante mutação. Quando completamente abertas, as venezianas cobriam o peitoril colorido.<sup>71</sup> Na concepção original, os trechos com venezianas metálicas intercalavam-se com os terraços, subtrações na fachada. Nas edificações construídas, ausentes os terraços, é constituída uma fachada homogênea com as venezianas.



**Fig. 75:** Fachada dormitórios.

Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 95.



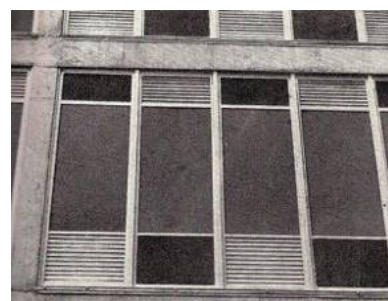
**Fig. 76:** Detalhe esquadrias.

Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 98.



**Fig. 77:** Fachada corredores.

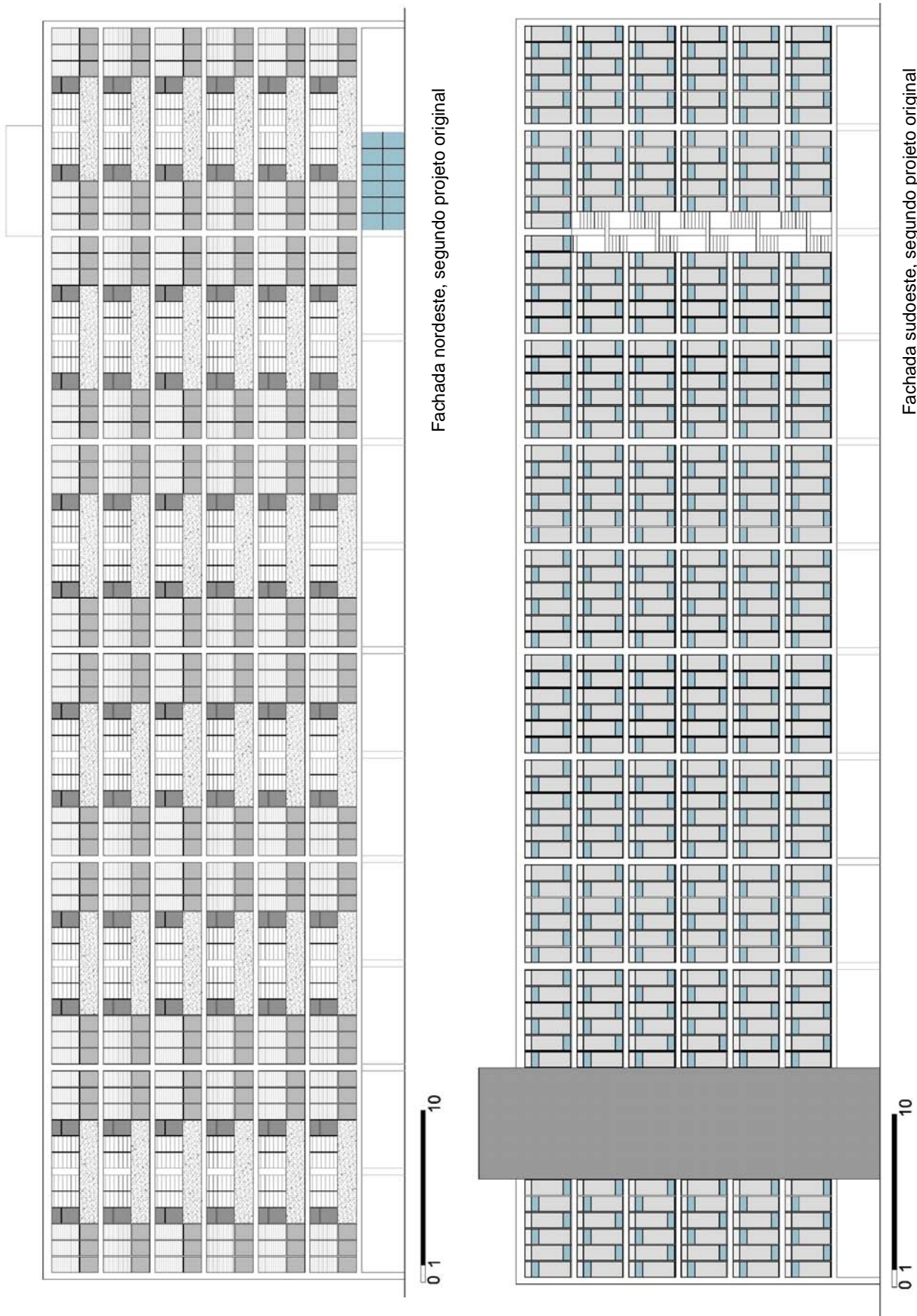
Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 95.



**Fig. 78:** Detalhe esquadrias.

Fonte: Acrópole nº303 (1964), p. 97.

<sup>71</sup> Acrópole. São Paulo, nº303, 1964, p. 93.



**Figs. 79, 80:** Conjunto residencial da USP, fachadas longitudinais.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documentos do projeto).

Na execução da estrutura independente os autores propuseram a utilização de elementos pré-fabricados de concreto, alegando maior qualidade, agilidade na montagem e economia:

*“Executadas essas peças em oficinas com mesas metálicas vibratórias não só seria alcançado sensível barateamento da obra (somente o madeiramento de formas e andaimes representa hoje aproximadamente 30% do custo do concreto armado), como esses elementos poderiam ter melhor acabamento e sua montagem ser mais rápida.”<sup>72</sup>*

Entretanto, para além do discurso e da lógica, o momento histórico não corroborava a proposta. Em 1963, antes de atender aos alunos, o complexo deveria abrigar os atletas dos jogos pan-americanos daquele ano<sup>73</sup>. A pré-fabricação ainda era uma técnica imatura no Brasil, e trazia consigo certos riscos, que não poderiam ser absorvidos diante da urgência na construção do conjunto para os jogos. Diante disso, e do fato de a construção ter de passar por concorrência pública, o Fundo para a Construção da Cidade Universitária

*“[...] exigiu que os cálculos estruturais apresentados fôssem [sic] do tipo convencional, fundido na obra, porque não se tinha notícia, então, que estivessem equipadas para a execução de trabalho desse tipo, e a concorrência ficaria na dependência de importação ou fabricação desses equipamentos.”<sup>74</sup>*

Muito por influência da equipe de arquitetos que buscava construir com elementos industrializados, optou-se por dividir a concorrência para as obras em duas partes. A primeira empresa trataria das edificações em concreto convencional, que deveriam alojar os atletas, e a outra seria responsável pelos demais prédios, em estrutura pré-fabricada. Os seis primeiros blocos foram construídos em concreto armado moldado em loco, pela empresa Servix, segunda colocada na concorrência, e os restantes em estrutura pré-fabricada pela empresa Ribeiro Franco, primeira colocada<sup>75</sup>. A construção dos primeiros blocos (A, B, C, D, E, F) foi iniciada em 1962 e foram inaugurados em maio de 1963, junto com um restaurante.<sup>76</sup>

<sup>72</sup> Acrópole. São Paulo, nº303, 1964, p. 95.

<sup>73</sup> O governo do estado de São Paulo havia se comprometido com o oferecimento de seis blocos de apartamento para receber os atletas. (Acrópole. São Paulo, nº303, 1964.)

<sup>74</sup> Acrópole. São Paulo, nº303, 1964, p. 95.

<sup>75</sup> Houve um grande empenho de Kneese de Mello para que autorizassem um dos concorrentes a apresentar uma proposta em pré-fabricação. (Acrópole. São Paulo, nº303, 1964, p. 101).

<sup>76</sup> *A Recuperação do CRUSP*. Coordenadoria do Espaço Físico – COESF: São Paulo, 2009.





**Fig. 81:** CRUSP, Construção.

Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 169.



**Fig. 82:** CRUSP, Construção.

Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 170.



**Fig. 83:** CRUSP.

Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 166.



**Fig. 84:** CRUSP, Blocos com cores distintas.

Fonte: MONTENEGRO, Roberto (2007), p. 167.

O caráter industrial, que pautou este projeto, fundamenta-se pela repetição de inúmeros elementos idênticos, e pela possibilidade prevista de manutenção ao longo dos anos, através da produção/reprodução dos itens extensamente detalhados. Ruth Zein trata sobre o empenho pelo uso de pré-fabricação, referindo-se a divisão da construção entre duas empresas, e duas técnicas:

*“Esse trecho do memorial<sup>77</sup> é muito significativo por demonstrar até que ponto a ideia de pré-fabricação não resultava em absoluto das condições precípuas de desenvolvimento tecnológico ou de imposições sociais e econômicas da realidade vigente, mas do desejo dos autores, arquitetos, de torná-la possível de qualquer maneira, menos por capricho e muito mais por uma verdadeira e profunda crença em ser esse o caminho correto a se tomar.”<sup>78</sup>*

No sentido da racionalização, o projeto definia que não haveria sobreposição de revestimentos. Todos os materiais do projeto original apresentavam-se na sua forma pura

<sup>77</sup> Refere-se ao memorial do projeto publicado na Acrópole nº303, ao qual se faz menção neste trabalho.

<sup>78</sup> ZEIN, Ruth Verde. *A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953-1973*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. São Paulo e Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado). p. 219.

e contribuía, através de suas propriedades e qualidade na confecção, para a simplicidade e clareza no acabamento.

O trabalho investido no planejamento dos sistemas repetitivos aplicados nas edificações permitiria que a manutenção ou substituição por outros elementos pudessem se pautar em uma lógica de industrialização, que garantiria qualidade da obra conservando as características originais do projeto. Trata de uma racionalização do processo construtivo baseada na atividade projetual, no detalhamento dos componentes da edificação, e na adoção de métodos de pré-fabricação que possibilitam prever e controlar os acontecimentos da obra. Em discurso de 1964, um ano após a conclusão de parte dos blocos do CRUSP, Kneese de Mello retoma o tema, constante em sua trajetória:

*“Sob o aspecto da técnica da construção, continuamos (...) assentando tijolos dentro do mais rudimentar sistema de artesanato, com um brutal desperdício de trabalho e de material. Em todo o mundo civilizado, de hoje, novas técnicas tem sido experimentadas, com o objetivo de apressar o tempo de construção, reduzir seu custo, melhorar sua qualidade. (...) A racionalização e a pré-fabricação das construções vem sendo estudadas e experimentadas, fazendo surgir uma enorme variedade de soluções.”<sup>79</sup>*

Durante a trajetória de Kneese de Mello na busca por implementar novas tecnologias construtivas voltadas à industrialização alguns aspectos apresentaram-se insatisfatórios, uma realidade coerente com o início da adoção de uma nova técnica. A impossibilidade de realizar a estrutura completa do CRUSP em peças de concreto pré-fabricadas, executando parte dela segundo conhecimento mais disseminado, em estrutura de concreto moldado em loco, demonstra os obstáculos enfrentados pelos pioneiros da industrialização construtiva no Brasil.

Escassez de equipamentos e mão de obra com domínio da técnica e imprevistos com os componentes especificados<sup>80</sup> definiram a realidade dos estágios iniciais de pesquisa e consolidação dos métodos industriais de construção.

Ciente de que todo o processo de implementação envolve experimentação, reavaliação, modificação, e mesmo diante de uma experiência financeiramente fracassada - a UniSeco, Kneese de Mello sempre defendeu a pré-fabricação e os benefícios de sua utilização. Sobre a exploração da técnica no CRUSP, ponderou:

*(...) eu acho que foi uma experiência feita com todos os erros porque não existia uma oficina, não existia equipamento para a pré-fabricação, era tudo improvisado*

<sup>79</sup> KNEESE DE MELLO, Eduardo. *Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga* (novembro, 1964). In: *Arquitetura Brasileira Palestras e Conferências*. São Paulo, 1975. p. 127.

<sup>80</sup> As vedações externas do CRUSP, em placas de Formiplac, adotadas com a expectativa de boa resistência e manutenção das características estéticas perderam a coloração nos primeiros anos de uso da edificação.

*na própria obra. Pré-fabricação é boa porque se faz em uma oficina com cobertura contra sol e chuva, com equipamentos todos à vista, com técnicos todos os dias assistindo, e na obra é a mesma coisa que a construção comum, com todos os erros que a obra oferece, mas de qualquer jeito eu acho que foi uma experiência muito válida e lutei muito porque havia uma oposição terrível contra a pré-fabricação, mas eu achei que era uma oportunidade (...)*<sup>81</sup>

Segundo as definições do projeto original, o conjunto funcionou como habitação estudantil entre 1963 e 1968, sofrendo inúmeras alterações físicas e de uso ao longo das décadas seguintes. Em função do regime militar e da recessão economia no país em meados da década de 60, a execução dos blocos pré-fabricados (G,H,I,J,K,L) fica comprometida. Em 1967 a estrutura do bloco J é desmontada segundo ordem do Reitor, que desejava criar naquela posição uma nova via que conectasse diretamente a entrada da universidade à Reitoria. Essa decisão acabou por isolar os blocos K e L. Em dezembro de 1968 o exército expulsa os moradores instalados nos seis primeiros blocos.

Nas décadas seguintes, os blocos abrigaram distintas atividades, seus térreos foram sendo ocupados, assim como seus interstícios, estes espaços preenchidos com edificações de museu, salas de aula e salas para administração. Na década de 70 previa-se que dos 11 blocos restantes (alguns ainda incompletos), 4 seriam destinados a habitação e os demais a atividades administrativas e de serviços. Os blocos K e L ficaram e ainda permanecem destinados a setores da Reitoria.

Na década de 80, mais dois blocos inacabados foram desmontados (H, I). Neste período começa a ser retomada a função habitacional na maioria dos blocos construídos. No final desta década 6 dos 9 blocos destinavam-se à habitação. Nos anos 2000, 7 dos 9 blocos eram residenciais, permanecendo os outros dois com atividades da Reitoria.

A Coordenadoria do Espaço Físico da USP possui projeto de recuperação do CRUSP com plano de ação que prevê a retomada de aspectos do projeto original, adaptados às demandas atuais. Prevê-se a liberação dos térreos e dos interstícios possíveis, reconstituição das superfícies externas com elementos similares aos originais, entre outras medidas<sup>82</sup>. O layout interno, entretanto, não retomará as características da concepção original, que refletia uma visão mais coletiva, optando por dormitórios individualizados, como reflexo das demandas dos estudantes na atualidade.

---

<sup>81</sup> *ARQUITETO: Eduardo Kneese de Mello*. Produção de Ângela Podolsky. Coordenação Arquiteto Roberto Loeb. São Paulo: VídeoVideo Produtora. Vídeo realizado para o IAB. In REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado). p.240.

<sup>82</sup> Para mais informações sobre as ações pretendidas, ler *A Recuperação do CRUSP*. Coordenadoria do Espaço Físico – COESF: São Paulo, 2009.





**Fig. 85:** CRUSP, interstícios dos blocos ocupados. Antiteatro, colmeia, sede da Coseas e MAC.

Fonte: *A Recuperação do CRUSP*. COESF, 2009. p. 1.



**Fig. 86:** CRUSP, fechamento do térreo, década de 70.

Fonte: *A Recuperação do CRUSP*. COESF, 2009. p. 9.



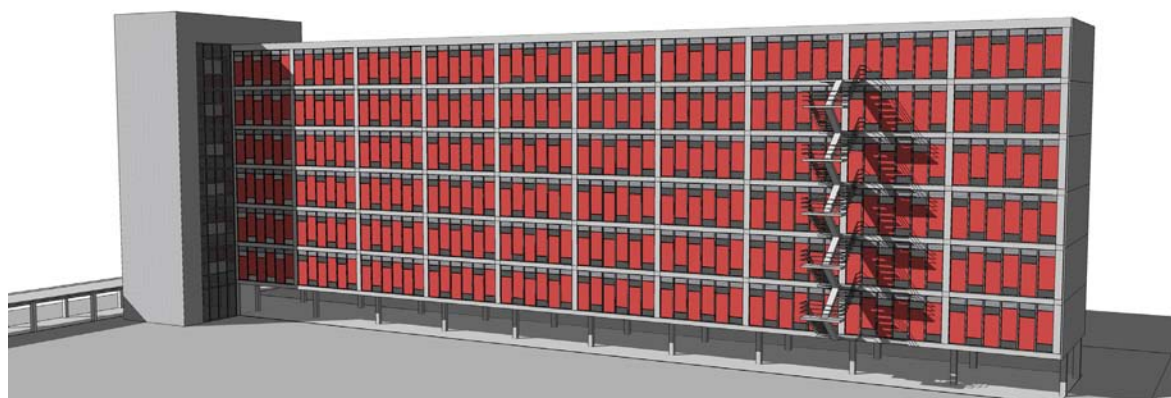
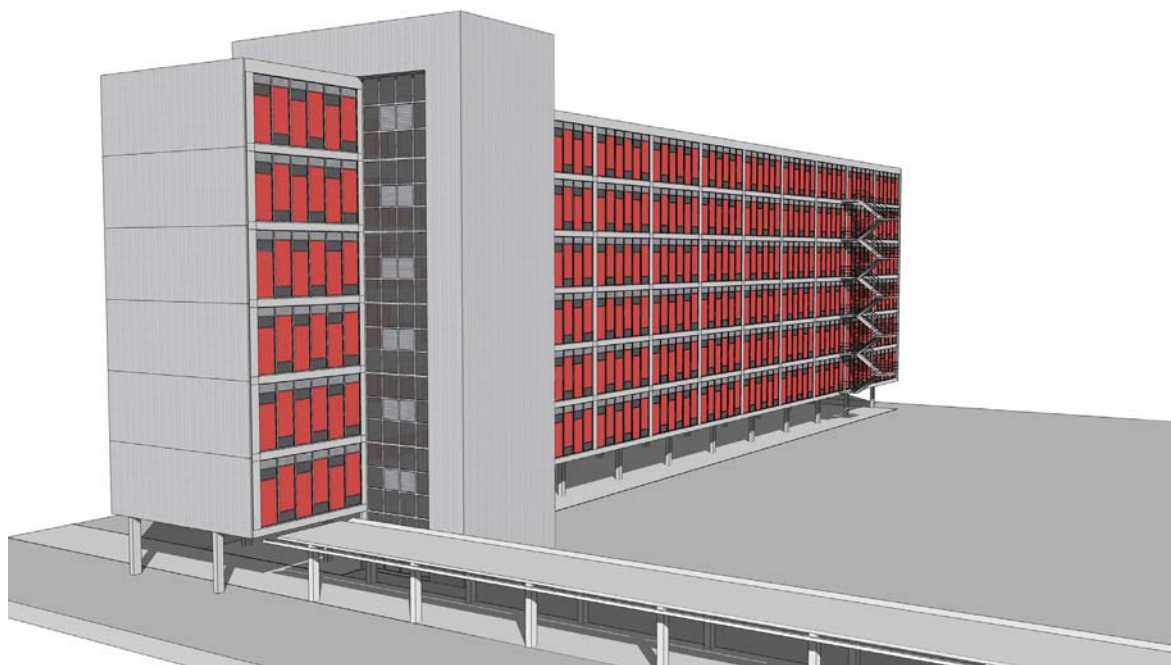
**Fig. 87:** CRUSP, lavanderia construída em 1966.

Fonte: *A Recuperação do CRUSP*. COESF, 2009. p. 4.



**Fig. 88:** CRUSP, pavilhão sem a compartimentação interna.

Fonte: *A Recuperação do CRUSP*. COESF, 2009. p. 7.



**Figs. 89, 90 e 91:** Conjunto Residencial da USP (construído), maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.





**Fig. 92:** CRUSP, escada secundária.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 93:** CRUSP, bloco utilizado pela Reitoria.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 94:** CRUSP, encontro bloco-passagem coberta.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 95:** Fachada dos dormitórios descaracterizada.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 96:** CRUSP, escada principal.

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 97:** CRUSP, à esquerda bloco construído em 2011.

Fonte: Arquivo da autora.



**5. UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
CAMPUS DARCY RIBEIRO

## 5.1. CIDADE MODERNA DENTRO DA CIDADE MODERNA

### 5.1.1. A Universidade nos planos para Brasília

*“O Concurso do Plano Piloto de Brasília, em 1957, traduziu, entre outras coisas, o desejo nacionalista e determinado de um presidente, Juscelino Kubitschek, por realizar a antiga ideia de construir uma capital administrativa, apoiado por uma convicção modernista que Brasília ajudou a propagar.”<sup>1</sup>*

A nova capital administrativa do país deveria ser concebida de forma a representar os ideais de modernização que caracterizavam o governo Kubitschek. Deveria corresponder à realização excepcional, destacada de qualquer outra cidade, no sentido de *“expressar a grandeza de uma vontade nacional”*.<sup>2</sup>

Neste contexto, a cidade universitária adquire papel fundamental da consolidação de uma cidade modelo. Em discurso na ocasião em que sanciona a Lei nº 3.998 de 1961, de estabelecimento da Universidade de Brasília, o então Presidente João Goulart reafirmava a relevância da universidade na consolidação da nova capital:

*“Na deliberação de trasladar a Capital da República para o Planalto Central, estava já implícito este ato de criação da Universidade de Brasília, órgão complementar indispensável para dar sentido espiritual e assegurar autonomia cultural ao conjunto de instituições que compõem a cidade-capital.”<sup>3</sup>*

O concurso para o Plano Piloto da nova capital contou com a participação de 26 projetos, dentre os quais foram classificados: 1ª Colocação: Lúcio Costa (plano n.22); 2ª Colocação: Boruch Milman, João Henrique Rocha e Ney Gonçalves (plano n.2); 3ª Colocação: Maurício e Marcelo Roberto (plano n.8); 3ª Colocação<sup>4</sup>: Rino Levi, Roberto Cerqueira César, Luiz Roberto de Carvalho Franco (plano n.17); 5ª Colocação: Carlos Cascaldi, João Vilanova Artigas, Mário Wagner Vieira e Paulo de Camargo e Almeida (plano n.1); 5ª Colocação: Henrique Mindlin e Giancarlo Palanti (plano n.24); 5ª Colocação: Milton Guiraldini (plano n.26).

<sup>1</sup> COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado). p. 25.

<sup>2</sup> COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado). p. 34.

<sup>3</sup> GOULART, João APUD RODRIGUES, Luiz Augusto Fernandes. *Universidade e a Fantasia Moderna: a Falácia de um Modelo Espacial Único*. Niterói: EdUFF, 2011. p. 108.

<sup>4</sup> Como explica COSTA (2002) em sua dissertação: “os jurados acharam por bem classificar dois projetos em terceiro lugar, eliminando uma quarta colocação”. (COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado). p. 34).



No que corresponde à implantação da cidade universitária há uma característica comum à maioria dos planos para Brasília, inclusive nos projetos finalistas. Grande parte dos projetos localiza o terreno destinado ao campus nas proximidades do lago Paranoá.<sup>5</sup> Além da proximidade com o lago, buscava-se estabelecer a ligação entre o campus e as áreas verdes, caracterizando-o como uma espécie de parque.

Esta situação é bastante característica no Plano número 1, de Cascaldi, Artigas, Vieira, e Camargo e Almeida. Nesta proposta a cidade universitária estaria inserida no Parque Nacional, localizado na zona verde 1 (ZV1), em área envolvida pelo lago. Este setor representaria as funções de Centro Cultural Recreativo Regional e Nacional.

*“Nele foram localizados a Cidade Universitária, com hospital central e setor residencial para estudantes, grandes equipamentos esportivos como estádio e hipódromo [...]”<sup>6</sup>*

No Plano número 2, de Boruch Milman, classificado em 2º lugar, a cidade universitária é posicionada a sul, cercada por dois braços do lago, em área de relativo isolamento.

No Plano número 17, da equipe de Rino Levi, classificado em 3º lugar, a cidade é organizada segundo uma trama viária ortogonal, partindo do tronco viário estruturador Norte-sul. Característica marcante do projeto são as torres para habitação intensiva, que alcançariam até 300m de altura e estariam posicionadas no entorno do centro urbano, localizado em ponto intermediário do eixo N/S, junto ao lago. No memorial descritivo, há menção do setor residencial estudantil no programa do campus, situado como uma das cabeceiras do grande eixo:

*“A área reservada para a cidade universitária, no extremo sul do tronco viário N.S., é prevista para as várias faculdades de ensino, setores residenciais para estudantes, centro esportivo, centro hospitalar especializado, e demais institutos anexos complementares da universidade.”<sup>7</sup>*

---

<sup>5</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado).

<sup>6</sup> COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado). P. 263.

<sup>7</sup> LEVI, Rino (1957) *apud*. COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado). p. 390.

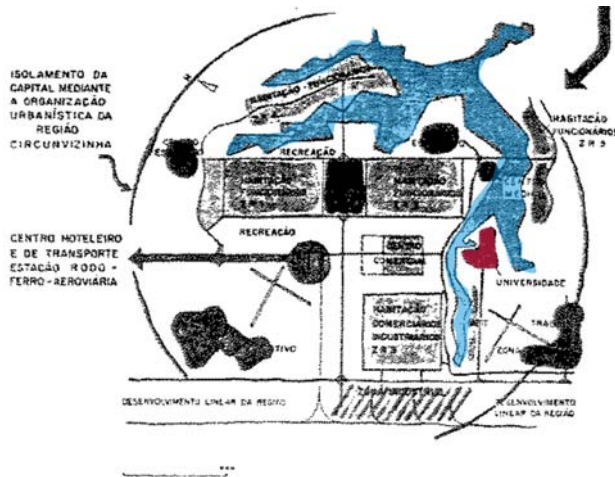


Fig. 1: Plano nº 2, Boruch Milman.

Fonte: COSTA, Aline (2002), p. 143. (Colorido sobre publicação).



Fig. 2: Plano nº 17, Rino Levi e equipe.

Fonte: COSTA, Aline (2002), p. 393. (Colorido sobre publicação).

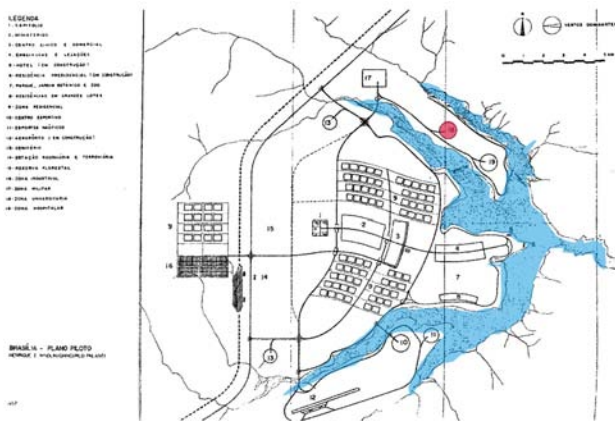


Fig. 3: Plano nº 24, Henrique Mindlin e equipe.

Fonte: COSTA, Aline (2002), p. 550. (Colorido sobre publicação).

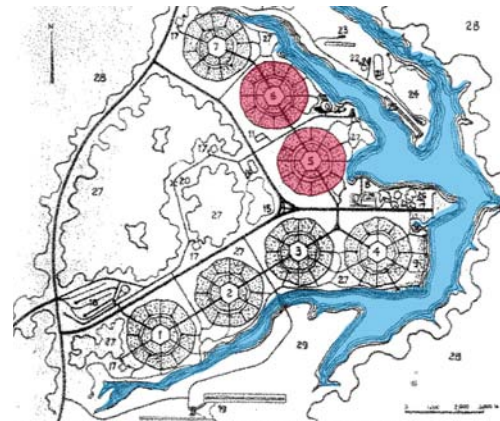


Fig. 4: Plano nº 8, MMM Roberto.

Fonte: COSTA, Aline (2002), p. 285. (Colorido sobre publicação).

Os projetos classificados, com uma exceção, compartilham a característica básica de concentrar as funções da universidade em uma cidade universitária, como um núcleo autônomo. O plano dos irmãos Roberto é singular na medida em que não propõe a universidade como uma área isolada, com a justificativa de integrar a vida universitária à vida urbana, facilitando o acesso a todos os serviços oferecidos na cidade.

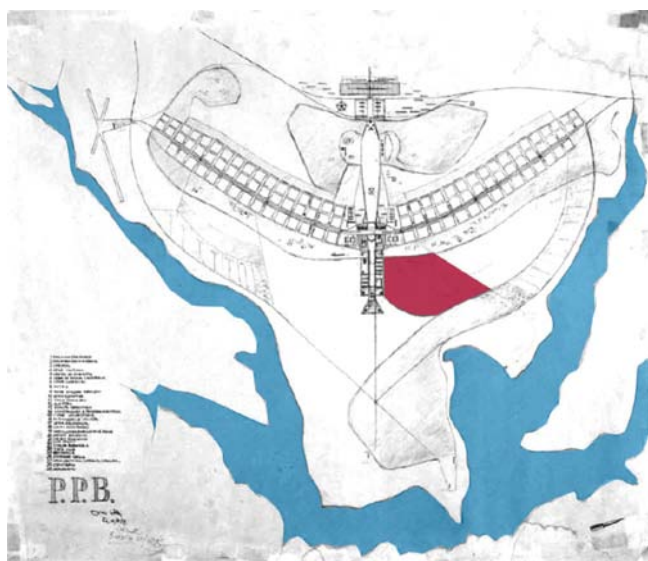
*“Preferimos que a universidade não fosse uma cidade isolada, sem contato com a vida da cidade. Tanto os professores como os alunos devem participar da vida urbana. O seu isolamento em recinto fechado só poderia deformar-lhes a visão dos problemas urbanos”<sup>8</sup>*

<sup>8</sup> ROBERTO (1957) apud. COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado). p. 93.

No plano de número 8 de MMM Roberto, classificado em 3º lugar, a cidade é proposta como uma sequência de unidades urbanas completas e autossuficientes, relacionadas pelo sistema viário, remontando ao esquema de cidade jardim. As instalações das universidades, públicas e particulares, estariam inseridas nas unidades urbanas 5 e 6, nas margens do lago.

Inicialmente, o projeto vencedor de autoria de Lúcio Costa (n.22) localizava a cidade universitária em área adjacente à Esplanada dos Ministérios. Esta localização encontrou resistência por parte de Israel Pinheiro<sup>9</sup>, importante agente na construção da capital, que dizia ser necessário afastar de Brasília as manifestações estudantis e operárias. Esta oposição é citada como possível indutor da transferência da cidade universitária para a área final, mais a norte, descolada da esplanada.<sup>10</sup>

Como veremos a seguir, a implantação do campus parte de um esboço de Lúcio Costa, mas é submetida ao longo dos anos a distintos planos, que contribuíram para sua configuração nas décadas seguintes influenciando, entre outros setores, a posição e organização das áreas residenciais. O espaço físico concretizado pela UnB é descrito por Schlee como “[...]uma cidade funcionalista dentro de outra.”<sup>11</sup>.



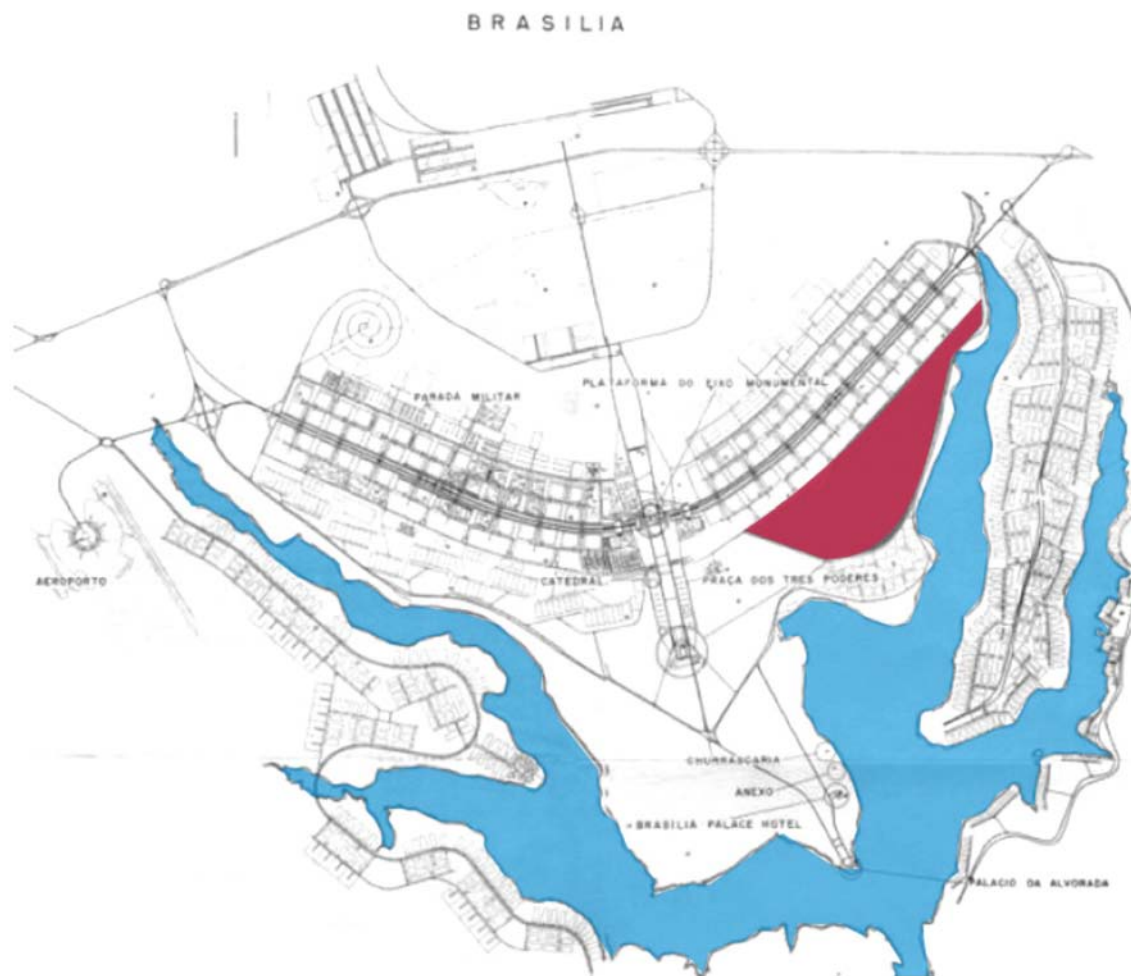
**Fig. 5:** Plano nº 22, Lúcio Costa – Plano Original.

Fonte: ALBERTO, Klaus (2008), p. 150. (Colorido sobre publicação).

<sup>9</sup> Israel Pinheiro era presidente da NOVACAP à época do concurso. NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) foi criada em abril de 1956 e lança o edital para o concurso do plano piloto em setembro do mesmo ano. (COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado)).

<sup>10</sup> Argumento defendido por ALBERTO em sua tese de doutorado sobre a Universidade de Brasília. (ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado)).

<sup>11</sup> “[...] a functionalist city inside another.” (SCHLEE, Andrey. *The campus of the University of Brasilia*. In: *DOCOMOMO Journal*, v. 43, 2011. p. 45.)



**Fig. 6:** Plano Lúcio Costa – Plano de abril de 1960, na ocasião das solenidades da inauguração de Brasília.

Fonte: ALBERTO, Klaus (2008), p. 151.  
(Colorido sobre publicação).

### 5.1.2. Os planos de implantação do campus

O campus para a Universidade de Brasília não apenas estava inserido em um contexto de intensa produção arquitetônica que caracterizou a construção da capital, mas alinhava-se na busca por representar um novo programa universitário, que seria modelo para o país. A universidade preparava-se para receber grande número de pessoas para compor sua comunidade acadêmica e, ainda que a nova capital não possuísse em seus primeiros anos um grande contingente populacional, a universidade buscava docentes de fora, e tinha por intenção aplicar o vestibular em todo o país.<sup>12</sup>

Para concretizar estas intenções era necessário desenvolver a infraestrutura para suprir as demandas didáticas e técnicas dos espaços de ensino, mas também oferecer as condições adequadas para o desenvolvimento das demais atividades do cotidiano de seus usuários. Neste sentido desenvolvia-se, dentro da capital federal, uma cidade em seus programas de circulação, trabalho, serviços, habitação, esportes, etc., voltada para a formação superior.

Durante os anos 60 ocorre a criação e o desenvolvimento dos primeiros planos e realizações para a construção da Cidade Universitária da Universidade de Brasília. Nesta década, além da concretização das principais diretrizes para a implantação do campus, são projetadas e construídas as habitações universitárias, objeto do estudo.

A FUB (Fundação Universidade de Brasília) foi criada em 1960, pelo Projeto de Lei nº 1.861-B-60, na gestão presidencial de Juscelino Kubitschek de Oliveira. O governo João Goulart estabelece definitivamente a Universidade, pela Lei nº 3.998 de 1961. O papel modelar da Universidade de Brasília, que deveria constituir novas bases para o ensino superior brasileiro e que deveria estar, conseqüentemente, materializada em um espaço físico também moderno, transparece em trecho do discurso em que o Presidente João Goulart sanciona a lei:

*“Não se tratava apenas de acrescentar uma universidade mais às que já temos e nos esforçamos por ampliar e aprimorar. O desafio diante do qual se encontravam os poderes públicos, bem como os intelectuais, os artistas, os professores e estudantes universitários do Brasil, era o de conceber e planejar uma universidade modelada em bases novas que, para todas as demais, constituísse um estímulo e um complemento [...]”*<sup>13</sup>

<sup>12</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado).

<sup>13</sup> GOULART, João APUD RODRIGUES, Luiz Augusto Fernandes. *Universidade e a Fantasia Moderna: a Falácia de um Modelo Espacial Único*. Niterói: EdUFF, 2011. p. 109.

A UnB teve seu campus inaugurado em 21 de abril de 1962, entre as comemorações do 2º ano de Brasília<sup>14</sup>. Direcionava-se a um ensino de alta qualidade capaz de formar profissionais preparados para contribuir com o desenvolvimento do país, através da ciência e da tecnologia.<sup>15</sup>

Sua estrutura fundamentava-se na integração universitária, alternativa à individualização das unidades acadêmicas em núcleos autônomos, segregados entre si, realidade corrente no ensino superior brasileiro à época. Para efetivar esta nova estrutura, propunha a integração de três modalidades de órgãos: Os Institutos Centrais, as Faculdades e os Órgãos Suplementares.<sup>16</sup>

Os institutos<sup>17</sup> teriam por objetivo realizar a formação básica dos estudantes, durante período de até dois anos, nas distintas áreas do conhecimento, encaminhando-o posteriormente para as faculdades, que forneceriam o treinamento especializado para o desenvolvimento de uma profissão. Permitiriam ainda o aprofundamento em uma das áreas do conhecimento, ou a formação em magistério. Tal organização possibilitaria a convivência de indivíduos com os mais variados interesses e formações subsequentes, estimulando o intercâmbio de conhecimento.

A integração acadêmica teria como dinamizadores os órgãos suplementares, correspondentes às unidades culturais e de serviços voltados para a coletividade universitária, e que passam, no plano físico, a compor o núcleo diretivo-cultural e de serviços gerais. A congregação entre a comunidade acadêmica e a população em geral também é alvo das propostas. Tal convivência seria estimulada pelas possibilidades de participação em eventos artísticos, ações de extensão cultural e cursos para complementação de estudos.<sup>18</sup>

Em concordância com a organização didática proposta para a universidade, o campus deveria refletir seus ideais de progresso e modernização, através da concepção de um campus também inovativo, partindo de um plano piloto elaborado por Lúcio Costa.

O plano esboçado no início da década de 60 por Lúcio Costa correspondia à segunda área por ele proposta para acomodar o campus da universidade, entre a asa norte e o Lago Paranoá, em sítio de 257 hectares, correspondentes a zona das

---

<sup>14</sup> UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano de Desenvolvimento Físico*. Brasília, 1974.

<sup>15</sup> CJ Arquitetura. nº 4, fev/mar/abr, 1974.

<sup>16</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970.

<sup>17</sup> Propunham-se nove: artes, biologia, ciências humanas, física, geo-ciências, letras, matemática, psicologia e química.

<sup>18</sup> RIBEIRO, Darcy. In: MÓDULO. Rio de Janeiro, nº. 32, março de 1963.



embaixadas na asa sul.<sup>19</sup> O terreno delimitava-se a oeste pela via L3 Norte, e a leste por uma estrada ao longo do lago - a Via da Universidade (L4 Norte). A partir da via L4 Norte, em posição intermediária no sítio, propunha-se o acesso a Entrada Magna junto a qual fora estabelecido o núcleo diretivo-cultural da universidade. Este núcleo concentrava Reitoria, Museus, Biblioteca, Aula Magna, Rádio e Editora e, combinado ao conjunto de institutos e suas faculdades correlacionadas, configurava a Praça Maior, no centro do terreno.

Assim como verificado no plano de Lúcio Costa para a Universidade do Brasil, revela-se no plano para a UnB o protagonismo do núcleo diretivo-cultural, ratificado pela sua função de ingresso e pela posição como ponto focal, no extremo da composição.

A configuração da Praça Maior da UnB se concretizaria da seguinte maneira: a leste estaria o núcleo diretivo-cultural, a porção a norte da praça abrigaria o setor de humanidades, a sul o núcleo de arquitetura e urbanismo, relacionado ao Instituto de Artes, e a oeste o setor de exatas - Institutos de Matemática, Física, Química e Geografia.

A oeste, nas proximidades da via L3 Norte, localizavam-se os setores de ciências médicas e de tecnologia e entre eles, em posição oposta ao centro diretivo-cultural, o núcleo de serviços e comércio da universidade. No extremo noroeste encontrava-se o centro esportivo.

São propostos dois setores residenciais, dispostos em posições periféricas do terreno, permitindo acesso fácil pelas duas vias principais que contornam o campus. Uma das áreas residenciais é posicionada a sudeste, nas proximidades dos setores de tecnologia e de artes, em interface com a via L4 Norte, a partir de seu entroncamento com a L3 Norte.

A segunda área residencial localiza-se entre o centro do campus e setor esportivo, no extremo noroeste. Em interface com a via L3 Norte estariam posicionadas as residências de professores e estudantes, e junto à L4 Norte seriam implantadas as Casas Nacionais da Língua e da Cultura que: “[...] *entre duas avenidas paralelas, se dispõem, em diversas faixas separadas por muros de árvores, tôdas abertas para o lago[...]*”.<sup>20</sup> Estas casas teriam como objetivo o ensino de línguas e difusão da cultura dos países que mantivessem no campus um centro cultural que os representasse. A intenção era configurar um bairro a parte, composto por estas casas que, como em uma exposição de arquitetura, deveriam *“representar a melhor arquitetura contemporânea dos diversos*

<sup>19</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 16.

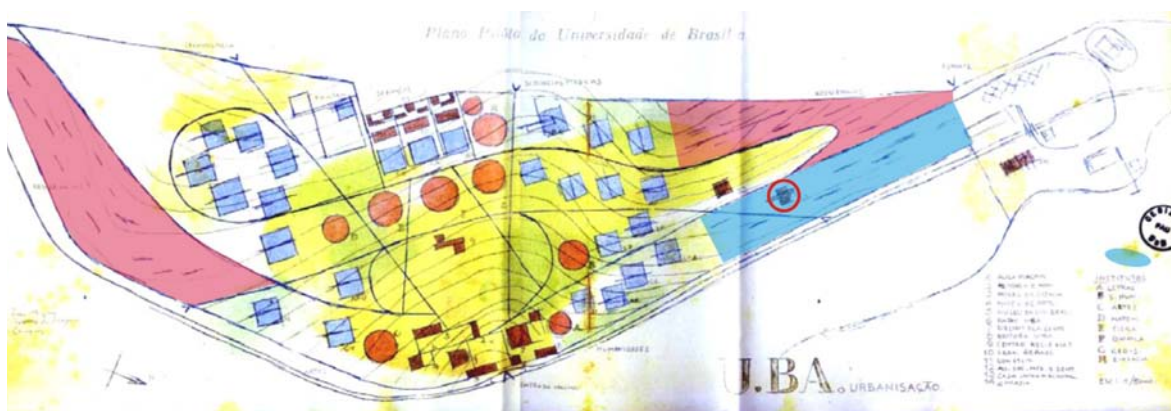
<sup>20</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 16.

países, integrando-se no espírito renovador de Brasília”<sup>21</sup>. Nesta área Lúcio Costa posiciona ainda a Casa Internacional, que deveria abrigar estudantes estrangeiros.

À exceção da Casa Internacional, destacada no plano piloto por uma forma particular, as edificações residenciais aparecem representadas por traços estreitos e alongados, que sugerem uma ideia de multiplicação de uma tipologia edilícia. O esboço sugere ainda que estivessem implantadas segundo o perfil do terreno, em curva na área a sudeste e segundo a orientação nordeste-sudoeste, junto ao centro esportivo.

Do ponto de vista morfológico, o desenho de Lúcio Costa propunha setores configurados por grupos de edificações independentes, tanto na área residencial, como no restante do campus. A distribuição submete-se ao critério de proximidade de funções afins e de valorização da Praça Magna como ponto central, no entorno do qual os setores são organizados.

*“[...] o Campus era estruturado em parcelas, como quadras internas. [...] Não havia, como a seguir ocorreu [com o Instituto Central de Ciências], uma composição dominada por uma ou outra edificação de maior importância. Mas era evidente a importância dada à ocupação da área central da grande gleba, pelo conjunto de quadras universitárias, ao longo de eixos que definiam a Praça Maior.”*<sup>22</sup>



**Fig. 7:** Plano Piloto da Universidade de Brasília, Lúcio Costa, 1960.

Em vermelho, nos extremos, as áreas previstas para residências de professores e alunos. Em azul, Casas Internacionais da Língua e da Cultura. No círculo vermelho, a Casa Internacional.

Fonte: ALBERTO, Klaus (2007), p. 10.  
(Colorido sobre publicação).

<sup>21</sup> UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano Orientador (1962) apud ALBERTO, Klaus Chaves. Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado). p. 226.

<sup>22</sup> *Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro*. GABINETE DO REITOR DA UnB / PREFEITURA DO CAMPUS / GRUPO DE TRABALHO DO PLANO DIRETOR FÍSICO. Brasília, outubro 1998. p. 11. Grifo/Inclusão da autora.

Entre 1962 e 1964 Oscar Niemeyer atua como diretor do Centro de Planejamento da Universidade de Brasília (CEPLAN), com a incumbência de iniciar o processo de implantação do novo campus, na nova cidade. Era do grupo de arquitetos do CEPLAN, departamento da escola de Arquitetura e Urbanismo (FAU), “[...] a tarefa de erguer do nada acomodações para abrigar uma instituição tão importante em uma nova cidade [...]”.<sup>23</sup>

Neste período há o desenvolvimento e adequação de projetos para o campus a partir do plano inicial de Lúcio Costa. As diretrizes gerais do plano de Lúcio Costa foram mantidas, incluindo a persistência do acesso pela Via da Universidade, relacionando-o à Praça Maior, mas Niemeyer introduz a ideia de fundir os institutos de matemática, física, química e biologia em uma mesma edificação, criando o Instituto Central de Ciências (ICC), que acabaria convertido em um núcleo polarizador para as futuras ocupações, a partir do qual seriam organizados os demais setores e edificações.

Para a implantação do ICC, são abolidos dois eixos diagonais que no projeto de Lúcio Costa partiam do centro diretivo-cultural para os núcleos opostos de tecnologia e ciências médicas. Além disso, a Praça Maior imaginada por Costa é dividida, já que o longo edifício é implantado no centro do terreno.

O edifício do ICC, que teve sua construção iniciada em 1963, é configurado por um bloco de 720 metros de comprimento e dois pavimentos (mais subsolo), composto por duas alas de larguras distintas, separadas entre si por jardim de 15m de largura, previsto como uma área de expansão dos laboratórios<sup>24</sup>. A faixa mais estreita (25m) destina-se à pesquisa, abrigando os laboratórios e a mais larga (30m) é reservada para as atividades de ensino, ocupada por salas de aula e auditórios. No sentido longitudinal, o conjunto é composto por três partes, duas extremidades retas, e a porção central levemente curva. O subsolo possui uma rua de serviço que percorre toda a extensão do edifício sob a ala dos laboratórios, além de depósitos e salas para pesquisa na área livre entre as alas.

Para a construção são utilizados elementos pré-fabricados, no sentido de obter flexibilidade espacial através de uma arquitetura modular. A adoção de técnicas de pré-fabricação atinge uma grande escala na construção do ICC e é representativa das experimentações da equipe do CEPLAN neste sentido. Como diretor do Centro de Planejamento Niemeyer desenvolve, além do ICC, projetos para a Praça Maior circundada pela Reitoria, Biblioteca, Museu da Civilização Brasileira e a Aula Magna,

---

<sup>23</sup> “[...] the task of raising from nothing the accommodations to shelter such a major institution in a brand-new town [...]”. SCHLEE, Andrey. *The campus of the University of Brasilia*. In: DOCOMOMO Journal, v. 43, 2011. p.45.

<sup>24</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p.22

além de realizações explorando o tema da pré-fabricação, como no escritório do CEPLAN, nos galpões para serviços gerais, e nas experiências com módulos para habitação.

Coincidente com a situação observada na USP, onde no início da década de 60 são identificados os primeiros esforços no sentido de explorar a pré-fabricação (nos alojamentos, como demonstrado pela pesquisa), as realizações do início da década de 60 na UnB também estavam alinhadas neste sentido, de maneira exploratória e didática:

*“Os principais edifícios então projetados e construídos caracterizaram-se pelo experimento da pré-fabricação em concreto protendido - obras arrojadas e, ao mesmo tempo, singelas no que concernem ao uso de materiais e instalações técnicas.”<sup>25</sup>*

No início da implantação do campus, na década de 60, era necessário construir muito e rapidamente, para suprir às demandas das primeiras atividades em execução no campus. A busca por implementar tecnologias construtivas econômicas e de rápida execução, permitia a elaboração de edificações flexíveis e refletia uma nova linguagem compositiva e estética, na qual a expressão do material e das instalações transparecem nas edificações.

Obras como o módulo de habitação mínima para estudantes de Niemeyer, as habitações para professores de João Filqueiras Lima - casos estudados na sequência do trabalho - os pavilhões de serviços gerais, de Niemeyer e Lelé, a faculdade de educação, de Alcides da Rocha Miranda, além do próprio ICC utilizam, em sua elaboração, uma série de peças pré-moldadas, criadas e testadas diretamente nas obras.<sup>26</sup>

A linguagem brutalista decorrente da técnica adotada era defendida como parte do processo de modernização universitária, na qual a atenção e os recursos deveriam ser canalizados para a atividade educativa:

*“O que o caracteriza [o padrão das obras em andamento na UnB em 1963] é, em primeiro lugar, a conquista de um tipo novo de edificação, que guardando toda a dignidade, toda a sobriedade, toda a qualidade que uma universidade deve ter como imagem que é da Nação e da Cultura, fôsse ao mesmo tempo, despida de qualquer caráter suntuário, de tudo que represente um preço a mais em recursos que poderiam ser aplicados na compra de livros, de equipamento ou na ampliação do corpo de professores [...]”<sup>27</sup>*

<sup>25</sup> Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro. GABINETE DO REITOR DA UnB / PREFEITURA DO CAMPUS / GRUPO DE TRABALHO DO PLANO DIRETOR FÍSICO. Brasília, Outubro de 1998. p. 13.

<sup>26</sup> SCHLEE, Andrey. *The campus of the University of Brasilia*. In: DOCOMOMO Journal, v. 43, 2011. p.45.

<sup>27</sup> RIBEIRO, Darcy. In: MÓDULO. Rio de Janeiro, nº 32, março de 1963. p. 11. Inserção da autora.

Neste mesmo texto, o então reitor Darcy Ribeiro<sup>28</sup> destaca importância do ICC, na sua dimensão física e simbólica:

*“[...] terá uma sobriedade e grandiosidade realmente extraordinárias, grandiosidade tanto maior pelo seu sentido simbólico, por representar o edifício que conterà, pela primeira vez, os elementos capazes de tornar o Brasil realmente autônomo e independente num setor fundamental [...]: o campo do saber, da ciência e da tecnologia.”<sup>29</sup>*

A proposta de Oscar Niemeyer para o Instituto Central de Ciências (ICC), integrando em uma única e imensa estrutura o que na proposta de Lucio Costa seriam edificações independentes, inverte a lógica de implantação do primeiro plano para o campus. Ao invés da organização a partir do vazio, distribuindo as edificações no entorno da Praça Maior, como proposto por Costa, a edificação do ICC, um núcleo construído, converte-se no polarizador das demais implantações no sítio da universidade.

*“O projeto físico e a localização dos edifícios, tal como proposto e executado à época, criaram um núcleo de ocupação em meio à grande gleba concedida para a sua fundação. Essa decisão veio a mostrar-se valiosa para o ulterior planejamento da expansão da Universidade nos seus setores ao sul e ao norte do núcleo central dominado pelo Minhocão - ICC. O padrão de distribuição dos demais edifícios assemelhava-se à proposta de Lúcio Costa: isolados, num mosaico para o setor urbano em que o sistema viário seria o principal delimitador dos espaços, na escala geral da nova cidade universitária.”<sup>30</sup>*

Os desenhos de Niemeyer até 1963 são os mais fiéis ao proposto originalmente por Lúcio Costa, principalmente no que corresponde à trama viária e às edificações das faculdades como volumes independentes dispersos no verde. As alterações mais significativas correspondem, além do ICC, ao deslocamento do centro esportivo para novo sítio a leste, que aparece no plano de 63-64, e algumas definições de posição e partido das edificações. Aparecem as residências para professores na Colina, em sua configuração original – como dois grupos de quatro blocos - e o conjunto de edificações de serviços gerais.

---

<sup>28</sup> Ministro da Educação no governo João Goulart, propôs a reforma do ensino superior através da Universidade de Brasília, da qual foi o primeiro reitor. (AU Arquitetura e Urbanismo, nº5, 1986).

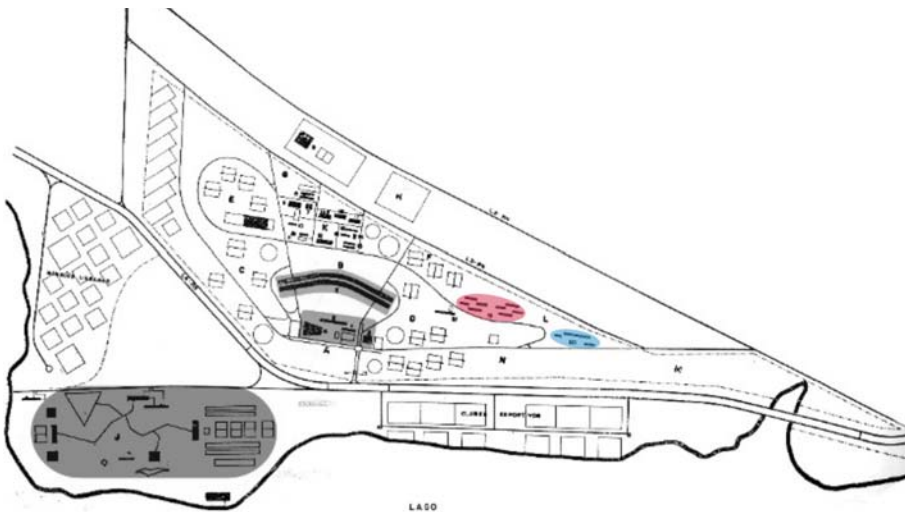
<sup>29</sup> RIBEIRO, Darcy. In: MÓDULO. Rio de Janeiro, nº 32, março de 1963. p. 11.

<sup>30</sup> *Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro*. GABINETE DO REITOR DA UnB / PREFEITURA DO CAMPUS / GRUPO DE TRABALHO DO PLANO DIRETOR FÍSICO. Brasília, Outubro de 1998.



**Fig. 8:** Instituto Central de Ciências - ICC.

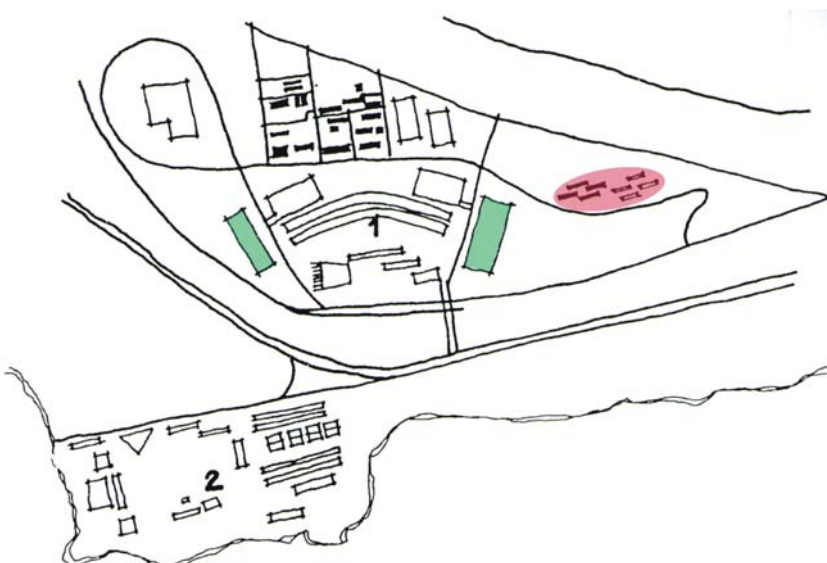
Fonte: SCHLEE, Andrey (2011), p. 46.



**Fig. 9:** Plano UnB 1963/64, período Niemeyer no CEPLAN.

Em vermelho conjunto de oito edificações previstas para professores. Em azul, posição do anteprojeto para habitação de estudantes.

Fonte: ALBERTO, Klaus ( 2007), p. 14.  
(Colorido sobre publicação).



**Fig. 10:** Plano UnB 64, período Niemeyer no CEPLAN.

Em vermelho conjunto de oito edificações previstas para professores. Em verde, edificações propostas para centralizar os demais institutos, nas cabeceiras do ICC.

Fonte: RODRIGUES, Luiz (2001), p. 133.



A proposta de 1964 traz uma alteração significativa em relação ao imaginado por Lúcio Costa no que concerne à configuração das edificações dos demais institutos e faculdades, além dos previstos para ocuparem o ICC. Niemeyer propõe duas grandes edificações conformando o instituto central de artes e o instituto central de ciências humanas. Estas edificações aparecem flanqueando o ICC e constituíam uma visão de integração alternativa ao conjunto de volumes isolados do plano original.

*“O principal rompimento com a proposta inicial de Lúcio Costa foi configurado na proposta de 1964. Nesta a equipe do CEPLAN, ainda liderada por Niemeyer, já propõe uma nova visão de universidade que diminuiria a impressão dos edifícios soltos de Lúcio Costa. Neste projeto há uma tentativa de concentrar também os edifícios das faculdades em grandes construções. Haveria uma significativa redução das unidades dispersas no conjunto.”<sup>31</sup>*

Em abril de 1964, como ação decorrente do Golpe Militar, a Universidade de Brasília é tomada pela polícia política. Com a demissão de grande parte do corpo docente, a equipe do CEPLAN é desfeita<sup>32</sup>, e os trabalhos de desenvolvimento do campus, antes em ritmo acelerado, ficam estagnados. Naquele momento:

*“A universidade era um grande canteiro de obras e ideias, lugar de experimentos educacionais e administrativos, arquitetônicos e tecnológicos. Não eram pequenos a ousadia e o otimismo daqueles momentos. Contudo, cerceadas pelo golpe militar de março de 1964, as ideias de Oscar Niemeyer e de Alcides da Rocha Miranda para o Campus foram sustadas; estudos, projetos e obras paralisados – ações que guardavam estreita correspondência com o projeto institucional da Universidade de Brasília, à época.”<sup>33</sup>*

As discussões acerca da organização do campus são retomadas no final da década de 60, contando com a atuação da equipe do CEPLAN (Galbinski, Zimbres, Castro e Macedo) e a participação de estudantes. Os projetos, em geral, propunham variações sobre os fundamentos lançados anteriormente por Niemeyer. Era recorrente a ideia de consolidar um núcleo principal da universidade, partindo da presença contundente do ICC.

*“[...] as grandes composições da época eram sobretudo variações sobre o grande tema do “centro da universidade”, sobre seu espaço simbólico e de poder mais nitidamente identificado.”<sup>34</sup>*

<sup>31</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Inconstantes cidades universitárias um estudo da Universidade de Brasília*. In: Anais 7º Docomomo Brasil, 2007. p. 14

<sup>32</sup> SCHLEE, Andrey. *The campus of the University of Brasília*. In: DOCOMOMO Journal, v. 43, 2011.

<sup>33</sup> *Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro*. GABINETE DO REITOR DA UnB / PREFEITURA DO CAMPUS / GRUPO DE TRABALHO DO PLANO DIRETOR FÍSICO. Brasília, Outubro de 1998. p. 14.

<sup>34</sup> *Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro*. GABINETE DO REITOR DA UnB / PREFEITURA DO CAMPUS / GRUPO DE TRABALHO DO PLANO DIRETOR FÍSICO. Brasília, Outubro de 1998. p. 15.

A configuração de institutos concentrados, proposta em 1964 persiste na revisão do plano de 1969, realizado pelo CEPLAN já sem a participação de Niemeyer<sup>35</sup>, publicado como o projeto definitivo em execução, pela revista Acrópole dedicada a UnB, de jan/fev 1970.

No plano de 1969 as residências de estudantes já aparecem junto ao Centro Olímpico, na nova gleba de 110 hectares a leste, acrescida ao terreno original do campus<sup>36</sup>. Esta área residencial, composta por sete barras idênticas implantadas em configuração triangular, corresponde à segunda proposta para os alojamentos de estudantes, a que foi construída, e que substituiu o anteprojeto, também do ano de 1969, para área próxima aos apartamentos de professores. Neste momento, o primeiro conjunto de apartamentos para professores já estava construído há pelos menos seis anos e o segundo, nunca construído, ainda figurava nos planos.

A partir dos planos da década 70 aparecem representadas apenas as edificações construídas na colina para professores, sem o restante das barras que compunham o conjunto originalmente e que nos planos anteriores ainda constavam como possibilidade de concretização.

Os planos desta década marcam a especulação sobre novos eixos de ocupação. Estabelece-se um vetor de ocupação de ensino e pesquisa a leste, partindo do centro diretivo-cultural, e um vetor de vivência, com o restaurante central, para oeste entre o ICC e o setor de serviços gerais. Ainda a oeste implantam-se, na mesma rua do restaurante, novas faculdades em uma aproximação ao plano original de Lucio Costa, difundindo as edificações, sem uma centralidade acentuada.<sup>37</sup>

Os planos da década de 80 buscam contornar a realidade de ocupação dos espaços intersticiais por edificações isoladas. Neste contexto busca-se coordenar os eixos de circulação e há intenção de retomar o ICC como polarizador das ocupações, caráter enfraquecido nos planos da década anterior, em função dos novos eixos de ensino/ pesquisa e vivência.<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Inconstantes cidades universitárias um estudo da Universidade de Brasília*. In: Anais 7º Docomomo Brasil, 2007.

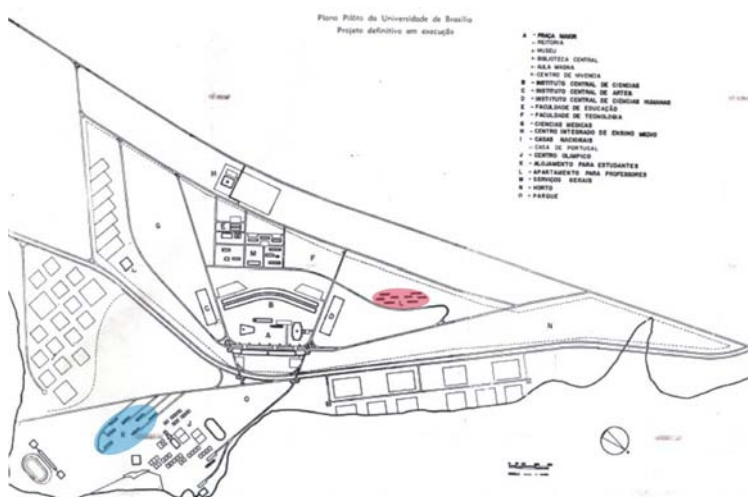
<sup>36</sup> UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano de Desenvolvimento Físico*. Brasília, 1974.

<sup>37</sup> UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro*. Brasília, outubro de 1998.

<sup>38</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Inconstantes Cidades Universitárias: Um Estudo da Universidade de Brasília*. In: Anais Docomomo Brasil 7, 2007, Porto Alegre.

Em 1986 cria-se a Prefeitura do Campus, responsável pelo planejamento e manutenção do espaço físico da universidade.<sup>39</sup> As realizações deste período incluem a expansão de edifícios residenciais na Colina, para professores e alunos de pós-graduação, projeto de Paulo Oliveira.<sup>40</sup>

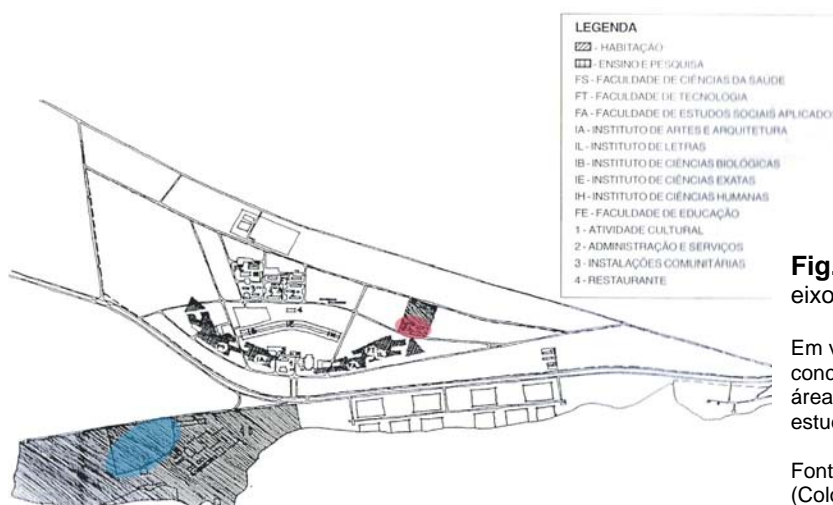
Os projetos para as habitações da UnB, a exceção desta ampliação realizada a partir da década de 80, acontecem paralelamente aos primeiros esforços de concretização do campus na década de 60. Integraram os primeiros grupos de edificações construídas, e constituíam programa essencial para a consolidação do espaço físico da universidade. As experimentações realizadas neste contexto tinham por objetivo solucionar não apenas o problema local de abrigo para professores e estudantes, mas tinham a intenção de propor soluções passíveis de atender as demandas habitacionais do país, através da adoção de novas lógicas construtivas.



**Fig. 11:** Plano UnB 69, sem Niemeyer.

Em vermelho conjunto de oito edificações previstas para professores. Em azul, o conjunto de habitações para estudantes.

Fonte: ALBERTO, Klaus (2007), p. 16. (Colorido sobre publicação).



**Fig. 12:** Plano UnB 71 - Proposta de eixos de expansão.

Em vermelho conjunto de edificações concretizadas para professores. Em azul, área do conjunto de habitações para estudantes.

Fonte: RODRIGUES (2001), p. 135. (Colorido sobre publicação).

<sup>39</sup> UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro*. Brasília, outubro de 1998.

<sup>40</sup> SCHLEE, Andrey. *The campus of the University of Brasilia*. In: DOCOMOMO Journal, v. 43, 2011.

## 5.2. HABITAÇÃO PRÉ-FABRICADA (1962)

### Oscar Niemeyer

A exploração construtiva envolvendo a pré-fabricação foi “*um dos motes principais da Universidade de Brasília em que praticamente todos os seus primeiros edifícios foram projetados segundo essa técnica*”<sup>41</sup>. Este quadro foi concretizado através da atuação do CEPLAN (Centro de Planejamento da Universidade), responsável por uma série de realizações no campus utilizando os recursos da pré-fabricação, contribuindo para a ampliação do espectro de possibilidades técnicas da arquitetura brasileira.

A experiência de Niemeyer na elaboração de um protótipo de habitação industrializada é citada como uma das primeiras iniciativas no sentido de oferecer moradia aos estudantes da UnB<sup>42</sup>. Em um sentido mais amplo, o protótipo realizado em 1962 é visto como uma tentativa de solucionar o problema habitacional para grandes demandas no país.

Como habitação para estudantes, as unidades modulares estariam posicionadas junto ao conjunto residencial de professores. Um protótipo da célula residencial, apelidado “caixinha”<sup>43</sup>, foi construído com área de 45m<sup>2</sup> e peso de 42 toneladas. A realização de um conjunto destas unidades estava atrelada à construção de uma usina de pré-moldados, nunca executada, que estaria nas proximidades da área residencial, e solucionaria o problema relacionado ao transporte dos módulos.

O módulo desenvolvido por Niemeyer era configurado como uma espécie de container retangular de concreto, que poderia distribuir-se horizontalmente, formando habitações individuais, ou como estrutura coletiva, através da sobreposição dos módulos, em 2, 3 ou 4 pavimentos. A solução coletiva absorveria infinitas possibilidades de configuração volumétrica do conjunto, que partiria da alternância entre os contêineres, de maneira que entre eles pudesse estar localizado um jardim privado para cada célula residencial.<sup>44</sup>

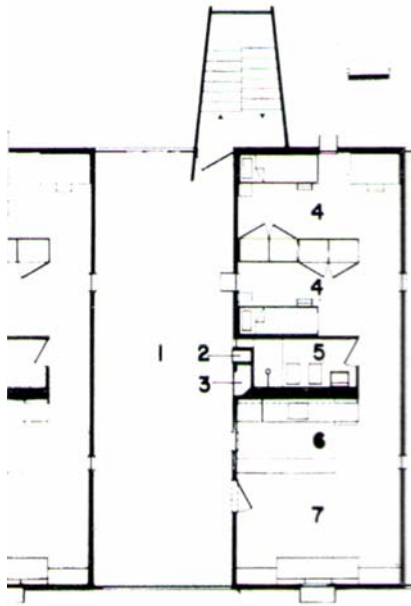
---

<sup>41</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado). p. 243.

<sup>42</sup> JÚNIOR, Adalberto Vilela. *Uma Visão Sobre Alojamentos Universitários no Brasil*. In: Anais Docomomo Brasil 5, 2003, São Carlos.

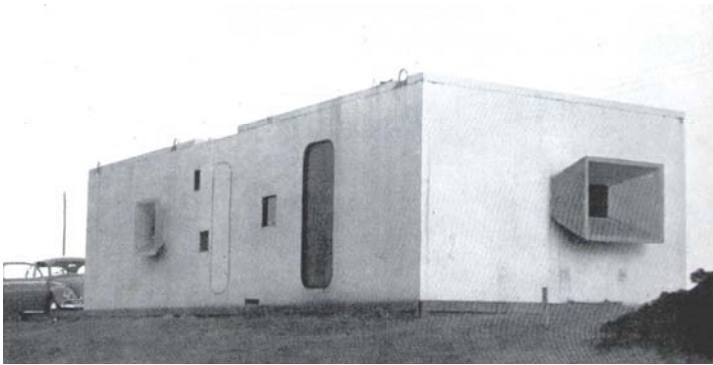
<sup>43</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado). p. 248.

<sup>44</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970.



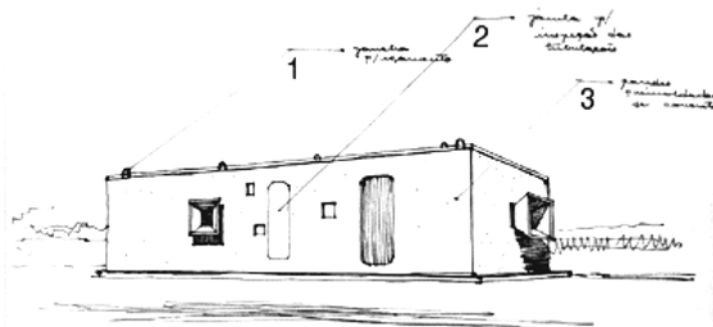
**Fig. 13:** Protótipo para habitação, Oscar Niemeyer, 1962.  
1. jardim, 2. lixo, 3. coluna instalações hidráulicas, 4. dormitórios, 5. banheiro, 6. cozinha, 7. estar.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 29.



**Fig. 14:** Protótipo para habitação, Oscar Niemeyer, 1962.

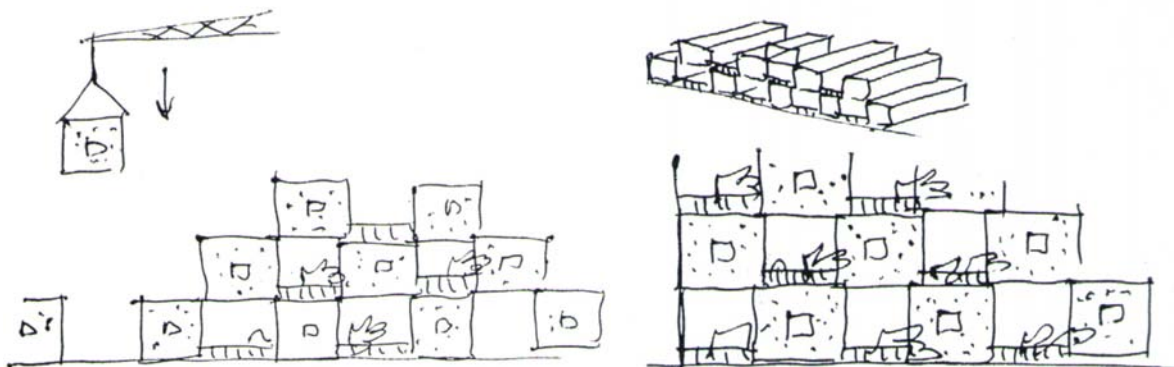
Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 29.



**Fig. 15:** Protótipo para habitação, Oscar Niemeyer, 1962.

1. ganchos para içamento, 2. janela para inspeção tubulações, 3. paredes pré-moldadas em concreto

Fonte: ALBERTO, Klaus (2008), p. 246.



**Figs. 16, 17:** Protótipo para habitação, Oscar Niemeyer, 1962.  
Esquema de montagem

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 29.

Com dimensões internas de 4x11m, a planta é organizada em cinco cômodos, dispostos ao longo de uma circulação horizontal no sentido longitudinal. O núcleo de sanitários e serviços (lixo e coluna de instalação hidráulica), no centro da planta, estabelece a separação entre os setores íntimos e sociais da unidade residencial. Nas extremidades posicionam-se estar e cozinha conjuntos, por um lado, e dois dormitórios separados, por outro.

Em uma área relativamente reduzida, o projeto de mobiliário integrado à concepção arquitetônica garante melhor aproveitamento e qualidade espacial. Os dormitórios são em parte divididos pelo mobiliário, armários-divisórias, e permanecem abertos junto do corredor. O mesmo ocorre entre a cozinha e a sala, onde é proposta uma bancada configurando as áreas de uso. Os desenhos sugerem ainda a presença de um móvel fixo junto à fachada transversal da sala.

O volume é basicamente opaco, perfurado em alguns trechos pelas portas, uma de entrada, outra de inspeção de tubulações, e por janelas com configurações distintas, de acordo com a função correspondente no interior da célula. Para as áreas de serviço e corredor, são propostas pequenas aberturas retangulares, recortadas nas superfícies da caixa. Para dormitórios e salas, são adicionadas molduras extrudadas para além do volume retangular, e as portas possuem contornos curvos em suas extremidades.

Para a solução coletiva, que estabelece uma repetição de unidades, é proposto um volume de escadas em formato trapezoidal, anexado ao conjunto de maneira que o patamar de chegada coincida com a área entre células do jardim.

O protótipo construído no início da década de 60, fragmento de um plano nunca concretizado, funcionou na década de 70 como posto de atendimento médico e no início dos anos 2000, como barbearia/sapataria da universidade.<sup>45</sup>

Na década de 60 a célula habitacional como produto industrial é tema de investigação de vários grupos de arquitetos, entre os quais se destaca o Archigram. A ideia das capsulas individuais surgia como possibilidade de organização espacial rápida e flexível, absorvendo diferentes tipos de arranjo. O conceito *Plug-in* de Archigram explora a ideia de conectar unidades autônomas a uma estrutura pré-determinada de sustentação e alimentação, gerando uma organização aberta.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> JÚNIOR, Adalberto Vilela. *Uma Visão Sobre Alojamentos Universitários no Brasil*. In: Anais Docomomo Brasil 5, 2003, São Carlos.

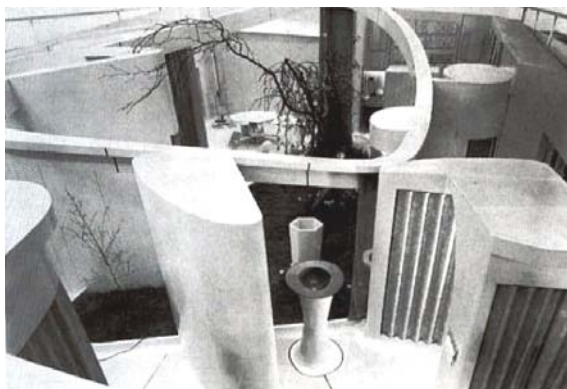
<sup>46</sup> CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *Grupo Archigram 1961-1974: Uma fábula da técnica*. Universitat Politècnica de Catalunya, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona. Barcelona, 2001. Tese (Doutorado).



Antecedendo os projetos do Archigram, o casal Smithson desenvolve uma célula residencial em 1956 - *A Casa do Futuro* - empregando plástico reforçado. Posterior a década de 60, Kisho Kurokawa materializa o sistema *Plug-in* na Torre Nakagin.

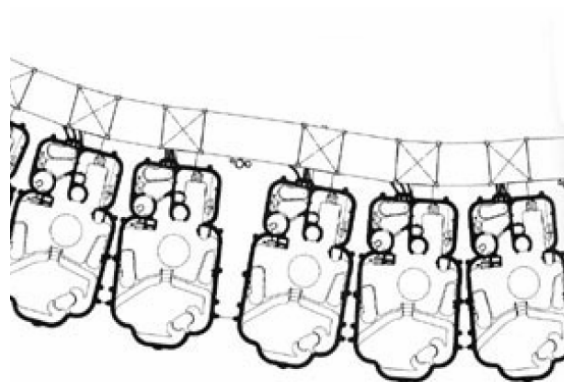
Os agrupamentos coletivos propostos por Niemeyer tem nas torres de circulação vertical o elemento fixo, ao qual as células são conjugadas. No desenho da célula de Niemeyer e nas estratégias de *Plug-in*, a investigação é centrada na definição de um espaço habitável mínimo, na possibilidade de produção industrial seriada e nas formas de organização entre as células e a estrutura fixa. Nestas investigações “O resultado é uma ‘caixa’ sob medida para viver-se dentro: um container individual”<sup>47</sup> que embora seja planejado como unidade autônoma, relaciona-se com a estrutura fixa.

Trata-se de uma abordagem do processo de construção industrializada diferente das realizações do CRUSP e das residências de professores da UnB, nas quais o resultado é estanque. O conceito plug-in alinha-se a ideia de flexibilidade e transitoriedade. A organização das células no conjunto seria cambiável, e também as próprias unidades poderiam ser substituídas ao longo do tempo, por peças novas e atualizadas.



**Fig. 18:** Casa do Futuro, Alison e Peter Smithson, 1956.

Fonte: CABRAL, Cláudia (2001), p. 60.



**Fig. 19:** Gasket Homes, Ron Herron e Warren Homes, 1965.

Fonte: CABRAL, Cláudia (2001), p. 108.



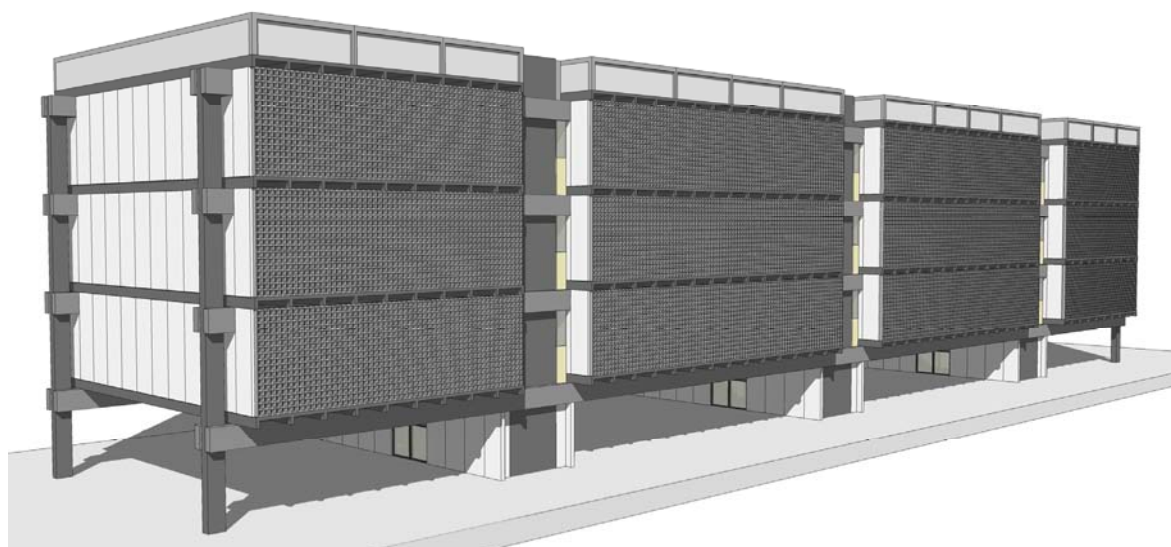
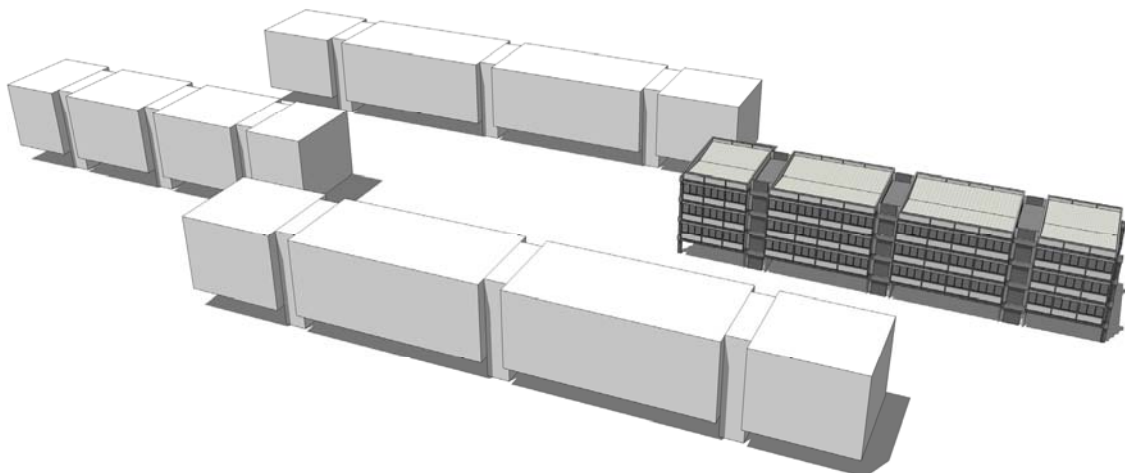
**Fig. 20:** Torre Nakagin, Kisho Kurokawa, 1972.

Fonte: CABRAL, Cláudia (2001), p. 116.

<sup>47</sup> CABRAL, Cláudia Piantá Costa. Grupo Archigram 1961-1974: Uma fábula da técnica. Universitat Politècnica de Catalunya, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona. Barcelona, 2001. Tese (Doutorado). p.110.

### 5.3. RESIDÊNCIA DE PROFESSORES (1962)

João Filgueiras Lima



**Figs. 21, 22 e 23:** Residências para os professores, maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.

Menos de dois meses antes da inauguração do campus da UnB em abril de 1962, uma série de edificações, algumas delas provisórias, foram construídas para atender aos primeiros usuários do campus. Entre estas construções foram elaborados dois pavilhões para hospedagem de professores visitantes e residência de assistentes chamados OCA 1 e OCA 2, projetados por Sérgio Rodrigues. Tratava-se de edificações de dois pavimentos pré-fabricadas em madeira, construídas pela empresa OCA. Em 1963 seus ocupantes são transferidos para o conjunto residencial projetado por João Filgueiras Lima.<sup>48</sup>



**Fig. 24:** Alojamentos pré-fabricados em madeira (OCA), Sérgio Rodrigues, 1962.

Fonte: mdc.arq.br, consulta em março de 2012.

O conjunto de residências para professores da Universidade de Brasília, projetado entre 1962 e 1963<sup>49</sup> por João Filgueiras Lima (Lelé) é elaborado no período em que o arquiteto atua como colaborador de Oscar Niemeyer - à época coordenador do Centro de Planejamento (CEPLAN) - como secretário executivo<sup>50</sup>, no desenvolvimento do plano urbanístico original de Lúcio Costa para a UnB.<sup>51</sup>

Lúcio Costa propunha residências em dois setores. Um deles a sudeste, junto a via L4 norte e outro adjacente ao núcleo de esportes, a noroeste do campus, estabelecendo interface com a via L3 norte. O conjunto de Lelé foi situado em posição não muito distante deste local imaginado originalmente por Lúcio Costa, porém deslocava-se mais para o centro do campus, na órbita do Instituto Central de Ciências – ICC, que passa a configurar, a partir da sua concepção, diretriz de ocupação para as demais edificações.

<sup>48</sup> JÚNIOR, Adalberto Vilela. *Uma Visão Sobre Alojamentos Universitários no Brasil*. In: Anais Docomomo Brasil 5, 2003, São Carlos.

<sup>49</sup> Anteprojeto (agosto de 1962), Projeto (1963), algumas pranchas de detalhamento datam de 1964.

<sup>50</sup> João Filgueiras Lima, o Lelé, conta histórias que presenciou durante as obras de construção da nova Capital. (AU, março de 2010).

<sup>51</sup> UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano de Desenvolvimento Físico*. 1974.





**Fig. 25:** Implantação Residências para Professores, Lelé, 1962.

Fonte: Google Earth.



**Fig. 26:** Primeiros anos do campus. A direita Residências para Professores e a esquerda o ICC.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 17.



**Fig. 27:** Residências para Professores, Lelé, 1962.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 32.

As residências foram previstas em núcleos de quatro volumes prismáticos de três pavimentos, mais a área térrea sob pilotis. As edificações implantam-se no terreno livre mantendo a mesma orientação solar, longitudinalmente a leste-oeste<sup>52</sup>, paralelas entre si, porém com deslocamentos laterais que propiciam uma configuração circular do conjunto de barras. Cada conjunto de quatro edificações foi pensado com um núcleo autônomo, com acessos independentes ligados às circulações principais, de forma que a construção de um núcleo não perturbasse a utilização do que já estivesse concluído.<sup>53</sup>

*“A urbanização proposta utiliza conjuntos de quatro prédios. Os conjuntos têm acesso independente, formando ramos ligados ao sistema viário principal. Cada etapa da construção corresponderia a um conjunto completo, isolando os canteiros de obra de modo a não prejudicar as condições de moradia dos apartamentos já habitados.”<sup>54</sup>*

Ainda que nos planos da década de 60 estivessem representados dois conjuntos, totalizando oito edifícios, apenas um conjunto foi construído, ao qual nas décadas posteriores foram adicionados blocos para abrigar docentes e alunos de pós-graduação, resultando da elaboração de novos projetos.

Data do final de 1964 um projeto assinado “Lelé” para o Playground em complemento ao programa residencial.<sup>55</sup> A construção em formato elíptico estaria situada a oeste das quatro edificações do primeiro conjunto e estaria parcialmente enterrada, acompanhando o perfil do terreno. O interior deste pátio semienterrado, de dimensões 30x24m, acomodaria brinquedos infantis e áreas ajardinadas. No entorno da elipse, uma borda pavimentada é combinada a um escorregador na parte mais alta do terreno, criando uma espécie de circuito, passando pelos vazios escavados no arrimo, pelos brinquedos projetados em concreto e madeira, retornando à calçada pavimentada. Este projeto paisagístico, posterior à implantação do conjunto residencial, não foi executado.

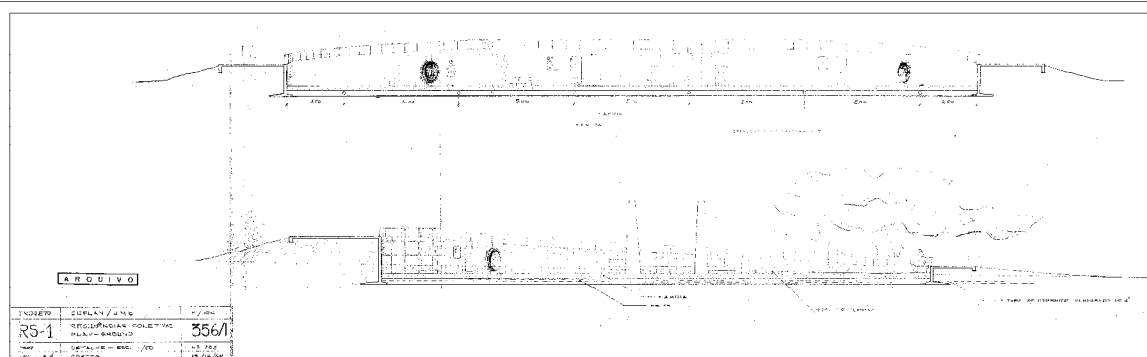
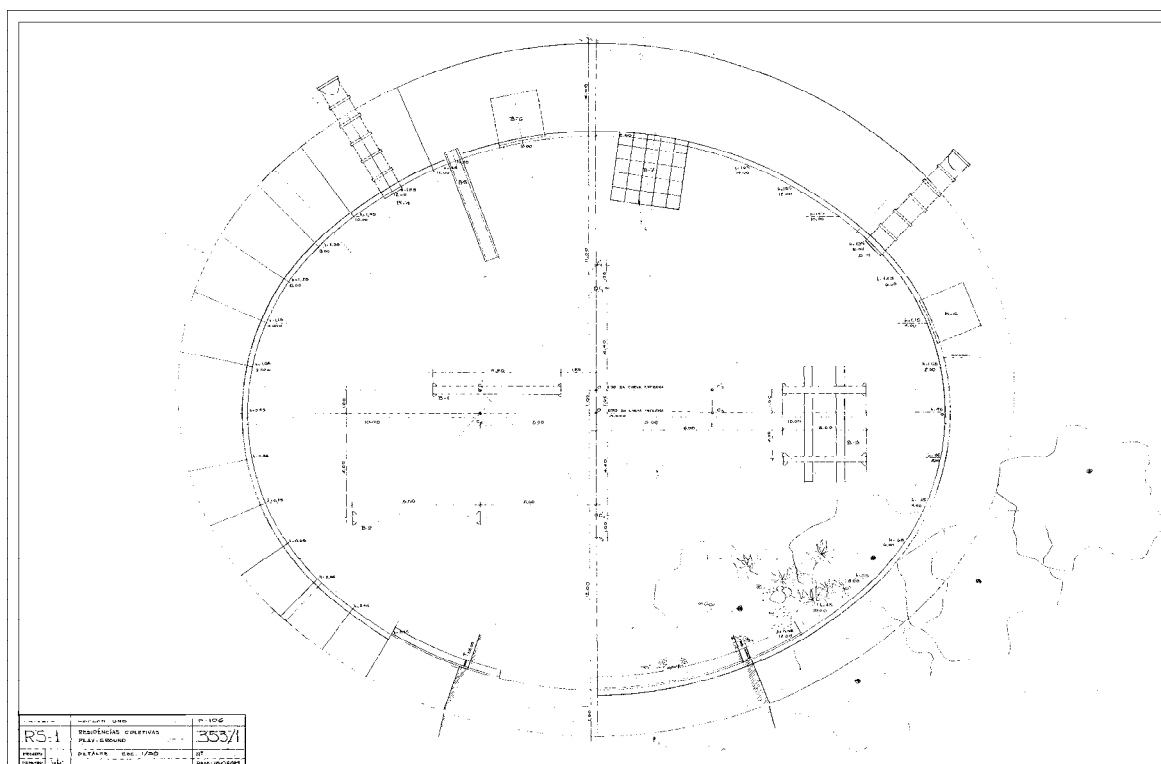
---

<sup>52</sup> Embora a orientação mais precisa seja nordeste -sudoeste o trabalho mantém a orientação indicada nos documentos do projeto.

<sup>53</sup> FERRAZ, Marcelo Carvalho (Coordenação). *João Filgueiras Lima, Lelé: Arquitetos brasileiros*. São Paulo: Editorial Blau e Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2000.

<sup>54</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 33.

<sup>55</sup> SCHLEE, Andrey. *O Lelé na UnB (ou o Lelé da UnB)*. In: Claudia Estrela Porto. (Org.). *Olhares. Visões sobre a obra de João Filgueiras Lima*. 1 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010, v. 1.



**Figs. 28, 29:** Playground, 1964 (não construído).

Fonte: Arquivo do CEPLAN.

No projeto de Lelé para as habitações de professores foram oferecidas células residenciais de áreas diversas, entre 84m<sup>2</sup>, 108m<sup>2</sup> e 144m<sup>2</sup>. Para garantir a variedade de tipos de apartamentos foram propostos volumes com dimensões distintas longitudinalmente, porém com a mesma largura. Dois deles são mais alongados (blocos A e D), com 88,50m de comprimento, preenchidos por unidades residenciais maiores, de 144m<sup>2</sup>, e os outros dois são mais compactos (blocos B e C), com 56,50m de



comprimento, configurando um volume longitudinalmente menor, mas que mantém a largura de 12,5m.

Todas as divisões internas são subordinadas ao módulo de 1m, diretriz para as definições de projeto. Esta dimensão orienta os vãos entre as vigotas das lajes, os painéis de fechamento em concreto nas empenas cegas e a divisão dos planos de esquadrias, o que reflete nas possibilidades de variação de layout interno. “A estrutura e a modulação fixadas garantem, internamente, a maior flexibilidade”<sup>56</sup>, prevendo-se que respeitando a modulação preestabelecida, ou seja, havendo coincidência entre a posição dos painéis divisórios e as divisões das esquadrias, a estrutura independente permita a configuração pretendida.

As edificações possuem o térreo livre, prevendo uma faixa de estacionamento na fachada oeste e áreas de estar cobertas, com mobiliário fixo na fachada leste. “Os prédios liberam quase totalmente as áreas dos pavimentos térreos para estar, jardins e abrigo de automóveis.”<sup>57</sup> A continuidade espacial do térreo é interrompida apenas pelos três núcleos de circulação vertical e serviços, que chegam ao solo. Esses núcleos são compostos no térreo pelas escadas, coletores de lixo, depósito, central elétrica e sanitários. Nos demais pavimentos, uma parte do núcleo segue abrigando a escada, e outra é incorporada às unidades residenciais, como acesso de serviço e área de cozinha.

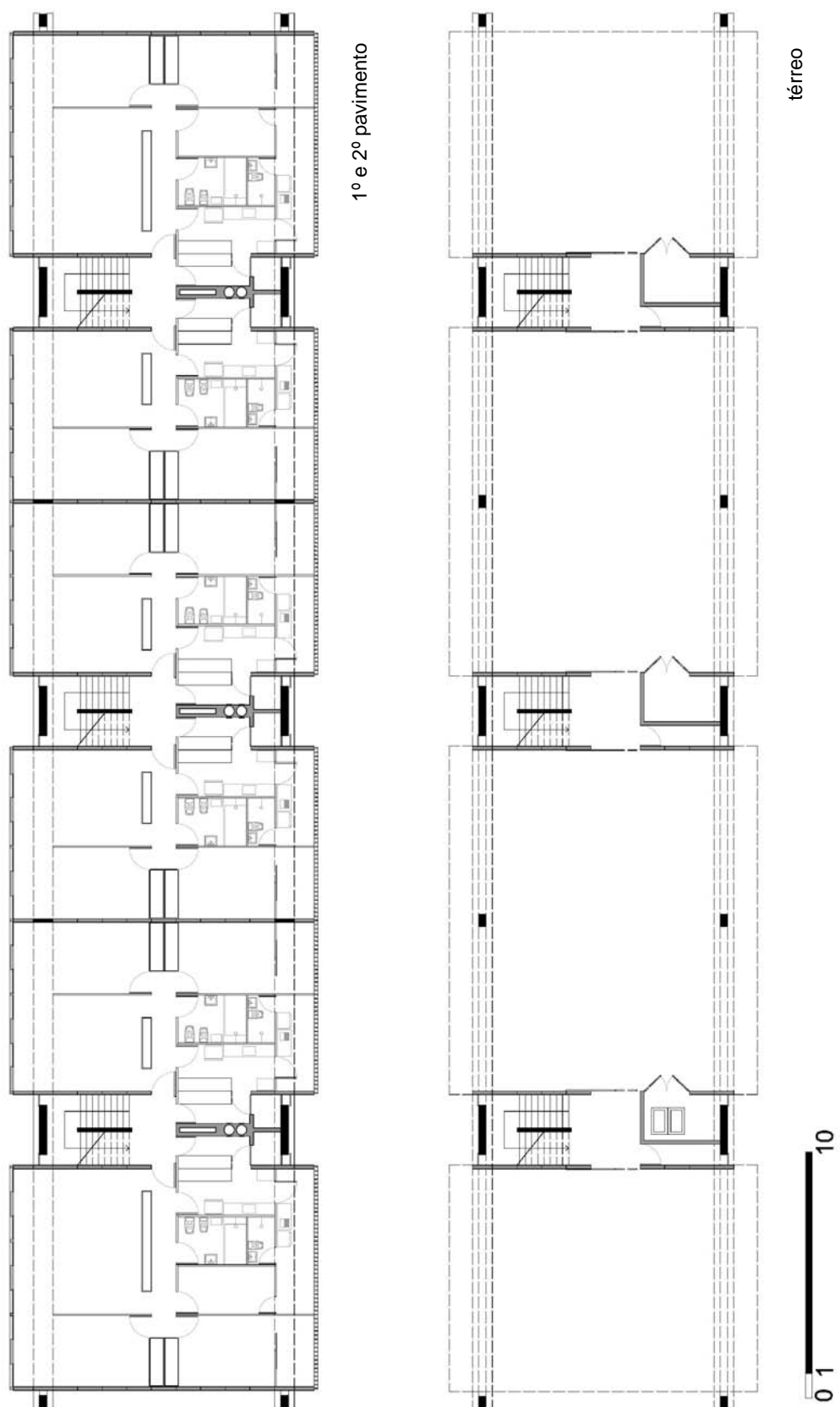
Como recorrência no projeto dos dois tipos de blocos (A/D e B/C), vê-se o posicionamento de estar e dormitórios a leste e cozinha, sanitários, serviços e dormitórios mais privados a oeste.

Os blocos B e C possuem três pavimentos idênticos, e concentram as unidades residenciais de menor área. Cada pavimento é composto por seis apartamentos, encontrados em duas configurações. Para um dimensionamento comparativo dos cômodos, a pesquisa utiliza os módulos de 1m que marcam o ritmo da fachada. As quatro unidades no centro da planta (84m<sup>2</sup>) oferecem dois dormitórios (3 módulos de fachada cada), área de estar compacta em relação aos demais tipos de apartamentos (4 módulos), sanitários (2 módulos), cozinha (2 módulos mais parte da caixa de escada) e área de serviço, na sacada parcialmente em balanço a oeste. As duas unidades das extremidades (108m<sup>2</sup>) apresentam área de estar mais alargada (6 módulos), dois dormitórios (3 módulos cada), um dormitório de serviço (2 módulos), sanitários e cozinha análogos aos apartamentos de centro de planta.

---

<sup>56</sup> Módulo. Rio de Janeiro, nº32, 1963. p. 39.

<sup>57</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 33.



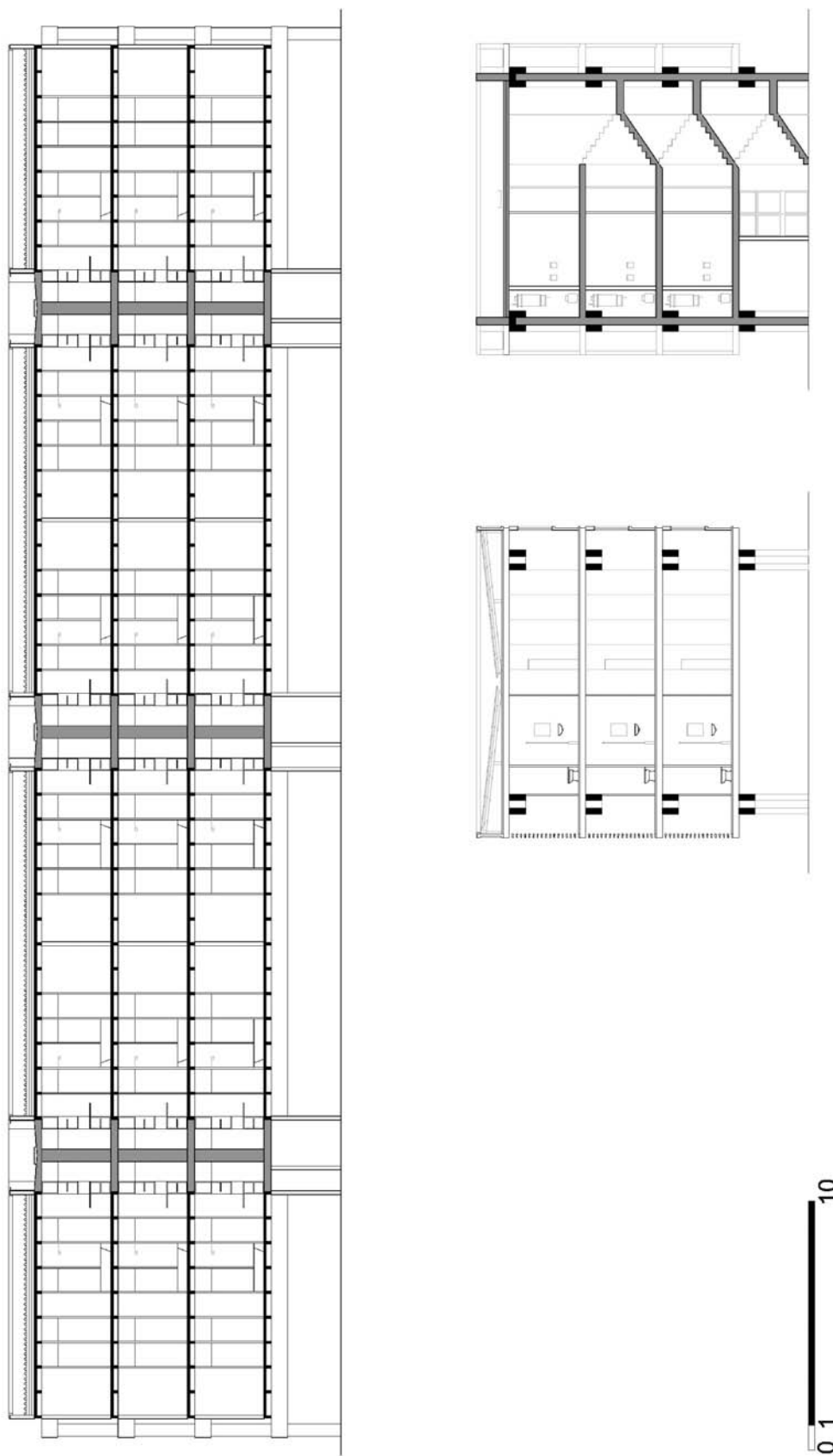
**Figs. 30, 31:** Plantas baixas, blocos B e C.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do CEPLAN).



**Figs. 32, 33:** Fachadas longitudinais, blocos B e C.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do CEPLAN).



**Figs. 34, 35 e 36:** Cortes, blocos B e C.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do CEPLAN).

Os blocos longos A e D apresentavam, originalmente, distinções entre as plantas dos três pavimentos, ainda que os apartamentos mantivessem áreas totais iguais (144m<sup>2</sup>). A diferença fundamental é que o terceiro pavimento seria destinado a uma república de instrutores<sup>58</sup>, com oito dormitórios individuais e sanitários coletivos, solução mais alinhada a uma estratégia de alojamento conjunto do que de residência individual ou familiar adotada no restante da edificação. Os pavimentos distinguem-se ainda, em função dos programas, na dimensão dos dormitórios, e da área de estar.

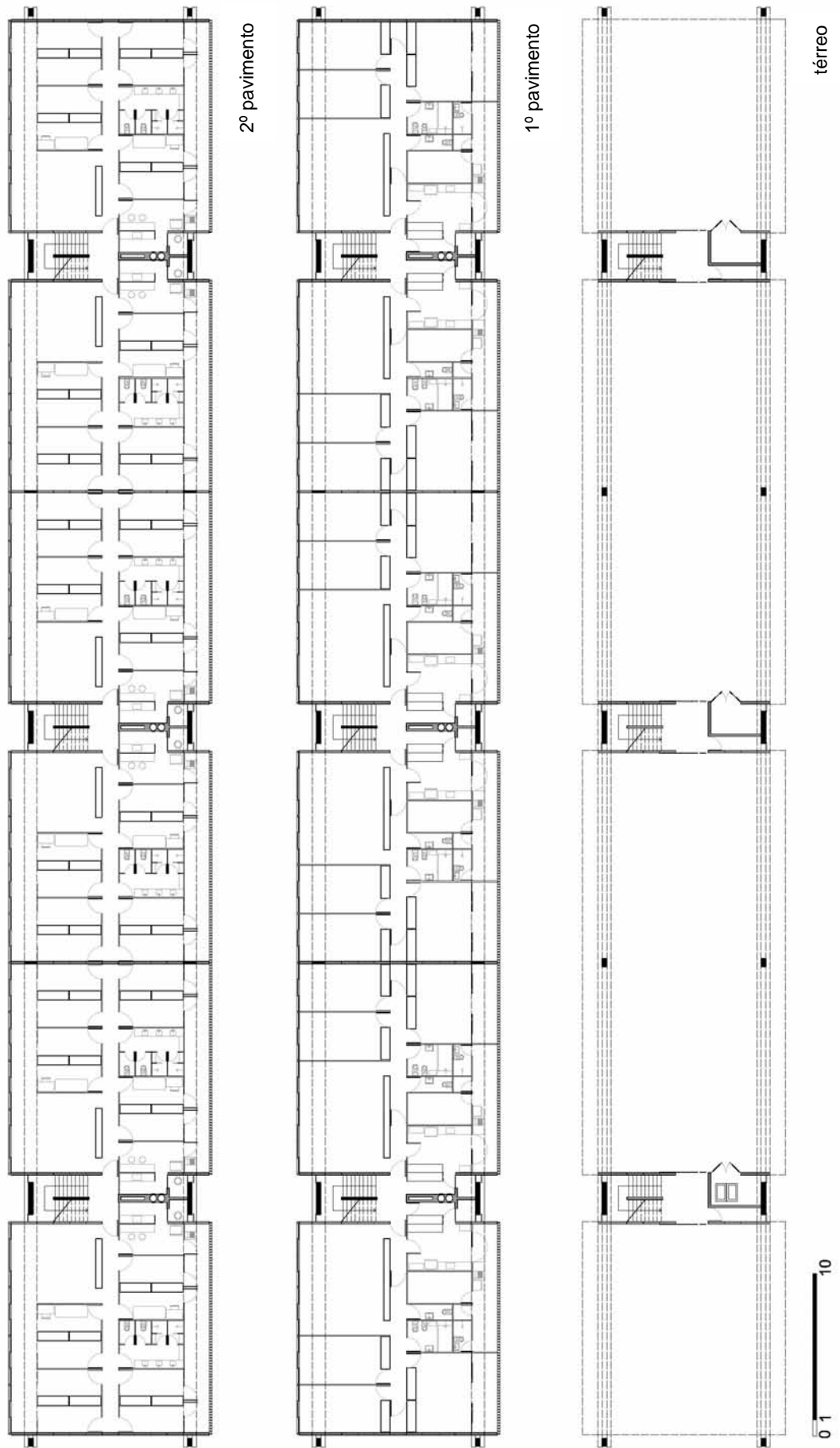
Nestes blocos alongados, todos os apartamentos dos pavimentos um e dois possuem a mesma configuração. Constituem-se, a leste, por sala de estar (7 módulos de fachada) e dois dormitórios (3 módulos cada). A oeste posiciona-se o dormitório principal (5 módulos), núcleo de sanitários (4 módulos), cozinha (com 3 módulos da fachada mais parte da caixa da circulação vertical). Ainda a oeste, há a sacada do dormitório principal e a área de serviço, separados por divisória.

Os apartamentos do terceiro pavimento dos blocos A e D, a república de professores, seriam compostos a leste por sala de estar (5 módulos) e quatro dormitórios (2 módulos cada); a oeste estariam posicionados mais quatro dormitórios (2 módulos cada), sanitário coletivo (3 módulos) e cozinha (2 módulos da fachada mais parte da caixa da escada). Neste pavimento haveria uma equivalência entre áreas de sacada nas duas fachadas, porém com uma configuração bastante distinta. Haveria liberação da planta em todo o comprimento das duas fachadas, a partir da projeção da viga dupla, porém, enquanto na fachada oeste identificava-se uma relação interior-exterior claramente definida entre os compartimentos e a sacada (protegida com cobogós, mas ainda exterior), na fachada leste os dormitórios estariam abertos para o interior do apartamento, comunicando-se entre si.

Observa-se que esta solução, além do terceiro pavimento dos blocos A e D, também aparece no projeto nos os cômodos voltados para a fachada leste dos apartamentos-tipo dos blocos B e C. Em ambos os casos previa-se permeabilidade e integração espacial entre as salas de estar e os dormitórios adjacentes, cujas divisórias não chegariam até a esquadria, possibilitando a percepção de toda a dimensão deste plano. Para as áreas destinadas aos dormitórios, que poderiam ainda comportar outros usos a critério do usuário, a documentação gráfica demonstra anteparos que garantem o isolamento nos momentos de privacidade e, eventualmente, proteção solar, já que esta fachada não possui elementos fixos de controle de sol.

---

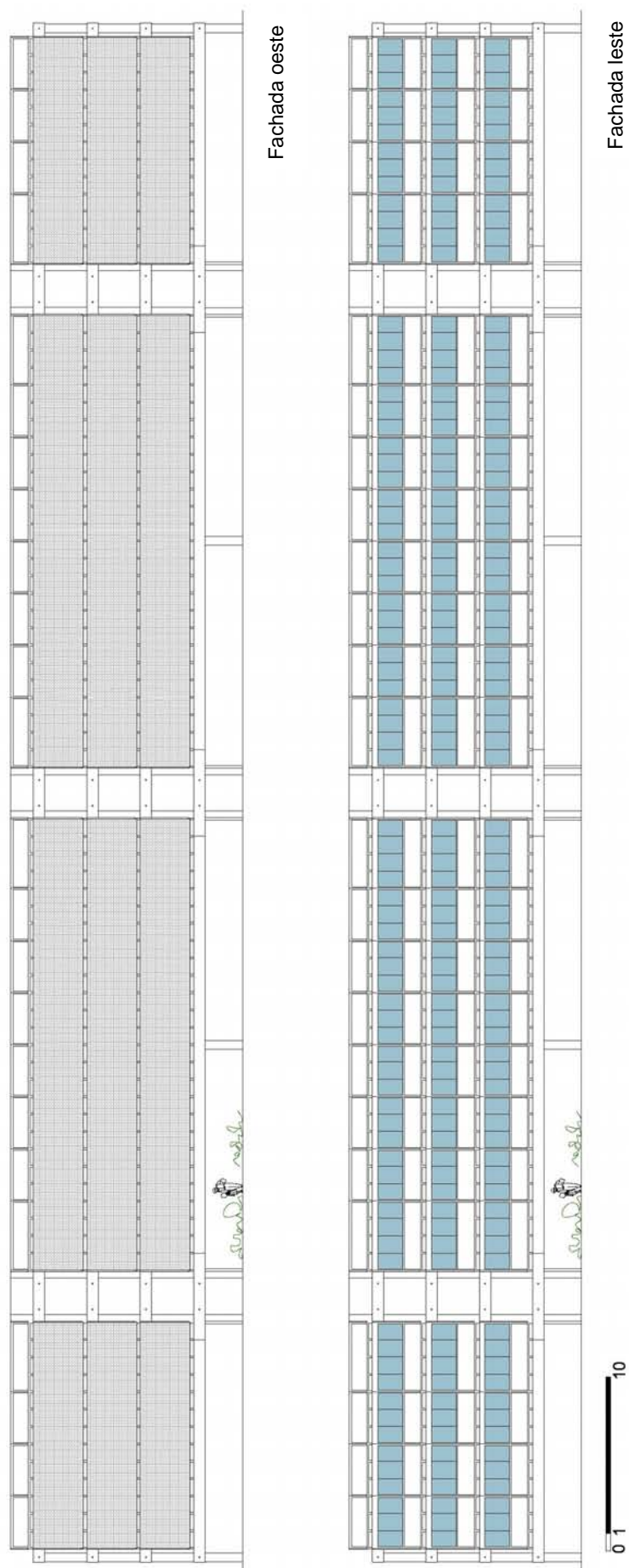
<sup>58</sup> Módulo. Rio de Janeiro, nº32, 1963.



**Figs. 37, 38 e 39:** Plantas baixas, blocos A e D.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do CEPLAN).





**Figs. 40, 41:** Fachadas longitudinais, blocos A e D.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documento do Arquivo do CEPLAN).

A liberação da fachada leste sugere uma grande sacada, que permite a visualização de todos os elementos arquitetônicos e estruturais aparentes. Esta solução propõe uma leitura da área de dormir que não está relacionada a um tipo de espaço cerrado em si mesmo. A solução assemelha-se ao projeto de Paulo Mendes da Rocha para a Residência do Butantã (1964), em que a sequência de dormitórios é deslocada da fachada para o interior da planta permitindo que, quando abertos os anteparos de cerramento, estes cômodos tenham uso integrado e fluidez espacial.



**Fig. 42:** Residência Butantã.

Fonte: NOBRE, Ana Luiza (2007). Um em dois: As casas do Butantã, de Paulo Mendes da Rocha.

Para sustentar essa solução coletiva do projeto junto à fachada leste há um contraponto na fachada oeste. Em todas as opções de planta é oferecido ao menos um dormitório isolado que tem, na fachada oeste, um correspondente mais privativo de sacada.

A compartimentação interna nos apartamentos para professores é definida por elementos leves, assim como previsto no Conjunto Residencial da USP. Embora no CRUSP as divisórias sejam leves, há a padronização das células residenciais. No caso do alojamento de professores, há flexibilidade do layout, permitindo aos usuários definir as dimensões de salas e quartos de acordo com suas necessidades funcionais.

*“As áreas correspondentes a sala e quartos são flexíveis permitindo que o dimensionamento dessas peças se ajuste corretamente ao programa de cada professor.”<sup>59</sup>*

Interessante notar a função do mobiliário na definição dos espaços internos. Armários de madeira estabelecem a divisão entre dormitórios, entre áreas da cozinha e entre setores de estar e circulação, neste caso com estruturas que não chegam ao teto, permitindo a visualização dos pés-direitos. O desenho dos armários segue a modulação de 1m, subdividindo-o em determinados momentos.

Observa-se a atenção dedicada aos detalhes de ventilação dos ambientes de serviço. Os sanitários posicionados no interior da planta são ventilados por forro pleno,

<sup>59</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. P. 33.

entre as nervuras da laje. Na parte interna dos sanitários, o forro é configurado como uma sequência de lâminas de alumínio inclinadas. A vedação das nervuras entre o banheiro social e a circulação do apartamento é feita por uma lamina de vidro.

As fachadas caracterizam-se pela adequação às condições de orientação solar e refletem as funções internas. O setor servente de todos os apartamentos, com cozinha, lavanderia e sanitários, posiciona-se junto ao núcleo de circulação vertical, liberando o restante da planta e a fachada oposta, recurso permitido pela estrutura independente. Estas áreas de serviço estão voltadas em direção próxima a oeste e possuem painéis de elementos pré-fabricados perfurados, cobogós, encaixados entre os dois planos horizontais das lajes nervuradas.

A fachada nobre, de salas e dormitórios principais, é composta por painéis pré-moldados de concreto, nos quais foram previstos vincos para encaixe dos vidros nos perfis metálicos, fundidos junto com as peças de concreto.

*“Nos painéis pré-moldados das fachadas foram previstos rasgos no concreto para encaixe dos vidros e os perfis metálicos foram fixados na fundição das peças.”<sup>60</sup>*

Estes painéis de fachada apresentam uma organização tripartida, com o peitoril de concreto, aberturas em quatro folhas de vidro e um acabamento sob as lajes de concreto que, em combinação com o perfil redentado das lajes, conforma pequenos retângulos, vedados com vidro. Esse jogo sutil de volumes, de elementos verticais e horizontais, de planos de fachada, que tem intenção formal e que é possibilitado pela técnica, garante o interesse do conjunto e a sua adequação aos requisitos funcionais de cada espaço.

A estrutura pré-fabricada é geratriz das edificações. A partir da articulação de quatro componentes estruturais os blocos são consolidados. A técnica de construção adotada encaminha soluções em que todos os elementos estão precisamente articulados para garantir a qualidade técnica e formal do conjunto. A clareza na combinação entre os poucos elementos estruturais, os fechamentos independentes determinados entre um leque restrito de componentes - segundo as particularidades de programa e habitabilidade - e a flexibilidade do layout interno caracterizam a eficiência do projeto, como intencionado:

*“A construção desses apartamentos será simples e econômica. A estrutura pré-fabricada utiliza, dentro das possibilidades da maquinaria, grandes elementos pré-moldados. Assim, colunas, vigas, lajes e os próprios caixilhos das esquadrias são de concreto armado, o que permite construção rápida e os preços desejados.”<sup>61</sup>*

---

<sup>60</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 34.

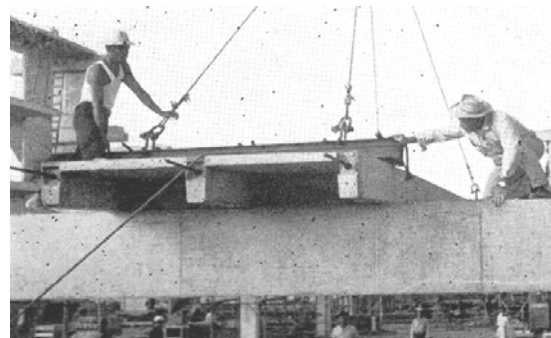
<sup>61</sup> Módulo. Rio de Janeiro, nº32, 1963. p. 39.

As exceções na estrutura pré-fabricada são os núcleos de circulação vertical, que posicionam-se no sentido transversal das edificações, entre duas células residenciais, e atuam como parte da estrutura: “O sistema construtivo adotado utiliza os conjuntos de circulação vertical fundidos no local, como elementos de contraventamento e rigidez da construção.”<sup>62</sup>



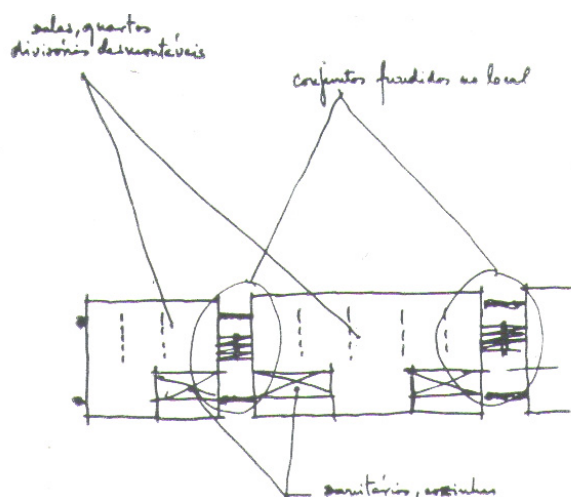
**Fig. 43:** Construção.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 34.



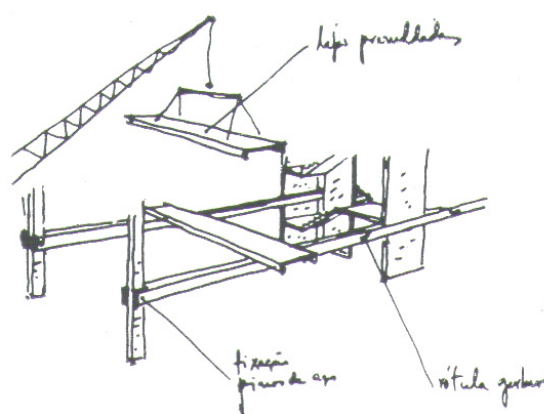
**Fig. 44:** Construção, colocação de uma laje pré-fabricada.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 34.



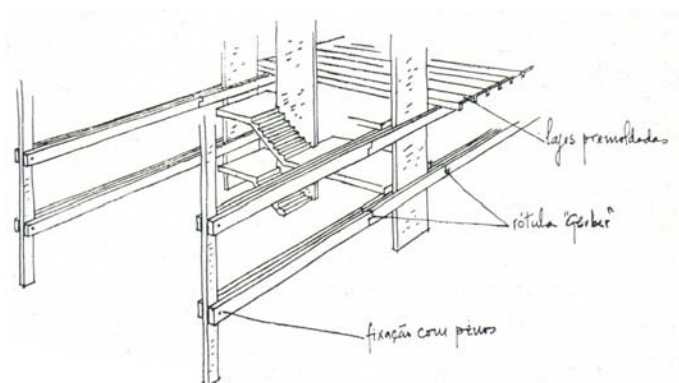
**Fig. 45:** Esquema estrutural e de montagem.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 34.



**Fig. 46:** Esquema estrutural.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 34.



<sup>62</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 34.

Além do núcleo de circulação vertical fundido em loco, os demais elementos estruturais todos são pré-moldados. O sistema é composto por pilares de dimensões 30x50cm, posicionados nas extremidades dos volumes que suportam, em conjunto com o núcleo moldado em loco, as vigas duplas rotuladas, no sentido longitudinal.

*“Esses elementos [componentes verticais] suportam as estruturas pré-moldadas que constam de vigas de seção U protendidas de 13 toneladas, formando conjuntos rotulados tipo “Gerber” com vãos de 13 e 15m.”<sup>63</sup>*

Nos blocos B e C aparecem pilares intermediários entre as caixas da escada na planta térrea do projeto, porém eles não são concretizados, pois as vigas Gerber vencem os vãos entre as escadas sem necessidade desse intermédio. No caso dos blocos mais extensos A e D, estes pilares estão presentes. A variação das dimensões longitudinais flexibiliza a configuração interna:

*“Nesse conjunto Filgueiras Lima propõe um sistema construtivo capaz de responder com grande flexibilidade às variações programáticas: a possibilidade de variar o comprimento da viga em apoio “Gerber” faz variar a dimensão das unidades residenciais”<sup>64</sup>*

As vigas duplas são fixadas aos pilares por pinos de aço, na ordem viga-pilar-viga. Os dois conjuntos de vigas, uma em cada fachada longitudinal, são apoios para as lajes nervuradas pré-moldadas, também protendidas, que compõem os pisos de cada pavimento. Essas lajes definem a dimensão de 12,5 m da fachada transversal e, em relação ao plano das vigas duplas, apresentam um balanço de 0,95m em cada uma das fachadas longitudinais. Esses balanços, em contraponto à torre de circulação vertical recuada estabelecem um ritmo de quatro volumes em projeção. A solução amplia a área de cada apartamento e ratifica a autonomia dos elementos estruturais entre si e em relação aos fechamentos.

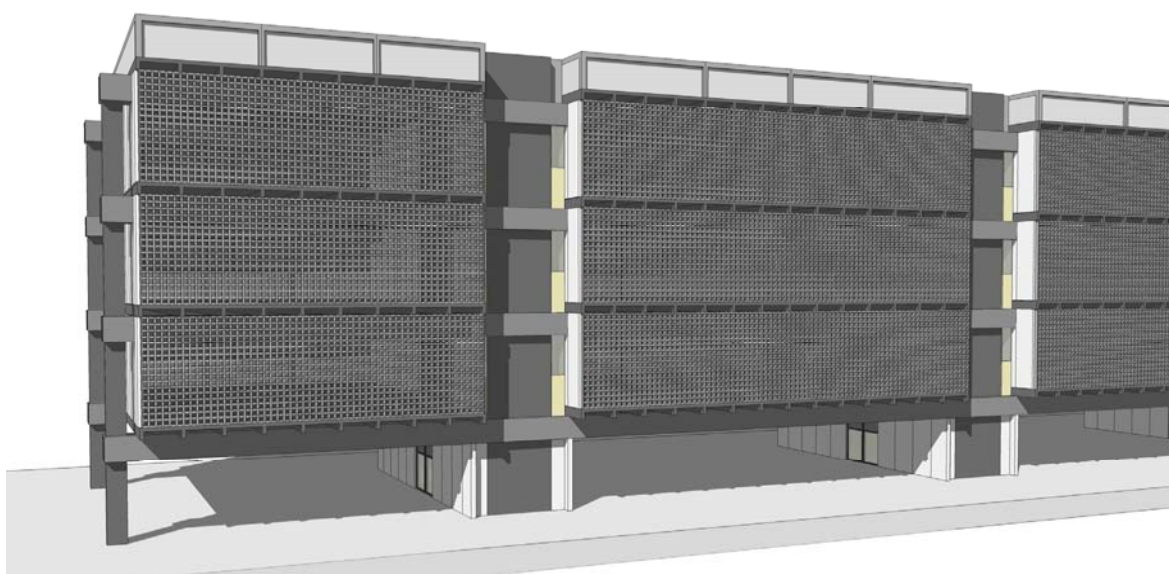
Em planta do anteprojeto, de agosto de 1962, chega-se a apresentar a possibilidade da edificação com apartamentos menores ter subdivisão em cinco partes, com quatro núcleos de circulação vertical. Os blocos com os apartamentos maiores já se configuravam como edificações em quatro partes, com 3 núcleos de escadas e serviços.

Em um quadro de precisa compatibilização entre todos os aspectos da edificação, os sistemas complementares estão combinados ao esqueleto estrutural e às soluções de fechamento e compartimentação interna:

<sup>63</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 34. Inclusão da autora.

<sup>64</sup> CABRAL, Neyde Angela Joppert. *Arquitetura Moderna e o Alojamento Universitário Leitura de Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 1997.





**Figs. 47, 48 e 49:** Residências para os professores, maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.



*“As instalações elétricas e hidráulicas alojam-se, aparentes, no seio da viga U e ligam-se aos ramais verticais principais localizados nos conjuntos de circulação vertical. A distribuição das instalações elétricas nas paredes removíveis se faz nos rodapés e as conexões com os interruptores, nos marcos das portas.”<sup>65</sup>*

A estratégia que mantém a independência dos sistemas elétricos e hidráulicos em relação à estrutura e divisões internas é análoga à adotada no CRUSP, garantido a facilidade de manutenção e, principalmente no projeto de Lelé, transparece a aceitação destes sistemas como parte integrante de sua arquitetura.

Os cálculos e o detalhamento estrutural das edificações (fundações, pilares, lajes, escadas) ficaram, segundo documentação, a cargo da empresa carioca Christiani – Nielsen Engenheiros e Construtores SA.<sup>66</sup>

As experiências de Lelé com a industrialização iniciam durante as obras de Brasília, quando as demandas por edificações funcionais e de rápida execução colocaram-no em posição de exploração e criação de processos racionais de construção. A respeito do projeto realizado por ele para os alojamentos de operários na construção da capital, Lelé descreve o início dos trabalhos utilizando novas técnicas:

*“[...] tive de desenvolver projetos de industrialização em madeira para acelerar o processo (...) sem esquecer a intenção de fazer arquitetura também. O alojamento que construímos para nossa equipe virou uma espécie de referência em Brasília.”<sup>67</sup>*

A escolha de pré-fabricados em muitas obras do arquiteto, entre elas hospitais da rede Sarah, não se limitou apenas à necessidade prática de construir com rapidez e redução de custos, mas buscou explorar os recursos estéticos da nova prática, pautada na multiplicação de elementos: *“(...) a arquitetura industrializada é uma expressão diferente, uma repetição.(...)”<sup>68</sup>*. A utilização precisa de um número restrito de elementos, a exploração formal dos componentes, dos volumes e das organizações possíveis com a pré-fabricação diferenciam a arquitetura preocupada com a percepção estética de uma arquitetura exclusivamente técnica como defende o arquiteto: *“Tudo que a gente faz tem de exprimir alguma beleza, a expressão do belo é uma coisa inerente a toda atividade do ser humano.”<sup>69</sup>*

<sup>65</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 34.

<sup>66</sup> Pranchas de detalhamento do projeto. Arquivo do CEPLAN.

<sup>67</sup> LIMA, João Filgueiras. *O que é ser arquiteto: Memórias profissionais de Lelé*, em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 46.

<sup>68</sup> LIMA, João Filgueiras. *O que é ser arquiteto: Memórias profissionais de Lelé*, em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 46.

<sup>69</sup> LIMA, João Filgueiras. *O que é ser arquiteto: Memórias profissionais de Lelé*, em depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2004. p. 46.



**Fig. 50:** Cobogós, fachada oeste

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 51:** Fachada oeste

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 52:** Fachada leste

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 53:** Fachada leste

Fonte: Arquivo da autora.



**Fig. 54:** Fachada dupla, oeste.

Fonte: Arquivo da autora.

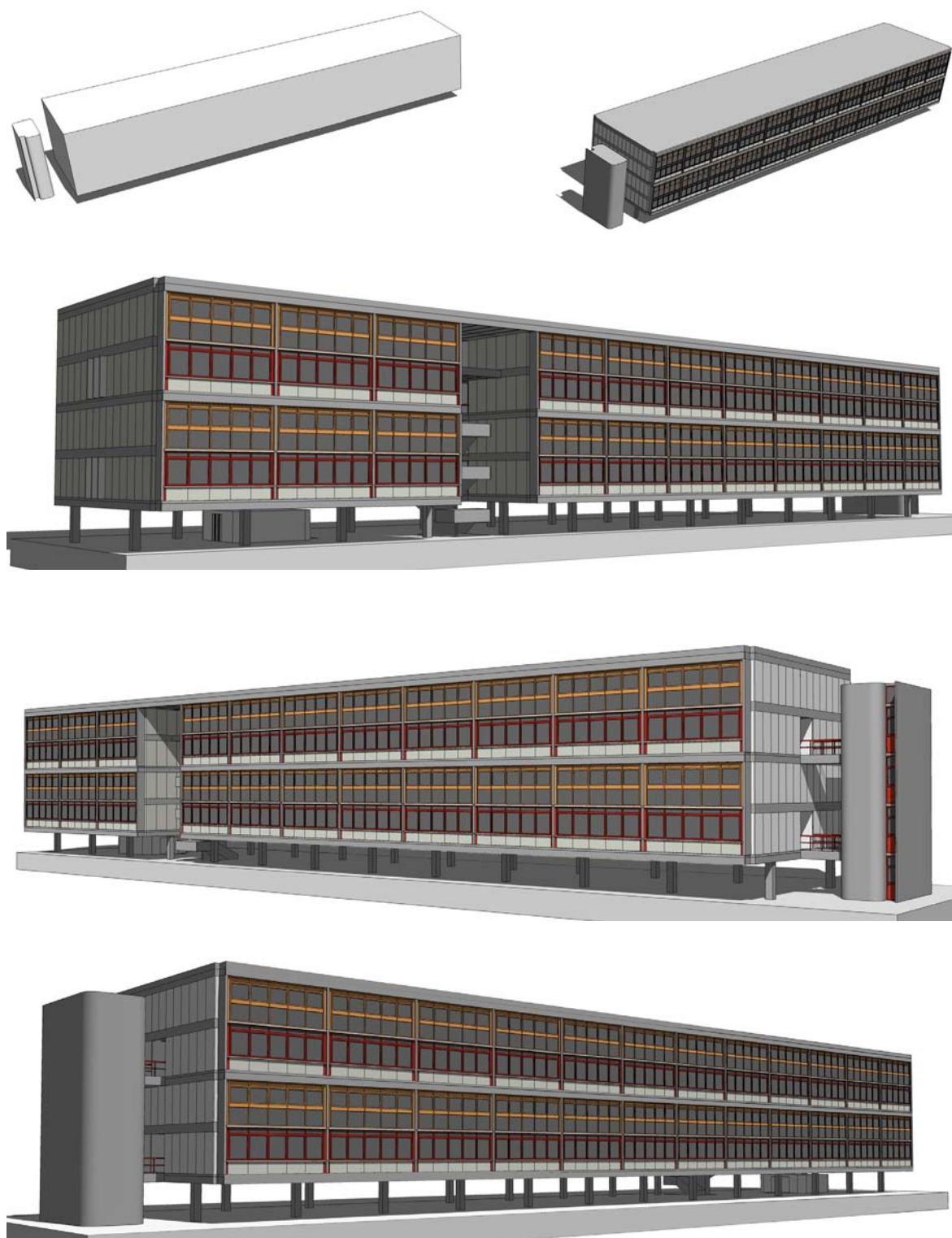


**Fig. 55:** Elementos estruturais aparentes no interior.

Fonte: Arquivo da autora.

#### 5.4. CASA DO ESTUDANTE (1969-1972)

Alberto Xavier, Léo Bonfim Junior e Solon Leão de Souza



**Figs. 56, 57, 58 e 59:** Casa do Estudante (construído), maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.



*“A história do alojamento de estudantes está ligada a uma fase especial da própria UnB, pois corresponde à retomada do curso de arquitetura, ‘desmontado’ pela ditadura com sua intervenção na UnB [...]”.*<sup>70</sup>

Neste período, alguns professores que passaram a constituir o novo quadro de professores da Faculdade de Arquitetura envolveram-se no desenvolvimento de projetos importantes para o campus:

*“Era proposta didática, nessa fase de reestruturação, envolver o corpo de professores em atividades de projeto no chamado Ceplan (Centro de Planejamento da UnB), de modo que no início do ano de 1969, os professores que optaram por essa dupla atividade compuseram equipes para elaborar prioritariamente os projetos para os setores Esportivo, Residencial e de Vivência, além da Biblioteca Central, uma vez que nada de definitivo fora até então implantado para esse fim”*<sup>71</sup>.

O projeto para o alojamento de estudantes da Universidade de Brasília desenvolve-se em dois momentos até sua concretização em 1972, considerando distintos partidos para as edificações e para a posição no campus.

Há, entre março e maio de 1969, um anteprojeto elaborado no CEPLAN por Alberto Xavier, Léo Bonfim Junior e Solon Leão de Souza<sup>72</sup>, segundo o qual as edificações estariam posicionadas nas adjacências do conjunto residencial de professores, em proximidade com o plano inicial de Lucio Costa de concentrar os alojamentos em setor único. Este projeto foi premiado em um Salão de Arquitetura do Distrito Federal, tendo como integrante do júri o Prof. Demétrio Ribeiro<sup>73</sup>.

Na planta de situação e locação do anteprojeto<sup>74</sup> é proposto um grupo de três edificações com larguras iguais e comprimentos distintos, duas mais alongadas e uma com aproximadamente metade do comprimento das demais. Cada edificação seria constituída por três pavimentos de fita dupla, separadas por vazios centrais, para onde estariam voltadas as circulações horizontais. Cada barra possuiria 40m no sentido transversal e, longitudinalmente, as barras mais alongadas possuiriam 125m. A solução da edificação larga e de baixa altura teve como referência o projeto de 1965 para os Quartéis Gerais do II Exército, no Parque Ibirapuera, de Léo Bonfim Jr, Paulo de Mello Bastos e Oscar Arizza.<sup>75</sup>

<sup>70</sup> XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.

<sup>71</sup> XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.

<sup>72</sup> JÚNIOR, Adalberto Vilela. *Uma Visão Sobre Alojamentos Universitários no Brasil*. In: Anais Docomomo Brasil 5, 2003, São Carlos.

<sup>73</sup> XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.

<sup>74</sup> Documento do anteprojeto. Acervo do CEPLAN.

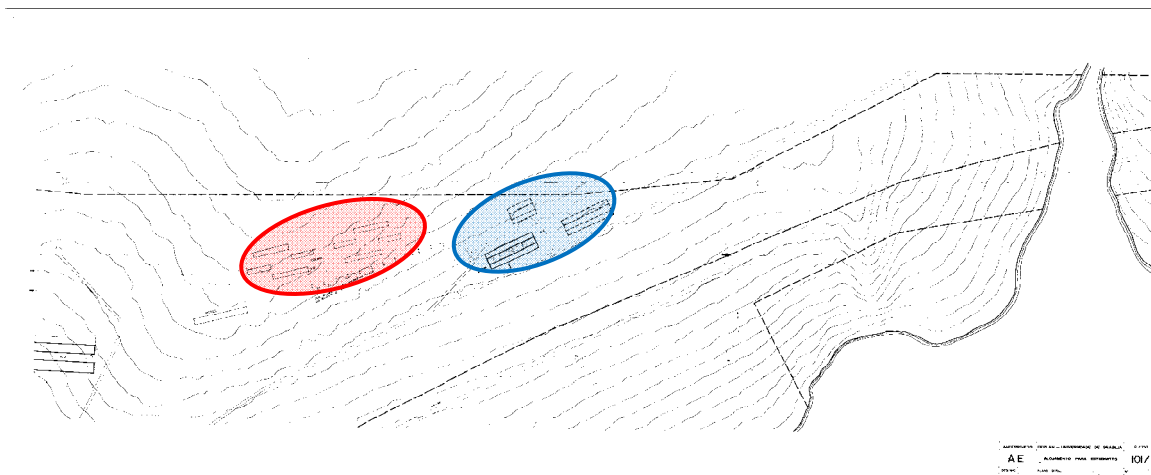
<sup>75</sup> XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.



**Fig. 60:** Quartéis Gerais do II Exército, Léo Bonfim Jr, Paulo de Mello Bastos e Oscar Arizza, 1965.

Fonte: ZEIN, Ruth (2005), p. 22.

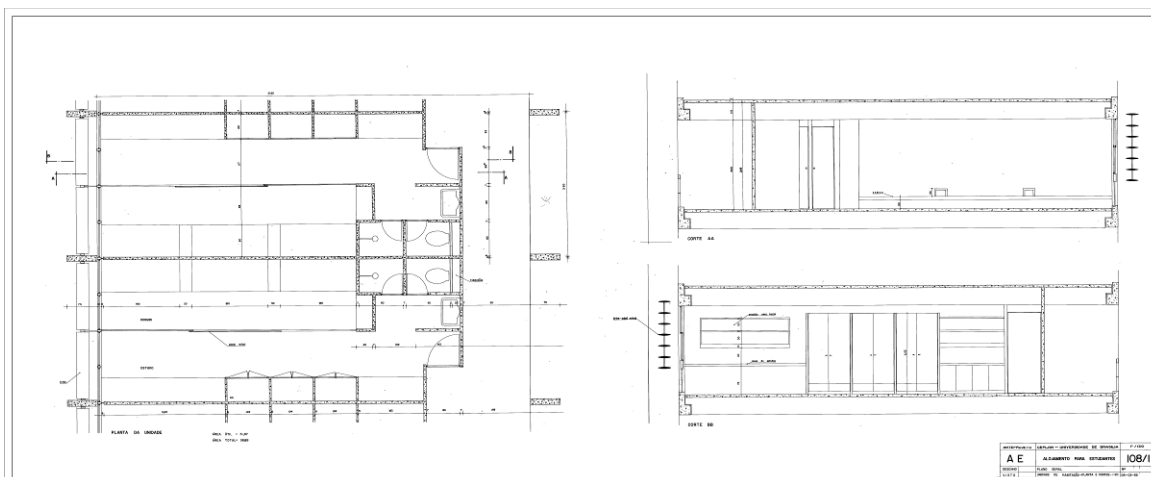
Na porção central do térreo em pilotis, um volume construído ocuparia área entre três dos doze vãos de 10,8m entre os pilares. Este volume seria composto por uma combinação de superfícies opacas e translúcidas, abrigando o acesso à edificação e, possivelmente, outros programas coletivos.<sup>76</sup> A circulação horizontal que dá acesso às unidades de cada pavimento é aberta, em contato com o vazio entre as duas barras componentes de cada edificação.



**Fig. 61:** Alojamento para estudantes, implantação. Anteprojeto (não construído).  
Em azul os alojamentos de estudantes, em vermelho as residências de professores.

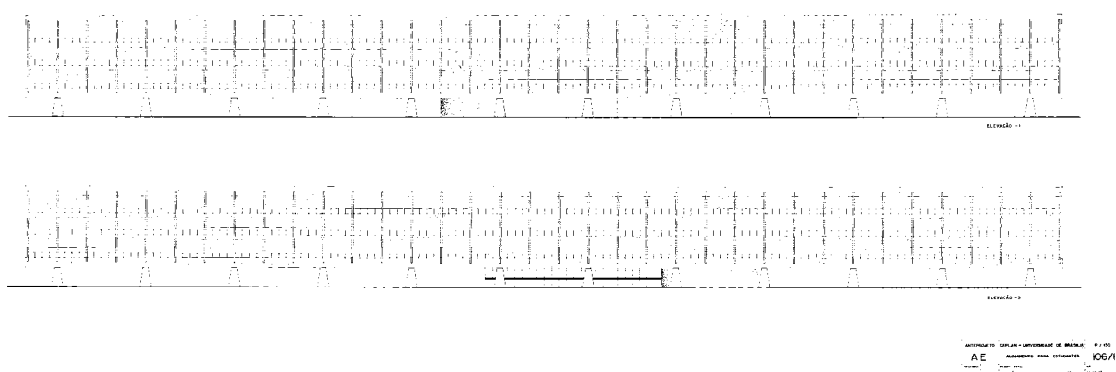
Fonte: Arquivo do CEPLAN

<sup>76</sup> Trata-se aqui de uma suposição fundamentada na existência de uma grande área reservada neste pavimento, indicando a presença de mais programas além do núcleo de acesso e circulação vertical.



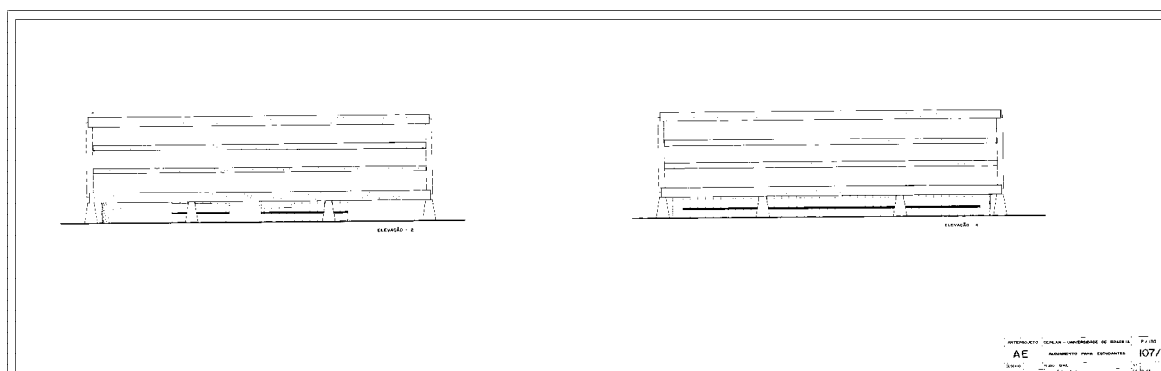
**Fig. 62:** Alojamento para estudantes, planta baixa e cortes da célula. Anteprojeto (não construído).

Fonte: Arquivo do CEPLAN .



**Fig. 63:** Alojamento para estudantes, fachadas longitudinais. Anteprojeto (não construído).

Fonte: Arquivo do CEPLAN .



**Fig. 64:** Alojamento para estudantes, fachadas transversais. Anteprojeto (não construído).

Fonte: Arquivo do CEPLAN .



A planta da célula residencial possui, no anteprojeto, organização em fita simples, com 35 unidades residenciais e a circulação horizontal aberta. As unidades possuiriam um pavimento, com organização alongada no sentido transversal da edificação, e cada uma teria capacidade para três ocupantes. Cada unidade era prevista com três áreas de uso distintas: um núcleo de sanitários, uma área de estudos alinhada com uma estrutura fixa de armazenagem (armários fixos), e a área de dormir, configurada por uma sequência linear de camas junto à parede longitudinal da unidade. Uma solução de compartimentação entre o dormitório e área de estudos com painéis móveis permitiria a integração dos cômodos ou seu isolamento quando pertinente. Remete à condição dos dormitórios na Unidade de Habitação de Le Corbusier, nas quais o mobiliário é disposto ao longo do comprimento da célula permitindo, em determinados momentos, a recomposição de toda a sua dimensão transversal, unindo os dormitórios. Lê-se parentesco com o projeto corbusiano também no que se refere ao mobiliário fixo, com elementos que auxiliam na caracterização e no funcionamento dos espaços, mantendo certa autonomia formal na medida em que não tocam o teto.

O conjunto, cuja construção foi prevista utilizando elementos pré-fabricados, não foi construído, em função de entraves burocráticos e posteriormente pela alteração da área destinada aos alojamentos para junto do centro olímpico próximo ao lago Paranoá, acarretando na elaboração de um novo projeto pela mesma equipe.

*“O conjunto, como construído, não foi nossa primeira ideia. Antes fora proposto um edifício de grandes dimensões todo pré-fabricado. Tal solução, por sua natureza, foi vetada pela Prefeitura do Campus, em razão de, no seu juízo, implicar numa espécie de ‘concorrência dirigida’, pelo fato de só uma grande construtora – a Rabello, responsável pela obra do Minhocão – estar tecnicamente habilitada para tanto. Tratava-se de um projeto ambicioso, com as unidades sanitárias, por exemplo, poderem ser içadas prontas, recebendo já instaladas apenas uma pintura epóxy.”<sup>77</sup>*

A opção por elementos industrializados na construção alinhava-se as investigações realizadas no campus:

*“Diga-se de passagem que essa opção pela pré-fabricação integral tinha uma razão de ser: tratava-se de um sistema de forte presença no Campus, pois tanto os prédios do Lelé, como especialmente o Minhocão de Niemeyer, adotaram este sistema. Era também uma visão dos profissionais ideologicamente engajados no que respeita à melhoria das condições de produção da arquitetura.”<sup>78</sup>*

<sup>77</sup> XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.

<sup>78</sup> XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.

Ao aproximar as habitações de estudantes do setor esportivo reposicionado no campus, há a dissolução da ideia inicial de Lúcio Costa de concentrar as habitações em um setor único.

O novo projeto, elaborado pela mesma equipe, iniciado ainda em 1969, propunha um conjunto de sete edificações idênticas situadas no extremo leste do campus, que *"Foram projetados de modo a se integrarem à urbanização e ao paisagismo do setor esportivo."*<sup>79</sup> O projeto consta na edição especial da Revista Acrópole sobre a Universidade de Brasília, do ano de 1970. Naquele momento informava-se que dois blocos do conjunto previsto estavam em fase inicial de construção, e estariam concluídos no final daquele ano. Apenas estes dois, dos sete previstos, foram construídos.

O partido adotado corresponde a um volume retangular de quatro pavimentos, elevado sobre pilotis. Um efeito de descolamento é criado entre o volume principal e o solo. Através da relação entre o baixo pé-direito do térreo (2,2m), o recuo de 3,1m dos pilares em relação ao plano de fachada, e a homogeneidade no tratamento das fachadas longitudinais, o volume da edificação torna-se mais legível.

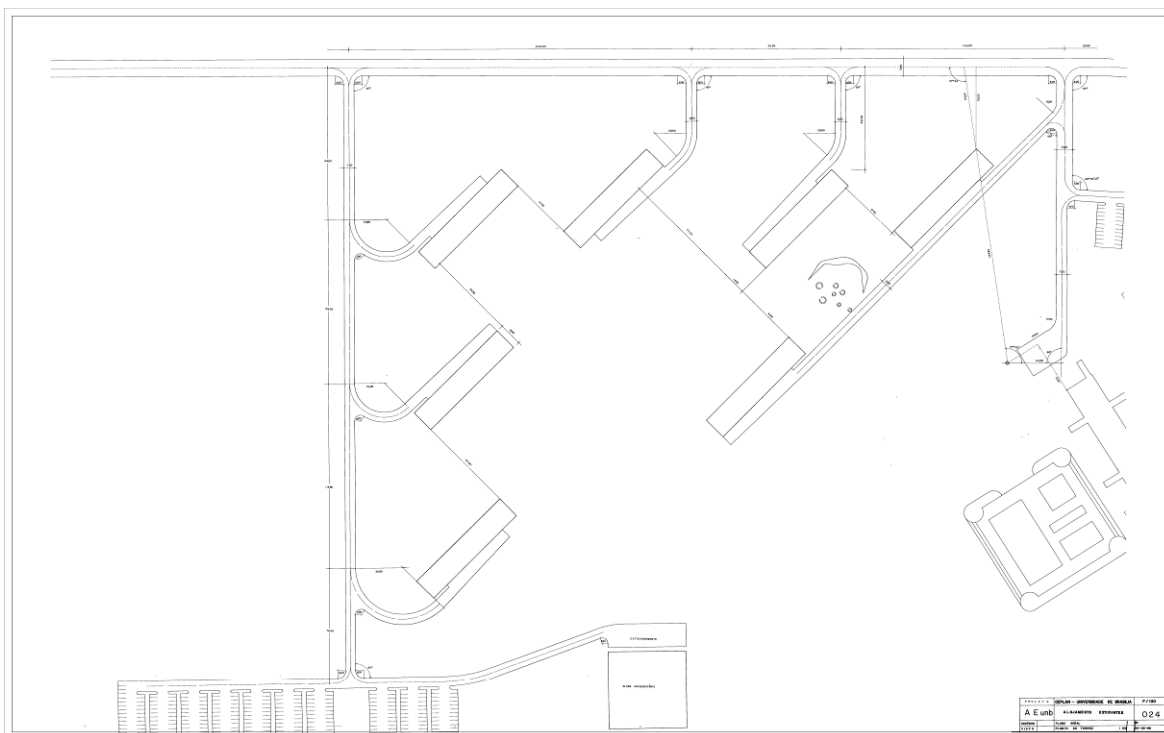
A continuidade do térreo em pilotis é interrompida apenas pelas escadas e por um único volume posicionado sob a barra, próximo a sua extremidade. Este volume de planta quadrada com vértices curvos é destinado no projeto, à sala do zelador, com aproximadamente 12m<sup>2</sup> e também a um cômodo técnico e um sanitário. Trata-se de volume independente, cuja cobertura não toca a primeira laje da barra. Diante do reduzido pé-direito do térreo, este efeito de descolamento do volume é alcançado enterrando-o parcialmente (60cm). Há outro setor em subsolo, ao qual se tem acesso a partir da escada principal e que correspondente a funções técnicas.



**Fig. 65:** Alojamento para estudantes, implantação atual.

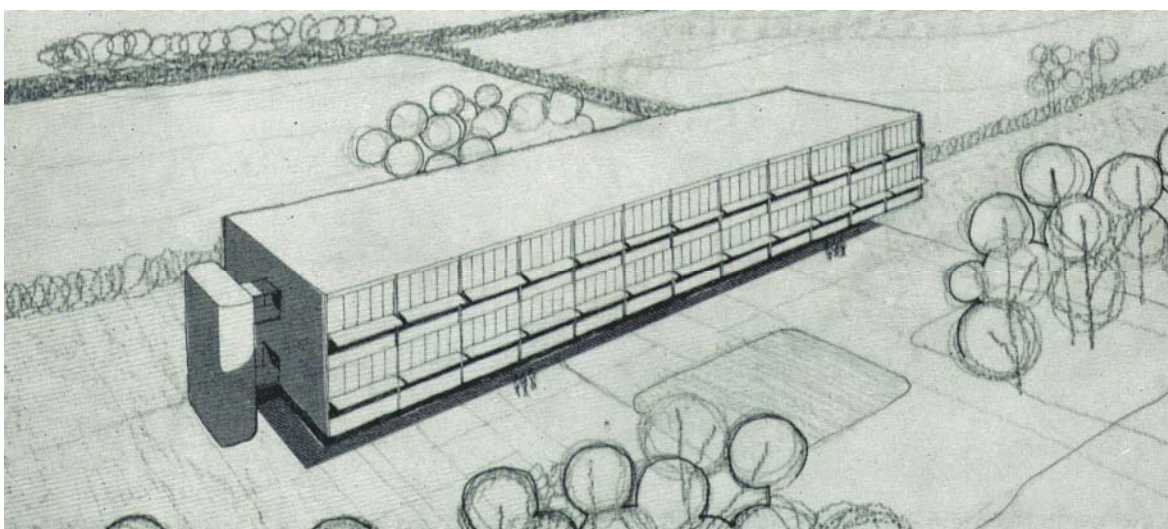
Fonte: Google Earth.

<sup>79</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 30.



**Fig. 66:** Alojamento para estudantes (parcialmente construído), implantação original.

Fonte: Arquivo do CEPLAN



**Fig. 67:** Alojamento para estudantes (construído parcialmente), edificação tipo.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 30.

A escada principal interrompe o correr de unidades em uma das fachadas longitudinais, ocupando área do que seria o quarto apartamento a partir da fachada transversal. Trata-se de uma escada escultural aberta, inserida em um negativo criado na homogeneidade do volume retangular e em posição excêntrica na barra. O acesso aos dois pavimentos de circulação horizontal no interior das barras acontece através desta

escada e também através de uma escada fechada posicionada junto da fachada transversal oposta. Esta escada é configurada por um volume de concreto de formas curvas destacado do corpo principal, ao qual é conectada, nos níveis de circulação horizontal, por passarelas cobertas abertas. Os corredores centrais funcionam de maneira análoga à Unidade de Habitação corbusiana, no que concerne à recorrência a cada dois pavimentos em função do tipo duplex, à articulação com as circulações verticais e à configuração resultante do “encaixe” das células habitacionais,

Esta configuração centralizada e fechada dos corredores é um aspecto polêmico. A sequência de células residenciais nas duas fachadas longitudinais acaba por restringir a circulação horizontal a um corredor estreito e alongado, de qualidade espacial questionável. O funcionamento deste espaço de maneira integrada com as unidades residenciais parece uma intenção muito mais otimista, transparecendo nos discursos de seus autores, do que viável e concreta:

*“Esse corredor faz o prolongamento da unidade habitacional, permitindo que o evento também aconteça ali. Antigamente, o corredor tinha a função de iniciação dos “calouros de CO”, o que correspondia a alguma atividade que deveria ser realizada naquele lugar”.*<sup>80</sup>

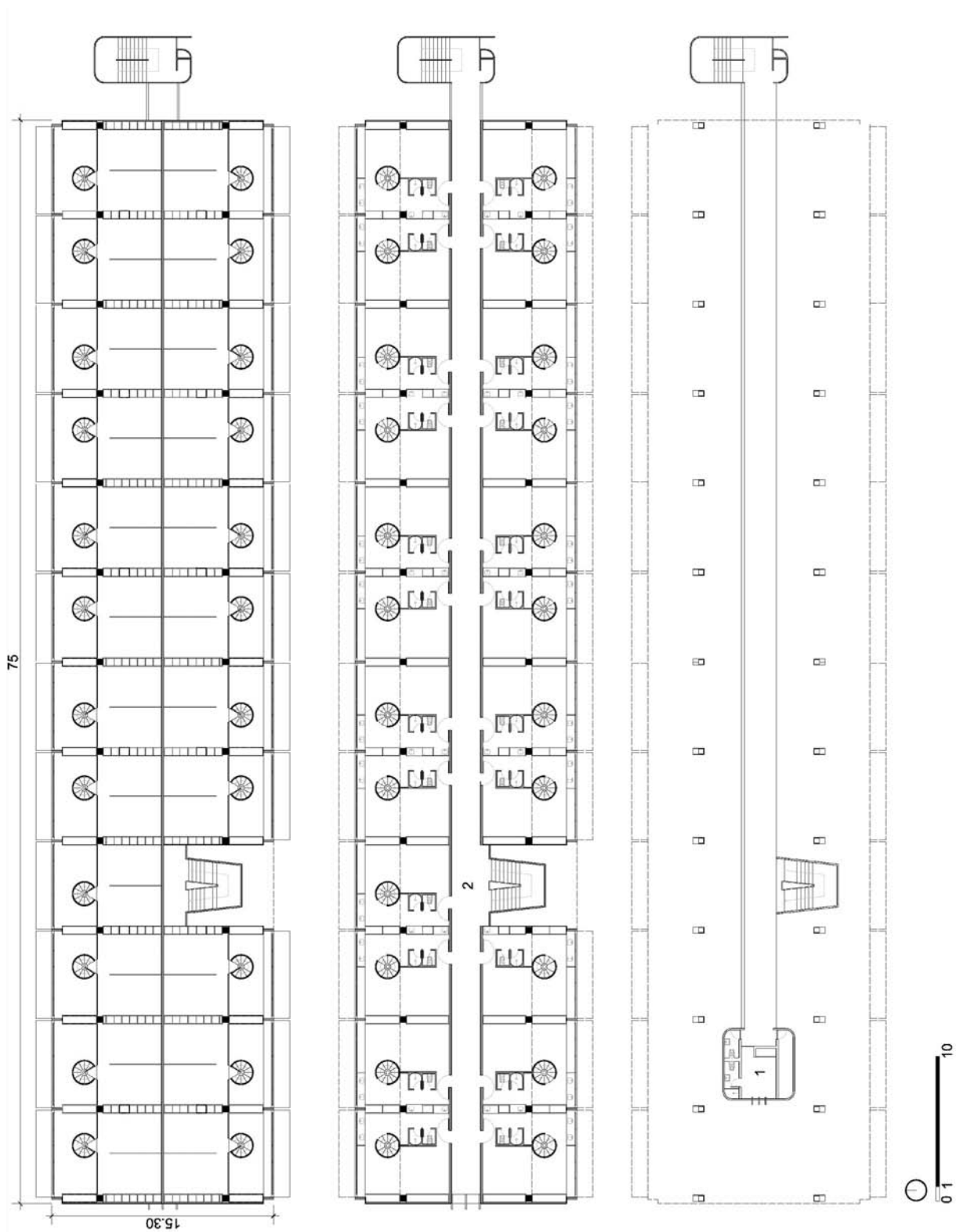
Na composição, os elementos que se distinguem da homogeneidade do bloco principal surgem como volumes formal e fisicamente independentes. Os volumes da sala do zelador e da escada alternativa apresentam soluções curvilíneas descoladas da barra e em contraponto a sua ortogonalidade. O espaço destinado à escada principal está inserido nos limites da barra, mas como um elemento distinto no ritmo de sua fachada.

As barras, cada uma com área aproximada de 4.700m<sup>2</sup> e dimensões 75x17,5m, possuem capacidade para acomodar até 276 moradores. Cada edificação é composta por 46 apartamentos do tipo duplex, com capacidade de acomodação máxima para seis alunos, cada. A escolha desta tipologia para a célula assegura a possibilidade de isolamento e independência da área de estudo e serviços básicos (copa e sanitário) da área dos dormitórios, no pavimento superior, autonomia exigida pelo programa elaborado pela Reitoria.<sup>81</sup>

---

<sup>80</sup> BOMFIM JR, Léo. Apud JUNIOR, Adalberto. *Uma Visão sobre Alojamentos Universitários no Brasil*. p. 12.

<sup>81</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 30.

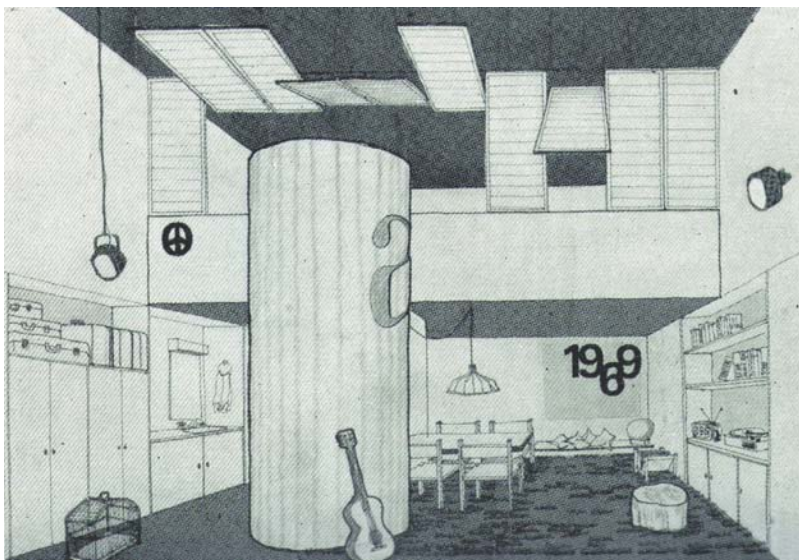


**Figs. 68, 69 e 70:** Alojamento para estudantes, plantas baixas.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documentação do Arquivo do CEPLAN).

A autonomia funcional dos espaços foi explorada compositivamente no interior das células, através do uso de elementos de formas puras, mobiliário fixo, diferenciação de pés-direitos, como observado pelos autores:

*“Tal autonomia permitiu garantir, por outro lado, apreciável riqueza espacial que, num ambiente de área reduzida e funções restritas, julgamos importante assegurar.”<sup>82</sup>*



**Fig. 71:** Alojamento para estudantes, célula residencial.

Fonte: Acrópole nº 369/370 (1970), p. 30.

As plantas do primeiro e do terceiro pavimentos correspondem aos níveis de acesso às unidades residenciais. Estes pavimentos são configurados por duas fitas, voltadas para as fachadas longitudinais norte-sul, que comportam os níveis inferiores de cada unidade, e são separadas pela circulação horizontal. Este andar compreende as funções coletivas no interior de cada apartamento, e possui área aproximada de 35m<sup>2</sup> por unidade. É dividido em dois setores, social e de serviço, configurados de acordo com a modulação da fachada, dividida em 5 partes por apartamento.

Nota-se, como diretriz da organização interna, a utilização dos volumes puros que se articulam no centro da planta e estabelecem a interface entre espaços de uso distintos, e a inclusão de equipamentos e mobiliário nos bordos da planta, em uma espécie de espessamento das divisórias entre células e na fachada.

O núcleo de serviços corresponde a dois módulos da fachada e é configurado pelo volume retangular independente do banheiro, que comporta o vaso sanitário e a área de banho, separados. Este volume está posicionado sob a área em mezanino e, em

<sup>82</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 30.



conjunto com a escada helicoidal posicionada próxima à fachada, estabelece a separação entre a área de serviço e a social.

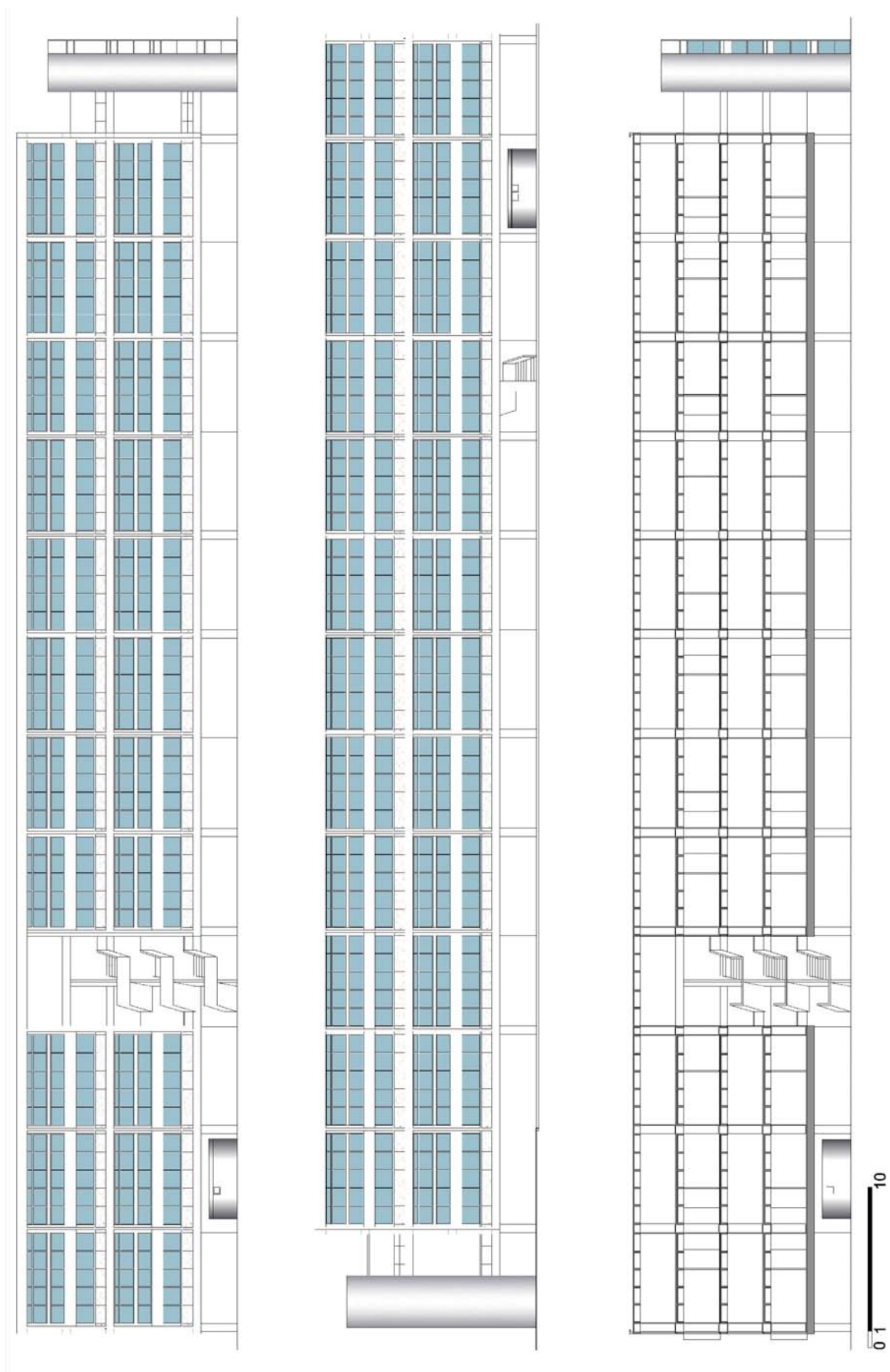
Na parede alargada entre as células é posicionada a bancada de uma pequena copa, voltada para o núcleo de banheiro, também sob o mezanino. Neste andar, alguns outros vazios das paredes alargadas entre as células correspondem a dutos de ventilação dos sanitários e armários onde era proposto espaço para secagem de roupas. Entre o volume retangular dos sanitários e a escada cilíndrica em peças pré-fabricadas, há um pequeno trecho de parede onde era previsto o tanque para lavagem de roupas.

A área social corresponde a três módulos da fachada, e se configura como um salão retangular, com variação de pé-direito. Em um primeiro momento há a compressão propiciada pelo mezanino, onde se estabelece a área de estar e, posteriormente, junto da fachada, há uma situação de expansão de altura no vazio que leva aos dormitórios, através da escada. Uma bancada continua é posicionada junto da fachada, em toda a largura da célula e comporta, na porção social uma mesa de trabalho, e na lateral de serviços uma dupla de lavatórios.

No segundo e no quarto pavimento de cada edificação estão localizados os segundos níveis dos apartamentos, onde se desenvolvem os dormitórios. Este pavimento possui aproximadamente 25m<sup>2</sup> por unidade, e tem acesso a partir da escada cilíndrica posicionada no vazio de dupla altura e que não toca o teto. À área de dormir corresponde um salão delimitado pela parede de fundo entre células e pelas divisórias laterais, que seguindo a lógica do pavimento inferior, comportam armários em seu espessamento. Uma divisória baixa, de h=1,2m divide o salão de cada unidade em dois dormitórios, mantendo a integridade espacial.

Há, separando os dormitórios da área de pé-direito duplo, um peitoril de concreto de h=80cm. Esta solução permite contato visual com o pavimento inferior e com o exterior, através da fachada, garantindo iluminação e ventilação para a área de dormir. A possibilidade de fechamento e escurecimento do dormitório se dá pela adoção de planos metálicos venezianados, com abertura pivotante, posicionados acima do peitoril de concreto. Quando fechados, permitem o isolamento do dormitório e quando abertos permanecem em posição horizontal junto a laje de forro, mantendo as relações espaciais.

Os espaços internos de cada unidade demonstram um esforço no sentido de oferecer a diversidade de funções necessárias à habitação e ao estudo, em um interior bem dimensionado, configurado por equipamentos fixos, volumes puros e elementos dinâmicos. A vista do lago Paranoá permitida aos pavimentos mais altos, é muito favorável.



**Figs. 72, 73 e 74:** Alojamento para estudantes, fachadas longitudinais e corte longitudinal.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documentação do Arquivo do CEPLAN).



**Figs. 75, 76 e 77:** Alojamento para estudantes, fachadas transversais e corte transversal.

Fonte: Arquivo da autora (Redesenho sobre documentação do Arquivo do CEPLAN).

Estruturalmente, as edificações são compostas por pilares, trama de vigas e lajes, moldados em loco. Os pilares possuem seção retangular e no térreo são em parte ocios, para passagem de instalações. Nos pavimentos, as instalações inserem-se no interior dos espessamentos de parede. Os pilares distam entre si aproximadamente 8,2m no sentido transversal e 5,75m no sentido longitudinal da edificação.

A grelha composta pelas vigas é subordinada a um módulo de 1m. A racionalização modular orientou a concepção estrutural da edificação: *"A estrutura, modulada e em concreto a vista, foi concebida de modo a assegurar a rápida execução da obra."*<sup>83</sup> A modulação também constitui parâmetro para as vedações e compartimentações. As superfícies externas opacas, encontradas nas fachadas transversais leste e oeste e no vão da escada principal, são compostas por painéis de concreto, encaixados na estrutura.

As fachadas norte e sul são iguais, configuradas por planos essencialmente envidraçados, que explicitam no exterior o duplo pé-direito das células residenciais. Os planos de fechamento são compostos por um trecho opaco em painéis de concreto, correspondendo ao peitoril da bancada de estudo interna, e o restante com esquadrias metálicas e vidro.

Há algumas diferenças entre o projeto original e o que está hoje concretizado. Havia no projeto original uma casca curva que subdividia o conjunto de esquadrias metálicas e partia do interior da unidade se projetando para a área externa, criando proteção para a área da bancada. Há, construído, apenas o que corresponderia ao trecho interno da casca, que no exterior aparece sob a forma de uma delgada linha de concreto. Alberto Xavier menciona este detalhe em seu depoimento, relatando o descarte da técnica de pré-fabricação da primeira para a segunda proposta:

<sup>83</sup> Acrópole. São Paulo, nº 369/370, 1970. p. 30.

*“O segundo projeto, construído, teve que limitar-se às técnicas construtivas correntes, sendo pré-fabricadas apenas as pestanas que protegem os ambientes de estar, hoje removidas por questão de segurança, uma vez que os pinos de sustentação apresentavam sinais de ferrugem. Ditas pestanas tinham direta inspiração nas que o arquiteto Lelé empregou na loja de automóveis Disbrave, próxima do Campus. Outra particularidade nesse item pré-fabricação foi o tratamento dado às empenas cegas, compostas por painéis com acabamento rústico [...].”<sup>84</sup>*

O plano de esquadrias é subdividido em 5 partes no sentido vertical, respeitando a modulação empregada na estrutura e em faixas horizontais de dimensões distintas, admitindo diferentes situações de ventilação: alguns trechos possuem abertura pivotante e uma faixa estreita superior, junto da laje de forro, é proposta como ventilação permanente, usando-se tela de nylon como fechamento. O resultado da inserção dos planos de esquadrias é uma fachada longitudinal essencialmente homogênea, mas que corresponde às particularidades da célula.

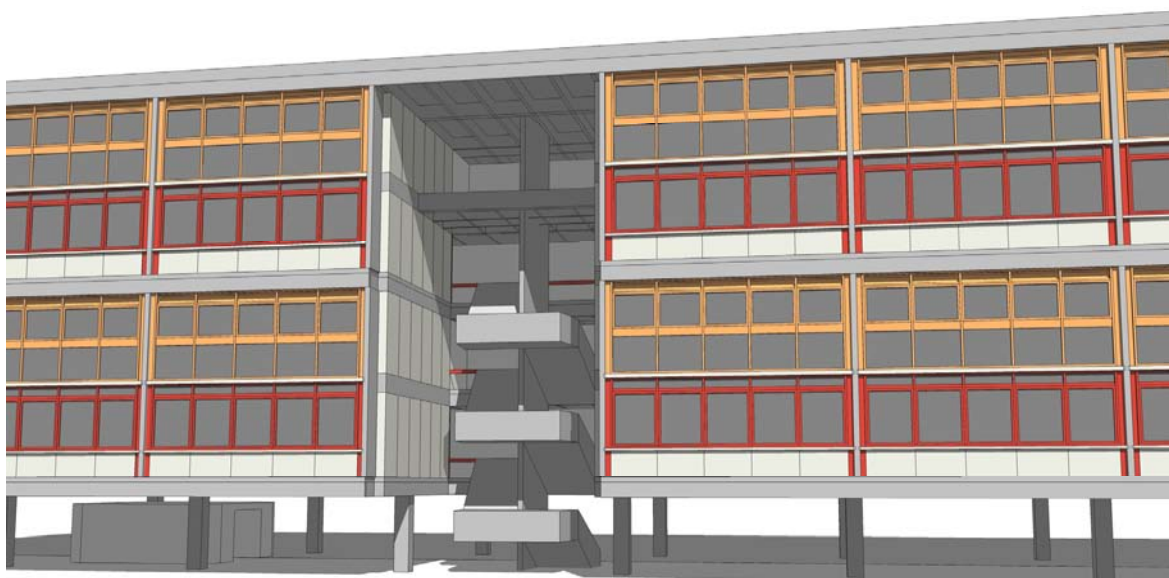
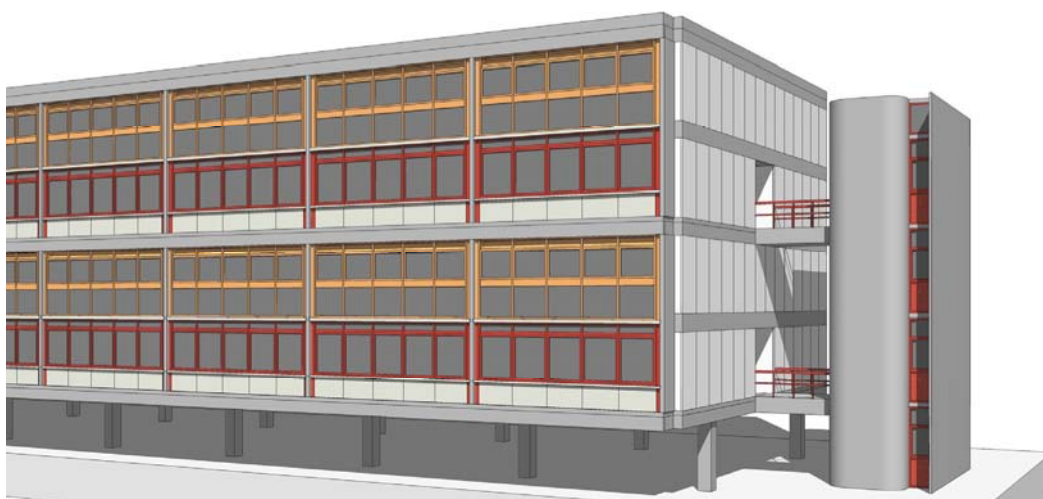
O conjunto residencial apresenta uma série de decisões e recursos de projeto que atribuem qualidade às edificações, como a articulação dos distintos volumes, tanto na escala do edifício como nas unidades, auxiliando na definição de usos, e indo de encontro às particularidades de cada setor. Neste sentido destacam-se também as estruturas fixas de mobiliário oferecidas para o desempenho de diversas funções no interior da célula, detalhadas cuidadosamente em seus componentes.

Muitos aspectos do conjunto são testemunhos de sua qualidade como objeto arquitetônico, principalmente os que refletem fielmente as intenções do projeto. Entretanto, é possível discutir algumas inconsistências no que foi concretizado e que parecem ser, em grande parte, decorrentes da incompletude do conjunto. No que se refere à escala urbana percebe-se que as edificações, fragmentos do projeto total, não possuem relação entre si, pois se distribuem como corpos isolados em área verde sem uma concepção urbana e paisagística que confira alguma designação para a área aberta e para a comunicação entre as edificações. O projeto previa alguma variedade no tratamento dos espaços abertos, de autoria de José Paulo de Bem<sup>85</sup>, que se implantados poderiam delinear um conjunto mais coeso. Propunham, entre as edificações, largos pavimentados que abrigariam elementos de mobiliário fixo, com caminhos que conectariam as edificações com a praça seca e entre si.

---

<sup>84</sup> XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.

<sup>85</sup> Dados dos documentos do projeto. Arquivo CEPLAN



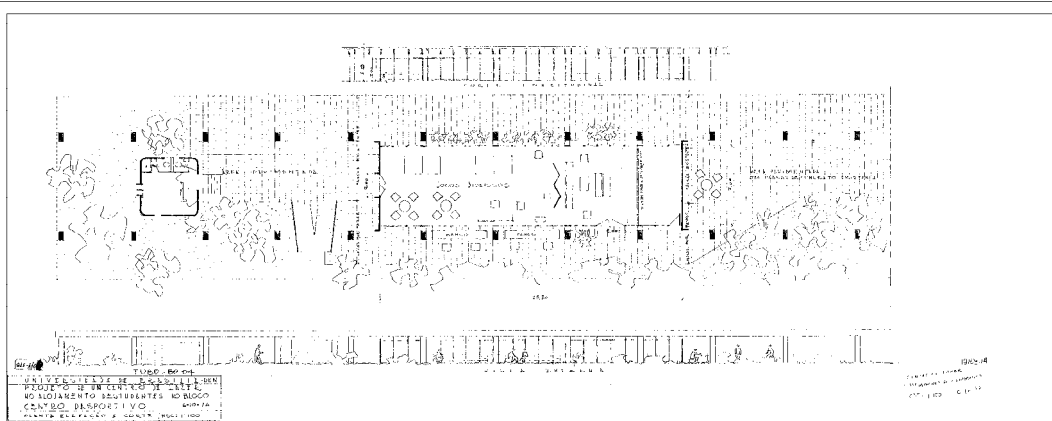
**Figs. 78, 79 e 80:** Casa do Estudante (construído), maquete eletrônica.

Fonte: Arquivo da autora.

Sem investimento na qualidade urbana do conjunto e sem qualquer programa complementar a habitação:

*“Os edifícios gêmeos de alojamentos ficaram como que “atirados” no extremo sul do Campus, por determinação da qual não participamos. Não bastasse esse isolamento, o conjunto limitava-se exclusivamente à função alojar. Não havia nada previsto para atender às necessidades imediatas da coletividade estudantil, como lanchonete, lavanderia, papelaria, salão de reunião, de música, de TV. Nada fora previsto, ou melhor, tudo isto fora prescrito. De modo que o aluno lá alojado tinha que deslocar-se por longos percursos (às vezes a pé) para tomar um café pela manhã, um lanche à noite, lavar uma roupa, conviver com outros colegas, etc. Criou-se um clima de absoluto isolamento”.*<sup>86</sup>

Em meados da década de 70 são projetados salões de uso coletivo nos dois blocos dos alojamentos, entre os pilotis dos pavimentos térreos. No início da década de 90, a prefeitura do campus desenvolve a proposta, compartimentando e atribuindo novos programas aos salões pensados inicialmente como áreas de lazer. Os novos volumes, de planta retangular localizavam-se no centro de cada barra e abrigavam cantina, refeitório, sala de lazer, lavanderia, salas para usos diversos. As superfícies dos volumes seriam configuradas por telas em todo o perímetro. Alguns trechos do térreo foram ocupados por novos volumes, posicionados atrás da linha de pilares, respeitando o balanço pronunciado da barra.



**Fig. 81:** Alojamento para estudantes, proposta de novo volume térreo, década de 70.

Fonte: Arquivo do CEPLAN .

Em 2011 as edificações estavam sendo esvaziadas para posteriormente passarem por uma reforma.

A pesquisa percebeu a oportunidade de contribuir para maior documentação deste conjunto e para isso, além dos documentos de projeto, insere-se levantamento fotográfico do ano de 2011.

<sup>86</sup> XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.





**Fig. 82:** Alojamento para estudantes.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 83:** Corpo do edifício em balanço.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 84:** Alojamento para estudantes, esquadrias.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 85:** Área em balanço.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 86:** volume térreo, posterior ao projeto original.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 87:** Escada principal.

Fonte: Arquivo da autora





**Fig. 88:** volume térreo, apartamento zelador.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 89:** Fachada com escada principal.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 90:** Vista da escada secundária.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 91:** Vista do lago Paranoá.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 92:** Área verde entre blocos.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 93:** Escada secundária.

Fonte: Arquivo da autora





**Fig. 94:** Corredor interno.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 95:** Área de estar da célula.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 96:** Bancada e esquadria interna.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 97:** Armários embutidos da área de dormitórios.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 98:** Escada da célula.

Fonte: Arquivo da autora



**Fig. 99:** Área de dormitórios.

Fonte: Arquivo da autora



## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

# Habitações universitárias no Brasil - Quadro comparativo das soluções arquitetônicas

	UFRJ Alojamento estudantil construído Escritório Técnico (1967)	USP Setor residencial do estudante Rino Levi e Roberto Cerqueira Cezar (1953)	USP CRUSP Eduardo Kneese de Mello e equipe (1961-1963)	UnB Residência de professores João Filgueiras Lima (1962)	UnB Casa do estudante Alberto Xavier e equipe (1969-1972)
Implantação original	 2 conjuntos de 6 blocos Galerias em azul	 2 conjuntos de 6 blocos + programas complementares Passagens cobertas em azul	 12 blocos Passagens cobertas em azul	 2 conjuntos de 4 blocos	 7 blocos
Implantação construída	 2 blocos, girados a 90° 1 trecho da galeria	não construído	 9 blocos Os outros 3 foram demolidos ou não foram construídos	 1 conjunto de 4 blocos	 2 blocos
Planta baixa tipo	 células residenciais núcleos de serviço circulação horizontal circulação vertical área de uso coletivo Pavimento A=1600m <sup>2</sup>	 células residenciais núcleos de serviço circulação horizontal circulação vertical área de uso coletivo Pavimento A=810m <sup>2</sup>	 células residenciais estudo terraço núcleos de serviço circulação horizontal circulação vertical área de uso coletivo Pavimento A=670m <sup>2</sup>	 dormitórios do apto. núcleos de serviço estar do apto. sacada do apto. circulação vertical Barras A e D Pavimento A=1070m <sup>2</sup> Barras B e C Pavimento A=670m <sup>2</sup>	 dormitórios do apto. núcleos de serviço circulação vertical circulação horizontal estar do apto. Pavimento A=1135m <sup>2</sup>
Altura	 3 pavimentos tipo térreo em pilotis	 12 pavimentos tipo térreo em pilotis (homens) 8 pavimentos tipo térreo em pilotis (mulheres)	 6 pavimentos tipo térreo em pilotis	 Barras A e D 2 pavimentos tipo+ 1 pavimento distinto (no projeto) térreo em pilotis Barras B e C 3 pavimentos tipo térreo em pilotis	 4 pavimentos duplex térreo em pilotis
Célula	 Célula Área útil=40m <sup>2</sup> Capacidade: 3 pessoas Dormitório Área útil=8m <sup>2</sup> Capacidade:1 pessoa	 Dormitório Área útil=9m <sup>2</sup> Capacidade:1 pessoa	 Célula Área útil=33m <sup>2</sup> Dormitório Área útil=15m <sup>2</sup> Capacidade: 3 pessoas	 Blocos A e D - 3º pavim. (República da professores) Dormitório Área útil=6,5m <sup>2</sup> Capacidade: 1 pessoa OBS: os demais blocos e andares são apartamentos individuais.	 Célula Área útil: 60m <sup>2</sup> Dormitório Área útil=25m <sup>2</sup> Capacidade: 6 pessoas
Perspectiva					



O conceito de universidade como instituição que integrasse faculdades, equipamentos e infraestrutura para o ensino superior começa a se concretizar no Brasil a partir da década de 30. Neste momento iniciam-se os estudos para a construção de cidades universitárias, cujo modelo centralizador fosse o reflexo físico da nova realidade universitária. Para ordenar a implantação em um sítio vazio, as cidades universitárias modernas têm como estratégia a adoção de critérios lógicos de ordenação espacial, do ponto de vista de habitabilidade, usos, circulações e técnicas construtivas.

*“The university campus, mostly planned on a tabula rasa apart from existing urban areas, gave a perfect opportunity to create a new environment according to the latest modern principles.”<sup>1</sup>*

No Brasil, a relação entre disponibilidade de grandes áreas e custo - entre outros fatores de ordem política e social - direcionaram a implantação das cidades universitárias modernas em áreas mais isoladas. O afastamento das cidades universitárias - fator entendido como favorável quando das implantações, pois garantia a imersão acadêmica e a autonomia da universidade - é hoje questionado pelo isolamento a que submete os espaços de ensino superior, impedindo uma convivência mais direta com a cidade e com a população em geral, como era possível no início do século com as unidades diluídas pelos centros urbanos. Com exceção da UnB, cuja posição da cidade universitária fora prevista desde sua concepção, USP e UFRJ tiveram seus campi situados em glebas afastadas do centro urbano densificado.

Como se expunha à época, a habitação integrava a lista de programas essenciais para a consolidação das cidades universitárias, oportunizando a fixação da população acadêmica:

*“As universidades modernas que se têm implantado em áreas convenientes e mediante prévio projeto geral adequado, jamais esquecem de estabelecer um setor residencial para estudantes e, eventualmente, para professores também.”<sup>2</sup>*

As cidades universitárias estudadas, como símbolos da cultura e do progresso do país, tiveram seus planos desenvolvidos de maneira ambiciosa, em sítios de grandes dimensões, prevendo infraestrutura altamente qualificada, extensas redes viárias, e edificações de alto nível. As habitações, nos três centros acadêmicos estudados receberam atenção especial, com projetos desenvolvidos por importantes nomes da arquitetura no país, envolvidos também com o desenvolvimento dos campi ou atuantes como professores das faculdades de arquitetura.

---

<sup>1</sup> BIERMAN, Janneke. *Evolution and University*. In: Docomomo n° 11, 2010, México City. Living in the Urban Modernity.

<sup>2</sup> CAMPOS, Ernesto de Souza. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do planejamento e Execução*. Comissão da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, 1954. p.55.

Nos projetos originais, desenvolvidos entre as décadas de 50 e 60, nota-se um otimismo em relação ao número de usuários a atender e as possibilidades de construir conjuntos completos, que constituiriam parcela considerável no campus e materializariam um ideal de cidade moderna. Propõem-se conjuntos compostos por várias edificações coletivas, capazes de receber números elevados de usuários. No entanto, o que se concretiza são fragmentos dos planos originais, por insuficiência de verbas, questões de ordem política e administrativa, novos projetos ao longo dos anos, entre outros fatores.

Para a Universidade do Brasil são elaborados 3 planos (Lúcio Costa, Le Corbusier e Piacentini/Morpurgo), todos descartados, inclusive o próprio terreno na Quinta da Boa Vista. No terreno definitivo, na Ilha do Fundão, as habitações propostas por Jorge Moreira integram a lista dos projetos do arquiteto que não chegaram a ser construídos, deixando incompleto seu plano para o campus. Do projeto que previa megaedificações, barras longas e em altura, apenas o desenho das células residenciais para três alunos é mantido, utilizado como referência para o projeto posteriormente executado pelo Escritório Técnico, em edificações e composição de conjunto totalmente diferentes. O conjunto construído pelo Escritório Técnico previa dois agrupamentos de 6 edificações de baixa altura, das quais apenas duas foram construídas. Desta forma o conjunto, que teria relevância no campus, é reduzido a um núcleo isolado e o sentido das galerias comerciais previstas conectando as barras residenciais é enfraquecido. Atualmente se encontram no local edificações implantadas em um sítio sem definições de uso e projeto de espaço aberto. A área proposta em pilotis é utilizada como estacionamento e depósito de entulhos, e a galeria não possui comércio, sendo ocupada apenas pela administração das residências.

O projeto de Rino Levi para a USP, não construído, previa uma série de edificações em altura, com alta densidade, além de volumes que comportariam programas complementares à habitação. O projeto parece ser o único entre os estudados que sintetiza os programas da habitação e seus complementares e consegue configurar um espaço aberto qualificado, uma praça central definida pelas superfícies das edificações que a circundam. Os demais projetos estudados, pelo contrário, fragmentam os espaços abertos, em função da implantação de edificações em sequência e espaçadas entre si. É o que ocorre com o conjunto construído, o CRUSP, uma sequência de edificações nos interstícios dos quais era previsto uso pelos moradores. O que ocorreu foi a ocupação destas áreas abertas por novos volumes, ao longo dos anos. Os térreos das edificações, previstos em pilotis, também foram paulatinamente ocupados. O CRUSP era previsto com 12 edificações, das quais restam 9. Os outros 3 blocos não chegaram a ser concluídos e seus esqueletos estruturais foram desmanchados. Com

isso o conjunto perdeu sua continuidade, sendo dividido em duas partes. Após inúmeras alterações/inserções na implantação, e mesmo nas edificações que passaram por reformas, o conjunto atualmente não representa de maneira fiel os pressupostos e as soluções do projeto original.

As residências para professores e estudantes da UnB também foram construídas parcialmente. O projeto de Lelé para os professores previa dois conjuntos de quatro edificações, sendo construído apenas um conjunto. Os térreos livres permanecem como na proposta e as edificações apresentam bom estado de conservação dos aspectos originais. Nas décadas seguintes à construção do conjunto, novas edificações para alunos de pós-graduação foram construídos na Colina, nas proximidades das residências de professores, porém segundo outros projetos. Distante da Colina, situadas junto da área de esportes, foram previstas sete edificações para habitação de estudantes, das quais 2 foram construídas. O maior problema do conjunto parece ser o mesmo da UFRJ, a construção de somente um fragmento do plano proposto descaracterizou a composição proposta no projeto, resultando em edificações isoladas, implantadas em uma área aberta sem definição de uso e sem desenho ou equipamentos urbanos. As edificações em si possuem projeto interessante, que buscam valorizar os espaços internos das células, oferecendo áreas para diferentes usos e, através da composição com planos e volumes puros, tem a intenção de alcançar bons resultados plástico. Em 2011 as edificações estavam sendo desocupadas, para reforma.

Ainda que na escala urbana se encontrem os maiores problemas e insucessos dos conjuntos estudados - seja pela execução parcial dos projetos propostos originalmente, pela ausência ou insuficiência de projeto de espaço público ou a falta de manutenção das áreas abertas - as edificações apresentam inúmeras estratégias e soluções qualificadas. Há um esforço em oferecer as melhores condições de moradia e estudo, equilibrando áreas privativas e áreas de convívio.

O estudo da célula é um dos principais temas no desenvolvimento das habitações estudantis. CRUSP e habitação de estudantes da UnB propõem áreas de uso distintas dentro das células, incluindo núcleos de serviço, mas estabelecem dormitórios coletivos, para 3 e 6 pessoas, respectivamente. O projeto construído na UFRJ agrupa três dormitórios individuais no interior de cada célula, junto com um núcleo de serviços. No projeto de Rino Levi para a USP são propostos dormitórios individuais em interface direta com a circulação horizontal e, é o único caso estudado em que todos os programas complementares ao dormitório reúnem-se no núcleo central.

Nos pavimentos tipo, na maioria dos casos estudados, são propostas áreas de estar coletivas, estimulando a socialização e em contraponto a ausência de espaços de permanência no interior das células residenciais. As exceções são as habitações da UnB, pois oferecem espaços de convivência e estar no interior das unidades residenciais. As habitações para professores oferecem unidades do tipo apartamento completo, com estar, serviços e dormitórios. As unidades de estudantes funcionam da mesma maneira, como núcleo autônomo em todas as funções relacionadas à habitação.

Do ponto de vista da organização das células no pavimento, os dois projetos para a USP apresentam fita simples com sequência de células residenciais em uma das fachadas, e a circulação horizontal voltada para a fachada oposta. Nas habitações para estudantes da UnB e da UFRJ, adota-se fita dupla. Esta estratégia fomenta algumas discussões, a respeito da ausência de qualidade espacial da circulação horizontal, longa e fechada e com percurso desagradável.

Como recorrência, verifica-se em todos os projetos a liberação do térreo em pilotis, garantindo a permeabilidade espacial e a privacidade dos usuários, ao descolar as unidades residenciais do primeiro nível. Em geral os conjuntos compõem-se de edificações de baixa altura, entre 3 e 4 pavimentos, cuja exceção construída é o CRUSP, com 6 pavimentos, e os projetos não construídos de Rino Levi para a USP e de Moreira para UFRJ, com 12 e 10 pavimentos, respectivamente.

Avaliações distintas podem ser atribuídas quando são os documentos dos projetos originais e quando se verifica a situação atual e o histórico de transformações sofridas pelos conjuntos residenciais. Nos projetos, percebem-se concepções que possuem intenção formal, buscam qualidade espacial, avaliam soluções adequadas para um programa novo, privilegiando, em grande parte, o caráter coletivo, e investigam novas técnicas para responder a esta demanda específica, mas com o intuito de aplicabilidade em outras situações. As realizações fragmentárias, de maneira geral, não são equivalentes às concepções na totalidade de suas qualidades e anseios, pois isso demandaria que os conjuntos fossem concretizados integralmente, o que não ocorreu em nenhum dos casos.

No momento da construção das cidades universitárias os alojamentos corroboraram a ideia de integração e conjunção de programas no espaço físico, tornando possível concretizar este tipo de organização. Os projetos para moradia universitária não apenas buscavam atender as demandas das cidades universitárias, como exploravam possibilidades de aplicação de soluções coletivas no contexto habitacional do país. São projetadas de forma que a replicação e disseminação das suas alternativas possam

encaminhar a uma solução habitacional massiva. Neste sentido, certos casos serviram também para a exploração pioneira da racionalização na construção das edificações.

O alojamento universitário foi programa de fundamental importância para o ingresso e difusão da pré-fabricação no país. Kneese de Mello no CRUSP e Lelé nas residências de professores da UnB são citados como pioneiros na utilização de pré-fabricados em grande escala no país, no início da década de 60. A UnB foi laboratório experimental para a construção industrializada, com a realização de inúmeros edifícios pré-fabricados em seus primeiros momentos, incluindo o ICC e o estudo de uma capsula habitável de Niemeyer e o anteprojeto para os alojamentos de estudantes, realizado pela equipe de Alberto Xavier. A construção pré-fabricada buscava aliar rapidez, economia (na repetição dos elementos, na agilidade e na precisão – evitando desperdício e erros de execução) e qualidade construtiva, que garantiria uma durabilidade maior das construções. Além disso, a adoção de organizações modulares sintonizava-se com a flexibilidade necessária às possíveis mudanças ao longo do tempo.<sup>3</sup>

Os pioneiros na utilização de pré-fabricação enfrentaram diversos obstáculos, e tiveram de persistir no ideal de utilizar a nova tecnologia, em um contexto de ausência de mão de obra e equipamentos, o que contrariava o argumento da economia, e diante de uma acomodação em relação à técnica convencional/artesanal de construção. O que foi realizado, ainda que parcialmente, assinalou possibilidades de progresso tecnológico, servindo como demonstrativo de uma alternativa que, disseminada, poderia atender as demandas de construção do país com qualidade, economia e rapidez.

As investigações contidas nesta dissertação tiveram como intuito contribuir para o conhecimento, documentação e maior entendimento de realizações arquitetônicas importantes no contexto da construção das cidades universitárias no país, e de que forma o programa fundamental no planejamento das cidades modernas, a habitação, é inserido neste meio. As habitações estudantis brasileiras, através das ideias contidas em seus projetos originais e mesmo pelo que foi parcialmente construído, serviram como vetores de experimentação de princípios da arquitetura moderna e de inovação técnica e programática, explorando um tema novo, surgido com a configuração espacial do ensino superior brasileiro em cidades universitárias.

---

<sup>3</sup> Como ocorreu no CRUSP ao longo dos anos, o layout interno dos pavimentos tipo, realizado em elementos leves, foi sendo alterado atendendo a novas demandas, passando de células coletivas para unidades individuais.





## 7. REFERÊNCIAS

## BIBLIOGRAFIA

ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado).

\_\_\_\_\_. *Inconstantes Cidades Universitárias: Um Estudo da Universidade de Brasília*. In: Anais Docomomo Brasil 7, 2007, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. *Três Projetos para uma Universidade do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

ALICE, Edson Zanckin. *Cidade Universitária da Ilha do Fundão: Seus planos, seus edifícios*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado).

ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. *Rino Levi Arquitetura e Cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.

ARANHA, Maria Beatriz de Camargo. *A Obra de Rino Levi e a Trajetória da Arquitetura Moderna no Brasil*. FAU-USP. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado)

ARQUITETO: *Eduardo Kneese de Mello*. Produção de Ângela Podolsky. Coordenação Arquiteto Roberto Loeb. São Paulo: VídeoVideo Produtora. Vídeo realizado para o IAB. In: REGINO, Aline Nassaralla. *Eduardo Kneese de Mello Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo*. São Paulo, 2006. Dissertação (mestrado).

BARBOSA, Luiz Hildebrando Horta. *Ainda a Localização da Cidade Universitária*. Departamento Administrativo do Serviço Público. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

BASTLUND, Knud. *José Luis Sert Architecture, cityplanning, urban design*. New York: Praeger, 1967.

BIERMAN, Janneke. *Evolution and University*. In: Docomomo n. 11, 2010, México City. Living in the Urban Modernity.

BRANCO, Alípio Pires Castello. In: Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação (CEDATE). *Campus Universitário: textos*. Brasília, 1984.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRUNA, Paulo. *Arquitetura, Industrialização e Desenvolvimento*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. 307p.

CABRAL, Cláudia Piantá Costa. *Anatomia da Rua Elevada: O Projeto da Circulação Coletiva como Investigação Formal e Programática na Cidade Moderna*. In: *Projetar* n. 4, 2009, São Paulo. Projeto como Investigação: Ensino, Pesquisa e Prática.

\_\_\_\_\_. *A cidade vertical: Conjunto Habitacional Rioja, Buenos Aires, 1968-1973*. In: *Arqtexto* 12. Porto Alegre: PROPAR, 2008.

\_\_\_\_\_. *Grupo Archigram 1961-1974: Uma fábula da técnica*. Universitat Politècnica de Catalunya, Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona. Barcelona, 2001. Tese (Doutorado)

\_\_\_\_\_. *Habitação coletiva mínima no movimento moderno europeu: realizações do período entre guerras*. Porto Alegre, 1996.

CABRAL, Neyde Ângela Joppert. *Arquitetura Moderna e o Alojamento Universitário: Leitura de Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 1997. Dissertação (mestrado).

\_\_\_\_\_. *A Universidade de São Paulo: Modelos e Projetos*. São Paulo: FAUUSP, 2004. Tese (doutorado).

CAMPOS, Ernesto de Souza. *Estudos sobre o Problema Universitário*. São Paulo: Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", 1938.

\_\_\_\_\_. *Temas Universitários*. São Paulo: Departamento de Cultura e Ação Social, 1952.

\_\_\_\_\_. *Cidade Universitária da Universidade de São Paulo: Aspectos Gerais do planejamento e Execução*. Comissão da Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, 1954.

CAPANEMA, Gustavo. *Depoimento*. In: MÓDULO. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985. pp. 28-32.

Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação (CEDATE). *Campus Universitário*. Brasília: CEDATE, 1984.

Centro de Preservação Cultural da USP. *Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

CHOAY, Françoise. *Le Pavillon du Brésil à la Cité Universitaire de Paris*. In: L'Oeil, nº 57, setembro de 1959.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos : a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado).

Coordenadoria do Espaço Físico da USP. *A Recuperação do CRUSP*. COESF: São Paulo, 2009.

CORBUSIER, Le. *Oeuvre Complete 1910-1929*. Zurich: Les Editions d'Architecture , 1995.

\_\_\_\_\_. *Oeuvre Complete 1929-1934*. Zurich: Les Editions d'Architecture , 1995.

\_\_\_\_\_. *Oeuvre Complete 1934-1938*. Zurich: Les Editions d'Architecture , 1995.

\_\_\_\_\_. *Oeuvre Complete 1952-1957*. Zurich: Les Editions d'Architecture , 1995.

\_\_\_\_\_. *Como concebir el urbanismo*. Buenos Aires: Ed. Infinito, 1967.

COSTA, Aline Moraes. *(Im)possíveis Brasília: os projetos apresentados no concurso do plano piloto da nova capital*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado).

COSTA, Lúcio. *Sobre Arquitetura*. Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura. Porto Alegre, 1962.

\_\_\_\_\_. *Lúcio Costa: registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

CURTIS, William J.R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). *Jorge Machado Moreira*. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.

Departamento Administrativo do Serviço Público. *A Construção da Cidade Universitária da Universidade do Brasil*. Rio de Janeiro, 1963.

DOBER, Richard. *Campus planning*. Cambridge: Reinhold Publ., 1963.

DUARTE, Hélio. *Roteiro de Planejamento da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira*. São Paulo, 1956.

Escritório Técnico da Universidade do Brasil. *Cidade Universitária da Universidade do Brasil*. Rio de Janeiro, 1952.

\_\_\_\_\_. *Ilha Universitária*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1954.

ESPONDA, Mariana. *Concrete as Architectural Language by Josep Lluís Sert: Technological value, typical damage and preservation*. In: Docomomo n. 11, 2010, México City. Living in the Urban Modernity.

FERNANDES, Ari Vicente. *Campus e o meio urbano universitário*. In: C.J. Arquitetura. Revista de arquitetura, planejamento e construção, São Paulo, n.4 (Educação), p.72-91, 1974.

FERRAZ, Marcelo Carvalho (Coordenação). *João Filgueiras Lima, Lelé: Arquitetos brasileiros*. São Paulo: Editorial Blau e Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 2000.

FRAMPTON, Kenneth. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREIXA, Jaume. *Josep L. Sert*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1981.

GOROVITZ, Matheus. *Os Riscos do Projeto: Contribuição à Análise do Juízo Estético na Arquitetura*. São Paulo: Studio Nobel; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

HARRIS, Elizabeth. *Lê Corbusier Riscos Brasileiros*. São Paulo: Nobel, 1987.

JÚNIOR, Adalberto Vilela. *Uma Visão Sobre Alojamentos Universitários no Brasil*. In: Anais Docomomo Brasil 5, 2003, São Carlos.

KNEESE DE MELLO, Eduardo. *Arquitetura Brasileira Palestras e Conferências*. São Paulo, 1975.

LEMOINE, Bertrand. *La Cite Internationale Universitaire de Paris*. Paris: Éditions Hervas, 1990.

LEVI, Rino. *Cidade Universitária de São Paulo, Projeto do Setor Residencial do Estudante – Memorial Justificativo*. Janeiro 1953. Fonte: Acervo FAU-USP.

LIMA, João Filgueiras. *O que é ser arquiteto: Memórias profissionais de Lelé*. Depoimento a Cynara Menezes. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MACEDO, Adilson da Costa. *O desenho do campus universitário*. In: Revista Projeto. São Paulo, nº93, novembro de 1986.

\_\_\_\_\_. *Idéias Preliminares para o Projeto Urbano da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira*. São Paulo: FAU-USP, 1987. Tese (doutorado).

MARTI ARIS, Carlos. *Las Formas de la Residência en la Ciudad: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras*. Barcelona: Upc, 2000.

MELLO JR., Donato. *Um Campus Universitário para a Cidade do Rio de Janeiro*. Arquitetura Revista FAU-UFRJ, Rio de Janeiro, maio 1956.

MINDLIN, Henrique Ephim. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MONTANER I MARTORELL, Josep Maria. *Despues del movimiento moderno: arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*. 2.ed. Barcelona: G. Gili, 1999.

MONTENEGRO FILHO, Roberto Alves de Lima. *Pré-fabricação e a obra de Kneese de Mello*. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado).

*O Espaço da USP: Presente e Futuro*. São Paulo: A Prefeitura, 1985.

OLIVEIRA, Rogério de Castro. *As Modernidades Eletivas de Lê Corbusier e Lúcio Costa: Rio de Janeiro, 1936*. In: Arqtexto 2. Porto Alegre: PROPAR, 2002.

\_\_\_\_\_. *Jogos Compositivos na Cidade dos Prismas, Universidade do Rio de Janeiro, 1936*. In: Arqtexto 9. Porto Alegre: PROPAR, 2006.

PANERAI, Philippe; Castex, Jean; Depaule, Jean-Charles. *Formas urbanas: de la manzana al bloque*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1986.

PÉREZ DE ARCE, Rodrigo. *Villanueva, os passeios cobertos e a ideia de cidade*. In: Arqtexto 12. Porto

Alegre: PROPAR, 2008.

PUPPI, Marcelo. *Espaços Inacabados: Le Corbusier, Lúcio Costa e a Saga da Casa do Brasil, 1953-1956*. In: Arqtexto 12. Porto Alegre: PROPAR, 2008.

REGINO, Aline Nassaralla; SANTOS, Ademir Pereira dos. *Arquitetura atribuição do arquiteto*. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Eduardo Kneese de Mello Arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo*. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado).

RIBEIRO, Darcy. *Depoimento*. In: Módulo. Rio de Janeiro, nº 32, março de 1963. pp. 1-11.

RODRIGUES, Luiz Augusto Fernandes. *Universidade e a Fantasia Moderna: a Falácia de um Modelo Espacial Único*. Niterói: EdUFF, 2001.

ROWE, Peter. *Modernity and housing*. Cambridge: MIT, 1993.

SANTOS, Cecília Helena Godoy Rodrigues dos; PEREIRA, Margareth Aparecida da Silva ; SILVA, Vasco Caldeira da; PEREIRA, Romão Veriano da Silva. *Um marco nas relações de Le Corbusier com o Brasil*. Projeto, São Paulo, n. 102, p. 105-108, 1987.

SANVITTO, Maria Luiza Adams. *Habitação Coletiva Econômica na Arquitetura Moderna Brasileira entre 1964 e 1986*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. Porto Alegre, 2010. Tese (Doutorado).

SCHILDT, Göran. *Alvar Aalto Obra Completa: Arquitectura, arte y diseño*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1996.

SCHLEE, Andrey. *The campus of the University of Brasilia*. In: Docomomo Journal, v. 43, p. 44-47, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Lelé na UnB (ou o Lelé da UnB)*. In: Claudia Estrela Porto. (Org.). Olhares. Visões sobre a obra de João Filgueiras Lima. 1 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010, v. 1, p. 149-164.

\_\_\_\_\_. *Reproduzindo modelos. O plano piloto do campus da Universidade Federal de Santa Maria, RS*. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UnB. Docomomo 5.

SEGAWA, Hugo. *Rio de Janeiro, México, Caracas: cidades universitárias e modernidades 1936-1962*. In: Rua, Revista de urbanismo e arquitetura, Salvador, n.7 (Moderno:claro e labiríntico), p.38-47, 1999.

\_\_\_\_\_. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1998. 224p.

SHERWOOD, Roger. *Vivienda: protótipos del movimiento moderno*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1983.

SIMÕES, João Roberto Leme. *Arquitetura na Cidade Universitária "Armando Salles de Oliveira" - O Espaço Construído*. São Paulo: FAUUSP, 1984. Tese (doutorado).

SMITHSON, Alison and Peter. *Ordinariness and Light: Urban theories 1952-1960 and their application in building project 1963-1970*. Cambridge: The M.I.T. Press, 1970.

\_\_\_\_\_. *Urban Structuring: Studies of Alison & Peter Smithson*. London/New York, 1967.

TOGNON, Marcos. *Marcello Piacentini, Arquitetura no Brasil*. Programa de Pós-Graduação em História da Arte e da Cultura, Universidade Estadual de Campinas, 1993. Dissertação (Mestrado).

TRAVASSOS, Renato. *Cidade Universitária da Universidade do Brasil*. Departamento Administrativo do Serviço Público, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1960.

TURNER, Paul Venable. *Campus: an American Planning Tradition*. New York: The Architectural History Foundation, 1984.

Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano de Desenvolvimento Físico*. Brasília, 1974.

\_\_\_\_\_. *Plano Diretor Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro*. Brasília, outubro de 1998.

\_\_\_\_\_. *O Plano Orientador de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro e o Início da Universidade de Brasília*. Brasília, março de 2007.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura Moderna Paulistana*. São Paulo: Pini, 1983.

XAVIER, Alberto. *Histórico do alojamento da UnB*. Depoimento a Renata Ramos. Dezembro, 2011.

XAVIER, Marco Antônio. *O Campus e a Cidade*. In: CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL DA USP. *Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

WESTON, Richard. *Plantas, cortes e elevações: Edifícios-chave do século XX*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

ZEIN, Ruth Verde. *A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 1953-1973*. Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura – PROPAR/UFRGS. São Paulo e Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado).

## PERIÓDICOS

Acrópole. São Paulo, nº303, pp. 93-101, 1964.

Acrópole. São Paulo, nº369/370, 1970.

AU Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, nº5, pp. 22-24, 1986.

AU Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, nº45, pp. 79-88, 1992.

Casabella, nº300, dezembro de 1965.

CJ Arquitetura. nº 4, fev/mar/abr 1974.

Domus. nº 287, outubro 1953.

Educação. Publicação oficial do Ministério da Educação e Cultura. Brasília, nº5, abril a junho de 1972.

Habitat. nº11, abril-junho 1953.

Habitat. nº69, setembro 1962.

L'Architecture D'aujourd'hui. Paris, nº29, maio de 1950.

L'Architecture D'aujourd'hui. Paris, nº34, fev/mar de 1951.

L'Architecture D'aujourd'hui. Paris, nº51, novembro de 1965.

L'Architecture D'aujourd'hui. Paris, nº191, junho de 1977.

Módulo. Rio de Janeiro, nº 32, março de 1963.

Módulo. Rio de Janeiro, nº 85, maio de 1985.

Progressive Architecture. nº11, novembro de 1953.

Projeto. São Paulo, nº93, pp. 96-98, novembro de 1986.



## **SITES DE INTERNET**

[www.fondationlecorbusier.fr](http://www.fondationlecorbusier.fr)

[www.fundacionvillanueva.org](http://www.fundacionvillanueva.org)

[www.mdc.arq.br](http://www.mdc.arq.br)

## **ACERVOS**

Arquivo do Escritório Técnico da Universidade (ETU) - UFRJ

Acervo de Projetos da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAU) – USP

Centro de Planejamento (CEPLAN) – UnB

## **ENCARTE**

Exposição em comemoração aos cinquenta anos da faculdade de arquitetura da Universidade de Caracas. Organização: Fundació Museus Nacionais. Museu Nacional d'Arquitectura. Ministeri del Poder Popular per a la Cultura del Govern Bolivaria de Veneçuela, 2009.



## 8. ANEXOS

## 8.1. ORGANIZAÇÃO DAS CIDADES UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL

A organização espacial centralizada das instituições de ensino superior aparece como solução disseminada em todo o mundo durante o século 20, orientando a criação e concretização de universidades na América Latina:

*“[...] o pós-guerra viu a emergência de um grande número de novos campi – muitos deles em países da América Latina [...]. Algumas realizações têm muita qualidade em termos de conceitos, desenho e construção, e são reconhecidas como modelo, como obras-primas que merecem proteção, como nos casos das Cidades Universitárias do México e Caracas, ambas classificadas pela UNESCO como Patrimônio Mundial”<sup>1</sup>.*

No Brasil, a concentração espacial está diretamente relacionada ao crescimento das cidades e adensamento da trama urbana preexistente. Fatores como o *“congestionamento e ‘deterioração’ crescente das zonas centrais mais antigas das metrópoles (locais onde geralmente se localiza a maioria das faculdades)”<sup>2</sup>* combinado ao aumento do valor do solo urbano, acabam por direcionar a implantação de espaços universitários afastados dos centros urbanos, quando as instituições estão em expansão. Em determinado momento, com o desenvolvimento das cidades e incremento da população acadêmica as edificações isoladas ocupadas por faculdades e institutos nas zonas centrais já não atendem a demanda espacial e de infraestrutura. E nos centros não encontram possibilidade de expansão.<sup>3</sup>

A construção de cidades universitárias<sup>4</sup> passa a integrar a realidade brasileira a partir da década de 30 quando as instituições de ensino superior começam a organizarem-se sob a forma de universidades, instituições centralizadas, alternativas *“a tradição de escolas e faculdades isoladas e autossuficientes”<sup>5</sup>*. Neste contexto, a construção das cidades universitárias é uma alternativa também à situação recorrente de

<sup>1</sup> RODRIGUES, Eduardo. *The University and the City*. In: Docomomo nº 11, 2010, México City. Living in the Urban Modernity.

<sup>2</sup> FERNANDES, Ari Vicente. *Campus e o meio urbano universitário*. C.J. Arquitetura. Revista de arquitetura, planejamento e construção, São Paulo, nº4 (Educação), 1974. p. 73.

<sup>3</sup> Em cidades consolidadas, como Rio de Janeiro e São Paulo, as unidades acadêmicas isoladas localizavam-se nas zonas centrais com possibilidades de crescimento estanques, e sua necessidade de expansão acarretou na construção das cidades universitárias em áreas afastadas do tecido congestionado.

<sup>4</sup> O termo *“cidade universitária”* é análogo ao *“campus”* no que corresponde à integração espacial da universidade. Entretanto, cidade universitária foi o termo aplicado de maneira recorrente pelos planejadores no Brasil e na América Latina refletindo a tentativa de consolidar as cidades universitárias como realizações modernas, afastando-as dos campi norte-americanos e sua arquitetura historicista.<sup>4</sup> Além disso, o termo cidade universitária distancia-se do conceito de *“campus tradicional”* em sua inserção na cidade. De maneira geral, enquanto os campi tradicionais tem formação espontânea e posicionam-se no interior das áreas urbanas consolidadas, ou são englobados pela cidade, as cidades universitárias são fruto de planejamento e implantam-se em novas parcelas urbanas, por vezes afastadas da trama consolidada. Atualmente ambos os termos são utilizados para referir os conjuntos acadêmicos no país.

<sup>5</sup> Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954. p.1.

adaptação para o ensino de edifícios concebidos para fins alheios à atividade escolar<sup>6</sup>, neste período julgados inadequados e obsoletos.

*“Contingências históricas fizeram com que o ensino superior se desenvolvesse, entre nós, de modo fragmentário [...] responsável pelo reduzido rendimento, quer dos equipamentos e instalações existentes, quer dos esforços dos professores e alunos.*

*Reagindo contra essa tradição, orienta o Gôverno [sic] as novas construções no sentido da unificação de todos os setores de ensino e pesquisa, sob a forma já tradicional de Cidades Universitárias, de modo a que, da íntima comunhão resultante, se venha a obter a desejada formação do espírito universitário.”<sup>7</sup>*

O discurso de integração correspondia não apenas ao âmbito disciplinar e didático, permitindo o intercambio de experiências entre as diversas áreas de conhecimento, em um núcleo produtor e polarizador de conhecimento, mas também representava, na construção dos campi, a oportunidade de modernização e compartilhamento de infraestrutura:

*“A contiguidade construtiva dos edifícios de ensino superior, integrando uma verdadeira “Cidade Universitária”, conduz a um sistema coeso de alta eficácia e rendimento, dispensando a repetição de vultuosos e dispendiosos laboratórios experimentais de todos os tipos.”<sup>8</sup>*

O afastamento dos centros urbanos é adotado em grande parte das cidades universitárias, seja por fatores econômicos, já que sítios amplos mais suburbanos tendem a ter menor custo, ou didáticos, alinhados a ideia de imersão e integração acadêmica. O afastamento induz o provimento de estrutura para atender às demandas cotidianas de seus usuários. Deste ponto de vista, os programas complementares aos espaços de estudo, como serviços, habitação, esporte, lazer, tornam-se indispensáveis, e acabam por sintetizar as demandas de uma cidade real. A habitação aparece desde o início das concepções dos espaços físicos das universidades, constituindo os programas básicos dos planos de desenvolvimento das cidades universitárias:

*“Desde a década de 30, havia o ideal de moradias para estudantes e professores em seu espaço físico. Esse era um dos princípios para se criar um sentido de comunidade.”<sup>9</sup>*

Analogamente ao pensamento urbanístico moderno, no qual as áreas destinadas à habitação apresentaram fundamental importância no projeto das cidades, como vetores

<sup>6</sup> SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1998.

<sup>7</sup> Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954.

<sup>8</sup> Universidade do Brasil. *Cidade Universitária do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, 1954.

<sup>9</sup> ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o Ensino Superior na Década de 60: A Cidade Universitária da UnB e seu Projeto Urbanístico*. Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado). p. 217.

de novas formas de morar e se relacionar com a cidade e com os espaços abertos, os setores relativos às moradias estudantis são de grande relevância nos planos de desenvolvimento das cidades universitárias, como oportunidades de experimentação de ideias, de técnicas construtivas e de composição, em um ambiente em que adquire potencial didático e exemplar.

As cidades universitárias brasileiras começam a ser pensadas no momento de difusão da arquitetura moderna na América Latina, na década de 30, década de destaque do pavilhão brasileiro em Nova York e do Ministério de Educação e Saúde. A arquitetura moderna brasileira teve a partir de então, como principais laboratórios, os programas relacionados à educação, saúde, cultura e recreação - expressões de demandas públicas<sup>10</sup>. Quando as cidades universitárias começam a ser implantadas, entre os governos Vargas e Kubitschek, a arquitetura moderna já começa a se concretizar no país, se consolidando como “estilo nacional”<sup>11</sup>. É segundo seus princípios que se constituem os novos espaços físicos das universidades e as arquiteturas que neles são realizadas.

---

<sup>10</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos : a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado).

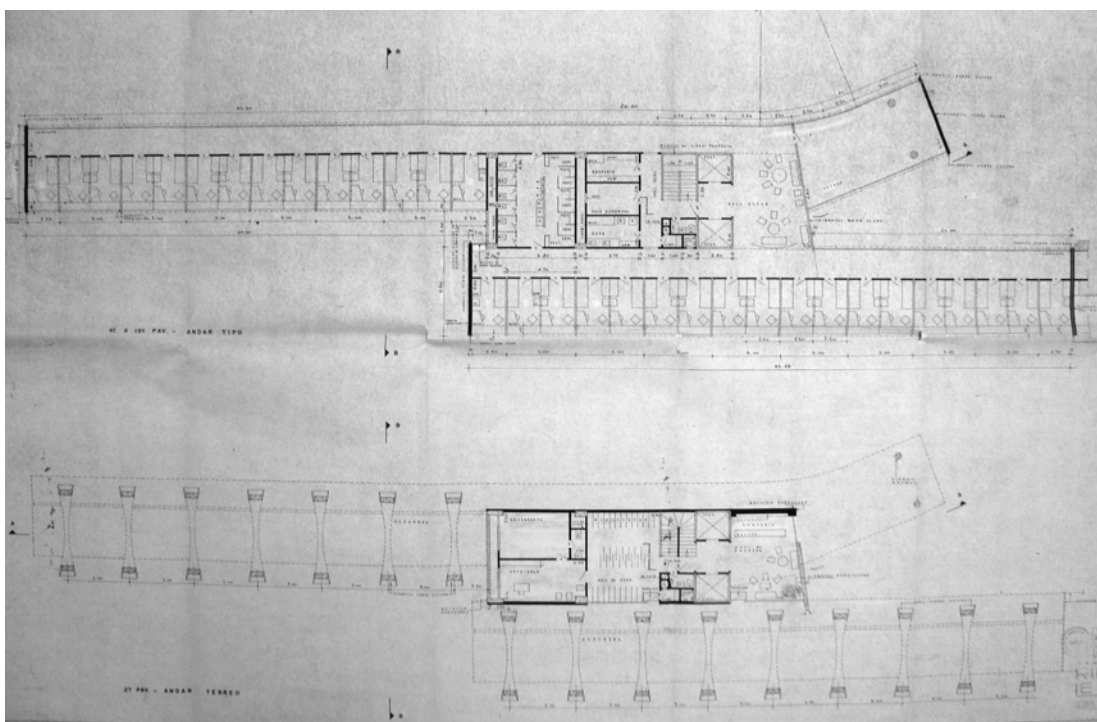
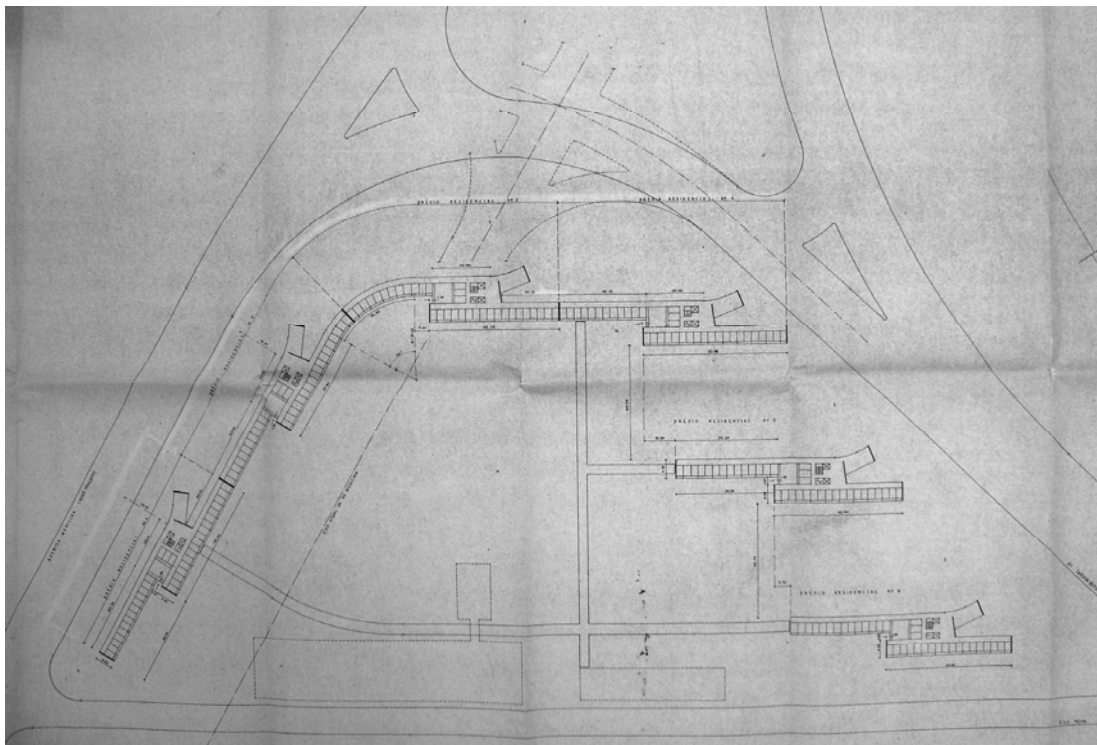
<sup>11</sup> COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Precisões brasileiras: sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos : a partir dos projetos e obras de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & Cia., 1936-45*. Universidade de Paris VIII. Vincennes - Saint- Denis, 2002. Tese (Doutorado). p. 13.



## 8.2. DOCUMENTOS

### 8.2.1. Documentos projeto Rino Levi e equipe (1953), USP

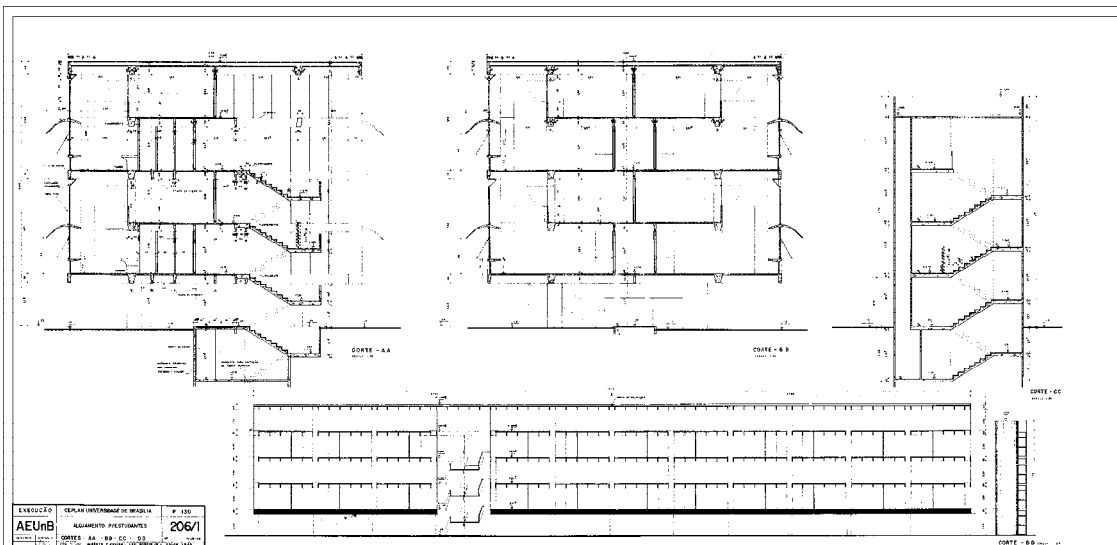
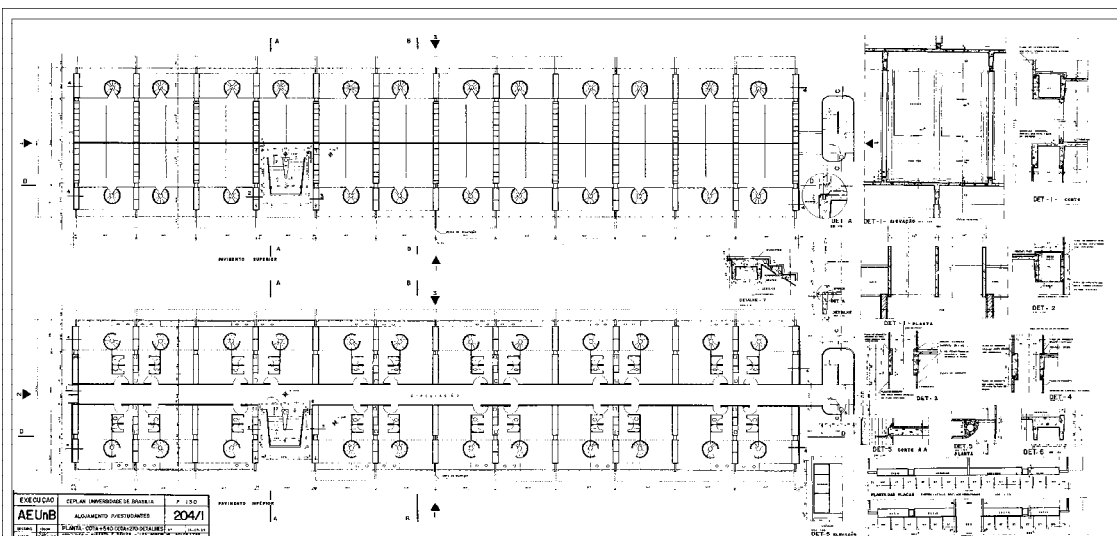
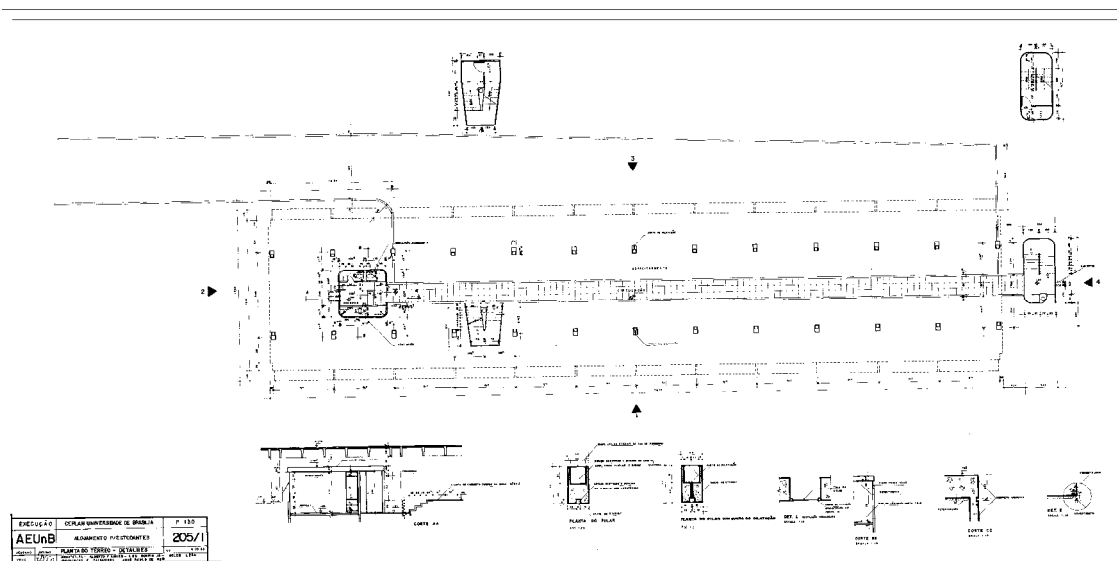
Fonte: Acervo da FAU-USP, consulta em 2011.

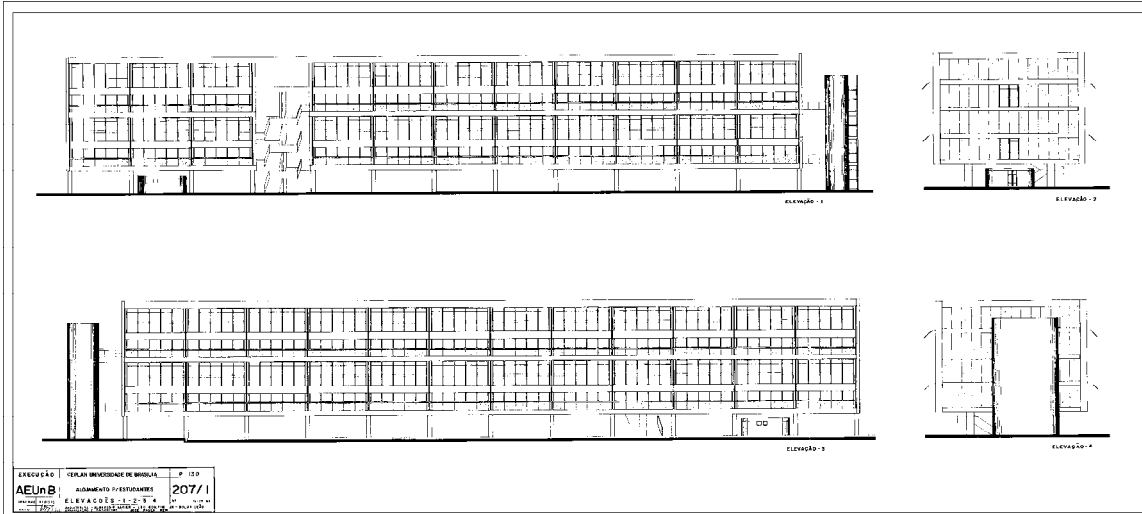




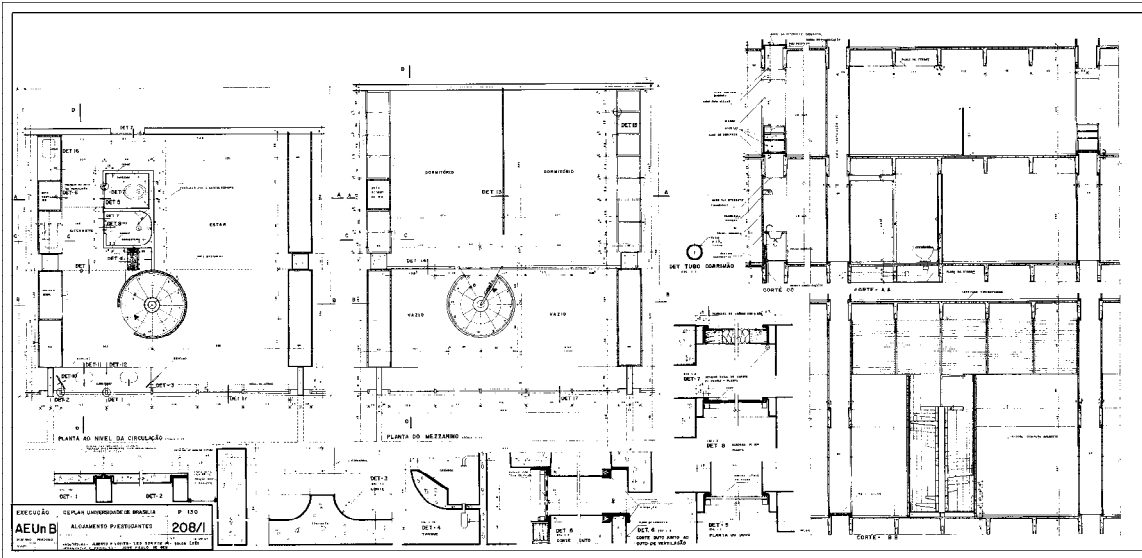
## 8.2.2. Documentos projeto Alberto Xavier e equipe (1969-72), UnB

Fonte: Ceplan UnB, consulta em 2011.

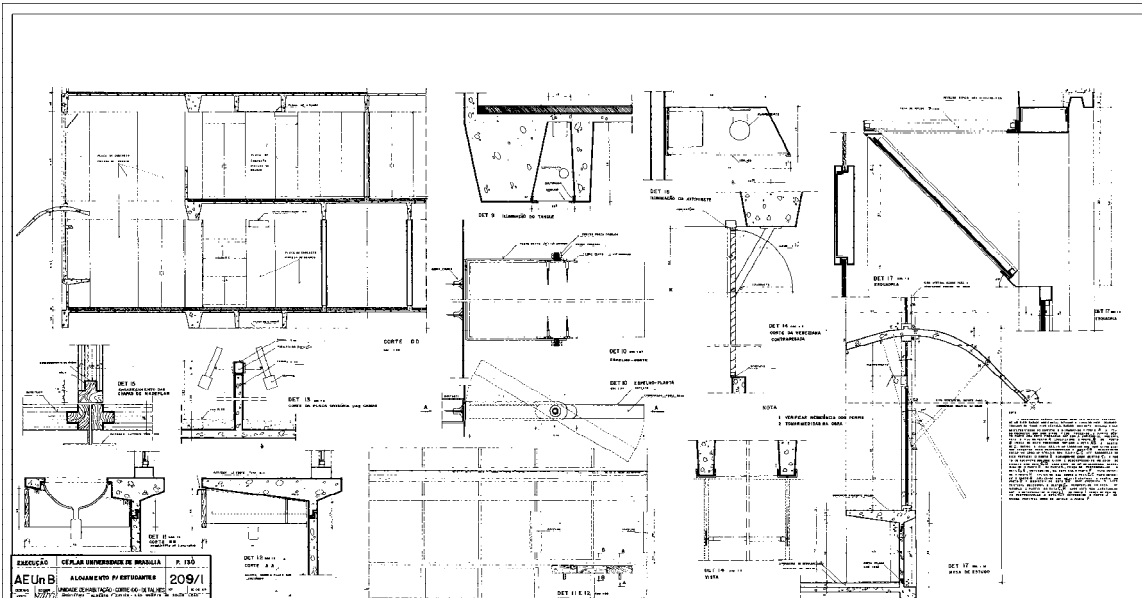




EXECUÇÃO: CEFAP UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA P. 130  
**AEUn B** ALINHAMENTO P/ ESTUDANTES 2077/1  
 CEFAP UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



EXECUÇÃO: CEFAP UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA P. 130  
**AEUn B** ALINHAMENTO P/ ESTUDANTES 208/1  
 CEFAP UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



EXECUÇÃO: CEFAP UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA P. 130  
**AEUn B** ALINHAMENTO P/ ESTUDANTES 209/1  
 CEFAP UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

### 8.2.3. Depoimento de Alberto Xavier sobre a Casa do Estudante da UnB

Relato concedido em 17/12/2011

HISTÓRICO ALOJAMENTO DA UNB  
Alberto Xavier

A história do alojamento de estudantes está ligada a uma fase especial da própria UnB, pois corresponde à retomada do curso de arquitetura, “desmontado” pela ditadura com sua intervenção na UnB, cuja truculência está detalhadamente narrada em livro do Darcy Ribeiro.

A reestruturação do curso de arquitetura foi providenciada por departamentos do IAB que indicaram arquitetos que por seu currículo e disposição de mudança poderiam integrar seu corpo docente. Participaram dessa operação os departamentos de SP, RJ, RS, e Ceará. Esta etapa importante está narrada pelo colega Miguel Pereira, que liderou o grupo do RS (há farto material na edição nº 369/370, jan/fev. 1970, da revista Acrópole, que eu próprio organizei, tendo publicado não só os poucos prédios então existentes bem como os que nosso grupo providenciou).

Quando de nossa ida para Brasília integrar o corpo docente da UnB (final de 1968), seu Campus tinha uma ocupação rala: resumia-se ao ICC (Minhocão), ainda não de todo concluído, a um conjunto de blocos de importância secundária (chamados de Galpões de Serviços Gerais) e ao Alojamento de Professores (chamado de Colina), além de algumas unidades pré-fabricadas de madeira. O primeiro era projeto de Niemeyer, os segundos dele e do Lelé e o terceiro do mesmo Lelé, sendo o último do Sérgio Rodrigues. Havia também os prédios da Reitoria, da Faculdade de Filosofia e do auditório “Dois Candangos”, todos projeto do arq. Alcides da Rocha Miranda.

Era proposta didática, nessa fase de reestruturação, envolver o corpo de professores em atividades de projeto no chamado Ceplan (Centro de Planejamento da UnB), de modo que no início do ano de 1969, os professores que optaram por essa dupla atividade compuseram equipes para elaborar prioritariamente os projetos para os setores Esportivo, Residencial e de Vivência, além da Biblioteca Central, uma vez que nada de definitivo fora até então implantado para esse fim.

Elaborei o projeto do Alojamento de Estudantes em parceria com Leo Bonfim Jr., de São Paulo, arquiteto já reconhecido nacionalmente com o projeto do Quartel General do 2º Exército, no Parque Ibirapuera, ganho em concurso público em 1965 e elaborado em parceria com o arquiteto Paulo Bastos.

O conjunto, como construído, não foi nossa primeira ideia. Antes fora proposto um edifício de grandes dimensões todo pré-fabricado. Tal solução, por sua natureza, foi vetada pela Prefeitura do Campus, em razão de, no seu juízo, implicar numa espécie de “concorrência dirigida”, pelo fato de só uma grande construtora – a Rabello, responsável pela obra do Minhocão – estar tecnicamente habilitada para tanto. Tratava-se de um projeto ambicioso, com as unidades sanitárias, por exemplo, poderem ser içadas prontas, recebendo já instaladas apenas uma pintura epóxy. Um Salão de Arquitetura do DF premiou esse projeto, tendo feito parte do júri o meu ex-professor Demétrio Ribeiro do RS.

Diga-se de passagem, que essa opção pela pré-fabricação integral tinha uma razão de ser: tratava-se de um sistema de forte presença no Campus, pois tanto os prédios do Lelé, como especialmente o Minhocão de Niemeyer, já citados, adotaram este sistema. Era também uma visão dos profissionais ideologicamente engajados no que respeita à melhoria das condições de produção da arquitetura.

O segundo projeto, construído, teve que limitar-se às técnicas construtivas correntes, sendo pré-fabricadas apenas as pestanas que protegem os ambientes de estar, hoje removidas por questão de segurança, uma vez que os pinos de sustentação apresentavam sinais de ferrugem. Ditas pestanas tinham direta inspiração nas que o arquiteto Lelé empregou na loja de automóveis Disbrave, próxima do Campus. Outra particularidade nesse item pré-fabricação foi o tratamento dado às empenas cegas, compostas por painéis com acabamento rústico, textura essa inspirada na residência do irmão do arquiteto Carlos Millan, em SP.

Os edifícios gêmeos de alojamentos ficaram como que “atirados” no extremo sul do Campus, por determinação da qual não participamos. Não bastasse esse isolamento, o conjunto limitava-se exclusivamente à função alojar. Não havia nada previsto para atender às necessidades imediatas da coletividade estudantil, como lanchonete, lavanderia, papelaria, salão de reunião, de música, de TV. Nada fora previsto, ou melhor, tudo isto fora prescrito. De modo que o aluno lá alojado tinha que deslocar-se por longos percursos (às vezes a pé) para tomar um café pela manhã, um lanche à noite, lavar uma roupa, conviver com outros colegas, etc. Criou-se um clima de absoluto isolamento. Penso hoje se a formulação desse programa, assim tão enxuto, não era resultado do clima político da época – um deliberado isolamento espacial dos estudantes. Vale lembrar o que sucedeu à época com o alojamento do campus da USP.

Definidos por instâncias superiores a localização e o programa básico, pusemo-nos a elaborar o projeto. Cabe ressaltar, dado seu ineditismo, um aspecto que ilustra até



que ponto acreditávamos na importância de uma “ideia coletiva”. De início, ou seja, na definição do partido, promovemos uma reunião de todos os professores que atuavam na elaboração dos projetos do campus para definirmos se os nossos edifícios seriam ou não sobre pilotis... Curioso, não?

Quanto às características do projeto, a visita que você fez deve ter esclarecido tudo – suas peculiaridades espaciais, o concreto deixado à vista, as escadas com importante participação formal, o sistema da laje de cobertura, com sombreamento protetor, a caixilharia pintada na cor vermelha, etc. Deve ter visto (e ouvido) suas limitações, em parte já citadas, e outras que o uso e as novas exigências de vida coletiva, impuseram nesses longos 40 anos de uso.

O importante, no meu juízo, é saber, pelo depoimento de muitos alunos meus que visitaram o conjunto, que os moradores o apreciam muito. Afinal, arquitetura é isso: beleza e conforto associados, você não acha?

